

**"Pelas trilhas da Ilha de Santa Catarina:
ecoturismo e aventura"**

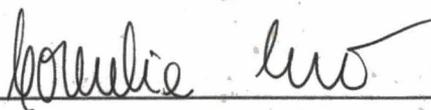
Flávio Leonel Abreu da Silveira

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social. Aprovado pela Banca Examinadora composta pelos seguintes professores:



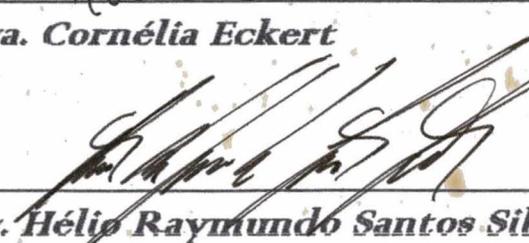
Dra. Carmen Silvia Rial

(Orientadora)



Dra. Cornélia Eckert

(Membro)



Dr. Hélio Raymundo Santos Silva

(membro)

16 de setembro 1996

FLÁVIO L. ABREU DA SILVEIRA

**PELAS TRILHAS DA ILHA DE SANTA CATARINA:
ECOTURISMO E AVENTURA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Profa. Dra. Carmen Silvia Rial

Ilha de Santa Catarina

Inverno / 1996

**PELAS TRILHAS DA ILHA DE SANTA CATARINA:
ECOTURISMO E AVENTURA**

Flávio L. Abreu da Silveira

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Antropologia. Examinada e _____ pela Banca composta pelos professores:

Profa. Dra. Cornélia Eckert

Profa. Dra. Carmen Sílvia Rial

Prof. Dr. Helio R. S. Silva

Ilha de Santa Catarina, 16 de setembro de 1996.

*Dedico este trabalho aos meus pais, Sahra Ruth
e Dante, pelo afeto e estímulo que impulsionaram o meu
trilhar acadêmico.*

Agradecimentos

Minha incursão pelo campo da pesquisa antropológica só poderia ter ocorrido mediante inúmeras contribuições que foram de extrema importância na minha trajetória intelectual. Elas transcendem o universo acadêmico. Desta forma, estou muitíssimo grato:

Ao Márcio Noronha pelo empurrão inicial, jamais esquecerei disso.

Aos meus irmãos e sobrinhos pelo apoio e afeto.

Aos meus amigos de outros tempos pelo carinho: Daniel, Zé Irion & Ivonete, Alexandre, Arno Kayser e tantos outros que não caberiam aqui.

A “comunidade do Campeche”: Margarete, Ledson, Maria Lúcia (Janaíta & Muriel) e Cristina. Vocês foram muito importantes durante todo o processo do mestrado e me mostraram que a busca do saber precisa estar aliada aquelas relações baseadas no afeto, na ajuda mútua.

A Adiléia minha amiga, pelo carinho e paciência comigo.

Ao Geraldo e a Flora meus grandes amigos na Armação.

A Aglair & Luís pela amizade e carinho.

A Ana Luísa pelo que ela representa na minha trajetória acadêmica e pelo afeto.

Ao Hélio, Cláudia & Marina meus amigos Loucos Varridos.

A minha orientadora Carmen Rial pela nossa jornada juntos desde o início do mestrado. Tua confiança em mim foi muito importante durante o trabalho.

As colegas da turma de 95: Angela, Carmen, Rose Mary e Patrícia.

A Angela Sacchi, Adiles, Euthália e Roseli pela força de sempre.

Ao José Ronaldo pelas valiosas indicações bibliográficas.

Aos meus informantes pela disposição em participar da pesquisa: nossos caminhos ao cruzarem-se permitiram a realização da mesma, mas também mostraram a confiança de vocês em mim, no meu esforço na construção de um conhecimento que também é de vocês.

Ao Zé, com saudades.

RESUMO

O estudo sobre o ecoturismo na Ilha de Santa Catarina vem demonstrar o surgimento de novas modalidades turísticas entre os grupos urbanos. A pesquisa aponta para a intersecção entre lazer, turismo, ecologia e esporte, demonstrando a importância das práticas ecoturísticas na atualidade. A partir de tal perspectiva, as questões de gênero surgem com significativa relevância.

O movimento dos grupos por trilhas, escaladas, passeios de barco, bem como a dinâmica de interações sociais durante as expedições são fundamentais na pesquisa para o entendimento do fenômeno como um novo tipo de sociabilidade oriunda do contexto urbano e na qual a aventura é central.

ABSTRACT

The study of ecotourism on the Island of Santa Catarina, reveals new touristic modalities among urban groups. This research points to an intersection between leisure, tourism, ecology and sport. From this perspective, the question of gender appear with significant relevance.

The groups wandering on trails, mountainside, boat trips, as well as the dynamic of social exchange during the expeditions, are fundamental for the understanding of a new kind of sociability, typic of the urban context in wich adventures is central.

"Porque são os passos que fazem os caminhos!"

Mario Quintana

*"...saudável, livre, o mundo à minha frente
à minha frente o longo atalho pardo
levando-me aonde eu queira".*

Walt Whitman

*"Sentado, vejo o mundo
abrir e reabrir o seu leque de imagens.
Que riqueza, viver no tempo e fora dele".*

Carlos Drummond de Andrade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Os passos iniciais; as reminiscências	10
Situando a discussão	12
Plano da dissertação	15
CAPÍTULO I - UM OLHAR SOBRE A VIAGEM NA ILHA DE SANTA CATARINA	18
Viajantes e turistas no contexto ilhéu; ou a ilha como local de trânsito	18
O continente e o mar. Um arquipélago. A ilha - Terra Brasilis	21
Os Navegadores chegam à ilha	26
Os primórdios do turismo na Ilha de Santa Catarina	29
O surgimento da Grand Tour	31
A Ilha de Santa Catarina entre os séculos XIX e XX e o surgimento de novos hábitos	33
CAPÍTULO II - ECOTURISMO: ENTRE GRUPOS & CENÁRIOS	42
A experiência ecoturística	42
Quando o ecoturismo entra em cena	46
O surgimento do ecoturismo na Ilha de Santa Catarina	49
O ecoturismo como um conjunto de práticas & <i>estilos</i>	51
“Ecologia: moda ou sobrevivência?”	56
Dos <i>estilos</i>	59
Do Grupo	65
Do cenário	68
CAPÍTULO III - O CAMPO	85
Mapeando o ecoturismo na ilha: gaivotas & sinais	85
O campo: entre o bucólico e o urbano	89

Os Personagens.....	96
Grupo 1. Profissionais Educadores	99
Grupo 2. Profissionais Técnicos.....	103
Grupo 3. Os Ecoturistas	105
CAPÍTULO IV - A AVENTURA AO AR LIVRE OU O LIVRE AR DA AVENTURA	117
Da Aventura	117
A trilha como uma manifestação social	125
Ecoturismo e esporte	129
Ecoturismo: aventura e esporte	133
O estar-junto como forma de interação com a ambiência.....	149
Esporte, natureza & gênero	154
CAPÍTULO V - ECOTURISMO E SEUS DILEMAS SÓCIOAMBIENTAIS	160
Trilhas e lixos: a transformação da paisagem	160
O lixo	165
O Ecoturismo entre a destruição e o conservacionismo	173
A biodiversidade & o turismo, um antagonismo?.....	177
Considerações finais	183
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	189
ANEXO	200

INTRODUÇÃO

Os passos iniciais; as reminiscências

Antes de iniciar a discussão mais específica, sobre o fenômeno do ecoturismo na Ilha de Santa Catarina, pretendo explicitar a minha relação com o mesmo, de modo a indicar alguns aspectos mais subjetivos de tal interação que, por sua vez, referem-se a minha adesão a um tipo de prática -, as caminhadas junto à natureza. Sempre fui um aficionado pelas coisas que referenciassem a natureza, desde a mais tenra idade lembro de meu interesse por bichos, plantas, paisagens e do incentivo de minha família por tais inclinações. Isso fazia com que ficasse sempre atento aos livros, revistas, álbuns de figurinhas e, principalmente, documentários na televisão sobre a vida selvagem (os quais acompanhava com entusiasmo). Pelo fato de morar na região metropolitana de Porto Alegre, numa cidade industrial, meu acesso mais direto a esse universo era através dos meios de comunicação de massa que tornaram-se fundamentais para que pudesse obter informações, imagens e “viajar” por lugares inóspitos onde existiam ambientes e seres que de outra forma seria difícil (para não dizer impossível!) conhecer.

A partir da adolescência descobriria a possibilidade e a delícia de caminhar em lugares ermos, que me possibilitassem, junto com os amigos, percorrer cenários que aliassem o prazer de caminhar com o deleite estético gerado pelo contato com a natureza, mas agora tais locais não estavam a uma distância inimaginada para mim: descobria os arredores da cidade, onde um mundo peculiar revelava-se aos meus

sentidos e, de certa forma me estarrecia. Viver numa cidade não significava necessariamente ter que estar isolado de um ambiente bucólico¹, nem ter que esperar as férias para ir a lugares onde eu pudesse ter contato com paisagens diferentes daquelas da cidade em que vivia. Tão simples, mas tão complexo: uma ambigüidade vivida, uma perplexidade.

Foram as companhias de amigos (caminhadas até o Parque Zoológico, passando por dentro do Horto Florestal e depois às várias caminhadas para os Morros Areníticos do Vale do Sinos) que, somadas a minha vivência de acadêmico do curso de biologia (as tantas saídas de campo) me iniciariam na prática da caminhada: tornei-me um simpatizante delas, pois quase todo o final de semana tinha que dar uma perambulada por algum lugar que tivesse paisagens naturais atraentes, para tanto, contava com os amigos mais próximos ou os meus colegas de curso.

Pude, desta forma, experimentar sensações muito interessantes, compartilhando vivências com pessoas que realizavam um movimento, que, como o meu, tinha algo de uma descoberta de novas possibilidades de interação com o ambiente natural (por vezes, numa busca comum de determinados conhecimentos mais específicos em ecologia ou ornitologia, por exemplo); de motivações que nos colocavam em trânsito, permitindo que naqueles espaços e instantes pudéssemos sentir, conjuntamente, um tipo de emoção na qual éramos cúmplices e que a natureza era palco.

Daí a importância da evasão - quando você se lança numa caminhada; num desprendimento oriundo apenas da necessidade de ir, de sentir e conhecer. Tal

¹ Lembro que por volta de 1987, circulou pela rádio Ipanema FM de Porto Alegre, notícias de um movimento bucólico que surgia na cidade, onde haveria uma maior valorização das paisagens campestres, uma relação com a poesia. O movimento não vingou, mas nessa época tinha grande interesse por poesias e costumava caminhar pelos arredores da cidade (morava em São Leopoldo) com um grupo de amigos da universidade, fazíamos passeios pelos morros da região. Susi, uma das montanhistas que entrevistei, é gaúcha; ela me falava do morro de Sapucaia como um "morro escola" para os praticantes do esporte. De fato, seguidamente encontrava montanhistas nos morros da região.

movimento não é ingênuo, ainda que, uma insegurança oriunda de certa nebulosidade ligada ao desconhecido; daquilo que é incerto por trazer a marca do que é iminente-mente novo (e, por isso, capaz de nos perturbar!) possa percorrer os pensamentos. Certos laços surgem espontaneamente, aguçam-se sentimentos e experimenta-se a sensação de proximidade com o outro que, em tais situações, reveste-se de peculiaridades. As pegadas brotam nos caminhos da imaginação e imprimem, passo a passo, no solo de um lugar desconhecido a possibilidade de viver a aventura: caminhar em meio a natureza, só ou acompanhado, simplesmente pelo prazer que isso proporciona, escapa aos imperativos da razão e desemboca no terreno fértil da poesia.

Colocadas tais questões como fundamentais na minha ligação com o mundo natural e, daí com o universo das práticas de caminhadas e expedições de caráter científico, fica claro que uma série de situações que vivenciei durante meu trabalho de campo ou mesmo, quando percorri a literatura sobre o ecoturismo, estavam intimamente relacionadas à minha trajetória individual: não foram poucas as vezes que percebi uma proximidade com experiências anteriores - em especial, aquelas reminiscências que me remetiam a momentos de lazer vividos em grupo, ou mesmo, de excursões de cunho mais científico que durante a pesquisa, reapareciam nas situações vividas em campo².

Situando a discussão

O ecoturismo³, configura-se como uma das práticas de lazer que mais cresce

² Grossi (1992) menciona a necessidade de “pensar a diferença da interpretação como inerente a própria relação subjetiva que vai marcar indelevelmente cada Trabalho de Campo, experiência marcada pela biografia individual de cada pesquisador”. p.8

³ Adoto o termo ecoturismo por comodidade, porém podem ser encontradas variações, tais como: Boo (1990) usa indistintamente *turismo ecológico e ecoturismo*; Molina (1991) usa *ecoturismo*; no Manual del Monitor (1989) aparece *turismo ambiental*. Silver (1992), usa *turismo alternativo* mas menciona também: *viagem responsável, viagem ética e viagem pacífica*. Pires (1995) cita ainda, *turismo verde; turismo aventura e turismo sustentado*.

na atualidade, revelando-se uma atividade promissora, pois um número cada vez maior de pessoas, especialmente, a classe média urbana⁴, busca através do contato com o ambiente natural, uma forma de evasão das cidades. Estamos, desta forma, tratando de um fenômeno antropológico, que é passível de ser analisado a partir de uma perspectiva que leve em consideração a sua importância cultural; nos termos de uma “*cultura do lazer*”. As formas de apreensão simbólico-ideológicas ligadas a utilização e conservação da natureza, apresentam-se como aspectos essenciais para o seu entendimento.

De acordo com a World Travel & Council, o ecoturismo já representa hoje 5 a 8% do turismo como um todo, devendo chegar a 15% do volume total no ano 2005⁵. Segundo o Instituto de Ecoturismo do Brasil⁶, estima-se “que haja mais de meio milhão de pessoas praticando o ecoturismo no Brasil e mais de 50 milhões no mundo. Com crescimento superior a 15% ao ano, o ecoturismo será uma das principais modalidades do lazer e turismo nos próximos anos”.

As práticas de lazer junto à natureza (a dimensão lúdica da experiência), estão vinculadas a determinados comportamentos e relações sociais ligadas a percepções do ambiente natural por cidadãos urbanos, que revelariam uma dicotomia entre cenários,

⁴ Gilberto Velho (1994), chama a atenção para o aspecto vago do conceito de classe média, pois esta apresenta diferenças internas relacionadas ao tipo de trajetória social e a natureza da rede de relações sociais (network). p.20 Embora vago, adotarei o conceito pois, ainda assim, mostra-se útil para a caracterização sócio-econômica dos grupos que pesquisei.

⁵ Conforme Ruschel, 1994.

⁶ O Instituto foi criado durante o Congresso da Primeira Bienal de Ecoturismo que ocorreu no município de Canela, no Rio Grande do Sul em novembro de 1995. “Nesta ocasião, 62 organizações privadas, de 14 estados brasileiros, deram o passo inicial para a fundação do Instituto de Ecoturismo do Brasil” in Encarte Especial do Instituto de Ecoturismo do Brasil. O Instituto tem como “conceito de trabalho” o que segue: “O ecoturismo é a prática de turismo de lazer, esportivo ou educacional, em áreas naturais que se utiliza de forma sustentável dos patrimônios natural e cultural, incentiva a sua conservação, promove a formação de consciência ambientalista e garante o bem-estar das populações envolvidas”.

O intuito do Instituto é “promover o desenvolvimento do ecoturismo no Brasil”, para tanto utiliza as seguintes estratégias: qualidade para produtos de ecoturismo; formação de consciência ecológica; conservação do patrimônio natural e cultural e união de setor ecoturístico. Revista Mares do Sul, n.9, 1996

ou seja, entre o que é considerado urbano e o que não é. Apesar da dicotomia existente permitir que os cidadãos experimentem um distanciamento (e desconhecimento), acerca dos ambientes que circundam as cidades (ou aqueles muito distantes delas), a coexistência e a convivência de ambas paisagens é uma situação que nos coloca a duplicidade de nossa condição, ou seja, a de seres bioculturais⁷ em constante troca com os ecossistemas planetários. Aqui, nos interessam as relações entre o homem e o mundo natural, numa perspectiva que contemple a idéia de lazer, de certas práticas que comportam a dimensão do prazer e do lúdico e que estão ligadas ao ecoturismo. A questão aponta para a possibilidade que tal prática turística permite -, a partir de um trânsito entre ambiências -, de experienciar situações diversas, porque, em contextos diferenciados, mas que indicam uma íntima relação entre os ambientes urbanos e os naturais.

Pretende-se, portanto, identificar os diferentes grupos sociais relacionados ao fenômeno do ecoturismo, que interagem no contexto florianopolitano, tentando apreender os diversos discursos acerca do mesmo, no que se refere as suas concepções de natureza e as suas preocupações ambientais. Para tanto, dar-se-á atenção as questões ligadas ao plano sócio-político das interações entre os grupos que atuam nesse meio (ecoturistas/empresários do setor ecoturístico/ambientalistas), bem como, dos ecoturistas com a paisagem, tendo como questão central, o caráter lúdico da experiência e a noção de aventura existente nas práticas ecoturísticas.

Meu interesse aqui, relaciona-se ao mapeamento da rede de atores sociais ou de instituições ligadas a problemática ambiental e, que de forma mais direta, tem

⁷ Conforme Morin, é pelo fato de que “nos afastamos da natureza que queremos reencontrá-la. Entretanto, não poderemos reencontrar a unidade perdida, nem um “saber reconciliado”. O pensamento humano é algo de singular, bizarro no Universo; ele não reflete o real, ele o traduz, não reflete o mundo, faz uma representação dele. Não podemos então pôr fim a essa alienação, o nosso estranhamento com essa natureza, que é contudo a nossa mãe/madrasta. É preciso romper com a visão sobrenatural e insular do homem, mas não podemos romper com a nossa situação peninsular e biocultural”.

relações com o ecoturismo no contexto florianopolitano. A questão está em situar a problemática apenas, pois o objetivo do trabalho é compreender como o ecoturismo participa desse panorama, mas ressaltando a sua importância enquanto prática de lazer, mais especificamente, com a idéia de aventura (ver capítulo IV) e a sua importância como um “catalisador” em termos de formação de grupos, de interações grupais.

As políticas governamentais, seja a nível municipal (SETUR) ou estadual (SANTUR), bem como a nacional (a partir da Embratur), apareceram como fundo de pano para as interações, pois os grupos estão envoltos nas malhas político-ideológicas, campanhas direcionadas para *trade* turístico que tais instituições veiculam⁸.

Plano da dissertação

A dissertação está dividida em cinco capítulos, nos quais tento esboçar o fenômeno do ecoturismo na Ilha de Santa Catarina, ressaltando a sua importância na atualidade, mas buscando relacioná-lo a determinados aspectos que dizem respeito a uma certa “arqueologia” de idéias e sentimentos acerca do mundo natural, bem como, da sua utilização nas práticas de lazer a partir da Modernidade.

Capítulo I - Trata-se de um capítulo mais histórico. A partir da Ilha de Santa Catarina resgata-se questões relacionadas ao expansionismo europeu no século XVI no Brasil austral: o caráter maravilhoso da paisagem e os rescaldos de sua vitalidade entre os cidadãos urbanos; os viajantes dos séculos XVIII e XIX que visitaram a ilha: os interesses econômicos, os saques e aventuras; para os naturalistas uma curiosidade enciclopédica, taxonômica; um olhar etnográfico a percorrer os costumes alheios; a

⁸ No verão de 96 a SANTUR lançou o slogan Viva Santa & Bela Catarina. E ainda, “Verão é aqui”. Alguns folders estimulando o turismo foram lançados pela Embratur. No Festival do Mar foi distribuído farto material promovendo o turismo na ilha, bem como a nível nacional. A campanha publicitária “O Melhor Lugar do Mundo é aqui e agora”, custou R\$ 6 milhões ao governo catarinense e, segundo o jornal Zero “transmite uma imagem falsa do estado”. p.16-17

contemplanção do éden. O surgimento da Grand Tour na Inglaterra no século XIX; as mudanças que ocorreram na Europa envolvendo a idéia de turismo, bem como, da paisagem (e o papel que ela passa a desempenhar naquele contexto); e posteriormente, da relação entre trabalho e lazer nas *sociedades complexas*. A discussão refere-se a transformação da idéia de viagem. O turismo de massas e a ilha. A emergência do ecoturismo no contexto de globalização cultural.

Capítulo II - Neste capítulo, busca-se apontar as diferentes modalidades das atividades ecoturísticas na ilha. O ecoturismo como um conjunto de práticas sociais ligadas a diferentes *estilos* dos grupos relacionarem-se com o mundo natural; com a aventura; o vestuário e o uso de equipamentos. A questão envolvendo fotografia será abordada secundariamente, mas é de extrema importância para entendermos o fenômeno. O cenário, a paisagem: sua singularidade; a dinâmica das imagens e seu desfrute estético.

Capítulo III - Trata-se de um capítulo onde descrevo a minha inserção no campo e a tentativa de trazer à tona falas e situações vividas com diferentes grupos. A formação das redes sociais e suas peculiaridades. As entrevistas no contexto urbano e a observação participante, a experiência do autor junto aos ecoturistas em meio ao ambiente natural, as ambigüidades dos papéis exercidos por ele: o antropólogo em pesquisa de campo, o biólogo e o ecoturista.

Capítulo IV - A importância da aventura na experiência ecoturística, nas práticas de lazer junto ao ambiente natural (situando-a em relação aos viajantes e turistas tradicionais), os diferentes níveis e possibilidades de experimentá-la. A aventura como busca de emoções; a noção de limite e conquista na experiência ecoturística.

Capítulo V - O ecoturismo entre a beleza e o lixo. O fenômeno ecoturístico no

cenário do conservacionismo - as ambigüidades, os impasses. A ilha não apenas como paisagem, mas como recurso natural e reduto cultural: a Mata Atlântica; a baleia franca; o boto tucuxi. As comunidades locais e a diversidade cultural. O ecoturismo entre o olhar romântico e a urgência, de certo pragmatismo na conservação da biodiversidade e de respeito aos aspectos sócio-culturais das comunidades.

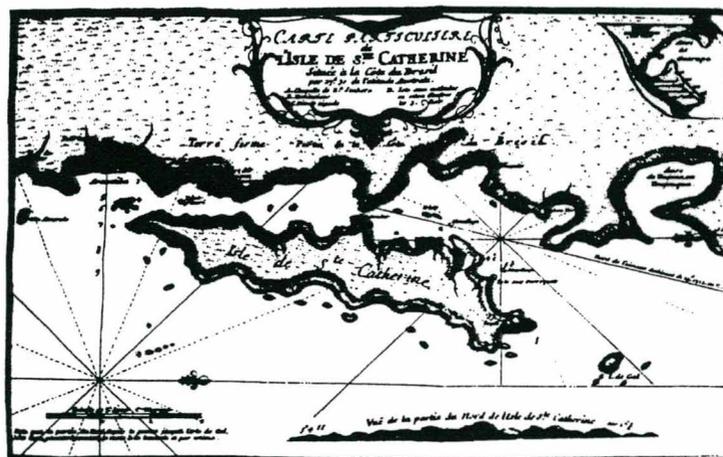
Para facilitar a leitura do texto utilizarei as seguintes convenções: as falas dos meus informantes estão destacadas em itálico e entre aspas; as citações de autores iniciam em espaço um, aparecendo entre aspas; finalmente, alguns dos relatos etnográficos estarão destacados dentro de um quadro, de forma a evidenciar as situações vividas em campo.

Desta forma, trata-se de uma experiência vivida por mim que se traduz em texto, em metáforas e deambulações que me levam por caminhos onde trilham inúmeros figurantes, sejam eles informantes ou pesquisadores. Não estou só, portanto, nos meandros das palavras, na aventura textual que me arrisco e na qual o leitor penetra. O texto é fruto da experiência e do diálogo⁹, mas (meu dilema e meu prazer!) é de responsabilidade minha colocá-los no papel -, afinal de contas, trata-se de interpretações acerca do que vivi durante o trabalho de campo e da bibliografia que percorri para realizá-lo. Uma colagem, uma viagem: tantas imagens a percorrer a memória de quem mergulha no universo do outro, percebendo por isso, “a si mesmo”.

⁹ Crapanzano (1991) aponta a problemática ligada ao diálogo na antropologia, da questão relacionada à distância entre os interlocutores. O diálogo segundo ele “é um falar através, entre e por meio de duas pessoas. É uma passagem e um afastamento. Um diálogo tem tanto uma dimensão de transformação quanto de oposição, agonística. É uma relação altamente tensa”. p.66

CAPÍTULO I

UM OLHAR SOBRE A VIAGEM NA ILHA DE SANTA CATARINA



Fonte: Ilha de Santa Catarina - Relato de Viajantes Estrangeiros nos Séculos XVIII e XIX p. 21.

Viajantes e turistas no contexto ilhéu; ou a ilha como local de trânsito

O estrangeiro¹⁰, essa figura despreendida - possuidor de uma liberdade que o coloca como alguém que transita; aquele que não é do lugar e por isso não tem raízes nele. Enraizar-se, pode ser apenas uma possibilidade na sua interação com a região e a cultura na qual se insere: um contexto novo; outra geografia; certos costumes, ou seja, um conjunto de fatores que podem fazê-lo ficar no local ou retornar a ele. Nem sempre o estrangeiro retorna a sua antiga morada.

¹⁰ Conforme SIMMEL (1983), “Se viajar é a liberação de qualquer ponto definido no espaço, e é assim a oposição conceitual à fixação nesse ponto, a forma sociológica do “estrangeiro” apresenta, por assim dizer, a unificação dessas duas características. Todavia, este fenômeno também revela que as relações espaciais são, de um lado, apenas a condição e de outro o símbolo, de relações humanas”. p. 182

A ilha, vista não apenas como local de morada, mas também, de passagem - o estrangeiro instaurando uma outra ordem nas coisas¹¹; a sua experiência que é, por sua vez, também de outra ordem: a de uma ruptura, ainda que temporária, com o seu local de origem. Tal aspecto permite processos interacionais diferenciados com o meio (sócioambiental e econômico) onde ele penetra; uma questão de viés de observação¹²; das interações simbólicas dos sujeitos relacionados entre si. Os códigos, motivações e percepções de mundo do estrangeiro introduzindo-se no universo simbólico de uma comunidade receptora - sua riqueza e seu impacto. Contatos interculturais gerando permutas - sinais mutuamente apreendidos: o olhar do que chega e o olhar do que o recebe. As imagens geradas nesse encontro estão permeadas por interesses diversos, por olhares que identificam mundos diferentes. O estranhamento mútuo, num jogo de impressões construídas a partir da relação, envolvendo sempre algum nível de comunicação; de perspectivas diferenciadas e nem sempre compatíveis.

O que nos leva a querer viajar? Não se trata de enfileirar percentagens ou de quantificar as motivações que levam a viagem; mas de buscar compreender determinadas tensões, ou ainda, de determinadas injunções que se fazem presentes nos viajantes, colocando-os em movimento. O deslocamento pode estar relacionado a aspectos sagrados, econômicos, científicos ou ligados ao lazer¹³. O caráter tensional presente na origem da viagem envolve uma série de sentimentos vinculados ao plano

¹¹ Ainda, de acordo com Simmel (1983) a unificação entre proximidade e distância se organiza no fenômeno do estrangeiro: "nesta relação, a distância significa que ele, que está próximo, está distante; e a condição de estrangeiro significa que ele, que também está distante, na verdade está próximo, pois ser um estrangeiro é naturalmente uma relação muito positiva: é uma forma específica de interação..." p.183

¹² Conforme Maturana (1990) "o que se observa depende do observador". p.61.

¹³ "As viagens e os relatos históricos ou míticos de viagens existem desde a Antiguidade. Restringiam-se, no entanto, a uma elite. No final da Idade Média, pela primeira vez as viagens passaram a mobilizar grandes massas humanas, os peregrinos, que através de rotas pré-estabelecidas (a de Veneza à Roma era uma das mais importantes) partiam em busca de um encontro com o sagrado. A viagem ganha, na Modernidade, um outro caráter, o de conquista de outros territórios, sintetizando melhor do que qualquer outra expressão do seu tempo o espírito da época, marcado pela vontade de expansão geográfica e científica. Começando a se transformar no séc. XVI, ela assume nos séculos subseqüentes sua face moderna, marcada pela busca da "aventura" e de "conhecimento científico", para adquirir, com o turismo de massa, a partir da segunda metade do séc. XX, os contornos que apresenta atualmente". Rial (1992)

do desejo, das emoções (curiosidades, alegrias, anseios, insatisfações, poder, ignorância...) que dizem respeito ao desprendimento (o distanciamento e o abandono por algum tempo) com o lugar de morada e de socialização, bem como, com aquele momento da chegada, da inserção do visitante noutra lugar; do estranhamento onde se é apenas um desconhecido. Optar por isolar-se, ou mesmo, embrenhar-se em multidões podem ser opções plausíveis para quem viaja. Questões de gosto, renunciando o florescimento de éticas, de possíveis harmonias e conflitos com o receptor, ou, com o local em que se instala.

A viagem pode ser vista como “ato de liberdade”, contendo “sempre os mesmos momentos constitutivos”, ou seja, a partida remetendo ao caráter ontogenético - “o trauma do nascimento”, o ato de ser “expelido do útero para a viagem da vida” e o caráter filogenético - “momento em que os primeiros homens abandonaram a sua pátria; o percurso travessia biográfica recapitulando travessias pré-históricas: a chegada, novo habitat, savana, pradaria, floresta: e sobretudo o momento humano por excelência, que movimenta todo o progresso, viagem como desejo, a fantasia do novo, a esperança de chegar, o encontro com o país sonhado”¹⁴. Este é o viajante moderno que encerra em si o arcaico, mas que ao mesmo tempo busca na aposta no futuro formas de relacionar-se com o mundo.

Perceber a ilha, como um ponto estratégico para o entendimento da idéia de



Fonte: Kin Ilora, n.º 2

¹⁴Sérgio Paulo Rouanet, *A Razão Nômade*. Walter Benjamin e outros viajantes, 1993, p. 7.

Não me interessa aqui, o fato do autor afirmar que para ele, a Modernidade é um projeto inacabado, mas sim, de percorrer as noções de viagem que este aponta.

viagem no Ocidente; a viagem não apenas como conquista de bens materiais pela exploração ou como uma curiosidade permeada por interesses financeiros, mas como busca de prazer, de paisagens belas e de conhecimentos acerca da cultura do outro.

Santa Catarina, a ilha: sua presença no contexto mundial remonta o século XVI, as tantas viagens que percorreram os mares do Atlântico sul; a ilha integrando-se a rota dos primórdios da globalização da economia, dentro de um processo civilizador. Um ponto de passagem (ou de fuga); local de parada para os inúmeros viajantes (corsários, piratas, colonizadores, cientistas, turistas) que por ela transitaram desde a sua descoberta pelos europeus. As muitas noções de viagem que ela comporta; as tantas e possíveis aventuras que experimentam (e experimentaram) os que a conhecem - a fugacidade ou a demora na passagem: o imperativo do ir.

Caminhar pela praia, pelos costões rochosos, percorrer as tantas trilhas em meio à mata: tão atual, mas ao mesmo tempo, tão antigo. Trajetos que recortam a paisagem - cenários diversos descortinam-se a cada instante e convidam o estrangeiro à contemplação.

O continente e o mar. Um arquipélago. A ilha - Terra Brasilis

A Ilha de Santa Catarina parece exercer, desde muito tempo, uma grande atração sobre os que por ela passam. Dos viajantes aos turistas contemporâneos¹⁵, ainda que

¹⁵ Não se trata de esquecer a importância do flâneur; Urry (1990) vê o flâneur como o “precursor do turismo do século XX”, trata-se daqueles personagens que vislumbravam a riqueza e o perigo da urbanidade (Baudelaire e seus amigos poetas do Clube dos Haxixins, Théophile Gautier era um deles), deliciavam-se com os cafés, os boulevards de Paris. Esses heróis modernos andavam anônimos pelas ruas da cidade admirados pela sua ostentação. O olhar curioso em meio aos transeuntes. Procura-se, nesta pesquisa, vislumbrar um espectro de viajantes que podem ser concebidos a partir da amplitude da idéia de viagem, mas que, acima de tudo, se fazem presentes no contexto histórico ilhéu: o conquistador, o cientista e o turista. A viagem, vista como um mergulho ao recôndito da experiência humana -, por mais distante que pareça, suas raízes pré-históricas estão implícitas no deslocamento: percorrer a cidade ou a paisagem natural, percebendo o desconhecido - as impressões do lugar que instauram certos mapeamentos mentais do espaço, comportamentos, reflexos. A possibilidade da descoberta (e exploração) de novos lugares através de uma necessidade primeva: a trajetória humana no planeta sempre esteve marcada pelo deslocamento, bem como, de diferentes noções de viagem, variando conforme o período histórico em que é experienciada. Sobre o flâneur, ver Berman (1987); Urry (1990) e Rouanet (1993).

preveleçam interesses diversos em seus deslocamentos, o apelo visual da paisagem sobre tais personagens, pode ser considerado como um aspecto significativo em suas experiências em relação ao meio natural.

O exótico como uma dimensão vivida na percepção da diferença (e na exacerbação de certos horrores¹⁶), da curiosidade (e aí, também o espírito científico¹⁷) e até mesmo naquilo que pode deflagrar o extermínio, a destruição¹⁸. O exotismo e o seu caráter tentacular: envolve com seus braços o objeto desejado e, com as ventosas dos seus membros, adere às imagens e as diferenças que ele suscita. Está ligado ao objeto no plano simbólico; permite que se faça dele seu prazer; registra-o; transforma-o. É preciso entendê-lo, o exótico, na sua capacidade de gerar admiração e na sua urgência, assim como, na sua perplexidade e esgotamento.

O tão cantado “*pedacinho de terra perdido no mar*”¹⁹ ajudou a alimentar o imaginário europeu em torno da idéia edênica, com a qual a Europa vislumbraria a América; a visão de um paraíso revestido pela aura do exotismo, do mirífico. A exuberância e a fartura da Mata Atlântica deslumbraram os europeus, nesse contexto,

¹⁶ Giucci (1991) faz referência ao “espaço simbólico de poder imposto pelo viajante”, a um encontro inter-cultural marcado por assimetrias; Taussig (1993), por sua vez, faz com que penetremos num universo de horrores ligados a hegemonia colonial, àquilo que identifica a cultura do terror, oriunda de relatos de outros - do que é da ordem da fragmentação das pessoas -, naquelas experiências viscerais que evidenciam uma escatologia, uma apologética do sofrimento e do assassinio. O espaço da morte instaurando um tipo de caos: a morte e a sua importância na criação do significado e da consciência. A tortura como um endemismo: o massacre dos índios e negros e, mais tarde, dos que discordam de governos ditatoriais. A América do Sul como palco do extermínio de culturas.

¹⁷ Pela América do Sul, entre os séculos XVIII e XIX, passaram inúmeros estudiosos das ciências naturais: Pernetty, Langsdorff, Chamisso, Humboldt, Martius, Saint-Hillaire, Avé-Lallemant, Darwin entre outros. Esses estudiosos coletaram informações e materiais que foram de extrema importância para formulação de seus estudos e teorias, além de que os materiais coletados enriqueceram o acervo das coleções européias, herbários e museus de história natural da época. Mais tarde, os antropólogos encontrariam no continente um campo fértil de estudos, repleto de exotismos culturais. Nesses termos, talvez Lévi-Strauss seja o pesquisador mais significativo.

¹⁸ O processo de conquista deflagrou um tipo de rapina que fez da América do Sul o ponto de convergência para os anseios de enriquecimento, provenientes do continente europeu. A assimetria tomou outras configurações, mas jamais desapareceu: o poder e o domínio passaram a ser a tônica da colonização - aquilo que não foi exterminado, sucumbiu ao poderio das forças econômicas. A dicotomia entre norte e sul está viva, apenas matizada com outros tons. O extermínio de culturas e ecossistemas no Hemisfério Sul perpetua-se e certamente, não é causado apenas pelos países pertencentes a ele.

¹⁹ Canto do Amor à Ilha, do poeta Zininho.

a ilha passa a constar nos mapas que representam o Novo Mundo e que traçam as rotas até o paraíso. Monstros habitam o trajeto, mistérios percorrem os redemoinhos e as vagas do oceano. Os ventos são os mensageiros do Novo Mundo - eles têm a força para conduzir o homem ao paraíso terreal.

A Ilha de Santa Catarina é o ponto em torno do qual cruzam-se trajetórias diferenciadas, ou ainda, onde orbitam uma série de fatores que fazem dela uma região que permite o intercruzamento de interesses variados. A ilha, a partir do descobrimento do Brasil, passou a ser alvo do interesse de inúmeros viajantes, ao mesmo tempo que era testemunha do descaso de Portugal pela sua colônia.

Está na busca do novo²⁰ a propulsão para a descoberta, o princípio motriz que impele tais personagens a optarem por conhecer outras terras; planos traçados nas malhas sutis da imaginação²¹. A ilha, por sua posição privilegiada está a bastante tempo

²⁰ De acordo com Baudrillard, a Modernidade seria um conjunto de valores (nesse sentido ela seria estável, irreversível e teria um caráter mítico); uma ideologia ligada a modos de vida em oposição à tradição (esta dizendo respeito as culturas anteriores ou tradicionais), ou seja, aquilo que estaria vinculado a uma busca do novo. Haveria então, conforme este autor, uma “tradição do novo”, pois tratar-se-ia de uma semelhança entre tradição e Modernidade.

²¹ A relação entre experiência e imaginação, ressaltada por Theodoro da Silva (1991), nos escritos de Colombo representam um tipo de percepção do mundo nos séculos XV e XVI. “... Colombo como um homem moderno”, atento aos avanços científicos da época, às tecnologias disponíveis para a navegação, mas acima de tudo, imerso num universo mental povoado por seres anômalos, por criaturas híbridas e grotescas, de certas bizarras oriundas do pensamento medieval e renascentista: entre a razão e a crença. Autores como Lanciani (1991) referem-se a esse maravilhoso, ou ainda, à *mirabilia* na experiência do viajante; Giucci (1992), ressalta que é a partir do “contexto da insaciabilidade, não mais do viajante curioso, mas do comerciante e do conquistador europeu sustentados por incipientes Estados nacionais em ascensão, que chegamos ao Novo Mundo. Mas o desejo sem fim dos expedicionários é guiado, na América, pelo signo do maravilhoso remoto” (p.101); Melo e Souza (1993) aponta o caráter edênico que é atribuído à América (a exuberância das suas matas), mas também ao caráter anti-humano concedido ao índio (referente ao temor a antropofagia, por exemplo) e posteriormente transferido aos escravos negros (ambos concebidos como uma “canalha”, bestial e pagã), o colonizador relacionaria tais personagens à idéia de feitiçaria. Assim, temos que os conquistadores eram movidos por interesses expansionistas onde a experiência era de suma importância, porém impregnada por uma forte influência de fabulações (homens-monstros, ciclopes, sereias, andróginos) do período medieval, que, posteriormente, misturariam-se com as impressões dos europeus acerca dos indígenas sul-americanos, bem como, dos escravos negros. Experiência e imaginação mesclam-se a partir de viagens transcontinentais.

Quanto ao turista, este personagem controverso -, a relação entre experiência e imaginação apresenta significativa importância para o entendimento de sua influência no mundo ocidental, na idéia de viagem e de lazer, de transnacionalidade. Mesmo sendo de outra ordem que a do conquistador, a viagem do turista está fortemente relacionada à experiência vivida, ao estar lá num local desconhecido. A imaginação, por sua vez, tem papel

dentro de um contexto de globalização cultural²², pois não seriam poucos os viajantes²³ e mais tarde turistas, que por ela transitariam. >

A viagem e seus tantos sentidos - há uma polissemia que faz dela um fenômeno cuja amplitude precisa ser pensada dentro de determinadas contingências históricas. Não há um tipo de viajante, mas sim, uma gama de possíveis viajantes, movidos que são, por motivos, perspectivas e mundivisões diversas. O contexto em que os viajantes se inserem varia e a sua relação com o exótico também.

preponderante na viagem turística, pois esta última está ligada a determinadas necessidades sociais; a certos impulsos pessoais que fazem com que algumas pessoas ou grupos optem por deslocamentos e afastamentos temporários de seus locais de moradia.

Tomemos como ponto de partida três tipos de viajantes, que, conseqüentemente, empreendem diferentes formas de viagens, ou seja, o conquistador; o viajante naturalista-etnógrafo e o turista. Distinguiremos aí, três estilos de realizar uma viagem:

O conquistador como aquele viajante em busca de benefícios econômicos, desbravando terras novas em nome da coroa portuguesa ou espanhola. Os piratas e corsários, saqueando tesouros oriundos da exploração dos recursos naturais da América. Esta, percebida como um grande depósito de riquezas, de fartura imersa numa aura edênica, o *mirabilis* - o maravilhoso percorrendo o olhar extasiado do conquistador; os índios oscilando entre a pureza edênica e a visão de bestas ignaras e desnudas, ou ainda, como informantes, como condutores do caminho aos metais nobres. A floresta, como a grande fornecedora de água doce, madeira e especiarias; portadora de exotismos como papagaios, tucanos e frutos dadivosos. Ver Lanciani (1991); Giucci (1992).

É preciso entender a viagem do conquistador, enquanto aquele tipo de expedição em que uma série de valores estão colocados: interesses em enriquecimento, a busca do exótico, a curiosidade, o espírito aventureiro. E, ainda, na sua viagem determinados percalços podem fazê-lo padecer de sofrimentos ou mesmo sucumbir durante a empreitada. Naufrágios, assassinatos, guerras, doenças; o encantamento pelo tipo de vida levada pelo índio, a exuberância da paisagem, a busca da riqueza. A viagem pode significar uma aventura sem volta.

O conquistador, visto como um desbravador, como aquele personagem que altera o seu olhar à medida que aprofunda o contato com o continente americano, que mapeia-o; que deflagra a sua entrada forçada num sistema de mundialização econômica, onde ele serve como uma das tantas fontes de riqueza para o continente europeu; que imprime nele um tipo de exploração da natureza e, conseqüentemente, do homem pelo homem. Inicia-se o processo de devastação da biodiversidade e da diversidade cultural, bem como, das diferenças econômicas entre as nações em termos globais que permanecem até hoje.

No conquistador a busca de riquezas, a ocupação de terras e de novas almas para a Igreja; para o cientista a possibilidade de conhecer um mundo de espécies diferentes, de catalogar a riqueza da fauna e flora; para o turista o hedonismo, o lazer e a inversão de determinados valores e práticas cotidianas, a busca da evasão para locais diferentes. As três experiências têm como marca comum a busca do novo, embora sejam experienciadas em níveis diferentes. As viagens dos cientistas e dos turistas serão retomadas mais adiante.

²² Entendida neste caso, de acordo com Featherstone (1994), em termos de “processos”, ou seja, “processos de integração cultural e de desintegração cultural que se realizam não apenas a nível interestadual, mas também para processos que transcendem a unidade da sociedade estatal e que, portanto, podemos afirmar que ocorrem a nível transnacional ou trans-social”. Nos interessa ainda, como coloca Robertson (in Featherstone) a “globalização como um fenômeno relativamente atual” (p.28), mas apresentando uma “fase embrionária, que durou na Europa a partir do começo do século XV até metade do século XVIII” (p.34).

²³ Segundo Giucci (1992) as “Índias Ocidentais ingressaram na rota do expansionismo europeu em fins do século XV. A concorrência de uma pluralidade de fatores secundou o avanço imperial transoceânico” e, ainda, “a conquista do Brasil lusitano durante o século XVI”, diferente da colonização espanhola que adentrou no continente, “a colonização distinguiu-se por seu caráter litorâneo e comercial”. (p. 11-12)

A multidimensionalidade da viagem e o que ela pode significar na construção de certos exotismos²⁴. As diferenças, ressaltando nuances e ângulos, acordos e tensões; os diferentes pontos de vista em questão trazem a baila o encontro e o desencontro de perspectivas. Estão em jogo questões de ordem intersubjetiva, por isso, comunicacionais.

Mas o que dá a devida autenticidade à viagem? O ato, o relato - tudo acerca do que pode ser experimentado e dito. Um tipo de literatura origina-se a partir da busca do diverso, que pode estar nas regiões inóspitas ou nos meandros das ruas de uma cidade. Sua importância para a antropologia, desta forma, é imensa.

Os relatos de viajantes que passaram pela Ilha de Santa Catarina entre os séculos XVIII e XIX, são bastante ilustrativos para percebermos o tipo de olhar que o europeu dirigiu ao continente americano. Quem era o estrangeiro que navegava pelas águas austrais e que aqui contatava com o colonizador açoriano? Toda sorte de aventureiros percorreu as areias da Ilha de Santa Catarina (repletas de bichos de pés, segundo alguns relatos), mas entre eles, surgiam aqueles homens interessados pela riqueza e diversidade natural da América do Sul: os naturalistas amadores e os cientistas europeus que aqui estiveram nesse período e pressagiavam o que surgiria, mais tarde, sobre a forma de turismo.

Tentarei estabelecer um sucinto rastreamento das noções de viagem na Ilha de Santa Catarina, a partir do contato entre o conquistador europeu e o continente americano²⁵, destacando os cientistas e viajantes do século XVIII e XIX que por aqui passaram (situando paralelamente o surgimento dos primórdios do turismo no

²⁴ Como coloca Leite (1994) - "Talvez VIAJAR seja criar e experimentar o imprevisível, e nele, - inventar o EXÓTICO". (p.351)

²⁵ Situarei a questão a partir de Santos (1995) e Giucci (1992).

continente europeu²⁶) até chegarmos ao contexto ilhéu e a sua relação com o turismo na atualidade.

Os Navegadores chegam à ilha

Santos (1995)²⁷ pontua as várias viagens que os europeus empreenderam aos Mares do Sul, afirmando que as “expedições de 1501 e 1503, segundo tudo indica, percorreram o litoral brasileiro desde o Nordeste até o Sul. Mas não há certeza se atingiram a Ilha de Santa Catarina”.

Ao mesmo tempo que Balboa descobria em 1513 o Oceano Pacífico, uma série de expedições marítimas (portuguesas, espanholas, inglesas, francesas e italianas) contornavam o litoral Atlântico americano. Foi em busca de um caminho que ligasse o Atlântico ao Pacífico, que a extremidade sul do Brasil e seu litoral viria a ser descoberto, segundo o autor. Mas o mais provável é que Gonneville tenha sido o primeiro a atingir a costa catarinense, em 1504²⁸.

Em 1512, Solís passou pela ilha, mas foi somente em 1526 que Sebastião Caboto passou a denominá-la Santa Catarina. Já Cabeza de Vaca, um dos desbravadores da América do Norte, passaria por ela em 1541.

Foi no ano de 1549 que o arcabuzeiro alemão Hans Staden, passou pela ilha e deparou-se com um espanhol vivendo entre os Carijós²⁹. “É de Staden o primeiro mapa do litoral de Santa Catarina”³⁰.

²⁶ De acordo como Corbin (1989) e Urry (1990).

²⁷ A Nova História de Santa Catarina, p. 15-8.

²⁸ De acordo com Perrone-Moisés (1992) a “primeira parte da América alcançada pelos franceses foi o Brasil. Segundo a tradição transmitida oralmente desde o século XVI, e consignada por vários autores dos séculos XVIII e XIX, Jean Cousin, de Dieppe, teria descoberto nosso país em 1488. Não existe, porém, nenhuma prova dessa viagem”. p.9

²⁹ Conforme Santos (1995), os carijós foram extintos no litoral catarinense, em função do massacre europeu (pelas práticas escravagistas e doenças, as quais não possuíam defesas imunológicas), até o final do século XVII.

³⁰ idem a nota 27, p.25.

As viagens desses aventureiros modernos estão relacionadas ao expansionismo europeu³¹, onde aqueles que retornariam à Europa, após a experiência americana, comporiam um quadro onde o maravilhoso seria ressaltado. Tais deslocamentos envolvem êxitos ou malogros (naufrágios, confrontos com os indígenas, assassinatos, doenças), desta forma, nem todos voltaram ao continente europeu. O maravilhoso, a partir das catástrofes, passa a ser colocado em questão, ainda que não perca o seu brilho inicial. Staden seria um daqueles que iniciaria a desmistificação³² do maravilhoso no continente americano, principiando um tipo de descrição mais fidedigno da realidade dos trópicos. O doutor Dryander, que prefacia o livro de Staden, veria nos relatos do autor elementos que auxiliariam no conhecimento científico acerca do Novo Mundo. As bizarras seriam deixadas de lado, em função de uma participação mais intensa com o lugar e seus habitantes. Seria, a partir de seus relatos, frutos da sua permanência como cativo entre os Tupinambás (ficaria entre eles nove meses, período em que gestaria os seus relatos para o Velho Mundo, os quais seriam publicados em 1557³³): um novo quadro da América seria delineado. Era necessário conhecer para melhor controlar.

Conforme Giucci (1992):

“Por volta de 1570 o continente americano está basicamente dominado: rotas marítimas exploradas, grandes impérios derrotados, tesouros fundidos, culturas autóctones arrasadas. Sobrevi-

³¹ “O descobrimento de um novo continente pelos europeus repercutiu no campo do conhecimento teórico. Velhas polêmicas, como as da inabitabilidade da zona tórrida ou das antípodas, perderam sua razão de ser. A experiência americana demonstrou de modo irrefutável que a terra antípoda não estava submersa, que o oceano da zona tórrida era navegável, que o mundo estava habitado por todo lado e que os seres antípodas tinham permanecido ocultos aos europeus. No entanto, o reconhecimento da inadequação das antigas verdades que sustentavam teorias irreconciliáveis com a nova realidade adotou uma série de formulações. Por um lado, a superioridade dos modernos sobre os antigos confirmou-se através da glorificação da época presente, do distanciamento com as gerações passadas e da celebração entusiasta da navegação e dos descobrimentos”. p.194; idem nota 23.

³² “... a experiência do desconhecido e ameaçador implica uma reavaliação profunda da série de conceituações imaginárias erigidas a partir da ilusão. A América aparece, no relato de Hans Staden, não só desmistificada em relação ao modelo do maravilhoso que a recobria e a deformava, como reconhecida em sua singularidade e em sua diferença radical com o referente europeu”. p. 215; idem a nota 23.

³³ Staden relataria sua estada entre os homens selvagens, ressaltando “os seus medonhos costumes” que, por sua vez o “assombravam”. Duas Viagens ao Brasil, ed. Itatiaia.

vem algumas expedições conquistadoras que, movidas por visões residuais de riquezas terras auríferas, atestam que o mirífico americano, como uma extinta estrela emissora de raios moribundos, arrasta o andaime dos encantos com penalidades. O relato do maravilhoso, outrora fonte de desejo, passa na América pelo crivo da experiência pessoal e metamorfoseia-se numa história paralela, opaca que mina a legitimidade desse relato. E o conhecido binômio remoto/maravilhas se desmorona. É suplantado pela ordem colonial, a organização do sistema de trabalho e político, a exploração mineradora, o tráfico negreiro, a mestiçagem e a sociedade estamental, a produção agrícola e pecuária”. p.238

Ainda de acordo com este autor, o “maravilhoso americano” permaneceria no Brasil nos séculos XVII e XVIII, através dos bandeirantes. Suas entradas para o interior do Brasil desbravando uma natureza recôndita. Eles colocam-se em cena imprimindo uma outra dinâmica de exploração, envolvendo as minas no sudeste do país e, a partir daí, a incorporação do Rio Grande do Sul “pela economia do Brasil Colonial”³⁴.

➤Mas a Ilha de Santa Catarina, nesse período, por sua posição estratégica em relação ao extremo sul do continente, principalmente pela sua importância como local de aguada; integrando a rota para o Pacífico, de sua proximidade com o Prata e das regiões subantárticas e antárticas (que tanto interessariam os ingleses e franceses), seria ponto de parada para muitos viajantes que seguiam para as regiões austrais atrás de riquezas e aventuras.

Além dos corsários e piratas, de toda uma bandidagem que vagava pelos oceanos, passaram inúmeros viajantes pela ilha³⁵: Frézier, engenheiro militar francês,

³⁴ “No ano de 1728, Francisco de Souza Faria conseguiu abrir uma picada que subia pelo Rio Araranguá, atingia os campos de Lages, e seguia para Curitiba e São Paulo. Por esse novo caminho, o gado aprisionado no Rio Grande passou a seguir diretamente para São Paulo. Isto permitiu que fosse intensificado o novo comércio, pois seguindo viagem por terra os paulistas eliminavam os custos do frete marítimo, e evitavam intermediários, obtendo melhores preços nas feiras que passaram a ser feitas na cidade de Sorocaba, em São Paulo” in Santos, p.48.

³⁵ As informações a respeito dos viajantes e fragmentos de seus relatos foram extraídos do livro - ILHA DE SANTA CATARINA. Relato de viajantes estrangeiros nos Séculos XVIII e XIX. Ed. Lunardelli/UFSC.

aportou aqui em 1712³⁶; Shelvocke³⁷ em sua passagem conturbada pela ilha no ano de 1719; Anson em 1740.

Entre 1748 (a primeira leva de açorianos chega à ilha) e 1756, conforme Santos (1995), chegam cerca de 5000 açorianos em Santa Catarina distribuídos até Laguna. A colonização da ilha tem como tripé étnico o europeu, o negro e o índio.

Passou pela Ilha de Santa Catarina, em novembro de 1763, um grupo de franceses, entre eles Pernetty, que era um dos tripulantes dos navios da expedição de Bougainville, que ambicionava alcançar as Malvinas para lá fundar uma colônia francesa. Este personagem é diferente dos anteriores pelo fato dele ser um naturalista³⁸.

Os primórdios do turismo na Ilha de Santa Catarina

Além de Pernetty, que passou pela ilha na segunda metade do século XVII, a partir do século XVIII, uma série de cientistas passariam por esta região. Em função do interesse pelos naturalistas, dada certa proximidade com o objeto desta pesquisa, nos deteremos neles, mais do que nos outros viajantes.

Os homens de ciência que aqui aportaram, devido às suas características peculiares, no sentido de que vinham movidos por uma curiosidade acerca da natureza,

³⁶ Chamou-lhe a atenção as pegadas de tigres na areia da praia e, ainda, que as laranjas da ilha eram “tão boas quanto as da China”.

³⁷ O comandante inicia seu relato mencionando que a ilha de Santa Catarina “correspondia muito bem às nossas expectativas”; ávido, percebe que “lá existia madeira suficiente, mas que deveria ser cortada com nossas próprias ferramentas, já que os ilhéus não as possuíam. A primeira coisa que fiz foi enviar o carpinteiro à terra, juntamente com outras pessoas que podiam lhe ser úteis na tarefa de abater as árvores e serrá-las em forma de tábuas; eu também ordenei ao tanoeiro e aos seus ajudantes que preparassem os barris e os enchessem com água”.

A ilha, um grande depósito de madeira numa floresta luxuriante e um ótimo ponto de aguada. Um ponto de reabastecimento e de exotismos. A ilha de Santa Catarina representava lugar de prazer, mas também de reparos no navio, por isso, de trabalho.

³⁸ Pernetty menciona “o ar insalubre deste clima”; de que “elevam-se vapores densos que formam brumas eternas no alto das montanhas que cercam a ilha”; “as plantas aromáticas” e os animais: “Estes macacos são animais maliciosos sem serem maléficos; o mesmo não acontecendo com as serpentes, que têm neste clima a ferocidade de sua natureza”.

na busca de conhecê-la de forma a levar informações e material de coleta para o continente europeu. Além disso, tinham interesses em registrar a cultura local. Desta forma, esses naturalistas-etnógrafos documentavam o que podiam acerca do mundo natural. No entanto, não deixavam de realizar apontamentos sobre as culturas dos povos existentes nos lugares que visitavam. Esses viajantes poderiam ser vistos, desta forma, como um tipo embrionário de turista, pela sua curiosidade em relação às paisagens e aos costumes dos povos visitados.

Em 1803, chega à Ilha de Santa Catarina uma expedição naval russa trazendo o naturalista alemão Langsdorff³⁹, que retornaria ao Brasil em 1813, onde teria uma intensa atividade de pesquisa. Mawe, por sua vez, esteve na ilha em 1807 e tinha interesses em geologia⁴⁰. Este inglês “gastou 15 anos em viagens marítimas”⁴¹.

Chamisso (poeta e naturalista francês⁴²) e Choris (artista que registrava em telas a natureza do Novo Mundo) chegaram à ilha no navio conduzido pelo russo Kotzebue em 1815. Sua expedição contribuiu para um melhor conhecimento do Pacífico⁴³.

Lesson, naturalista francês que aqui chegou em 1822, admirou-se com “as costas tão risonhas do Brasil”, mas não deixou de fazer comentários contendo um certo

³⁹ “A natureza viçosa, que aqui apresenta uma maior fertilidade e variedade de cores, um esplendor da forma, da riqueza e plenitude que se possa sonhar, povoou ainda esta floresta com uma infinidade de seres; minha atenção voltou-se para os mamíferos, os pássaros, os insetos e anfíbios que nós, europeus, só conseguimos ver, muito raramente, em coleções muito grandes de ciências naturais, empalhados ou em álcool”. p. 172

⁴⁰ Conforme Pratt (1991), a maior parte dos viajantes britânicos “viajou e escreveu explicitamente como exploradores de vanguarda para o capital europeu (Franco, 1979). Engenheiros, mineralogistas, fazendeiros e agrônomos eram enviados para: localizar e analisar, com precisão, os recursos; informar os perigos potenciais e as condições de trabalho, transporte e outros assuntos”. p. 160

⁴¹ idem nota 35, p.188.

⁴² Surpreso com a grande diversidade biológica mencionaria que a “riqueza inesgotável da flora brasileira é testada pelos trabalhos que há anos vem lhe dedicando estudiosos como Auguste de Saint-Hilaire, Martius, Nees von Esenbeck, Pohl, Schlechtendal e eu mesmo, ainda que em parte os estudos de Candolle e Adrien de Jussieu. Tudo era novidade para a ciência. O trabalho de tantos homens, no entanto, é ainda fragmentário. Se alguém reexaminar alguma família que já fora classificada por outrem vai ter que acrescentar sempre”. p. 234

⁴³ Idem a nota 35; p.226.

escárnio pelo que viu em função das comoções políticas em torno da Independência do Brasil, aos “simulacros barulhentos de turbulência”⁴⁴.

Passaria pela ilha alguns anos mais tarde (1858), Avé-Lallemant, um naturalista atento a sua riqueza biológica, realizando descrições detalhadas acerca de sua natureza, bem como, de relatos francamente etnográficos, onde descreve festividades e hábitos dos nativos da ilha.

Esses viajantes-escritores⁴⁵ influenciariam o pensamento europeu a partir de suas obras de História Natural; na transformação da percepção do mundo natural durante o século XVIII, pois seus relatos traziam algo novo aos leitores da época⁴⁶.

O surgimento da Grand Tour

Conforme Rial (1992), “o início do século XVIII assiste, na Grã-Bretanha, a ascensão da figura do “sábio-gentleman-viajante” que nos interessa por ser um outro precursor do turismo moderno. Eles foram os responsáveis por um outro tipo de exploração. Graças a eles, as excursões de fim-de-semana à orla do mar, a exploração das montanhas e da natureza de um modo geral tornaram-se cada vez mais recorrentes, entre a aristocracia inicialmente e, mais tarde, entre o clero e a classe média. Estas excursões solitárias ou em pequenos grupos incluíam as mulheres que se engajavam apaixonadamente na coleção de objetos da natureza. A pesquisa científica sucedeu à simples coleta. Delas resultou um mapeamento detalhado do espaço físico da Europa,

⁴⁴ Ver nota 35; p. 270.

⁴⁵ Idem a nota 40.

⁴⁶ Os seus relatos se contrapunham àqueles do século XVI, cujo o estilo dos náufragos já era bem conhecido pelos europeus - desgraças, sofrimentos, intrigas, mortes, etc. A poética dos viajantes-observadores era diferente da poética dos viajantes do século XVI. As imagens de que tratavam esses últimos era bem diversa das que relatavam os cientistas: o cenário poderia ser o mesmo, mas a forma como o percebiam era diferente. Pratt, analisando os relatos de Humboldt (ele viajaria pelas Américas entre 1799 e 1804), afirma que este, no prefácio de uma obra sua, refere-se aos relatos dos náufragos como algo de uma “época anterior”.

através das narrativas que os participantes produziam ao final de cada incursão, mesmo as mais próximas e banais, e que devem ser vistas como parte constitutiva da viagem neste período. Todo deslocamento, a viagem mais curta ao lugar aparentemente mais comum autorizavam a expectativa de uma descoberta científica ou estética, e tudo torna-se objeto do olhar e da curiosidade”.

Entre os séculos XVII e XVIII surge, na Grã-Bretanha, entre a aristocracia, a Grand Tour, como uma das primeiras experiências turísticas. O jovem e seu perceptor⁴⁷ lançam-se em viagens de cunho cultural pelo continente europeu, como “complemento de sua educação”⁴⁸ - na busca de conhecimentos sobre outros países europeus: de experiências desse tipo poderiam surgir futuros políticos⁴⁹.

É a partir do século XIX que pode-se falar no início do turismo⁵⁰ nos moldes em que o conhecemos, mais especificamente no decorrer da segunda metade do século. “Por volta de 1850, praticamente todas as instituições contemporâneas relacionadas ao turismo já se encontravam estabelecidas e em pleno funcionamento: Ritz organiza os hotéis em cadeias, Pullman inventa o vagão-leito nos trens, Cook cria as letras de

⁴⁷ De acordo com Arrillaga, estes “foram os primeiros a praticar um tipo de viagem com origem e término no mesmo lugar, fazendo paradas em vários lugares e por razões de prazer...”. p.19.

⁴⁸ Idem a nota 47, p.18.

⁴⁹ Urry (1990), afirma que a Grand Tour acaba por se estabelecer no contexto europeu, no final do século XVII para os filhos de aristocratas e da alta burguesia; posteriormente, no século XVIII, para os filhos de profissionais da classe média. E, ainda, a Grand Tour clássica baseada na observação e registro emocional neutro de galerias, museus e artefatos de alta cultura, transforma-se na Grand Tour romântica, voltada a um “turismo cênico”, mais privado e relacionado à experiência apaixonada da beleza e do sublime. p. 4

⁵⁰ Barreto (1995, p. 11-3), apresenta vários conceitos de turismo, sendo que, o primeiro conceito foi cunhado em 1911 por Schattenhofen. Aqui nos interessam os conceitos de Troisi (1942) - “Conjunto de viagens temporárias de pessoas, motivadas por necessidades de repouso, de cura, espirituais ou intelectuais”. A definição da Organização Mundial do Turismo (OMT) é a seguinte: “Soma de relações e de serviços resultantes de um câmbio de residência temporário e voluntário motivado por razões alheias a negócios ou profissionais. Cita o conceito de Oscar de La Torre: “O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural (De La Torre 1992, p.19)

A definição de Arrillaga (1976), no entanto, me parece a mais interessante: “O turismo é o conjunto de deslocamentos voluntários e temporais determinados por causas alheias ao lucro; conjunto de bens, serviços e organização que determinam e tornam possíveis estes deslocamentos e as relações e fatos que entre aqueles e os viajantes têm lugar”. p.25.

crédito que se tornaram mais tarde os cheques de viagem”⁵¹.

O turismo precisa ser analisado numa perspectiva que o coloque dentro de um processo de transformação, no contexto dos avanços tecnológicos provenientes da Revolução Industrial. As mudanças colocadas pelas relações de produção e consumo; a problemática que relaciona trabalho e lazer⁵²; os problemas de poluição urbana oriundos do processo de industrialização⁵³; as mudanças em termos de relações entre o campo e a cidade; as transformações na percepção do mundo natural pelos europeus; a correlação entre trabalho e lazer⁵⁴ que provocariam o “desejo de evasão”⁵⁵. Neste período intensifica-se o turismo praiano que privilegia estadas junto à orla marítima.

*A Ilha de Santa Catarina entre os séculos XIX e XX e o surgimento de novos hábitos*⁵⁶

O paraíso ilhado: ao redor o mar revolto e o caos das ondas a agitar-se. Uma infinidade de odores e seres hediondos: a visão do purgatório⁵⁷. Os horrores que o oceano provocava entre os europeus do século XVI e XVII está ligado ao fato dele não passar “de um recipiente abissal de detritos; quando muito, pode-se admitir que

⁵¹ Rial, 1992

⁵² Conforme Parker (1978): “É possível argumentar que o lazer nunca existiu para as massas populares enquanto parte separada da vida, até ser conquistado em razão dos períodos de trabalho excessivamente longos. Segundo esse princípio, o lazer poderia ser considerado um produto da sociedade industrial, e realmente parece que a redução das horas de trabalho foi acompanhada por formas de lazer típicas da estrutura social e das circunstâncias da época. A inovação das férias anuais é uma realização do século XIX...” p. 29-30

⁵³ Thomas, por exemplo, refere-se a poluição atmosférica que no século XVIII já perturbava os habitantes de Londres. p.291

⁵⁴ Barreto (1995), coloca que as reivindicações dos trabalhadores por mais tempo de lazer foram essenciais. Para a autora, haveriam “outros fatores que contribuíram para o desenvolvimento do turismo: segurança, salubridade e alfabetização crescente. A segurança foi propiciada pelo estabelecimento de polícia regular; a salubridade, pelo tratamento das águas e a instalação de esgoto em várias cidades européias, diminuindo o risco de cólera e tifo. O maior índice de alfabetização do povo levou à maior leitura dos jornais que, informando, estimulavam o desejo de viajar”. p.53

⁵⁵ Arrillaga (1976) afirma que o “desejo de afastar-se do quotidiano, de deixar o trabalho em série, de afastar-se da concentração urbana, anti-natural e dominada pela poluição” está relacionado ao desejo de evasão.

⁵⁶ Utilizarei os trabalhos de Corbin (1989); de Ferreira (1994) e Schmeil (1994) para situar as transformações na percepção do mar e suas influências sobre a população ilhã.

⁵⁷ Ver Corbin (1989), p.14.

ele desenha a menos feia das paisagens resultantes do retorno temporário do caos”. Talvez esse fosse, pelo menos parcialmente, o quadro que os europeus que passavam pela região, impregnados pelas referências ao imaginário medieval, tinham da Ilha de Santa Catarina nessa época.

A beira-mar era motivo de repulsividade, pois tratava-se de um local insalubre. A relação do limite entre o solo e o mundo habitado pelos seres viscosos e terríveis, palco de intempéries (a tempestade e sua potencialidade infernal!). Um mundo de liquidez passível de consumir o homem⁵⁸. O oceano como cenário de aventuras e desventuras dos navegadores, por onde as rotas das conquistas se inscrevem; os barcos, como aponta Corbin (1989), eram locais maléficos por excelência⁵⁹.

As travessias marítimas trazendo à tona as experiências cenestésicas - o mal-estar proveniente da movimentação excessiva, do balançar que faz dos tripulantes simples joguetes na oscilação das ondas. A purga, o desencadeamento de sensações de estranheza com a ambiência e as vagas agitando as entranhas do homem civilizado. O vômito expulso com certa violência sobre um temível fluxo de ondas -, o conturbado estado das coisas entre os fétidos odores do navio em meio ao oceano⁶⁰.

⁵⁸ “... o mar como um símbolo do purgatório, à imagem de uma travessia que pode ser, para o pecador surpreendido pela tempestade punitiva, a ocasião do arrependimento e o retorno ao caminho correto”. p. 19; idem a nota 57.

⁵⁹ “Entre seus flancos de madeira úmida acumulam-se os germes da fermentação e da putrefação; no fundo do abismo negro e fétido do porão, a latrina concentra todos os miasmas. Dos navios, afirma-se, surge freqüentemente a infecção, emerge a epidemia. A nave no porto ameaça a saúde da cidade. O mar faz apodrecer os marujos. A travessia provoca o escorbuto, doença de alcance simbólico que deteriora a carne de suas vítimas. A decomposição dos alimentos embarcados, a descoberta das doenças exóticas, levam a comparar o navio ao monturo”. (Corbain, p.26)

⁶⁰ “Como se surpreender então com a intensidade do enjô de mar? Flagelo que parece atacar todos os que decidem viajar, salvo o capitão e os marujos. Não saberíamos analisar as imagens do mar e de suas praias sem levar em conta o horror desse mal. As vertigens e o cheiro de vômito acrescentam-se, no turista sensível, à repugnância inspirada pelo meio físico e a proximidade da tripulação. O sistema de apreciação não decorre apenas do olhar e da bagagem cultural; advém primeiramente das experiências cenestésicas, sobretudo quando estas se impõem com tanta força quanto as náuseas provocadas pelo arfar e balançar do navio”. idem a nota 57, p.27.

As mudanças em relação à forma de perceber o mar, ao longo de alguns séculos, transformam-no em espaço privilegiado, pois ele deixa de ser visto como uma ambiência repleta de monstruosidades; de perigos à saúde; passando a representar um local de desporto, de refrigério, importante para fins terapêuticos: a praia deixa de ser repulsiva para ser um ponto de atração, de lugar da moda.

O banho de mar como uma invenção social⁶¹, como uma forma de cidadãos urbanos relacionarem-se entre si e com o ambiente marinho, neste caso, as tendências da moda européia que chegam ao Brasil e que passam a fazer parte dos hábitos dos brasileiros são importantíssimas para entender o fenômeno de um turismo nascente. A Ilha de Santa Catarina transforma-se no palco de uma revolução em termos de contato com o mundo natural, ou melhor, as classes abastadas⁶² passam a ver no banho de mar uma prática de lazer⁶³.

Cabral, citado por Ferreira (1994), afirma que “no século XIX, a praia não “desfrutava o menor prestígio”. Todas as praias próximas à cidade e às vilas acumulavam os detritos da população vizinha. Praia era lugar de despejo das “vasilhas de material fecal, para que tudo se diluísse na maré. A praia era o quintal mal cuidado das casas sem quintal”⁶⁴. p.35

⁶¹ Ver o interessante trabalho de Ferreira - O Banho de Mar na Ilha de Santa Catarina (1900 - 1970). O autor refere-se ao fato de que a elite “primeiro busca o banho de mar por questões terapêuticas, depois por diversão”, a um “desejo coletivo das praias”. “Em Desterro/Florianópolis, o banho primeiro foi encarado como “abuso ao Código de Posturas”, depois como “tratamento médico”, “refrigério contra o excessivo calor”, “divertimento das famílias” e, por fim, como turismo”. p. 21-3.

⁶² Conforme Ferreira (1994): “Escritos e dirigidos pela elite local, os jornais divulgavam a excelência das águas da Ilha de Santa Catarina, suas belezas naturais, a importância de deixar a cidade em demanda das praias, a necessidade de piqueniques em contato com a natureza, o desejo de encontrar um refrigério para o excessivo calor, etc. Neste sentido, ao divulgar o banho nas praias da Ilha de Santa Catarina, os jornais expressavam o desejo das elites locais, de diferentes facções, de promover a “chegada da civilização” na cidade”. p.19

⁶³ Dumazidier (1973) define o lazer como “um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais”. p.34

⁶⁴ Idem a nota 61, p. 35.

A praia, paulatinamente, deixa de ser relacionada a um depósito de dejetos onde os negros despejavam os restos provenientes da casa dos seus senhores: um tipo de higiene que já atestava o descaso histórico das elites econômicas brasileiras pelos ambientes naturais. Uma lógica que parece, de alguma forma, estar associada às impressões medievais de um mar fétido, de um ambiente insalubre.

A orla marinha, antes o local do privado e dos detritos transmuta-se em espaço público⁶⁵ por excelência: os cidadãos elegantes deslocam-se em busca do prazer proporcionado pelo banho de mar e pelas caminhadas⁶⁶ ao longo da praia; a areia já não representa motivo de asco, mas de deleite.

O século XX⁶⁷ principia sob a mística de tais mudanças em relação à natureza, especialmente em relação ao mar, sendo que em “Florianópolis o contato dos cidadãos com a natureza ocorreu de forma bastante intensa através dos piqueniques, que aos poucos foram sendo acompanhados pelos banhos de mar, haja visto que eram feitos em praias”. (Ferreira, p.53)

O turismo na Ilha de Santa Catarina em nosso século está relacionado às transformações que ocorreram em torno das representações do oceano⁶⁸ no século XIX; das modas provenientes do continente europeu e que aqui chegaram. O Rio de

⁶⁵ Idem a nota 61, p. 17.

⁶⁶ Com relação aos passeios, Ferreira afirma que no final do século XIX, “ainda não se ia em busca do banho de mar, mas sim para contemplar a beleza incomensurável do mar, sua grandeza infinita, passear em contato com a natureza e recolher os “mimosos despejos que o mar aí deixa”. p.46

⁶⁷ “Em 1900, o balneário onde hoje é a Beira Mar Norte, impressionou o escritor desterrense Virgílio Várzea: “... Distingue-se tanto a Praia de Fora dos demais pontos da cidade, que até a vida catarinense, dir-se-ia ter aí outro aspecto, outras tintas, outras modalidades, revelando-se o bairro na capital provinciana, como um todo à parte, mais culto, mais artístico, mais civilizado”. Citado por Iur Gomes na Folha da Cultura (1995).

⁶⁸ “O banho de mar mudou a configuração da cidade, sua área de expansão, modificou a arquitetura e as direções das fachadas das casas, ditou novas modas e novos trajes, transformou mentalidades e hábitos, calou preconceitos arraigados e suscitou outros. Enfim, entrou no cotidiano da cidade e se tornou a sua marca registrada, dando a impressão de que Florianópolis e o banho de mar são irmãos que caminham de mãos dadas há milênios. São amigos relativamente recentes, mas de uma intensidade de fazer inveja a Dom Quixote e o seu Rocinante”. p. 22. Idem a nota 61.

Janeiro⁶⁹ como ponto de entrada das novas tendências européias e local de irradiação das mesmas para o resto do país.

Na primeira metade do século XX, os habitantes da ilha estão envolvidos no processo de transformação de Florianópolis numa “cidade civilizada” em oposição a um “interior atrasado”. O processo de modernização em Florianópolis, se encarrega de construir uma imagem da cidade ressaltando as diferenças entre ela e o campo; a praia; ou ainda, da capital e seus avanços, como sinônimo de uma Modernidade emergente no país em contraste ao selvagem do cenário. As praias, por sua vez, são encaradas como regiões interioranas e por isso, envoltas num elã romântico que lhe conferem atrativos: a beleza cênica da paisagem, reduto de lazer para uma burguesia local que desloca-se pelo desfrute em direção a ela.

As vilas de pescadores humildes como uma quadro de singelo bucolismo, mas também, de conseqüente atraso. Neste sentido, a urbanização legitima determinadas diferenças entre ser educado ou não ser, ou seja, “ser urbano é ser educado” e, por extensão civilizado⁷⁰. Esses deslocamentos que as elites florianopolitanas realizavam em direção às praias do continente; para as chácaras onde era possível experimentar o bucólico do campo, juntamente, com a possibilidade do banho de mar. Novos ares que os cidadãos elegantes da cidade respiravam, onde contato com o ambiente natural e lazer confundiam-se.

Florianópolis, que parece sempre ter atraído um número significativo de

⁶⁹ O naturalista Saint-Hilaire, em 1820, de acordo com Ferreira, “comentou sobre as estreitas e pavimentadas ruas desterrenses, suas mulheres claras e bonitas, vestindo à moda do Rio ou da França e desembaraçadas com os homens”. Idem a nota 61. Ver Needell (1988) in Revista da ANPOCS.

⁷⁰ Ferreira, percebe o banho de mar dentro do Processo Civilizador, perspectiva teórica de Norbert Elias (1994), ou seja, vê o banho de mar inserido num conjunto de transformações sociais pelas quais passaram as sociedades ocidentais, envolvendo um grau de disciplinamento e de regras pelas quais os indivíduos civilizam-se. Idem a nota 61; as referências ao texto estão nas páginas 53 -55.

viajantes, a partir de 1929, passa a ter o seu primeiro hotel. É inaugurado o Hotel Balneário de Canasvieiras, em função do caráter terapêutico do lazer, numa tentativa de atrair famílias abastadas do Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre. (Ferreira, p.93)

Schmeil (1994) afirma que antes do aparecimento do turismo como ele é conhecido atualmente em Florianópolis, existia nas décadas de 50 e 60 o que se conhece por veranismo, conseqüentemente a necessidade de construção de casas de praias. Os locais escolhidos para isso eram as praias do continente, nos bairros Balneário e Coqueiros (Praia da Saudade, Praia do Meio, Itaguaçu e Bom Abrigo)⁷¹.

Aqueles poucos cidadãos que experimentavam um tipo de desfrute da paisagem como forma de lazer, agora iniciavam um processo de expansão urbana que representava um avanço sobre as praias do continente; a construção de belas casas de veraneio foi a marca de tal deslocamento; signo de uma diferenciação social que fazia da elite florianopolitana aquele grupo que via na orla marítima a possibilidade do prazer, enquanto as comunidades de pescadores a percebiam como local de trabalho. Formas distintas de relacionarem-se com a paisagem evidenciando a diferença entre o burguês citadino e morador do centro evoluído e o homem do interior imerso num mundo laborioso, que embora belo, era considerado rude e atrasado.

Em 1969, durante o período ditatorial, surgiram na ilha as primeiras Instituições turísticas do estado, a DIRETUR (Diretoria de Turismo e Cultura) - em 1978 mudaria seu nome para SETUR (Secretaria de Turismo, Cultura e Esporte) e a Agência de Viagens Ilhatur⁷².

A Universidade Federal de Santa Catarina e a empresa Scuna Sul, sugerem conjuntamente em 1971, um roteiro turístico envolvendo a visita das fortalezas

⁷¹ Alquila se una Isla; p.45.

⁷² idem a nota 71.

construídas pelos portugueses no século XVII e uma passagem na baía dos golfinhos⁷³.

É na década de 70 que surge o turismo em Florianópolis como uma realidade, haja visto, a expansão dos serviços que são evidentes nesse período⁷⁴, mas é nos anos 80 que a cidade vê-se invadida por uma massa de turistas argentinos⁷⁵ e imersa num tipo de paradoxo: de um lado o deslumbramento com a possibilidade de lucros (e a avidez!); doutro os conflitos que são inerentes a determinados impactos⁷⁶ culturais (mas, também os ambientais).

“A consolidação do turismo em Santa Catarina transparece na intensa movimentação que contagia o litoral do Estado na Alta Estação, desde pelo menos o final dos anos 70, e na evolução de serviços essenciais e de apoio ao desenvolvimento do setor”⁷⁷.

⁷³ O roteiro sugerido era o seguinte: “inicia em Canasvieiras vai costeando a praia, passa pelo Forte de São José da Ponta Grossa, entre Jurerê Internacional e Daniela, atraca na ilha de Anhatomirim para visitação   Fortaleza de Santa Cruz e almoço. Passa pela Baía dos Golfinhos, dá uma parada para mergulho na ilha do Francês e retorna para o trapiche de Canasvieiras”. Diário Catarinense - Diário de Verão - 22/1/95.

⁷⁴ Conforme Pires (1995) no Jornal da Cultura.

⁷⁵ Antes, nos anos 70, uma série de jovens descobriram os encantos do litoral catarinense: Garopaba, Praia do Rosa, Florianópolis; um paraíso alternativo para jovens urbanos em busca de aventuras.

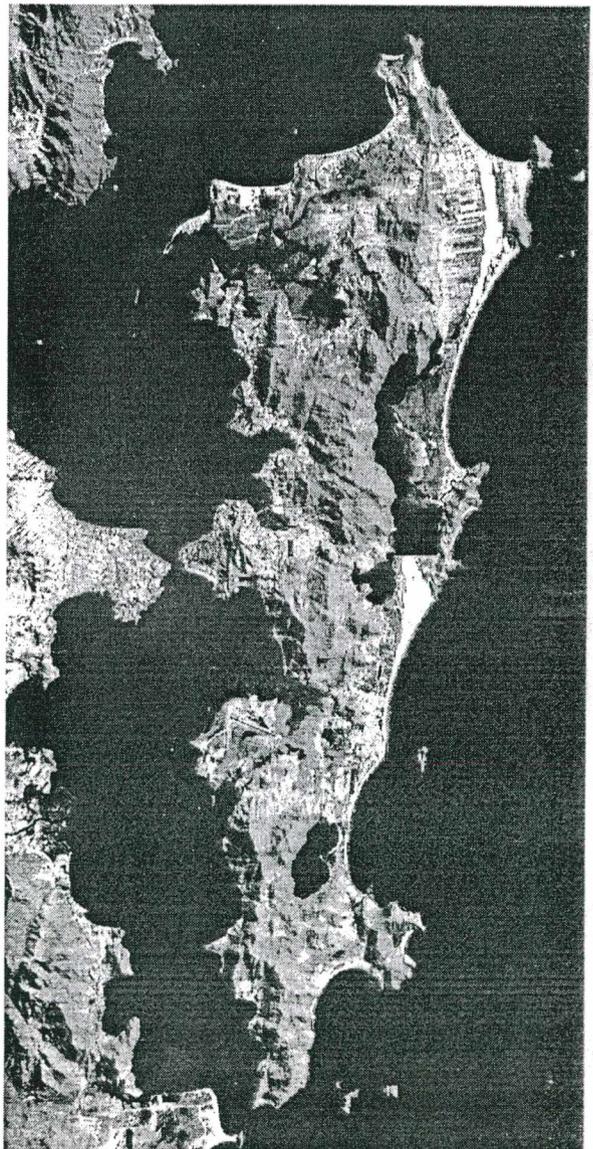
As praias de Santa Catarina passaram pelo mesmo processo que outras regiões do litoral brasileiro como Jericoacoara (CE), Canoa Quebrada (CE), Arembepe (BA) -, a cantora americana Janis Joplin passou por l  em 1970, assim como Mick Jaegger. Até hoje existe nesses lugares algo que lembra os anos 60 e 70. Florianópolis conserva um certo ar alternativo - na Armação encontrei na feira, um rapaz vestido a rigor para o Festival de Woodstock, junto as mulheres nativas; donas e donos de casa gaúchos, catarinenses de outras cidades, paulistas, cariocas, argentinos - preocupados em fazer boas escolhas entre os vegetais - que elegeram a cidade como local de moradia.

A ilha como palco de diversidade cultural, sujeitos de diferentes origens, com estilos de vida e visões de mundo diversas interagindo no espaço da feira. Há na ilha, entre os seus habitantes estrangeiros algo de alternativo e até certo ponto, de despojamento: uma vida mais simples num lugar pacato e bucólico. Florianópolis transformou-se num ponto de convergência, para onde deslocam-se aqueles que buscam um tipo de vida mais tranqüilo, longe da agitação dos centros urbanos.

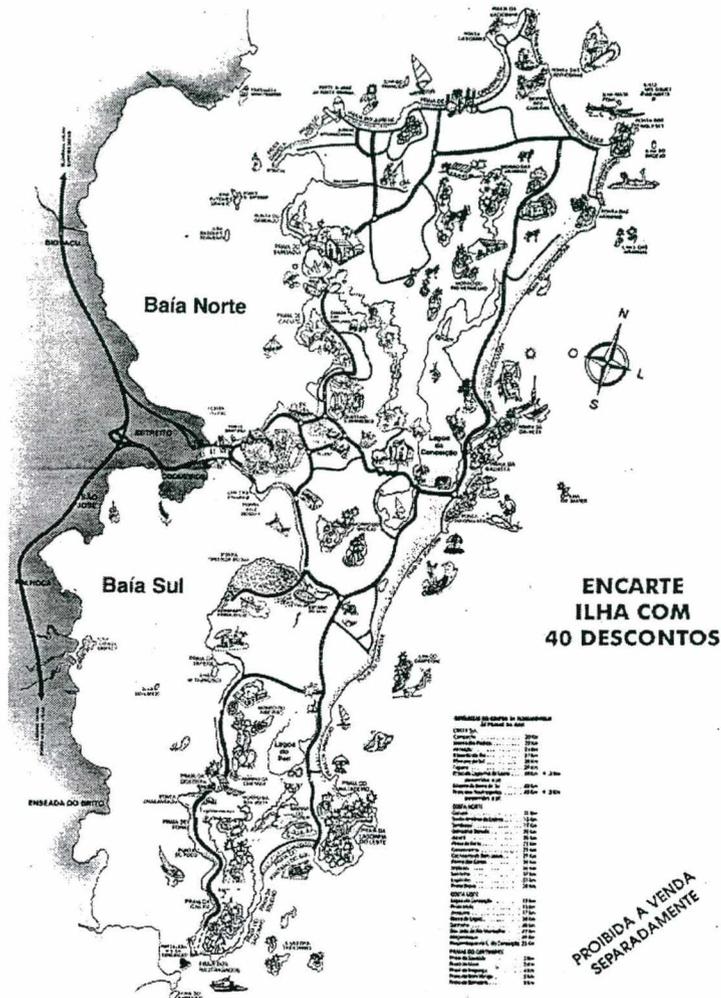
⁷⁶ “Este fato é bastante visível em Florianópolis, principalmente no norte da Ilha, onde predomina o turista de massa argentino. Em primeiro lugar, o impacto mais direto que a população da Cidade sente no verão, relaciona-se   típica busca do extravasamento e de inversão destes turistas, que está diretamente vinculada à sua pouca preocupação com as regras de convivência e sociabilidade da Cidade. Ou seja, por uma certa relutância em adaptar-se às nossas particularidades. Este extravasamento, que se expressa de múltiplas formas, agride frontalmente a Cidade, seja na sua displicência no trânsito, seja na forma de aproximar-se das mulheres, seja na destinação da produção de lixo, entre outras coisas. Além disso, nos últimos verões, quem se deslocava   praia de Ingleses, ou Canasvieiras, percebia que estava num mundo completamente estranho ao mundo ilhéu e, até mesmo, ao brasileiro. Um mundo onde a língua falada e escrita era o castelhano, as bancas vendiam revistas e jornais argentinos, as placas de estabelecimentos comerciais se comunicavam também em castelhano, a moeda era o dólar, os restaurantes vendiam predominantemente churrascos e pizzas, e as docerias ofereciam guloseimas   base de doce de leite, hábitos alimentares do povo “hermano”. Schmeil in Folha da Cultura, n.8, 1994. Além disso, os gaúchos estão por toda a parte, o que para alguns ilhéus é um inc modo.

Carlos, um dos meus informantes, falaria acerca do lazer manezinho (o termo, conforme o Dicionário da Ilha significa “habitante nativo do interior da ilha de Santa Catarina”), onde o piquenique aparece como uma prática familiar, trazendo à tona uma profusão memórias: “...fazia isso quando era guri [caminhadas], por exemplo, a gente saía lá do Estreito, saía de bicicleta para conhecer essas praias. Piquenique, caminhadas, ia até com a família para Ponta do Sambaquí, para o Campeche, Ribeirão da Ilha, Jurerê -; Jurerê na década de 70, por exemplo, toda orla ali era coberta por uma mata de eucalipto, ali faziam a farofada, as pessoas iam para lá fazer piquenique. Então, a ilha sempre me atraiu e hoje a gente já não faz mais isso. Acampamento no Santinho, quando a gente começou -, eu com a Lia a namorar, o Santinho não tinha nada ali; a Praia Brava era outro local que a gente tinha que subir empurrando a moto, na década de 70, antes dela virar comercial. A gente acampava lá, ficava dois ou três dias em contato com

a natureza e mais ninguém. Hoje, a gente ainda tem esses espaços, mas que cada dia estão diminuindo. Quer dizer, a minha família fazia isso, tinha esse hábito de fazer piquenique: domingo pegava o carro e ia para esses locais. Então, essa coisa está muito na minha cabeça; a geografia da ilha é uma coisa que está muito presente na minha história”.



⁷⁷ Lins (1995), p.1.



Mapa Turístico da Ilha de Santa Catarina

A Ilha de Santa Catarina, desta forma, presenciou as transformações da noção de viagem no Ocidente: das viagens de conquista, passando pelos naturalistas até chegar aos turistas contemporâneos. O estrangeiro que se insere num contexto onde o outro (a natureza ou os ilhéus) estão envoltos pelo exotismo. As diferentes perspectivas e relações com a ambiência presentes em tais deslocamentos, mas acima de tudo, olhares que trazem consigo a noção de maravilhoso, de percepções da natureza que alteram-se com o passar do tempo.

CAPÍTULO II - ECOTURISMO: ENTRE GRUPOS & CENÁRIOS

A experiência ecoturística

Se a segunda metade do século XX é considerada o período do desenvolvimento do turismo como importante fonte econômica, assumindo o seu caráter de atividade de massa; também é a da constatação dos problemas ecológicos a nível global, de um forma diferenciada de percepção da natureza⁷⁸. São dois fenômenos que surgem com

⁷⁸ Urry (p.1; 1992), menciona o fato de que o significado da natureza é algo relacionado ao aprendizado e, como tal, tem suas variações em função das diferenças existentes entre os grupos sociais. Tal perspectiva, demonstra a grande variedade de concepções de natureza, que um país como o Brasil pode conter, dada a sua significativa heterogeneidade cultural.

De acordo com Kesslerling (1992), o “conceito de *natureza* provém do latim *natura*, cujo sentido primitivo é “ação de fazer nascer”, “nascimento”, “nascer, ser nato”. A raiz indogermânica destas palavras é *gen*, presente no latim *gignere* (nascer, resultar), no grego *gyné* (mulher) e no alemão *kind* (criança). A raiz *gen* aparece também na língua portuguesa”. p.20

A idéia de natureza tem uma trajetória repleta de transformações, de formas pelas quais o Ocidente tratou de se relacionar com o mundo natural e de percebê-lo, no sentido estético e moral. A maneira como evoluiu o pensamento científico desde os gregos até os modernos, onde a dinâmica de interações presentes e originadas na natureza podem ser entendidas em termos de classificação de seus elementos constituintes (taxonomia) e a identificação dos seus processos funcionais (em termos de leis, combinações, cálculos e mensurabilidade).

Collingwood (1986) distingue três cosmologias, ou melhor, “três períodos de mentalidade cosmológica construtiva”, nos quais a natureza foi alvo de intenso interesse e debates, fruto de inquietações provenientes da ciência e que determinaram feições diferenciadas à idéia de natureza. As três visões que o autor menciona são: a Grega, a Renascentista e a Moderna.

Ele refere-se a visão Moderna da natureza afirmando que ela “como as suas predecessoras, é baseada numa analogia. O que tem de novo é que essa analogia é inédita. Enquanto a ciência natural grega se baseava na analogia entre a natureza como macrocosmo e o homem como um microcosmo, à medida que o homem se revelava a si próprio através da autoconsciência; enquanto a ciência natural da Renascença era baseada na analogia entre a natureza como obra de Deus e as máquinas como obra do homem... , a moderna visão da natureza, que começa a tomar forma em fins do século XVIII e desde então se tem consolidado cada vez mais até os nossos dias, é baseada na analogia entre os processos do mundo natural, estudados pelos cientistas da natureza, e as vicissitudes dos problemas humanos, estudadas pelos historiadores”. p.15-6

Se, para os pré-socráticos a idéia de *physis* representava a totalidade real, a tudo o que remetia a um princípio inteligente, ou melhor, a tudo o que existe e é oriundo de si mesmo (Ver Gonçalves, 1990), tal cosmovisão, a partir de Aristóteles, começa a ser transformada. A natureza passa a ser motivo de interesses de caráter sistemático e a

uma força espantosa no cenário mundial, pois ambos, representam de alguma forma a expansão humana sobre o planeta. Ecologia e turismo, num jogo de palavras fundem-se originando um neologismo, um novo termo em voga - o ecoturismo⁷⁹.

Conforme Ribeiro & Barros⁸⁰ “tornaram-se comuns expressões como “turismo ecológico” ou “ecoturismo”, correspondentes a um segmento promissor de uma das indústrias mais dinâmicas da economia mundial, numa era em que as mudanças para

significar também o “substrato” ou a “matéria-prima” da qual as coisas estão constituídas. (Ver Carvalho, 1991) A perspectiva renascentista, entre os séculos XV e XVI, prepara terreno para que a Europa inicie o seu processo expansionista, imersa numa percepção do mundo povoada por monstros e condenada aos desígnios de Deus. O século XVI representa a ruptura da concepção geocêntrica, através dos estudos de Copérnico e o surgimento de uma concepção heliocêntrica do mundo. Galileu realiza a combinação entre linguagem matemática e experimentação científica, seu afã é o de encontrar as leis gerais da natureza. É dele que herdamos o método empírico baseado na mensurabilidade: o real conforme Galileu, seria apenas o mensurável.

Francis Bacon, a partir de seu pragmatismo, segundo Thomas (1989), afirmaria que “o fim da ciência era devolver ao homem o domínio sobre a criação que ele perdera em parte com o pecado original, ao passo que Robert Boyle era instado por seu correspondente John Beale a estabelecer o que este chamava “o império da espécie humana”... A motivação inicial para o estudo da história natural foi de teor prático e utilitário”. p.32

Descartes, com a sua ênfase no método científico, separa definitivamente a mente (*res cogitans*) do corpo (*res extensa*). Conforme Acot (1992): “No quadro desta ontologia dualista, percebe-se claramente a maneira como era concebida a natureza: como tudo o que não fosse essência humana, isto é, alma, ou qualquer outra forma semelhante, tida como estranha à matéria. Sendo a essência humana de ordem metafísica, a Natureza era entidade da qual o Homem estava ausente. Assim, no universo cristão, a natureza é percebida de modo contraditório”. p.10

Mas, foi com Newton que o mecanicismo, baseado no racionalismo cartesiano, sedimentou a visão reducionista da realidade dividindo-a em partes isoladas, as quais reagiam entre si, funcionando a partir de regras fixas como numa máquina.

Os séculos XVIII e XIX vão presenciar uma corrida à natureza pelos naturalistas, com o intuito de catalogar e sistematizar os elementos que a compõe, buscando subsídios para legitimar suas teorias e especulações científicas. Eram sábios que se lançavam em viagens pelo Novo Mundo em busca de conhecimento, mas também pelo prazer de descobrir a natureza maravilhosa das colônias européias.

Usarei o termo natureza no texto como sinônimo de ambiente natural e não como conceito antropológico.

⁷⁹ Conforme Roger Dajoz (1983), a palavra ecologia foi empregada pelo naturalista Ernst Haeckel pela primeira vez em 1866 em sua obra intitulada “Generelle Morphologie der Organismen”. Eugene Odum (1988), afirma que o termo foi utilizado por Haeckel em 1869, porém ambos concordam quanto a definição do termo, cuja origem etimológica é grega e onde: *oikos* significa casa e *logos* significaria estudo ou tratado, sendo assim, a ecologia seria o “estudo da casa”; “o estudo do lugar onde se vive”; “o estudo do habitat”.

Aurélio Buarque de Hollanda define o termo como “Estudo das relações entre os seres vivos e o meio ou ambiente em que vivem, bem como as suas recíprocas influências”.

A palavra turismo, por sua vez, aparece primeiramente em 1811, no Oxford English Dictionary (Schmeil, 1994). A origem da palavra *tour* é francesa “como muitas palavras do inglês moderno que definem conceitos ligados à riqueza e à classe privilegiada. Isso aconteceu porque, durante o tempo em que a Inglaterra esteve ocupada pelos franceses (normandos, século X até o XIV), a corte passou a falar francês, e o inglês escrito quase desapareceu. A palavra *tour* quer dizer *volta* e tem seu equivalente no inglês *turn*, e no latim *tornare*.

O pesquisador suíço Arthur Haulot acredita que a origem da palavra está no hebraico *Tur* que aparece na Bíblia com o significado de viagem de reconhecimento”. (Barreto, p.43)

⁸⁰ RIBEIRO, G.L. & BARROS, F.L. A Corrida por Paisagens Autênticas. 1994, p.2.

uma economia com ênfase no consumo e no lazer fazem com que o setor de serviços experimente um crescimento inusitado”.

O ecoturismo é um fenômeno recente, mas desponta no cenário internacional como um das atividades sócio-econômicas mais promissoras na virada do século⁸¹. Trata-se da reunião de duas questões instigantes e polêmicas, sob o ponto de vista cultural: o turismo como uma importante prática de lazer; sua relação com o sistema econômico, mas também os seus impactos sócioambientais e a ecologia, enquanto conhecimento científico e como uma forma de percepção do mundo natural na atualidade.

A junção do vocábulo *eco* com a palavra turismo não representa apenas o surgimento de um novo termo na língua portuguesa, que relaciona o turismo com os ecossistemas pouco alterados e as culturas detentoras de costumes exóticos que habitam os mesmos. A questão é mais ampla, suscitando uma série de reflexões. Desse hibridismo, origina-se uma gama de possibilidades interacionais que percorrem os interstícios existentes entre a dimensão cultural e aquela que é, fundamentalmente, de caráter ecossistêmico. Existem ainda, as peculiaridades da região na qual as atividades ecoturísticas ocorrem, implicando assim, em experiências de lazer muito específicas, onde biodiversidade e diversidade cultural estão profundamente interligadas.

⁸¹Conforme matéria do Diário Catarinense de 10/12/95 “os dados do World Travel & Tourism Council (WTTC, Conselho Mundial de Viagens e Turismo) ajudam a entender a importância do debate. Dez por cento de todas as pessoas que viajam no mundo estão em busca de contato com a natureza. Até o ano 2000 serão 15%, o que vai movimentar US\$ 1,185 trilhão anuais. A receita gerada no Brasil com a atividade é de US\$ 2,2 bilhões/ano, ou 5% do total movimentado com o turismo no país. Enquanto o turismo convencional no mundo cresce em média 5% ao ano, o ecoturismo chega a crescer 20%.

No Brasil, cerca de 2 milhões de pessoas fazem ecoturismo todos os anos. Uma pequena parcela desse número corresponde aos estrangeiros - apenas 140 mil em 1994. Ou seja, o país está apenas mordiscando um enorme mercado quase inaproveitado. Nos Estados Unidos, 800 milhões de pessoas visitaram os parques naturais no ano passado e 2,5 milhões de americanos observadores de pássaros viajaram ao Exterior. Na Grã-Bretanha 80% da população viaja regularmente para o campo”. p.6

Surgem questões acerca do fenômeno ecoturismo que são relevantes, por exemplo: existe uma definição para o ecoturismo? o que significa reunir ecologia e turismo numa expressão única? qual a relação entre ecologia e turismo? existe um “perfil” para o ecoturista? como o fenômeno relaciona-se com a questão de classe?

Entendo o ecoturismo como um fenômeno sócio-antropológico cuja origem está nos centros urbanos, estando relacionado aos deslocamentos dos cidadãos em direção as regiões naturais habitadas ou não por grupos humanos, em busca de prazer e conhecimentos acerca da natureza e/ou das culturas ali existentes. O ecoturismo é um fenômeno que aproxima o passado e o presente, revelando-se como uma forma lúdica de experimentar o mundo e o exotismo daquilo que existe nele. O fenômeno nesses termos não é novo, pois reveste-se da aura romântica já presente nas viagens modernas (séculos XVIII e XIX), mas dada as problemáticas ambientais no final do século XX, termina por conter características muito peculiares na atualidade. O ecoturismo vincula-se a questões importantíssimas nas sociedades urbanas, pois relaciona entre si fenômenos complexos como:

a. o lazer (e sua conexão direta com o mundo do trabalho);

b. atividades práticas junto ao ambiente natural: esportes, passeios, piqueniques, etc. Tais interações com a natureza suscitam aquelas problemáticas inerentes à conservação ambiental;

c. as relações interétnicas, onde surgem questões ligadas as diferenças culturais; de respeito às culturas visitadas, além daquelas relações de dominação econômica (entre países centrais e de periferia).

◦ O fenômeno do ecoturismo está inserido num contexto de globalização cultural e apresenta no intercruzamento entre ecologia e turismo sua característica central.

Assim, a partir de uma perspectiva cultural torna-se possível concebê-lo como um conjunto de atividades de lazer junto ao ambiente natural, bem como, as sociedades humanas ali existentes, sem deixar de considerar as conseqüências sócioambientais decorrentes de suas atividades. O ecoturismo é uma atividade econômica que tende a expandir-se, principalmente, nos países de clima quente. O Brasil, aparece como uma das vedetes para práticas ecoturísticas no cenário internacional.

Ceballos-Lascurain⁸², o define como um tipo de “turismo que consiste em viajar para áreas naturais não degradadas ou não poluídas, com o objetivo específico de estudar, admirar e fruir a paisagem e suas plantas e animais, tanto quanto manifestações culturais (do passado e do presente) encontradas nessas áreas. Nesses termos, o turismo orientado para a natureza de uma maneira normalmente não possível no meio ambiente urbano”.

Quando o ecoturismo entra em cena

No caso do turismo, nos interessa mais as implicações do uso da natureza naquelas práticas consideradas de lazer, portanto, vinculadas as modificações que ocorreram a partir dos séculos XVII e XVIII, especialmente, em torno da dimensão romântica atribuída a natureza entre os europeus⁸³. As transformações oriundas desse período foram fundamentais para o desenvolvimento do que se entende por turismo

⁸² Citado por PELLEGRINI FILHO, 1993.

⁸³ Williams (1990), menciona o fato de que o campo passou a ser associado a uma forma natural de vida - da paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a idéia de centro de realizações - de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. O contraste entre campo e cidade, enquanto formas de vida fundamentais, remonta à Antiguidade clássica”. p.11

O século XVIII aparece como um período onde os ingleses passarão a valorizar o bucólico da vida campestre: a natureza boa e farta, com seus animais e vegetais disponíveis de bom grado aos cidadãos que agora correm ao campo em busca de uma harmonia perdida na cidade. As diferenças entre o campesino (tosco e ignaro) e o cidadão urbano (elegante e educado) aparecem como realidades antagônicas; o que atrai os urbanos até o campo é a possibilidade de penetrar na singeleza desse universo exótico.

Corbin (1989) ressalta o fato de que os ingleses eram adeptos dos *rural sports*, que envolviam práticas do tipo pescar em barcos e caçar coelhos na praia. Elias (1989) analisa a caça da raposa como uma das práticas de desporto

na atualidade⁸⁴.

Se a visão romântica da natureza atravessa o século XIX, no século XX trata-se de constatar os estragos realizados pela humanidade e, desta forma, perceber que vivemos um período de grandes indefinições e impasses acerca das problemáticas sócioambientais; o projeto civilizacional oriundo da Modernidade⁸⁵, nos jogou numa situação de crise cujos significados e implicações, apenas agora começamos a dimensionar.

Foi, principalmente, a partir de uma série de problemas ambientais cujos efeitos

que estão na sociogênese do esporte na Inglaterra e, conseqüentemente, inseridas no que denomina processo de civilização.

Corbin ressalta ainda, o surgimento de uma figura peculiar o *gentleman voyageur culto*, relacionado a ascensão do “homem de bom gosto”. Sua atração pela investigação relaciona-se a aspectos taxonômicos, inventariando os locais de seu interesse e coletando espécimes, caso fosse necessário. O autor cita o relato do inglês Faujas, em suas excursões em busca de amostras geológicas junto à orla marítima, onde é possível perceber o tipo de mudança na concepção de natureza: “Parti ao raiar do dia, uma mochila nas costas, acompanhado de um criado, meu fiel companheiro, que por sua vez levava uma garrafa de vinho e algumas carnes frias, nas quais não devíamos tocar senão após várias horas de trabalho. Só então fazíamos a nossa refeição, frugal mas excelente: ora no alto de um rochedo escarpado, ora em alguma caverna abrigada, à beira do mar, cujas ondas, quebrando a nossos pés, nos davam o espetáculo de um mar em fúria, no qual nos congratulávamos por estar a salvo.

À noite, carregado de pedras e de instrutivas anotações, retornava à minha tranqüila habitação: dispunha sobre a mesa todos os meus tesouros; colocava-os em ordem, ficava admirando-os inclusive [...] fazia de antemão sua distribuição a meus correspondentes e amigos, e sentia-me feliz”. p.126

Se o início da era moderna é apontado por Thomas (1989) como um período no qual a natureza é percebida como algo a ser utilizado pelo homem, onde as espécies estão subordinadas aos desejos humanos. Os séculos XVII e XVIII, por sua vez estão relacionados a uma busca de classificação das espécies pelos cientistas, no entanto, ainda há um nítido fundo utilitarista. É com essa perspectiva que alguns cientistas se dirigirão para o Novo Mundo.

Schmeil (1994) afirma que a partir do século XVIII a ênfase escolástica que haviam nas viagens transforma-se num tipo de viagem que agora tem sua ênfase na observação. Multiplicam-se nesse período, os guias e livros que auxiliam o deslocamento dos viajantes. Segunda a autora “o caráter do Grand Tour muda, desde os mais antigos Grand Tours clássicos, baseados na observação neutra e na recordação de galerias, museus e artefatos culturais, para o Grand Tour romântico do século XIX com a emergência do turismo cênico e com experiências mais privadas e emocionais de beleza e do sublime”. p.12

Urry (1992), citando Green, afirma que no século XIX a natureza passa a ser hegemônica por uma definição de mundo externo como cenário, paisagem, percepção sensorial. A paisagem natural como construção social, o meio físico “mediado por um processo de apropriação cultural, e a história desta criação subsumida pelo consumo visual”. (p.3)

⁸⁴ Juntamente com o surgimento dos cheques de viagem, a criação de hotéis e agências de viagem no século XVIII.

⁸⁵ Conforme Santiago (1991), vivemos atualmente uma “desconfiança em relação à categorias universais sociocêntricas que indicavam com certeza e segurança o caminho do desenvolvimento, do progresso e do bem-estar humanos”, o que, segundo ele, seria uma “herança” do Iluminismo, cujo pensamento e ação teriam contribuído para o que conhecemos como Modernidade.

são percebidos a nível global⁸⁶, ou ainda, mediante um certo mal-estar mundializado⁸⁷, que a humanidade começou a deparar-se com a seriedade da questão (que está relacionada a finitude dos recursos naturais) e as suas influências sobre ela própria. A problemática instaurada é grande e polêmica, há um coro de vozes (ambientalistas, feministas, seitas religiosas, cientistas, políticos etc) manifestando-se acerca da questão, solicitando mudanças na forma da humanidade relacionar-se com o planeta.

No Brasil, as questões ambientais parecem ter tomado algum impulso, no sentido de passarem a ter uma maior popularidade⁸⁸, em função de situações, por vezes antagônicas: o surgimento do Partido Verde (e a relação direta com o retorno dos exilados pelo regime militar); a morte de Chico Mendes que causou um furor internacional (protestos pipocaram por vários pontos do planeta), deixando o Brasil numa situação delicada perante o mundo civilizado e exposto à mídia; quando o país sediou a ECO-92, no Rio de Janeiro. Mais uma vez o país apareceu como destaque na mídia global, desta vez, sem estar relacionado à criminalidade, ao carnaval ou ao futebol.

A problemática ecológica no Brasil tem a sua urgência, posto que a dinâmica de transformação da natureza pelo homem moderno, em função das necessidades oriundas do meio urbano, tem os seus impactos sobre frágeis ecossistemas e o conseqüente desrespeito para com os grupos humanos, sejam eles, as comunidades indígenas, remanescentes de quilombos, seringueiros, caiçaras⁸⁹, ribeirinhos ou

⁸⁶ O buraco na camada de Ozônio sobre a Antártida; o efeito estufa; as chuvas ácidas; as usinas nucleares e o lixo atômico; a destruição das florestas tropicais e problemas de erosão genética.

⁸⁷ Estocolmo em 1972 sediou a primeira reunião sobre os problemas ambientais globais onde a explosão demográfica era a tônica das discussões; depois viria o mega-evento no Rio de Janeiro, a ECO 92 onde a questão central girava em torno da biodiversidade.

⁸⁸ No livro *O que o Brasileiro pensa da Ecologia?* (Crespo e Leitão, 1993), realizou-se uma pesquisa com 3650 pessoas residentes em 260 municípios brasileiros, onde uma das conclusões é que o brasileiro crê que está razoavelmente informado sobre questões ambientais, mas para tanto utiliza apenas a televisão, não lendo livros ou revistas sobre o assunto.

⁸⁹ Ver Diegues, 1994.

comunidades de pescadores de origem açoriana. A biodiversidade e a diversidade cultural estão intimamente relacionadas entre si⁹⁰. Este é o panorama no qual o ecoturismo se insere.

O fenômeno já desponta no cenário internacional com um vigor significativo. Alguns acreditam que a década de 90 é a do ecoturismo. Pelo menos parece ser o período de sua legitimação, enquanto uma atividade turística de importância em termos globais⁹¹.

O surgimento do ecoturismo na Ilha de Santa Catarina

O ecoturismo surge no contexto florianopolitano na década de 90, por iniciativa

⁹⁰ “O Brasil, de maneira coerente com suas disparidades histórico-sociológicas, é um país que conjuga uma extraordinária riqueza em biodiversidade com extraordinários problemas de desenvolvimento sócio-econômico... em um país como o Brasil a questão da biodiversidade não pode desviar-se da questão da diversidade cultural”. (Ribeiro, 1993), p.11.

⁹¹ Silver (1992) refere-se a jovens aventureiros que viajavam para o norte da Tailândia na década de 60, mais tarde na década de 70 companhias de trekking promoveriam caminhadas pela região. A África aparece como um dos continentes preferidos para visitação de parques nacionais; saf ris fotográficos; contato com exotismos culturais. Fotografar um altíssimo masai; passear montado numa avestruz ou andar no dorso de um elefante pelas savanas. O casal, Paul Beaver e Millie Sangama de Beaver, a partir de 1982 começa a promover expedi es   Amazônia Peruana, mais especificamente a três comunidades de Iquitos. Tais expedi es foram chamadas de “viagem responsável”, onde os participantes conhecem vilarejos pobres para descobrirem as reais condi es de vida dos “nativos”. Misto de admira o e de assistencialismo: os viajantes trazem tecidos, anzóis, linhas de pesca, medicamentos para os indígenas. (Silver, 1992)

De acordo com o trabalho intitulado Ecoturismo na Bahia - estudo analítico (1995), o ecoturismo surge “como atividade econômica na América Latina, nas ilhas Galápagos (Equador), Península Vald z (Argentina) e Costa Rica... A Costa Rica vive basicamente das receitas geradas pelo ecoturismo desenvolvido nos seus vinte (20) parques nacionais... De um modo geral o ecoturismo no Brasil começa a ocorrer a partir da década de 80, desenvolvendo-se a partir da Amazônia e do Pantanal. Atualmente, diversos Estados brasileiros... trabalham com esse segmento, porém de forma pontual...”p.8-9

Conforme a reportagem na revista Planeta Ecologia (1990), o ecoturismo tem suas origens no continente europeu através daquelas “pessoas interessadas na preserva o ambiental que passaram a organizar roteiros e a promover visitas   áreas de montanhas e parques”. No Brasil, conforme a reportagem, o primeiro projeto oficial de turismo ecológico foi lançado pela EMBRATUR em 1988 em parceria com o IBAMA (IBDF na época) e as Secretarias Especiais de Meio Ambiente que determinaram conjuntamente as regiões que poderiam ser visitadas.

Hoyt (1994) menciona a existência de 44 regiões (países e territórios) onde é possível realizar whale watching (observa o de baleias) ou o dolphin watching (observa o de golfinhos), sendo que, tais regiões localizam-se na América Central, América do Sul e Caribe. Segundo o autor, a observa o de baleias “na América Latina e na região do Caribe principia no México, tendo se expandido da Califórnia nos anos 70. Daí, se expandiu para a Argentina (1983), seguindo para o Brasil, Peru e Col mbia. O Equador tem tido a observa o de cetáceos como um componente nas tours pelas Galápagos, mas a maior dedica o a observa o de baleias começou na metade dos 80, República Dominicana (1985), e Dominica (1988)”. p.3-4 (A tradu o do inglês   minha.)

de pessoas interessadas pelas questões ambientais, que trabalhavam na área de educação ou que simplesmente tinham por hábito realizar algum tipo de atividade física junto ao ambiente natural por prazer.

Augusto, proprietário da agência Recrearte que iniciou suas atividades na agência em 1990, afirma:

“Quando comecei, existe uma história muito engraçada: a gente colocou em cima trekking ecológico, quando eu ia colocar os cartazes nos lugares, bares, colégios para divulgar, o pessoal dizia; “ué, que bicho é esse?”; “porque você não bota caminhada?” - aí eu tinha que explicar toda a questão. Perdia muito tempo com isso, divulgava até muito pouco porque primeiro eu tinha que convencer as pessoas no local onde eu ia colocar o cartaz, de que aquilo não era um bicho de sete cabeças - era caminhar, tradução de uma atividade que já existia no mundo inteiro e que aqui a gente estava iniciando, dando os primeiros passos”.

Ou, como coloca Kiko dono da Trekking das Águas, que me concedeu uma entrevista (frases rápidas, diretas, um pragmatismo desconcertante), quando estava deitado num colchão estendido no corredor de prédio onde funcionava a sua agência: *“a história do turismo”*, segundo ele, começou há 12 anos atrás quando prestou serviços - *“três anos direto”* - para o Morro das Pedras Clube Hotel. Nesse período promovia *“passeios à cavalo como parte da recreação do hotel”*, bem como visitas à ilha do Campeche. Mais tarde montaria roteiros, os quais ofereceria às agências de turismo de Florianópolis; *“elas se interessaram, mas não vendiam os programas”*. Ele diria a respeito disso, que há uma *“falha porque não conhecem os programas que vendem”*.

As demais agências apareceriam durante a década de 90, mas a Recrearte e a

Trekking das Águas são as pioneiras na introdução do ecoturismo como uma modalidade turística no contexto florianopolitano.

O ecoturismo como um conjunto de práticas & estilos

O ecoturismo pressupõe uma intensa interação grupal. As práticas ecoturísticas são realizadas por pequenos grupos, guiados por alguém que conhece a região a ser visitada, pois os excursionistas partem em busca de lugares onde seja possível experimentar, na companhia de outros praticantes⁹², o contato com o mundo natural.

Nina diria em relação ao seu trabalho junto as empresas de ecoturismo (já trabalhou com a Recrearte), o seguinte:

“Eu trabalho com empresas que fazem trekking, mas vou mais como monitora. Guiar eu já guiei, mas com colégio”.

O que um monitor faz? (Eu)

“Ajuda tipo assim: na hora que ele precisa fazer uma brincadeira, tem que ir na frente da trilha -, aí eu que assumo, pego um trecho e guio aquele trecho. Então, ajudo assim, na própria brincadeira: aí também como recreacionista. Sou mais uma

⁹² Ana, diria sobre os praticantes dos trekkings que participou: *“é legal, o pessoal acaba tendo mais contato, acaba conhecendo mais pessoas, acaba ajudando elas... é um contato gostoso, com pessoas bacanas que gostam das mesmas coisas que você gosta, ou que muitas vezes, que nem eu fui em algumas que não tinham nada a ver comigo! E, mesmo a gente naquilo ali - a gente gostou; foi um negócio interessante! São pessoas que... não sei, é legal!”*

Júlia, por sua vez diria: *“eu comecei a fazer caminhada com esse grupo e foi uma experiência ótima - 25 pessoas. Então isso me animou bastante porque além de tudo era um contato diferente, com pessoas diferentes. E eu que estou sozinha na ilha, quer dizer, em termos - a minha família é de longe. Representava uma vida social até diferente. Um outro tipo de intercâmbio que não fosse professores do mesmo departamento. Outro tipo de cabeça”.*

Susi, referindo-se as caminhadas que realiza com os amigos (não apenas com as **Radicais Barbies**): *“... é um lance assim, uma integração total; é uma corrente assim entre as pessoas que estão indo”.*

As três situações representam as possibilidades de relacionamento social durante uma caminhada - a trilha como um espaço de interação social pautado no deslocamento e na busca de belezas cênicas: uma incursão em grupo ao ambiente natural; distante, idealizado, selvático. A aposta na construção de relações sociais; o *sui generis* do contato; sentimentos de união, sem necessariamente ter que decretar o fim da heterogeneidade.

substituta, não como uma guia principal". Responde. Gilda intervém:

"O trabalho que faço no Hotel Fazenda Jomar... eu levo o pessoal nas cachoeiras, subir morro -, é alto! Ai o pessoal vai lá pra curtir a ponte Hercílio Luz (risos). O hotel fica em Santo Amaro, no continente, é perto do morro do Cambirela".

Bela, por sua vez afirma:

"Todas as vezes que eu levo alguém para algum lugar procuro sempre falar sobre o lugar; contar a história sobre o lugar. A pessoa pode gostar, se identificar! É mais fácil de preservar, de cuidar. Se o cara voltar lá, volta provavelmente com uma outra visão. Conhecendo!"

Há uma variedade significativa de práticas ecoturísticas⁹³, desta forma, talvez fosse interessante pensar a questão em termos de ecoturismos, pois não estamos tratando de um fenômeno homogeneizante. Pelo contrário, ele abarca uma série de atividades onde o grau de envolvimento social, psicológico e físico, por parte dos praticantes é amplamente variável. Falar em perfil do ecoturista é no mínimo estranho⁹⁴.

⁹³ Ver Ruschel (1995), p.72-3.

⁹⁴ Ruschel (1995) refere-se a uma "segmentação do perfil do ecoturista" que, segundo o autor, "parece ser fundamentalmente psicográfico (o grifo é meu) - por gostos, tendências, atitudes, comportamentos, posições culturais, etc, - e não econômico-social - por sexo, idade, estado civil, local de residência e classe social. Jovens e velhos, casados ou solteiros, ricos e pobres, isto parece ser secundário na avaliação. Aparentemente, o impulso que move um ecoturista transcende a tudo isto e situa-se em plano muito mais psicossocial do que sócio-econômico".

Discordo desta caracterização mais psicossocial em detrimento de uma sócio-econômica, pois a realidade que se configura demonstra que há, obviamente, questões relacionadas a este primeiro plano: a relação dos ecoturistas com o ambiente natural, por exemplo, não precisa necessariamente estar vinculada aos programas das agências; porém existe uma nítida segmentação sócio-econômica entre os praticantes do ecoturismo ou dos esportes de aventura - seja em relação aos gastos com a viagem (junto as agências ou não), ou aos equipamentos utilizados em algumas práticas de desporto no ambiente natural. Conforme o DC de 22/5/94, o custo do equipamento básico de alpinismo, que segundo a matéria "não é muito caro", na época era 200 dólares. Mas para a realidade sócio-econômica da maioria dos brasileiros não é muito barato. Como descolar os planos psicossocial e sócio-econômico no mundo em que vivemos?

O perfil, ainda que haja a tentativa de evidenciar as diferenças, parece pressupor um tipo ideal de ecoturista. Não há ideal, muito menos nitidez em qualquer tipo de classificação. Procurar um perfil⁹⁵ onde reina a heterogeneidade é algo que pouco acrescenta à discussão.

A variedade de inserções nesse universo é imensa e está vinculada a uma série de níveis que constituem, a partir de um complexo entrelaçamento entre eles, a experiência ecoturística. Como eles manifestam-se nos participantes de tais eventos é algo aberto; gerador de uma diversidade social que torna impossível traçar um “perfil” cuja base seja um caráter “psicográfico”.

O nível psicológico (coragem, temores, capacidade de decisões rápidas, etc); o social (sociabilidade, jogo, emoções vividas em comum, atritos, confraternizações; formas de percepção da natureza); o econômico através das questões de classe; o biosocial (a “cultura física”; as formas de relacionamento com o corpo; exercícios físicos, domínio de técnicas corporais⁹⁶, dietas alimentares) e, finalmente, o ecossistêmico (grau de interação com o ambiente físico em termos de trocas energéticas). As questões simbólico-ideológicas ligadas a concepção da natureza num período de crise ecológica

⁹⁵ A idéia de perfil aparece na fala dos atores sociais envolvidos com o ecoturismo: Lúcio (estagiário do hotel) me diria que “o *perfil do ecoturista é um desastre!*”

Kiko (Trekking das Águas), quando chegamos no hotel do Costão do Santinho após a caminhada, viria me falar sobre “o *grupinho de gurias*” que “*só sabem azarar*”, pois só “*enchiam o saco*”. Ele falaria essas coisas alto, perto de alguns ecoturistas. “*Tu que queres saber o perfil... deixa eu te contar uma!*” Quando se deu conta de que haviam pessoas ouvindo, chamou-me para longe, “*nas internas*” para falar. Rimos da situação. Ainda me diria “*Tu debes achar isso muito engraçado, muito cômico. Olha o que vais escrever!*” - depois do meu acesso de risos à respeito dos seus comentários e da situação que se criou. Kiko tem um jeito um tanto largado (“*que cara escroto*”, diria um adolescente a respeito dele no Costão do Santinho), mas é um ótimo profissional, conhece bem as trilhas e domina certas técnicas de como se portar na natureza. Noutra situação um ecoturista me perguntaria com certo escárnio, aliado a desconhecimento: “*E daí Flávio qual é o perfil psicológico?* - ... silêncio... *Não estou atrás de perfil! Não é psicologia, é antropologia que estudo!* - disse eu, tímido, enquanto o grupo me olhava, apertado, dentro da Kombi -, um silêncio sem graça ficou no ar).

⁹⁶ Conforme Mauss (1974), as técnicas corporais relacionam-se com as “maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos”. p.212

Interessa a Mauss o entendimento do corpo dentro de um contexto de aprendizado, de processos educativos que implicam em certas atitudes corporais, de hábitos e “imitações prestigiosas”. Trata-se de considerar a tríplice dimensão humana: a biológica, a psicológica e a social. p. 213-15

e, por isso, ligadas à conservação e a educação ambiental também são importantíssimas. O trânsito dos praticantes entre as diversas modalidades de ecoturismo é algo que complexifica ainda mais a busca de um perfil.

Falar em impulso que move o ecoturista a viver uma experiência ecoturística não pode significar o plano psicossocial em supremacia ao sócio-econômico, mas sim, a profunda interpenetração entre ambos. Descartar o econômico na experiência ecoturística é mascarar as diferenças sociais em nome de uma pretensa mobilidade oriunda apenas do plano psicológico, o que por si só não se sustenta⁹⁷. Estamos frente a uma problemática antropológica, onde a questão central relaciona-se a utilização do ambiente natural pelos grupos urbanos em suas práticas de lazer.

Entre os entrevistados e, a partir da observação participante, não consigo perceber como seria possível identificar algo em torno de um perfil - trata-se de um universo muito amplo e o que se entende por perfil, prefiro relacionar a idéia de *estilo*⁹⁸ (envolvendo por isso diferentes estéticas) e, ainda assim, não consigo descolar da dimensão sócio-econômica⁹⁹.

⁹⁷ O recorte econômico auxilia no entendimento do tipo de relação que se estabelece com o mundo natural: as camadas médias urbanas não possuem entre si o mesmo tipo de relação com ele; da mesma forma que as camadas populares. As diferenças de visão acerca da natureza entre tais estratos sociais complexifica a problemática ainda mais. Uma ênfase no caráter mais psicológico, poderia ser concebido se fosse o caso de grupos que dirigem-se a determinados ecossistemas na busca do prazer proporcionado pelo contato com a natureza, não envolvendo intermediários, como agências de ecoturismo, ou seja, sem gasto algum. Mas ainda assim, existem diferenças em termos de informação sobre os ambientes; de certos conhecimentos a disposição dos que têm acesso a eles e que nos remete novamente as questões de classe.

⁹⁸ Para Maffesoli (1995), “o estilo pode ser compreendido como o “princípio de unidade”, o que une, em profundidade, a diversidade das coisas. O papel de vínculo que se atribui ao estilo é muito mais útil do que a fragmentação, a heterogeneização... o estilo, desse ponto de vista, liga “em pontilhado” os diversos elementos da realidade social”. p.30

O autor menciona a “maneira estética que tende a prevalecer em nossas sociedades”, relacionada a transmutação de valores que ocorre nesse final de século, entre eles destaca o tribalismo, o retorno do imaginário, a importância do lazer.

⁹⁹ No trekking realizado no dia 7/9/95 pela agência Recrearte, apenas dois ecoturistas não possuíam curso de terceiro grau, havendo entre eles: um farmacêutico, uma advogada, um engenheiro civil com mestrado, um engenheiro eletrônico com mestrado, uma professora universitária (doutora), uma administradora de empresas com curso de hotelaria e turismo em Palma de Mallorca.

Era visível a variação de idades dos participantes da caminhada, havia um menino de 14 anos e uma senhora de

O ecoturismo, como um conjunto de atividades de lazer junto ao ambiente natural implica na existência de uma série de *estilos* que, por sua vez relacionam-se

cerca de 50 anos, porém quanto a segmentação por classe a questão torna-se mais complexa: não é qualquer um que possui R\$ 35,00 para pagar por uma atividade de lazer, mais especificamente, para caminhar no meio da mata (o passeio incluía alimentação e transporte até o local, bem como o retorno até o centro da cidade). Não quero dizer que o preço do passeio seja exorbitante, mas sim, que não se trata de um tipo de lazer onde operários assalariados tenham condições financeiras de participar.

Há negociações, como no caso em que o casal (Gustavo e Suzana) faz uma brincadeira com Augusto, durante a caminhada do Saco Grande à Costa da Lagoa, dizendo: "*O Augusto leva a gente, depois nós vamos sozinhos, por que se a gente fizer todos os passeios com ele vamos à falência!*" - a resposta não tardou (rindo, com certa ironia) - "*Mas essa é a idéia, levar adiante a proposta; claro que eu preferia que vocês fizessem comigo!*" - todos acabam rindo com o inusitado da situação.

Foi possível perceber ainda, que na mesma caminhada, "durante a parada para o almoço eu e a bióloga do grupo ficamos interessadíssimos pelo tênis para caminhada do Augusto (além de belo e apropriado para a prática, parecia ser super confortável!), porém depois de todos os seus qualificativos esboçados pelo dono do cobijado calçado, o preço nos desanimou. Nem eu, nem ela compraríamos tão logo o tênis para trekking - continuaríamos com os nossos velhos e surrados tênis do dia-a-dia". Diário de campo, 7/9/95.

Há acertos entre os ecoturistas e os donos das agências, as mais comuns são as do tipo em que o ecoturista participa do passeio pagando o deslocamento e o serviço da agência, mas faz refeições por sua conta. Eu mesmo negocieei alguns preços, principalmente com Kiko, pois era com quem eu tinha mais abertura para isso.

Júlia, que possui dois filhos adolescentes (ambos participam de caminhadas com a mãe), ao mencionar a vez em que acompanhara Augusto numa caminhada pela trilha do Morro da Lagoa da Conceição, afirmou: "*Mas como não era paga! Estou cansada porque eu pago para três; então para mim, me custa na verdade fazer esse tipo de coisa, por isso que eu não repito a caminhada. Pô se é para fazer uma caminhada, então eu vou fazer uma coisa que eu não conheço, que é diferente. Mas essa aí, além de eu não conhecer, o trajeto vale a pena... é interessante; agora a Prefeitura vai colocar placas de pinho. Ai vai ficar mais fácil de fazer isso. Lá do alto chega na igreja!*"

Eduardo, da Ilhapé, atende uma clientela de classe média, "*peessoal na faixa de 10 salários mínimos para cima*", geralmente universitários; funcionários do Banco do Brasil, da Caixa Econômica Federal e Banco do Estado de Santa Catarina. Todavia, uma das informantes que costuma participar dos programas promovidos pela agência, é uma exceção, pois tem um salário bem inferior a este.

Marcos, instrutor de escalada e dono da loja de equipamentos e acessórios de montanhismo - Annapurna (divide espaço com a agência Trekking das Águas que é propriedade de Kiko), disse a respeito da clientela da agência: "*Tipo assim, tem muita gente que pratica caminhada, por exemplo, tu vais a qualquer dia na Lagoinha do Leste, Naufragados -, vais encontrar um monte de gente caminhando lá! E, aqui na agência quem procura geralmente, são pessoas que estão bem distantes desse mundo. É difícil uma pessoa que já esteja acostumada a fazer caminhadas e tal, que queira um guia para levar. De repente, até para um lugar que ele não conheça, mas o cara tem como chegar no lugar. Então, o nosso público alvo não é esse que tá caminhando! É o pessoal está bem distante disso: famílias, pessoas que, sei lá, turistas - bastante turistas -. Gente que não conhece a ilha... mais famílias mesmo; pessoal de média idade para cima, aí, as vezes, vem com filho e tal, gente mais nova*".

Por sua vez, Kiko aponta uma questão interessante; a partir de uma conversa informal ele me diria que "*só quem tem grana*" participa dos seus passeios (segundo ele atendem principalmente turistas na temporada do verão). Porém, como me colocou, também "*rolam*" passeios gratuitos promovidos pela sua agência com patrocínio do Hotel Costão do Santinho (Aventuras de Verão) que vem ocorrendo há alguns anos; acompanhei trekkings no verão de 95 e 96.

Nas caminhadas vão cerca de 50 pessoas, boa parte moradores da ilha: reina a heterogeneidade; o peculiar da situação levado a termo no esforço daqueles que caminham, no exercício da muscular e da imaginação. Ali, tão próximo do penhasco, homens e mulheres urbanos experimentam as provações da peregrinação. Entre dores e deslumbramentos, cidadãos de diferentes níveis sócio-econômicos compartilham a mesma trilha.

Jú referindo-se ao montanhismo, disse que a idéia que tinha do esporte era de uma "*aventura de gente rica, porque o equipamento é caro; tem as viagens ... a aparência que me passava, era de uma coisa muito cara e muito difícil - que era de filhinho de papai, esses boyzinhos aí, que tem tempo livre*". Porém, a partir do momento que começou a praticar percebeu que há parceria quanto ao uso dos equipamentos, pois compartilham seus materiais entre si - "*ocê vai escalar, não tem a corda, vai com outra pessoa. Ai um leva uma fita; outro leva uma corda; outro leva a sapatilha - o básico! E todo mundo... está lá na corda. Posso dar uma escaladinha? - Vai embora!*" (representa a cena). *Ai outro vai, escala e, as vezes pessoas que você nunca viu!*". São estratégias que possibilitam praticar o esporte, através da ajuda mútua, da partilha: negociações e acertos que aproximam aqueles que nem se conhecem, em função de um desejo comum, de objetivos afins que são compartilhados naquele momento.

a diferentes formas e propostas de experimentar as práticas ecoturísticas, ligado, por isso, as escolhas individuais e aos grupos sociais a que pertencem os participantes.

Assim, é possível perceber que o que move um simples caminhante não está na mesma ordem daquela do montanhista (que é um outro tipo de caminhante); ou entre alguém que salta de asa delta e outro que cavalga pelas dunas; daquele que desce as corredeiras de um rio num bote e outro que pratica uma incursão a uma caverna; muito menos entre os ecoturistas aficionados por conhecer parques nacionais brasileiros e “*ecofarofeiros*” que passam o dia na Lagoinha do Leste bebendo cachaça e jogando bola. Não se trata apenas, de diferentes operacionalidades logísticas, mas sim de formas variadas de interações sociais junto à natureza, de domínio de certas técnicas corporais, bem como do que esta variedade de interações representa em termos de percepção do mundo natural, por parte dos diferentes atores sociais. Entendo que é a partir daí, que torna-se possível compreender a utilização de determinados ecossistemas como ambiência para as práticas de lazer relacionadas ao ecoturismo. Estamos no campo da imaginação, das manifestações simbólicas relacionadas ao domínio do lúdico e das representações do mundo natural.

A complexa interação entre ecoturismo e esporte, ao vincular-se a idéia de aventura, origina algo novo, assumindo um caráter muito distinto das demais formas de experiências turísticas. O ecoturismo como uma atividade de lazer das sociedades complexas, globalizadas, é um fenômeno muito peculiar neste final de século.

“Ecologia: moda ou sobrevivência?”

Entre a moda¹⁰⁰ e a sobrevivência -, cria-se o dilema¹⁰¹. A problemática existe

¹⁰⁰ Para Lipovetsky (1989), “a moda é um fenômeno consubstancial à vida humano-social, afirmamo-la como um processo excepcional, inseparável do nascimento e do desenvolvimento do mundo moderno ocidental”. p.23 A

no intercruzamento de ambos os fenômenos: de um lado uma vulgarização, a percepção da natureza relacionada a formas de vender determinados produtos sobre o rótulo de ecológico; a mídia acrescentando ao rico imaginário social mais alguns ingredientes para compor a idéia de natureza na atualidade - de paraíso ecológico; por outro lado, a questão da sobrevivência, da necessidade urgente de barrar o processo de degradação ambiental e de gerar melhorias na qualidade de vida da população. A ecologia, para além do discurso acadêmico ou político, banalizou-se: ela percorre todos os interstícios sociais; não se trata de vê-la como a anunciadora do Apocalipse, mas sim de percebê-la na sua dinâmica de transformação, de sua influência que impregna o social a medida que ela o permeia e nele adensa-se. O slogan demonstra a dimensão da problemática ambiental na atualidade e evidencia o tom que a discussão assumiu.

Devido a importância das questões relacionadas aos problemas ambientais na atualidade, as discussões acerca da ecologia tornaram-se bastante generalizadas, a ponto da banalização da palavra ter assustado alguns ecólogos acerca do uso incorreto da mesma, pois o uso indevido do conceito cunhado por Ernst Haeckel, indicando posteriormente uma disciplina da biologia, teria assumido um caráter de moda: vulgarizada a palavra tem seu sentido original ampliado (isso quando o sentido real do termo é conhecido!), ou ainda, assume outros sentidos (cuja base não é racional, mas de fundo emocional) -, os ruídos caotizam o termo resignificando-o, gerando outra ordem. Consumida com certa avidez, termina por transformar-se em algo que a aproxima de uma visão romântica; como a apropriação da palavra ocorreu de forma a transmutar-se para um tipo de visão de natureza, é uma questão complexa e aberta.

moda como algo menor, sinônimo de superficialidade, em oposição a sobrevivência como profundidade: “a moda é sempre os outros” (Lipovetsky). Nas conversas que tive com os ecoturistas, mas principalmente, com os donos das agências, o ecoturismo quase nunca era visto como moda, procuravam sempre afastar a idéia de moda ligada ao fenômeno. Ela parece estar relacionada com algo depreciativo, efêmero, menor, sem muito valor. Sua importância educativa suplantava qualquer relação com a moda (Augusto, Roberto e Pedro) ou então, como diria Silvio “*É uma moda que veio para ficar!*” Trata-se de uma questão ambiental: necessidade, uma questão de sobrevivência e não mera futilidade passageira.

¹⁰¹ Júlia, acredita “*que a ecologia está muito na moda, hoje em dia. Moda, mas uma moda necessária!*”, pondera.

A ecologia passa a ser, inclusive, uma metáfora da natureza¹⁰², pois destituída da aura imaculada de ciência, salta os muros da universidade para perder-se nos meandros do discurso e cair na boca do cidadão urbano insatisfeito com a qualidade de vida nas cidades e, principalmente com a destruição ambiental e a preservação da natureza¹⁰³.

¹⁰² Para Roberto da Matta (1993), a investigação das “representações de natureza da sociedade brasileira é um projeto vasto, fascinante e extremamente complexo”. O autor ressalta ainda, a noção de “natureza como ecologia”. p.91-2 Para ele, a relação entre a noção de natureza e a de terra fica evidente na forma de pensar do brasileiro, no que relaciona-se a natureza: “Trata-se de uma visão da natureza como um domínio imanente, eterno, passivo e generoso - da natureza como mãe dadivosa - uma verdadeira *mátria* e não *pátria*, conforme dizia o padre Antônio Vieira (Cf. Saraiva, 1982: 112). Trata-se também de uma concepção de natureza parcialmente dominada pela idéia de terra. Terra que em português é uma categoria sociológica riquíssima e que surge no dicionário de Aurélio Buarque de Holanda com vasto conteúdo semântico, designando, entre outras coisas, planeta, mundo, parte sólida do globo e parte branda ou cultivável do solo. Terra que também pode ser localidade, pátria, torrão natal, gleba, lugar, povoação, estilo de vida, território, propriedade e espaço sagrado”. p.98

Nesta perspectiva, investigar as mudanças na noção de ecologia no contexto nacional e sua relação com o fenômeno da globalização da cultura, onde o Brasil assume um papel importantíssimo como um dos detentores da megadiversidade em termos de espécies vivas: um vasto “capital biótico” diria, em oposição ao capital econômico dos países do “primeiro mundo”; é uma problemática que possui sua pertinência. Algo que, como aponta DaMatta (1993), no “Brasil e outros países do chamado “terceiro mundo” constituem os casos privilegiados para o estudo da idéia de natureza, porque neles se chocam múltiplas orientações ideológicas”. p.95

¹⁰³ Uma idéia da transformação da palavra ecologia para uma noção de natureza; a analogia é direta: “*Eu acho a ecologia lindíssima!*” - diz uma jovem baiana para as câmeras afoitas do programa “Você Decide”, no dia 3/11/94 em frente ao Pelourinho.

Ou ainda, como é comum vermos em adesivos ou ouvirmos por aí - “eu amo a ecologia”; “proteja a ecologia”. Alguns livros usam o conceito no senso comum, por exemplo, quando se referem ao fato dos empreendimentos turísticos não terem preocupações com a ecologia.

Entre os meus informantes encontrei as seguintes visões de ecologia:

Suzana - “*eu não entendo muito dessa coisa de ecologia, o comum assim*”-, acha que “*é bom ver aquelas coisas bonitas, ver nas caminhadas; ver aqueles pássaros cantando, aquelas árvores lindíssimas. Aquilo é muito bonito; a gente respira tranqüilamente; tu tens mais energia...*”

Ana, por sua vez diria que “*ecologia, para mim, não é muito o que passam nas escolas. Ecologia, para mim é esse verde todo, essa natureza que a gente tem, esse mar, essa coisa toda bonita. É cuidar, é preservar, é manter aquilo ali para ir passando: eu gostaria que os meus filhos fossem ver isso que eu estou vendo! Fosse ver esses lugares bonitos, fossem curtir como eu estou curtindo, aproveitando. Como eu estou vendo tudo isso! Então, para mim é um pouco por esse lado aí!*”

Mara complementa, também entre a visão romântica e o pragmatismo: “*Ecologia (!?) ..., ai, ai... deixa eu ver aqui... o que eu poderia falar sobre ecologia. Bom, ecologia acho que é a relação entre o homem e a natureza; o respeito do homem com relação à natureza. Acho que o homem deveria respeitar mais a natureza -, a gente destrói ela e um dia ela destrói a gente! Ela está curtida ultimamente! (risos). O homem teria que respeitar mais ela, porque ela não tem como se defender!*”

Já, Gustavo, apresenta um quadro da modificação acerca da ecologia vinculando-a a dimensão mais política:

“*Ecologia eu acredito que é uma luta pela preservação do que a gente ainda tem hoje em dia, que é muito pouco já! E é bom que isso é uma coisa que surgiu lá na década de 60, quando eu era estudante no colégio e a gente já estudava isso aí, mas não era uma coisa assim, muito aprofundada. Não se dava muita atenção para isso; até os estudantes... os professores, que eram mais velhos, eles queriam colocar essa consciência na gente, mas naquela época eu acho que era muito difícil. Hoje em dia qualquer criança, normalmente as crianças -, pessoas que estão começando a desenvolver uma consciência, já tem uma noção bem melhor disso do que a gente naquela época... tinha informação, mas não prestava muita atenção naquilo. Agora, hoje já é uma coisa que está aí, que estourou e é uma coisa que cada vez as pessoas estão notando mais e tentando fazer algo para preservar!*”

Se a questão da ecologia nos dias de hoje tem relação com a moda, é por que apresenta vínculos com uma visão de natureza, que privilegia suas qualidades estéticas. Se a ecologia for pensada como uma metáfora da idéia de natureza nos dias de hoje, caímos num tipo de representação de natureza que percorre o universo científico e o transborda, para distribuir-se em vários nexos, significações no social. A dinâmica das representações sociais sobre a natureza no Brasil é polissêmica.

A visão romântica - entre um singelo bucolismo e a exuberância edênica, é uma construção social que persiste ao longo da Modernidade e assume no Brasil, características muito peculiares. A moda da natureza, está ligada intimamente as práticas de lazer que surgem em nosso contexto como herança de uma aristocracia interessada nas novidades européias; mas que persiste agora, matizada pelas problemáticas ambientais e influenciada pelas manifestações de grupos de ecologistas, naquelas práticas de lazer que passaram a ser denominadas de ecoturismo (nele o *homo ludens* e o *homo frivulus* estão presentes enriquecendo o fenômeno). A transnacionalização do fenômeno do ecoturismo ocorre como uma das possibilidades promissoras no *trade* turístico. Do continente europeu para os demais, o fenômeno disseminou-se espantosamente nas duas últimas décadas.

Dos estilos

Falar em *estilo* implica tocar na questão da “experiência estética”¹⁰⁴. A percepção do mundo natural no ecoturismo, relaciona-se as possíveis formas de

¹⁰⁴ A estética no ecoturismo pode ser entendida como uma preocupação como o belo, com a relação com o mundo natural mediada pela idéia de jogo, de conjuntos estilísticos implicando em: tipos de práticas, relações com a ecologia, relações com o corpo, uso de equipamentos e vestimentas, etc. Portanto, usarei estética a partir de Maffesoli (87), nos termos do que propõe como o surgimento de um “paradigma estético”: “no sentido de vivenciar ou de sentir em comum”. p.15

interação, que os praticantes de determinadas atividades de lazer junto a natureza estão empenhados.

Os *estilos* evidenciam a heterogeneidade dos participantes; a relação com o esporte¹⁰⁵ é fundamental para que possamos entender o tipo de fenômeno que está se configurando: o ecoturismo mescla lazer (turismo e jogo) com questões ambientais atualizando a paixão moderna pela natureza.

O crescente interesse dos cidadãos urbanos pelo contato com as paisagens naturais como forma de lazer, parece estar associado a grande importância das temáticas ecológicas nos dias de hoje, mas possui implicações mais profundas, referindo-se àquelas relações entre o Ocidente e o que se entende por mundo natural, cujas raízes estão presentes no século XVIII, mas que reaparecem no período contemporâneo com força significativa.

O ecoturismo ressignifica as experiências relacionadas a determinados viajantes do passado. Há um caráter cíclico nele, como um tipo de ressurgência, traz à tona determinadas questões que estão presentes no passado recente da Modernidade. Por um lado, redefine e atualiza a experiência da aventura¹⁰⁶ e a coloca no plano do vivido, tende a banaliza-la, mas não a desmerecê-la, pelo contrário, coloca-a como uma das questões centrais da viagem. Noutro sentido, ressalta novamente determinadas qualidades atribuídas a natureza desde o século XVIII: o singelo meio rural, o selvagem de paisagens inóspitas, cenas bucólicas em recônditos vilarejos perdidos numa floresta sul-americana ou asiática - rusticidades e sutilezas culturais ao alcance da máquina

¹⁰⁵ Norbert Elias (1992), situa o esporte dentro de sua teoria do Processo de Civilização, na qual, “espera-se que a formação do Estado e a formação da consciência, o nível de violência física socialmente permitido e o limiar de repugnância contra o seu uso ou respectivo testemunho assumam formas específicas em diferentes estádios no desenvolvimento das sociedades”. p.196

¹⁰⁶ Para Theiller (1992), a aventura é atualizada nas experiências com a natureza. p.381

fotográfica. O exotismo imprimindo um certo ar romântico ao cenário envolto pelo perigo da destruição: muitos dos ecossistemas procurados pelos ecoturistas estão no Terceiro Mundo, onde a biodiversidade e diversidade cultural são os grandes atrativos, mas são devastados numa velocidade impressionante. A diversidade cultural e biótica são erodidas, perdendo-se até que sumam dos espaços onde ocorriam originalmente.

Este tipo de turismo surge como um fenômeno social repleto de peculiaridades, a partir deste prisma, é possível perceber que as agências especializadas em expedições ao meio natural, oferecem pacotes turísticos para os diferentes ecossistemas ao redor do mundo¹⁰⁷, no caso brasileiro destacam-se os ambientes mais representativos: mata atlântica, floresta amazônica, pantanal mato-grossense e o cerrado. Para tanto, uma série de facilidades são oferecidas nos pacotes ecoturísticos: guias especializados que fornecem informações a respeito dos ambientes, trilhas monitoradas em lugares cuja paisagem é atraente, alimentação típica da localidade, hotéis (e se for o caso, hospedagem junto às comunidades locais), além do deslocamento (ônibus, navio ou avião).

O ecoturismo enquanto atividade de lazer e interação com a natureza surge como uma prática bastante diversificada, no sentido que pode ser vivido de diversas maneiras (trekking, rafting, montanhismo, excursões espeleológicas, passeios de barco, etc), tendo como elemento propulsor a aventura¹⁰⁸ (e o jogo); a superação dos limites¹⁰⁹ (ou

¹⁰⁷ As agências promovem pacotes turísticos para ecossistemas como: caminhadas nas Montanhas Rochosas, cruzeiros na Patagônia ou no Alasca, os parques nacionais africanos, caminhadas no Himalaia, observação de baleias no Caribe ou bird watching no Pantanal matogrossense, assim por diante.

¹⁰⁸ Le Breton (1992) em seu artigo fala numa “nova aventura” onde a vertigem é o fio condutor da experiência. Caillois (1967) refere-se aos jogos que classifica como *Ilinx* onde os jogadores procuram a vertigem que, por sua vez tenta destruir a estabilidade da percepção e infligir à consciência lúcida uma espécie de pânico voluptuoso. Relaciona-se a um tipo de “espasmo”, de transe ou aturdimento que aniquila a realidade com uma soberania brusca. p. 68

O ecoturismo através de suas inúmeras atividades está relacionado a experiências desse nível, pois parece detonar nos praticantes determinados sentimentos extremos.

Mara afirmou acerca do perigo nas caminhadas:

a tomada de consciência deles); a conquista; a busca de belezas cênicas naturais e o contato com culturas diferentes.

Freqüentemente, o ecoturismo aparece associado ao esporte¹¹⁰, a um bom preparo físico, à vitória numa atividade onde estão em jogo os limites físicos¹¹¹ frente a natureza (trekkings de longas distâncias, canyoning, biketur, montanhismo, mergulho, rafting, etc)¹¹², todavia a questão não se esgota aí, pelo contrário, há diversas formas de práticas ecoturísticas onde os atores sociais procuram divertimento, aventura e o deleite estético não em função de um preparo físico exemplar, mas de uma tentativa de evasão do espaço urbano que representa uma retomada do contato com o ambiente natural nas atividades com baixo “grau de dificuldade”: passeios de escuna, caminhadas leves, escalar pequenas rochas de alguma praia, realizar passeios curtos de bike, etc.)

Os grupos que realizam atividades em meio a natureza, na Ilha de Santa Catarina, podem ser mais ou menos preparados fisicamente, para as práticas de ecoturismo. Não se trata aqui, de atletas empenhados numa competição¹¹³, mas sim de ecoturistas que

“Isso é que torna mais emocionante!”

Emocionante! Tu achas? (EU)

“Faz parte, faz parte da aventura! Porque se não tiver alguma coisa com relação a perigo, não se torna tão emocionante! Porque ali, você, acho que a adrenalina sobe, não sei, não sei dizer o que acontece. Você fica mais empolgado!”

Para Janaína, o que lhe move, primeiramente, é conhecer os lugares, *“mas também o interessante é a adrenalina; ahh, o espírito da coisa, correr um pouco de perigo!”*

¹⁰⁹ O gosto pelas situações problemáticas; pela experiências ambíguas que aponta Griffet (1992).

¹¹⁰ Pociello (1992) menciona a “esportização das atividades turísticas”. p. 369.

¹¹¹ O “gosto pelo risco” e o “culto pela performance” a que se refere Porciello. p.367

¹¹² Durante a excursão à Caverna de Botuverá, realizada junto com o Trekking das Águas em 20/01/95, pude perceber o quanto a caminhada tem algo de você ir até os seus limites, até onde o organismo permite - aqui diferentemente dos desportistas que enfrentam a natureza tentando superá-la -, trata-se de uma questão psicossomática: a concepção de natureza de cada um, o temor da escuridão, a relação com o medo da morte, bem como as limitações orgânicas (idade, excesso de peso, fraqueza, etc) são determinantes na caminhada. Houveram problemas no percurso, desistências e sofrimentos.

¹¹³ Não significa que os ecoturistas sejam totalmente sedentários no espaço urbano, ainda que duas pessoas tenham dito que não praticam nenhum exercício físico (*“eu pratico o meu trabalho!”*, me diria uma delas); algumas delas iniciam atividades sem muita persistência. Entre os entrevistados pude perceber uma grande variedade de

podem ser de dois tipos: moradores, “os de fora” (ver Rial, 1988) ou nativos e visitantes em férias. As práticas podem possibilitar a ampliação da rede social aliada ao exercício físico e o contato com a natureza. Entre os grupos, existem várias pessoas que estão descobrindo certas práticas de lazer junto à natureza que podem ser agrupadas sob a denominação de ecoturismo. As atividades despertam uma série de emoções que são vividas em grupo mediante um contato direto com a natureza, tratando-se assim, de uma experiência ecoturística. Desta forma, os participantes praticam o trekking, o rafting¹¹⁴ e excursões espeleológicas¹¹⁵. O trekking é a prática mais freqüente entre os ecoturistas, sendo as últimas mais ocasionais. Os passeios de escuna também são muito populares, mas trata-se de um turismo de massas onde existe uma variedade imensa de turistas, de *estilos*.

atividades corporais, seja em termos de exercício físico para o bem-estar do organismo ou como uma prática mais sistemática de esportes, em termos competitivos. Entre as atividades apareceram: ciclismo (e as reclamações acerca do trânsito da cidade!), hidroginástica, ginástica aeróbica; natação; caminhadas (pela Beira-Mar Norte ou em outros locais), handebol e enduro (trilhas com motocicleta). Entre os aficionados em esportes temos as **Radicais Barbies**, além delas, Mara é uma das pessoas que mais têm prática em atividades esportivas: “*Antes de vir embora eu jogava vôlei - joguei cinco anos! Jogava handebol; jogava basquete; jogava tênis de mesa (rindo); jogava futebol de salão (gargalhando)... deixa eu ver? Que mais... ííí, tinha mais coisas! Quando eu era pequena eu praticava atletismo, é, salto em altura; salto em extensão; lançamento de dardo; arremesso de peso (risos). (Nossa! - exclamei eu.). Mas eu tive que parar! Tenho um cisto no pulso, apareceu! Mas, ultimamente pratico ginástica, faço yôga*”.

Numa das caminhadas que realizei havia um instrutor de pólo aquático de um clube de Blumenau. Noutra, uma das participantes teve problemas no retorno, porque havia sido goleira de jogos de handebol e, segundo ela, “*uma vez estourei o joelho jogando*”. Na caminhada com o pessoal do hotel Caldas da Imperatriz, um dos hóspedes nada e joga tênis todas as manhãs antes de ir para o consultório (ele é médico).

Jú faria críticas a idéia de lugares pré-determinados para determinadas atividades e, no que se refere as questões de condicionamento físico nas academias de ginástica diria: “*Isso até faz com que eu não freqüente academias, quer dizer, eu até freqüento academias em determinados momentos porque eu preciso adquirir um certo condicionamento físico, porque eu não posso escalar toda a semana; porque eu também trabalho! E, na academia é uma coisinha mais rápida! Então se eu potencializar um pouco isso eu tenho maior eficiência, mais prazer na escalada..., eu freqüento academias, mas não como isso que é usual, como as pessoas - “eu vou fazer o meu esporte, praticar a minha ginástica” - , indo numa academia. Aquele é o lugar onde você tem o seu corpo tratado. Tu acabas não tratando o teu corpo! Caminhar; descer escadarias do prédio não é tratar o corpo; muitas pessoas não andam uma quadra - o ponto de ônibus tem que estar na frente da sua casa!*”

¹¹⁴ Suzana me disse, que ela e Gustavo, com relação ao rafting: “*... a gente gosta, se tiver coragem de fazer! Não sei (risos), mas vontade se tem! Tem que ver no momento..., de repente, tu vê todo mundo fazendo: tu vais também e faz! Ai, eu acho que é na hora assim, sempre tive vontade de descer de barco; como é o nome do... rafting (pronuncia insegura; digo o nome também)? É isso aí!*”

¹¹⁵ Ana, em nossa conversa no Bar da Alfândega, mostrou-se bastante interessada pelas excursões espeleológicas: “*... pegaram essa de descer... entrar nos tú..., são cavernas né? As cavernas! Também quero fazer - são 600 metros dentro de uma rocha, de uma caverna! Uma caverna assim, pôxa, é... tu fazer - você entra lá, não enxerga nada! Só a iluminação que eles levam junto, outra que eu quero fazer no inverno - uma subida ao Cambirela. Quero fazer também; que é outro visual! (Qué amendoim torrado moço? Não, obrigado!)... É outro visual (prossigue ela), é outro tipo de atividade, então é interessante!*”

Na Ilha de Santa Catarina, podemos encontrar algumas modalidades de práticas ecoturísticas e de esportes de aventura, entre eles destacam-se:

a. Trekkings, ou seja, caminhadas em pequenos grupos por trilhas ao longo da ilha. Para tanto, utiliza-se uma série de trilhas, algumas muito antigas, como é o caso da trilha da Costa da Lagoa, tombada como Área de Preservação Permanente;

b. Escaladas ou montanhismo¹¹⁶;

c. Passeios de escuna em torno da ilha e de baleeiras pela Lagoa da Conceição¹¹⁷;

d. Excursões espeleológicas. Neste caso, as atividades são realizadas fora dos limites da ilha, pois as visitas à caverna de Botuverá¹¹⁸, ocorrem na cidade de mesmo nome, mas são promovidas por agências sediadas em Florianópolis;

e. O rafting é praticado no rio Itajaí-açú no município de Apiúna. As agências da capital formam grupos que são conduzidos até a cidade -, lá realiza-se um trekking

¹¹⁶ Ouvei os termos escalada e montanhismo indistintamente por parte dos praticantes; também ouviria as denominações alpinismo para designar a prática de subir em montanhas. O termo alpinismo é uma alusão aos Alpes, enquanto o termo andinismo é aos Andes.

As práticas mais comuns são as escaladas livres, sem a utilização de equipamentos para a ascensão; a escalada técnica que envolve o uso de determinados materiais (cordamento, grampos, cintos, etc); o bolder que está relacionado as escaladas em rochas pequenas geralmente próximos a praia - o Costão do Santinho e o Matadeiro são lugares utilizados para essas práticas e as escalaminhadas que seriam uma mistura entre caminhadas e escaladas - o exemplo seria a volta à ilha a pé, pois em alguns trechos é necessário a realização de escaladas, de acordo com as **Radicais Barbies**.

¹¹⁷ De acordo com Schmeil, em 1994 haviam 30 escunas cadastradas, que por sua vez, realizam passeios durante o ano inteiro, principalmente no verão. A Scuna Sul, é uma das empresas que promovem várias modalidades de passeios: Ilhas Tropicais; Ilha da Fantasia; Cruzeiro do Sul; Ilha do Campeche e Lagoa da Conceição. Para tanto, possui nove escunas. O Trekking das Águas junto com a Scuna Vento Sul promovia o Mystery Tour que é um passeio de escuna com pernoite na ilha do Campeche (neste passeio os participantes ganhavam um cristal de quartzo e um tarólogo acompanhava o grupo) e o "Volta a ilha de Santa Catarina". A prefeitura no verão de 96 promoveu passeios de baleeiras pela Lagoa da Conceição.

¹¹⁸ A caverna, de origem calcárea, está situada a 17 quilômetros do centro do município, tendo sido encontrada em 1944. Seu Abílio, um dos seus descobridores e na época que a conheci (1994), o único guia credenciado a conduzir os grupos pelos cerca de 580 metros de profundidade é um exímio conhecedor do lugar. A caverna atualmente está interdita à visitação devido a alegação de que ela estava sofrendo impactos ambientais. A questão envolve manejo correto, orientações aos guias e fiscalização.

pela Ilha das Cotias em Ibirama. Há um almoço que é incluído no pagamento¹¹⁹ e o acompanhamento de guias. Trata-se de trabalho em parceria entre agências da ilha (Trekking das Águas e Ilhapé) com a Igaruana Rafting, de Apiúna.

f. Os saltos de paraplanagem e de asa delta são realizados na ilha, junto aos morros existentes nas proximidades da Lagoa da Conceição, Praia do Santinho, Praia Brava e Rio Vermelho. Entre os esportes praticados em meio a natureza é preciso destacar ainda o mergulho, o surf; o windsurf; a canoagem e o mountain-bike.

Do Grupo

Há uma não linearidade nos possíveis trajetos que recortam a paisagem, assim como há uma não linearidade nas possíveis formas de experienciar o ecoturismo; certos impulsos que lançam os sujeitos num tipo de experiência que é da ordem do duplo, da manifestação de determinadas emoções ligadas a paisagem e ao deslocamento que os grupos realizam até o local desejado. Analogias com as peregrinações religiosas, com o sagrado são possíveis.

MacCannell (ver Urry, 1990), afirma que o turista é um peregrino contemporâneo em busca do sagrado, das experiências autênticas junto a outros tempos e lugares. Há uma fascinação pela “vida real”. Porém, diferente do peregrino, que prestaria homenagens a “centros sagrados”; o turista homenagearia os “centros turísticos”. No entanto, se pensarmos no ecoturista, a questão toma outro rumo, pois esses prestam homenagens aos “santuários naturais” (ou ecológicos): misto de ambiência sagrada e de local turístico.

¹¹⁹ A hora do almoço é o momento onde o grupo já está relativamente entrosado, trata-se de confraternização em torno do alimento, mas onde piadas e brincadeiras vêm à tona e permitem uma maior flexibilidade nas interações, de uma comunhão pelo riso. Junto a mesa, o bobo ri de suas mágoas e diverte os que o assistem, o espetáculo onde o cotidiano emerge como deboche, em toda a sua hilariedade. O valor do rafting em junho de 96 era de R\$ 55,00.

A caminhada tem suas provações: é necessário suportar a dor para alcançar o lugar sagrado. “*Ai, que dor nas pernas!*”, gritou a adolescente durante a trilha no costão; da mesma forma que Fernandes (1988) menciona a dor nas pernas que sentiu durante a peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora de Czestochowa, na Polônia. Claro, que é preciso levar em consideração as diferenças entre ambos os casos: no primeiro cerca de 3 horas caminhando e no outro 20 dias, mas a questão não é tanto o tempo, senão a forma que as pessoas se entregam a práticas que misturam êxtase e dor; toda a louvação parece ter como contraponto uma dimensão de dor.

Os ecoturistas, entendidos aqui, como aqueles que percorrem ambiências na busca determinados lugares, atraídos que são, pela beleza que os cenários naturais ofertam aos que a eles se dirigem (e que atraem aqueles que os descobrem a partir dos relatos e das fotografias oriundas da experiência do outro). O irresistível apelo estético que a natureza exerce sobre alguns cidadãos instiga-nos a refletir sobre tal fenômeno e a percebê-lo numa perspectiva que contemple suas raízes históricas, na tentativa de entendê-lo no cotidiano, nessa dinâmica que faz dele um fenômeno contemporâneo, por estar relacionado a sentimentos ligados à natureza que percorrem diferentes momentos da Modernidade.

Mas nem todas as pessoas optam pelo contato com os ambientes mais afastados do espaço urbano, trata-se de uma região outra - apreciá-la *in loco*, pode significar adentrar não só no seu esplendor, mas nos seus perigos e mistérios¹²⁰ -, nas suas provações.

A mobilidade como tônica, uma dinâmica que imprime a necessidade do deslocamento em meio ao mundo natural: há uma certa deriva, algo de errância que

¹²⁰ “... a ameaça que os lugares incertos comportam pelo lugar que ocupam”. (Griffet, p. 361)

imprime pegadas nas trilhas, mas que é fruto do distanciamento do meio urbano. Experiências nas quais os sujeitos permitem a si próprios, viverem algo que é da ordem do extraordinário: evadir-se, percorrer caminhos e experimentar na sua diversidade sentimentos comuns e incomuns. São tentativas de experienciar em grupo as várias possibilidades de relações com o mundo natural.

Apostar numa prática de lazer junto à natureza requer, em alguns momentos, certo preparo físico, ainda mais se for o caso de um esporte de aventura. Mesmo, que por vezes, exista certa flexibilidade que possibilita viver a experiência ecoturística apesar do esforço e desgaste físicos. Há, ocasionalmente, a necessidade de equipamentos adequados, tais como: vestimentas, sapatilhas, cordas, grampos, etc.

Algumas atividades ecoturísticas têm uma forte relação com o risco, exigindo um espírito de aventura. Há, nesses casos, a necessidade do domínio de técnicas e uma predisposição psicológica para vivenciar com o grupo momentos que podem resultar em impactos sobre a deriva dos sujeitos, em função dos perigos que são inerentes ao deslocamento. Mas, o ecoturista sabe que, no fundo, nem tudo são maravilhas no contato com a natureza, o estar lá envolve uma abertura ao prazer que é inerente ao ato de ir, ainda que pese o fato, de nem tudo ser flores e deleite na experiência.

As práticas ecoturísticas têm sua origem, em parte, a partir do momento que determinados impulsos e desejos de conhecer, de descobrir ambientes diferentes ou inóspitos imprimem sobre os grupos uma espécie de busca (e aí a errância¹²¹) por situações que podem conter um grau de imprevisibilidade. A possibilidade de vivenciar aquelas experiências profundas que originam-se das práticas que envolvam fortes

¹²¹ Ao que Perlongher se refere como “certa distribuição dos corpos, das matérias sociais no espaço”. Ver Territórios Marginais (1991); Trottoir: A territorialidade itinerante (1986).

emoções, sejam elas de alegria ou de temor. Parece ser a tensão entre tais sentimentos extremos, um dos aspectos significativos nas práticas de ecoturismo. Os paradoxos (lazer/trabalho; turista/não-turista; aventura/tédio; natureza/cultura) atravessam o ecoturismo e o constituem como fenômeno um típico do final do século XX.

Do cenário

Como, por exemplo, as montanhas deixaram de ser relacionadas a deformações da natureza, representando as suas partes pudendas e vergonhosas¹²²; para transformarem-se em objeto de admiração? O que aconteceu para que as representações acerca do mundo natural deixassem de ser relacionadas ao esteticamente feio, passando a ser relacionada ao belo, ao espetacular?¹²³

A natureza deixa de ser o reservatório de monstros e deformidades que fora para o imaginário pré-moderno, para a partir da Modernidade, transformar-se no receptáculo de sonhos de lazer, de utopias ligadas ao ideal de vida campestre ou de exuberância paradisíaca. A questão do lazer¹²⁴, desta forma, se impõe.

¹²² Conforme Corbin (1989); Dubos (1981).

¹²³ Na Europa, a transformação do medo em admiração ao ambiente selvagem ganhou força no séc. XVIII. Esta transformação... foi consequência de um novo ambiente social e cultural. O medo do ambiente selvagem começou a declinar provavelmente tão logo estradas seguras trouxeram a certeza de que lugares confortáveis poderiam ser alcançados em caso de necessidade". (Dubos, p.26)

¹²⁴ Não há um consenso entre os teóricos da sociologia do lazer, acerca da definição do termo. O fenômeno do lazer, segundo Marcellino (1983) está relacionado a idéia de **Revolução Cultural do Lazer**, onde "são reivindicadas novas formas de relacionamento social mais espontâneas, a afirmação da individualidade e a contemplação da Natureza. Observam-se mudanças nas relações afetivas, nas considerações sobre o próprio corpo, no contato com o belo, em síntese, na busca do prazer". p. 15

Parker (1978), vê o lazer entre os gregos como uma "concepção mais ampla da natureza de um homem livre. Os gregos viam a capacidade de usar o lazer adequadamente como a base de toda a vida do homem livre". p.27

Autores como Marcellino (1983) e Barreto (1995) estabelecem distinções entre *otium* o (ócio) dos gregos e o lazer contemporâneo, pois o primeiro associa-se a "uma atividade exercida pela classe dominante, os cidadãos", pois esta atividade estava relacionada ao controle da sociedade.

Marcellino, apesar de usar o termo lazer para os gregos, afirma que a diferença entre o lazer desses e o lazer contemporâneo, está no fato de que "não se trata, pois, do lazer ideal dos gregos, finalidade única da existência da classe privilegiada apoiada na exploração da maioria, numa sociedade escravocrata. Ao contrário, a Revolução Cultural é alimentada por valores - o lazer -, fruto da sociedade urbano-industrial e que, dialeticamente, incide sobre

Vários teóricos apontam o descaso das ciências humanas acerca do fenômeno do lazer¹²⁵, porém trata-se de uma problemática de extrema importância no que se refere as práticas sociais ligadas ao tempo livre¹²⁶.

O intenso processo de industrialização que o continente europeu conheceu e, posteriormente, vários países ao redor do mundo, permitiu que a dicotomia entre campo e cidade fizesse com que as classes abastadas imbuídas de um romantismo transformassem o selvagem em algo idílico. O destino daqueles que cansados da vida citadina, lançam-se apaixonadamente ao encontro das paisagens onde pastores e ovelhas compõem um quadro que é o real na medida que é uma construção social. De acordo com Urry¹²⁷, a natureza passaria a ser “hegemonizada” por uma definição de mundo externo, como cenário, paisagem, sensação de percepção.

No dia 7/9/95, numa caminhada entre o Saco Grande e a Costa da Lagoa, “...a paisagem descortinou-se para os caminhantes, a Lagoa da Conceição com suas águas

ela, como elemento gerador de novos valores que entram em conflito com os tradicionais”. p. 16

Dumazidier (1974) afirma que “A ociosidade nega o trabalho, o lazer o supõe”. p.26

A afirmação de Dumazidier é corroborada por Carvalho (1986), pois segundo este autor, “o lazer nunca é inteiramente gratuito”. p. 11

¹²⁵ Urry (1990), inicia seu livro afirmando que discutirá acerca de coisas consideradas fúteis; Elias (1992) que ao se debruçar sobre questões do desporto afirma “que ele parece ter sido ignorado como um objecto de reflexão sociológica e de investigação”, acirrando a dicotomia entre lazer e trabalho (p.17); Dumazidier (1973) afirma que o lazer na cultura contemporânea “já não pode ser considerado como um problema menor” (p.20); no Brasil, Carvalho (1993) numa entrevista à revista *Veja*, coloca que em nosso país “o lazer era um tema completamente inóspito e visto com bastante rejeição. A sociologia brasileira, que sempre foi meio à esquerda, achava que apenas quando a economia está suficientemente desenvolvida (liberando horas para o trabalhador) é que surge essa questão. Mas o problema do lazer já estava colocado aqui e não cabia mais discutir se era oportuno ou não” (p. 8); Marcellino (1983), por sua vez afirma que o lazer, o ócio; no Brasil, eram referências de “coisa de vagabundo”. Menciona ainda, as críticas ao lazer oriundas dos marxistas. p.22-3.

¹²⁶ Como coloca Elias (1992), “todo o lazer é tempo livre, mas nem todo tempo livre é lazer”. (p.146) Os que possuem tempo livre podem utilizá-lo para realizar cursos, atividades acadêmicas, etc.

Parker (1978) afirma “que o lazer é algo mais do que mero tempo livre” e que isso já era sabido entre os gregos (especialmente Aristóteles e Platão). p.26

Este autor, na página 12 de seu livro, refere-se a idéia de tempo livre como “enganosamente simplista” e cita Berger que afirma que “se a sociologia nos ensinou alguma coisa, foi que tempo algum é livre de coações normativas; o que é trabalho para alguns é lazer para outros”.

¹²⁷ Urry (1992), p.3.

turvas, revelava a riqueza do cenário. Parte do grupo, subiu numa rocha para observar melhor o panorama que abria-se a nossa frente; uma imensidão. Augusto, estendera a mão auxiliando aqueles que desejavam subir. Sobre a rocha, os elogios ditos em meio a admiração, não impediam os olhares distantes que vagavam na paisagem. Passado o êxtase primeiro, da contemplação, as máquinas foram postas em funcionamento. Eram de vários tipos, sofisticadas ou não. O que importava ali era registrar o momento que estava sendo vivido”. (Diário de Campo)

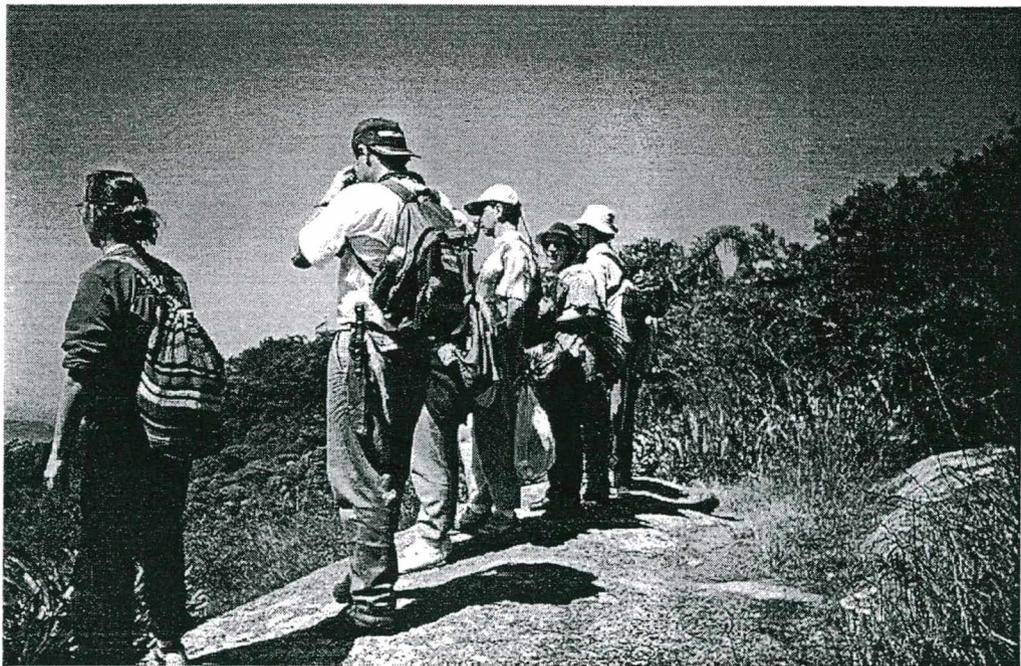
As formas de interação com o ambiente natural sejam elas midiaticizadas (ou virtualizadas), permitem que os cidadãos urbanos possam conhecer determinados ambientes sem necessariamente terem que se dirigir até ele; porém a experiência ecoturística só pode ser vivida em sua intensidade se houver o deslocamento para as paisagens atraentes. As viagens virtuais, através de revistas, da televisão e do cinema, podem facilitar o impulso para a viagem, pois há uma necessidade de conhecer a paisagem como ela é ao vivo¹²⁸.

Para Krippendorf (1986), a paisagem é a “matéria-prima” do turismo. Mas, como mostra Barreto (1991), não é correto falarmos em indústria turística, porque o turismo está para além disso. O turismo, segundo a autora, apenas se utiliza dos três setores econômicos para colocar as pessoas em movimento, pois a complexidade surge na medida que na interação entre turista e núcleo receptor aparecem questões de caráter “econômico, sociológico e até político”, mas eu acrescentaria ainda, o ecológico. A metáfora da matéria-prima me parece inadequada, além de conservar certo ar mecanicista.

¹²⁸ “...eu assinei esta revista (Os caminhos da Terra), é bem interessante-, ela mostra uns lugares no mundo assim, bá, lugares assim que eu já vou escolhendo. Cada revista eu marco um, esse aqui é um dos que eu quero ir (mostra a fotografia de um imenso rochedo), um dos que eu quero ir!” (Susi)
Mara me diria a respeito da mesma revista “tem cada foto assim que aí (suspira e depois ri). Eu fico assim eufórica! Ái, que vontade de estar nesse lugar! (risos) Principalmente no exterior; tem cada lugar!”



Uma visão melhor da paisagem requer certo esforço. Algumas pessoas do grupo não quiseram subir na rocha.



Um mirante natural que permite uma visão diferenciada da Lagoa da Conceição.

De acordo com Urry¹²⁹ o turista buscaria o que está fora do ordinário em suas viagens, ou seja, um distanciamento do seu local de moradia e de trabalho, pois as práticas turísticas estão sempre em oposição as não turísticas. Segundo este autor, o olhar do turista é socialmente organizado e sistematizado, alterando-se conforme os diferentes períodos históricos e em diferentes grupos sociais¹³⁰. Haveria uma insaciabilidade no olhar fotográfico.

A questão do olhar é fundamental para a experiência ecoturística, pelo fato de que, se o olhar pressupõe um sistema de atividades sociais, o olhar deste ecoturista relaciona-se com determinados referenciais que ele traz consigo antes de realizar a sua viagem: a sua concepção de natureza (seus temores e preferências acerca da mesma). Todas as imagens que de alguma maneira seu olhar seleciona, cataloga e que alimentam a sua cartografia mental - podem, pelo menos em parte, ser registradas pela máquina fotográfica. A “insaciabilidade do olhar fotográfico” ensinaria novas formas de olhar o mundo, sendo importante para ver e recordar.

O ecoturista, desta forma, troca a arma do caçador pela máquina fotográfica, filmadora ou binóculo¹³¹, abandona o conforto dos hotéis por acomodações modestas junto à comunidade receptora, prefere as agruras das caminhadas ou o balanço de barcos à comodidade de carros ou lanchas, ou seja, prefere passar alguns desconfortos para ter compensações no plano estético e subjetivo, envolvendo-se com o “selvagem” da paisagem e o exótico da vida das comunidades que visita.

¹²⁹ URRY, J. *The Tourist Gaze - leisure and travel in contemporary societies*, 1990.

¹³⁰ Ver a importância da fotografia na modernidade a partir de Corbin (1991) in *História da Vida Privada*.

¹³¹ Pereira (1990) refere-se ao ecoturismo como “um safári moderno”, no qual “o equipamento não incluirá rifles nem arpões para pesca-submarina, entretanto poderá estar repleto de câmeras fotográficas, teleobjetivas, filmadoras de vídeo, além de uma enorme munição de filmes e baterias”. p.20

“Dispararam-se os obturadores das máquinas fotográficas enquanto nos aproximamos, mas é o único rumor que se ouve”. O Prazer de Viajar, p.23.

A imagem como “um fenômeno do ser”¹³²; a dimensão subjetiva da imagem, de como ela é experienciada por quem a percebe. Se as imagens existem, é porque estamos imersos nelas, constituídos e ligados subjetivamente a elas. Boas ou más, as imagens no seu fluxo percorrem a existência humana na sua dimensão biosocial. Elas estão entre o plano físico e o simbólico, se estabelecendo “numa cooperação do real com o irreal, pelo concurso da função do real e da função do irreal”¹³³.

As fotografias realizadas em lugares distantes, de difícil acesso; são de extrema importância para quem experiencia a atividade ecoturística. Aqui, diferente do turista que vai aos pontos turísticos tradicionais e fotografa determinado cenário, o ecoturista registra cenários pouco conhecidos, selváticos e rústicos. O status advindo da viagem, pelo menos em termos de registro fotográfico do lugar¹³⁴, é de outra esfera de interação; de outra experiência estética.

Júlia, referindo-se as fotografias que tirou durante uma caminhada que realizara ao morro da Lagoa da Conceição onde “*you have a very beautiful view here [da avenida] and there is another one even better [da trilha], that no one ever sees, that is another fact that calls attention - you are seeing something that few see (risos). Because you see only, all the world passes, there is a lot of tourist; what the people were seeing, you take a photo and say “oh, if you want you can go there into the woods!”*”. *Tem que fazer o que eu fiz (risos), porque senão você não tira uma foto dessas. Então tem um certo orgulho dela! As fotos ali do álbum são coisas que não é qualquer um que se permite. Então,*

¹³² Conforme Bachelard (1988), p.157.

¹³³ idem a nota 132, p. 147.

¹³⁴ Conforme Urry (1990), a fotografia pode ser vista por diversos ângulos: 1. como apropriação do objeto fotografado e aí, um relação de poder acerca do objeto visitado (ter conhecimento de um objeto é ter poder); 2. como transcrição da realidade, fornecendo certas evidências de que se esteve lá, de que algo aconteceu; 3. a partir da tendências estetizante da foto, para embelezar objetos, aquelas imagens idealizadas; 4. como miniaturização do real; 5. evidenciando uma semiótica do amator: câmera no pescoço indica turista; 6. a fotografia fazendo parte do processo de pós-modernização, seu caráter promíscuo desmascarando a alta cultura do passado; 7. o turista inserido num círculo hermenêutico, buscando as imagens que tivera a partir da televisão.

demonstra isso aí, porque a paisagem - as fotos que eu tirei dali são fantásticas! A de Naufragados, eu acho que é uma coisa mais fácil de fazer, mas com um visual também maravilhoso! Porque eu acho tudo maravilhoso (risos). A Costa da Lagoa, a paisagem também, aquele dia quando a gente estava descendo, vendo a lagoa, nossa! Aquilo é... como é que o cara vai ver só subindo naquele morro mesmo!”.

Os turistas, geralmente, vão até o mirante da Lagoa onde acotovelam-se, maravilhados pelas imagens dela; alguns ecoturistas, por sua vez desdenham tal intuito banal e corriqueiro. As imagens que emergem da caminhada são distintas porque distantes; para obtê-las ao alcance da máquina fotográfica é necessário um esforço físico que nem todos estão dispostos a enfrentar e de relações com a natureza que implicam na valorização das paisagens como raridade, como uma relíquia.

Se seguirmos o caminho apontado por Júlia -, seu amaravilhamento acerca das paisagens ilhêas, poderemos encontrar na riqueza do seu relato, uma ótima oportunidade para entendermos a importância da imagem entre os ecoturistas entrevistados. Tal perspectiva pode fornecer elementos para entendermos as transformações no *ethos* das camadas médias urbanas no que se refere a relação com o mundo natural.

A exaltação da natureza ilhêa é uma constante entre os ecoturistas que conversei, onde a procura de novas paisagens é motivo de empenho por parte dos participantes, pois para chegarem a tais lugares precisam realizar longas caminhadas, demandando esforço físico e grande interesse em conhecê-los (“*não é qualquer um que se permite!*”).

Para Ana, a Lagoinha do Leste (considerada para alguns uma árdua caminhada) é uma das praias que mais gostou, pois segundo ela trata-se “*de uma praia muito bonita, muito afastada, mas ela é muito linda! Muito bonito mesmo! Eu tenho fotos*

que eu olho e tenho vontade de voltar lá correndo!”.

O belo parece ser sinônimo de afastado (até porque os ecossistemas preservados escasseiam), mas há algo que impele os caminhantes a querer encontrá-lo em ambientes recônditos. Não importa tanto a distância, pois é preciso capturar a imagem, vivê-la na sua intensidade.

Como aconteceu com Lia e Carlos quando foram à Chapada dos Veadeiros e decidiram conhecer a Gruta do Carimbo. *“A gente andou muito”* me disse Lia, mas quando chegaram à gruta, para a sua surpresa, *“tinha um lago muito bonito, um pequeno lago, gostoso, uma água clarinha, limpinha - a gente não resiste; eu caí na água de roupa e tudo. Esse é o tal negócio, tu não estás preparado. Eu não tinha levado biquíni, nada! Caí, não resisti, entende, caí com roupa, com tudo que eu estava, porque não dava para deixar aquilo ali!”*

O irresistível da imagem, deixar-se levar por seus encantos. Maravilhar-se no delírio que ela permite. É preciso estar em trânsito para alcançar as delícias da imagem. Só assim é possível acompanhar seu fluxo, suas transformações. A mística da paisagem naquilo que ela tem de força em seu apelo visual; captar as sutilezas das imagens e as sensações por elas transmitidas.

“Eu gosto muito de ver as imagens; tudo o que a gente pode ver que tu não vê na cidade; acredito que tem uma tranqüilidade muito grande, o tempo passa de outra forma. Eu vejo assim, porque na cidade é uma correria, tu já sai correndo, de manhã para o trabalho, já sai correndo e tal -, então tu sai nesses lugares, tu descansas, não tens hora, tu observa coisas que no dia a dia mesmo na cidade, por exemplo, tu estás correndo, tu não presta atenção em detalhes, na natureza tu presta atenção nas coisas, te concentra. Eu acho que é isso, é ter outra noção; sair do

comum, do dia a dia, da realidade e parte para uma outra coisa que também é realidade, mas que a gente não percebe como um outro tipo de realidade, bem mais interessante!”. (Gustavo)

Sair do real sem sair do real! Isso seria possível? A imagem como construção mental, como forma de interação com o mundo onde está em jogo uma apreensão simbólica do momento vivido. Sentir-se imerso num outro real, que não aquele do ordinário, do cotidiano citadino. O real sentido em sua duplicidade¹³⁵, ali onde o prazer é pura fruição de imagens, onde delira-se sobre as imagens em comunhão com os demais.

A imagem compartilhada, a partir da confluência de subjetividades; de sujeitos desejantes e curiosos. O grupo segue em busca de paisagens, do caráter imagético da natureza. A natureza como uma construção: os significados que lhe atribuímos está em paralelo as imagens que se têm dela.

Realizei uma caminhada junto com Gustavo, Suzana e Luísa à Lagoinha do Leste em 11/2/96, num dia ensolarado e quente, com muitas gralhas azuis voando e gritando ao longo da trilha. Luísa, mencionou várias vezes que desejava conhecer os **eremitas** que vivem na Lagoinha. Parecia extremamente ansiosa por ver um eremita autêntico - havia um nítido interesse pelo exotismo do fato.

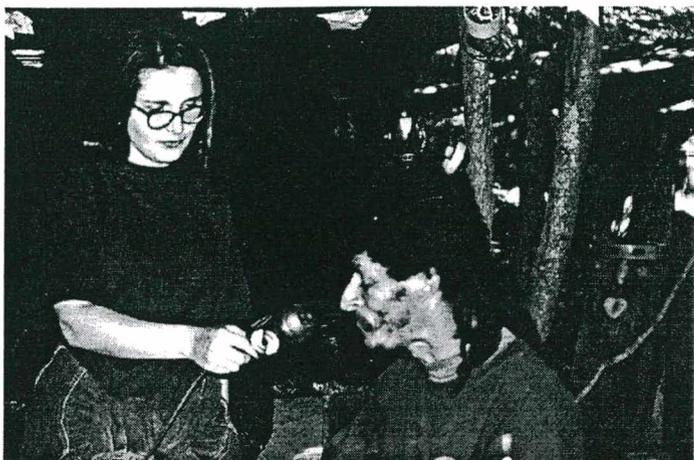
Na Lagoinha do Leste vive um homem mulato, chamado Tibúrcio, que fica no local o ano inteiro, praticamente isolado (tem maior contato com as pessoas no verão quando a Lagoinha é invadida por inúmeras delas). Ele vive de biscates na cidade

¹³⁵ Se, como coloca Griffet (1992) vivemos ao ritmo da realidade e, inclusive, tal situação permitiria optarmos pelo tipo de aventura que queremos viver; o real que Gustavo fala é o real da aventura que é íntima da experiência do jogo. Ele, que está repleto de significados e que gera sensações que permitem experimentar um outro tipo de realidade porque está no nível da experiência lúdica (daí a ilusão); da simulação; do lazer.

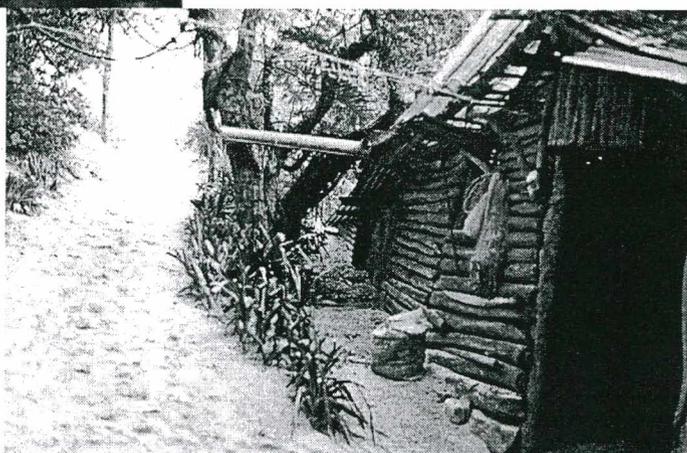
(pinturas de paredes, por exemplo) e mora naquela região inóspita apenas com o seu cachorro. Conheci Tibúrcio em função do Mutirão de Limpeza da Lagoinha do Leste. Trata-se de um homem simples, mas arredo. Além dele, há um morador eventual. É este personagem que me interessa, pois foi junto a ele que experimentei uma das situações mais inusitadas durante o campo.

Eu já havia estado em sua cabana um ano antes, uma colega do mestrado me levava até lá. Eu e Jaqueline, fomos até a cabana do eremita, mas não havia ninguém: várias panelas jaziam amontoadas, apenas o canto dos pássaros e a luz solar que atravessava as densas copas das árvores e penetrava tímida. Fiquei sabendo que o lugar era ponto de parada para os turistas e mochileiros que iam para lá. Há uma socialização do espaço e dos materiais de cozinha, bem como, uma divisão dos alimentos. Saberá mais tarde, por intermédio de outro colega, que seu João não morava ali e sim no bairro do Saco dos Limões, como me confirmaria depois (ele é aposentado pela Aeronáutica). Ele passa vinte dias na Lagoinha e depois retorna para o Saco dos Limões (“*eu tenho mulher. Eu volto, eu não sou de ferro!*”). Geralmente, está na Lagoinha, só sai quando tem que dar uma volta no “*Pantussú*” (Pântano do Sul). Mas, seria somente um ano depois que o conheceria.

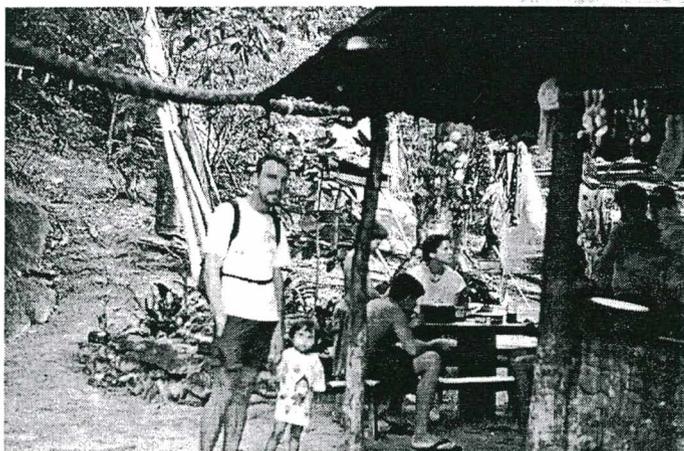
Após o banho de mar, nós quatro seguimos em direção à sua cabana. Luísa insistia que queria conhecê-lo. Seguindo o caminho que leva as dunas, encontramos a sua entrada que fica junto a uma delas. A entrada surge como um tipo de buraco que penetra por trás do cômodo e se adensa na mata. Após passarmos por algumas bromélias imensas, árvores retorcidas e uma bandeira de Santa Catarina que tremulava com o vento (antes era do Brasil); entramos num capão de mata nativa e, a partir daí adentramos num baixio atrás da duna, bastante sombreado. O ambiente tem outro clima, bem mais ameno. Na entrada do capão avista-se um chalé rústico que mistura madeiras toscas de várias tonalidades e paus de árvores, mas a ambiência é agradável ao olhar.



Tibúrcio recebeu a visita de uma legião de curiosos que realizavam a limpeza da Lagoinha do Leste, alterando assim o seu cotidiano pacato. (foto: Catarina Rüdigger)



A trilha adentra no capão de mata que oculta a cabana do “eremita”. (foto: Gustavo)



No interior do capão as diferentes interações sociais: a criança que insistiu com Gustavo para que ele tirasse uma fotografia dela e o grupo ao fundo conversando. (foto: Gustavo)



A simplicidade do interior da cabana. Na fotografia apareceu Luísa, eu e Seu João. (foto: Gustavo)

Naquele dia haviam várias barracas e um número considerável de pessoas circulando pelo espaço que compunha o capão. Chegamos e logo fomos integrados ao grupo; Suzana pelo fato de ser uma pessoa bastante expansiva tratou de chegar conversando “*chegamos para o almoço!*”, anunciou ela. Seu João, três homens e um menino conversavam, os adultos um pouco embriagados pelo vinho que sorviam com prazer. Sentamos junto à mesa onde foram servidos mexilhões na casca que fumegavam recém saídos do fogão a lenha (“*É o que tem pra comer. Eu ofereço! Se quiser comer come!*”): a conversa seguiu como se nós não fossemos estranhos, em minutos já estávamos conversando, integrados ao grupo.

Luísa, afoita por acalmar a sua curiosidade crivou Antônio de perguntas, um dos pescadores que seu João dá acolhida e que cuida do barraco, quando ele não está por lá. Depois do extenso interrogatório, Luísa perguntou seu nome; ele respondeu-lhe, olhando fixamente com outra pergunta: “*isso é uma entrevista?*” Pairou certo desconcertamento no ar. Percebi que Luísa, muito branca, enrubesceu.

Foi hilário, tive vontade de rir. Eu fora ali como pesquisador e não havia feito sequer uma pergunta, pois estava sondando o terreno. Seu interesse era tanto que acabou sendo invasiva. O eremita como um personagem mítico, que povoa o imaginário e instiga a curiosidade humana. A solidão e o sagrado que existe na vida entre os bosques.

Fomos convidados a conhecer o barraco por dentro, haviam dois beliches. Nas camas superiores duas galinhas faziam a postura de seus ovos (sobre a prateleira havia uma tigela cheia deles). A galinha de pescoço pelado olhava aflita para nós, enquanto a sua carúncula pendia vermelha e nervosa sobre o bico.

Luísa perguntou-lhe se não amassavam ovos, de vez em quando, ao deitarem

-, seu João sacodiu os ombros, fez um muxoxo com a boca e disse: “*as vezes a gente deita doido e amassa uns!*” - referindo-se aos dias de bebedeira.

Seu João me diria: “*aqui o dinheiro não serve para nada!*” Frézier em 1712, observou que os portugueses, preferiam trocar víveres por tecidos e “não aceitavam dinheiro”, pois andavam quase nus. Ali, como outrora, o sistema era o da permuta, de certa ajuda mútua. Antes de irmos embora deixamos frutas e bolachas para o grupo (“*Eu não peço nada, mas se me dão eu aceito!*”). Trata-se de um universo singelo, cuja simplicidade é compartilhada por jovens oriundos de vários lugares, daqueles que ali buscam um despojamento dos bens materiais: divide-se o pouco que se tem da forma mais solidária possível. Seu João acompanhou-nos até a trilha e disse, depois dos abraços de despedida: “*Bom que vocês saem com uma boa impressão!*”

Bachelard (1988) refere-se à cabana do eremita como “uma gravura-príncipe! As verdadeiras imagens são *gravuras*. A imaginação grava-se em nossa memória. Elas aprofundam lembranças vividas, deslocam recordações vividas, para se tornarem lembranças da imaginação. A cabana do eremita é um tema que não precisa de variações. Desde a mais simples evocação, a “repercussão fenomenológica” apaga as ressonâncias medíocres. A cabana do eremita é uma gravura que se ressentiria de um excesso de pitoresco. Deve receber sua verdade da intensidade de sua essência, essência do verbo habitar. Logo, a cabana é uma solidão centrada. Na terra das lendas não há cabana a meias... A cabana não pode receber nenhuma riqueza “desse mundo”. Ela tem uma feliz intensidade de pobreza. A cabana do eremita é uma glória da pobreza. De despojamento em despojamento, ela nos dá acesso ao absoluto do refúgio”. p. 129-30

As imagens ao serem compartilhadas geram comunhão. A dimensão criativa existente na busca de imagens, pela qual empenham-se os praticantes de atividades de

lazer em meio à natureza. Trata-se de vislumbrar na imagem a possibilidade agregadora em termos intersubjetivos; de ressaltar sua potencialidade catalisadora na formação de grupos.

O *estilo* e sua relação com a imagem, no sentido que ela tem uma influência determinante sobre as formas de relacionar-se com o ambiente natural. Como fica evidente, quando fui um dia à noite, na casa de Lú, para conversar com as cinco **Radicais Barbies** (grupo feminino de montanhistas) e mais um amigo, o clima era dos mais descontraídos. Os pastéis ardiem no óleo, enquanto conversamos animados formando um círculo - todos muito próximos. Bela, a mais eloqüente de todas, citou um poeta e seu poema, pedi para que me falasse algo sobre ele. Ela preferiu escrever em minha caderneta:

O poema e as imagens que suscita; a natureza animada por “vozes” e as paisagens que poucos desfrutam, somente os que ousaram chegar até elas (o estar lá) -; a vitalidade cobrada por todos os sentidos. O homem completo seria o homem preparado física e emocionalmente para enfrentar a montanha; religado à natureza? *Montanha; teias de aranha; o sangue corre forte nas veias; vitalida-*

“Os dias que esses homens
Passam nas montanhas
São os dias em que realmente vivem
Quando as cabeças se limpam de teias de aranha
E o sangue corre forte pelas veias
Quando os cinco sentidos cobram vitalidade
E o homem completo já pode
Ouvir as vozes da natureza e ver as paisagens
Que só estão ao alcance dos mais ousados”.

Herzog

de; homem; natureza e paisagem. Um encadeamento orgânico. Seria um sinal do ressurgimento do vitalismo mencionado por Maffesoli? Ainda que o poema, não seja uma obra-prima da literatura; traz à tona elementos que compõem o imaginário acerca da montanha. A montanha para os que se arriscam, significando que para alcançar o cume é necessário passar por determinadas provações. É tarefa para os ousados e não para os incautos -, aqui destituída dos clichês presentes nos filmes tipo B de Hollywood.

Há uma mística em torno da montanha¹³⁶ que percorre o poema permitindo que ela seja o objeto de temor e de desejo. As imagens contidas no seu corpo rochoso são aquelas que poucos tem acesso, há um espírito que os impulsiona a querer escalar a montanha¹³⁷.

¹³⁷ Susi, mencionou “o montanhista com espírito de montanhista” (Marcos menciona a “vida de montanhista”) em oposição àqueles “que querem praticar um esporte normal, só que num ambiente fora de um ginásio”, pois segundo ela “são pessoas que não têm uma consciência legal para estarem ali no meio, então: enchem a pedra de grampo onde não precisa; vão acampar e deixam um monte de lixo”. Ou seja, ousadia não significa uma relação correta em termos de disposição do lixo.

As imagens que ao revelarem-se aos olhos seduzem o homem; um certo magnetismo que a paisagem exerce sobre os que vislumbram seus atrativos. A percepção do cenário, como uma manifestação visual, mas sobretudo, como construção social. Vislumbrar o entorno, o mundo, requer a articulação de significados e valores socialmente compartilhados; culturalmente elaborados. As várias formas de ver e viver a paisagem; a dimensão lúdica e educativa da experiência é algo de suma importância em práticas de lazer como o ecoturismo.

A paisagem natural como deleite e como produto¹³⁸: o uso que se faz dela nas sociedades modernas ampliou-se na medida em que o turismo prosperou. Contudo, nem sempre bons negócios são sinais de ambiente saudável e com seus recursos preservados. A questão é que a paisagem¹³⁹, para o ecoturismo, tem um significado imenso pelo que ela representa como espetáculo, pelas suas qualidades estéticas -, o

¹³⁶ Corneloup (1992) vê na montanha um caráter simbólico que relaciona o espaço rochoso à transgressão.

¹³⁸ Conforme Ruschmann (1991): “O produto turístico difere, fundamentalmente, dos produtos industrializados e de comércio. Compõe-se de elementos e percepções intangíveis e é sentido pelo consumidor como uma *experiência*. Por isso, é preciso defini-lo e conhecer suas características a fim de poder elaborar um plano de marketing e a conseqüente comunicação publicitária e promocional adequada”. p. 26

¹³⁹ Pires (1995) cita vários conceitos de paisagem, todos ressaltando o aspecto visual, mas entre eles, o conceito de JORDANA (1992) define melhor o termo: “é o conjunto de elementos que produzem uma sensação estética”, que pode ser agradável ou desagradável. Para Bateson (1990), há uma idéia de natureza que segundo ele, pode ser denominada de “informação”. “Ou seja, que este “material” com toda a certeza não é apenas coisa, e que toda a

que importa é o conjunto cênico. A riqueza está no seu valor em termos de diversidade biológica e cultural, ou seja, enquanto a integridade de sua composição cênica for mantida, a paisagem representará muito mais do que um mero substrato físico para a produção de bens materiais, porque ela envolve o imaterial. O ecoturismo, é mais uma das formas que o capitalismo tratou de utilizar o rico patrimônio natural do planeta.

A moda, o consumo em torno das imagens e representações do mundo natural, estão disseminadas no imaginário social (das crianças aos idosos): o intercruzamento entre lazer e ecologia, torna-se uma questão instigante por tudo o que está em jogo nesta forma de perceber a natureza. A maneira que a mídia veicula as questões ambientais (desde o show business, passando pelas propagandas de TV, até as revistas especializadas em questões ecológicas)¹⁴⁰ possibilita que muitos grupos, a partir de uma *rede de significados*, possam apreender tais questões e ressignificá-las diferentemente.

O ecoturista, independente da prática, é aquele personagem difuso a percorrer os interstícios sociais e a irrigá-los com suas impressões, suas imagens - aquelas memórias do grupo que estão impregnadas pela experiência sensível da interação com certas ambiências, com o mundo natural: ele tende a dispersar no social parte dessa carga emocional vivida como um momento singular. Nos termos do diálogo, da fala

linguagem do materialismo (por melhor que ela seja para descrever as relações entre as coisas, retratando-as) é muito pobre como uma forma de descrever relações entre as coisas que permita um posterior estudo de sua organização. Em outras palavras, toda a linguagem materialista e mecanicista é inadequada para minha utilização. E eu simplesmente, tenho que ter a coragem de descartá-la. Naturalmente, isso quer dizer que em meu mundo, ou universo mental, eu não tomo conhecimento dos objetos, e, obviamente, não há objetos no pensamento... O que temos no pensamento são idéias. Não há porcos, coqueiros, pessoas, livros, alfinetes, ou... vocês me entendem? Não há nada. Há apenas idéias de porcos e coqueiros, de pessoas e seja lá o que for". p.38

¹⁴⁰ "Mas o que é capaz de reunir, com tanta identidade de idéias, estrelas e públicos tão heterogêneos? Hoje, só um assunto pode promover uma festa dessas: a ecologia... espaço garantido em tudo o que é capaz de fazer um tipo de comunicação - desde a mais prosaica lateral de ônibus até shows de televisão transmitidos simultaneamente, para o mundo todo". in Revista Corpo a Corpo, 1989.

Marcondes (1990), afirma que "no Brasil, nunca as empresas se "preocuparam" tanto com as questões ecológicas. Nunca tantos comerciais foram criados em cima de temas preservacionistas. Nunca o apelo ecológico esteve tanto na mídia como está hoje. Sinal dos tempos e do sentido sempre oportuno (em alguns casos oportunistas) da capitalização que o marketing e a comunicação fazem das questões que envolvem e motivam a sociedade". p.10

que relata um acontecimento significativo, seus preparativos¹⁴¹.

A experiência é compartilhada, fragmentos da emoção que outrora fora vivida intensamente em grupo (mas que são sempre, no fundo, impressões pessoais), retornam como aquele evento que permite ser dito porque experienciado e que agora refluem noutra espaço, sob a forma de palavras, de gestos¹⁴². As cenas no “*mar das idéias*” podem ser compartilhadas com aqueles que não as viveram - ou melhor, é possível vivê-las parcialmente numa intensidade fugidia, remota e que apenas o narrador, na sua ânsia de revelar detalhes, consegue imprimir aos acontecimentos de outrora certa aura, revelando nuances da experiência. Ele desperta (ou intensifica) o desejo no outro que o escuta (ou que o lê¹⁴³), permitindo-lhe criar as suas próprias imagens mentais - muitos são os ecoturistas em potencial. Todavia, nem todos estão predispostos a experimentar os dramas e conflitos oriundos de tais vivências.

¹⁴¹ O relato de Bela sobre a volta à ilha é significativo a esse respeito, mais adiante o relato seria um diálogo entre as **Radicais Barbies**: recordações comuns; uma espécie de jogo de colagens, de adesão de imagens entre si. As frases cruzavam-se como flechas, opiniões, algumas discordâncias e muitos risos. Bela diria: “*Sei que uma semana antes do dia que a gente tinha marcado para fazer a caminhada, que era um dia que a Jú ia estar de férias, que todo mundo ia ter um tempo livre, que era no começo de julho. Uma semana antes a gente fez um projeto para pedir patrocínio... daí rolou o patrocínio e tal... a gente combinou, vamos fazer uns fins (finalidades) -, tipo pô! A preservação da ponte, que a gente queria que fosse preservada e tal...*”

A volta à ilha realizada pelas **Radicais Barbies**, seria motivo de uma reportagem de capa no suplemento Xis do Diário Catarinense, de 16/9/95, que é direcionado aos adolescentes.

¹⁴² “... sempre tive medo de cobra, detesto, acho horrível, nem olho! Eu lembro que uma vez, a gente fazia uma caminhada pela Costa da Lagoa. Eu ia na frente e, um pouco mais na minha frente -, uma distância boa; ela estava descendo o morro, uma cobra: uma jararaca, uma cobra super venenosa. Até hoje, aquela cobra: eu achei tão linda! A cor dela parecia um veludo de tão linda, acho porque ela está na natureza, sem interferência. O bicho era lindo, fiquei admirada, **imagina!** Ela passando e eu olhando. Eu jamais faria isso em outro lugar, para ver como a gente se integra com os bichos e a própria natureza. Para mim aquilo lá é uma harmonia total! Fico em harmonia total com a natureza quando vou para lá. Já fiz mais de 10 vezes... Ainda quero fazer muitas vezes, porque eu acho lindíssimo. Me faz super bem!” (Lia)

¹⁴³ A literatura de viagens tem aumentado significativamente, pois uma onda de relatos de aventuras tomou conta das prateleiras de algumas livrarias; as bancas de revistas também exibem tais livros, principalmente, os de Amyr Klink que parecem ser mais populares; Família Schürmann (livro e CD Room); Waldemar Niclevicz, entre outros.

CAPÍTULO III - O CAMPO

Mapeando o ecoturismo na ilha: gaivotas & sinais

A Ilha de Santa Catarina, irrompe na paisagem como uma formação geológica com traços continentais - sua proximidade do continente permite que seja classificada como uma ilha continental¹⁴⁴. A velha ponte Hercílio Luz¹⁴⁵, conecta-a a ele: uma singularidade histórica, o assento da Moderna engenharia -; um caminho que permite o trânsito, mas que acima de tudo conduz ao que é insular e por isso, possuidor de diferenças.

¹⁴⁵ A ponte - num lance de cartão postal - está lá junto à ilha (foi inaugurada em 1926), mesclando sua imponência com a dela: seu coração de luzes vermelhas pulsa, agora em 96, sobre as ferrarias que oxidam. A perplexidade da cena, o brilho das luzes sobre a água. Nem os automóveis passam indiferentes. A história, os trajetos percorridos num tempo que se foi. O que não deveria ruir. Tudo aquilo que persiste na memória urbana de Florianópolis e que a queda da ponte representa de impacto; de descaso com o patrimônio histórico.

A ponte, que vi na manhã recém nascida; quando descí do ônibus, após uma árdua noite de viagem e desembarquei na rodoviária de Florianópolis - era março de 94. Ao iniciar a subida da passarela, num primeiro momento, as duas coisas que me chamaram a atenção foram as gaivotas, que em pequenos grupos sobrevoavam a cidade (cena que viria a fazer parte do meu cotidiano a partir de então), bem como, um cartaz colado no toldo de fibra plástica da passarela, falava em aventuras de verão

¹⁴⁴ Uma cidade numa ilha, CECA/FNMA, p.15.

-, ar de liberdade, de um certo descomprometimento, imaginei eu. Aparecia uma silhueta masculina desenhada: tinha um boné, trazia uma mochila nas costas e um cajado numa das mãos: um estilo, certas atitudes. Eram os sinais que denunciavam um dos motivos da minha vinda para a cidade: o ecoturismo -; onde as gaivotas apareciam como uma forma direta da manifestação de uma natureza selvagem, embora numa relação de proximidade com a cidade surpreendente e o cartaz, que evidenciava sua presença e apontava algumas questões interessantes, que me chamariam a atenção mais tarde: quais eram os significados daquela aventura para quem a experimentava? porquê de verão? a postura da pessoa naquela gravura - apesar das possibilidades em relação ao gênero - era masculina, mas e as mulheres? O que era Costão do Santinho? E ainda, “Venha participar do Trekking ecológico para você curtir, passear, fotografar e apreciar a natureza” -, era tudo o que me interessava enquanto um fenômeno passível de estudo antropológico. Anotei o telefone.



AVENTURAS de Verão

Venha participar do Trekking ecológico para você curtir, passear, fotografar e apreciar a natureza.

ROTEIRO: Saída do Costão do Santinho, em grupo, caminhando pelas dunas até o final da Praia de Moçambique. Retorno pelo costão da Ponta das Aranhas até o Costão do Santinho.

DATA: 23/03/95 - Quinta-feira • **SAÍDA:** Às 8:30 hs. do Largo da Alfândega
RETORNO: No mesmo dia às 15:00 hs.

OBS: Este passeio é um presente do Costão do Santinho onde você não pagará nada. A relação dos participantes será publicada dia 21/03/95 neste jornal.

IMPORTANTE: Não existe um grau de dificuldade para a caminhada. Utilize roupas leves: Um agasalho, tênis ou botas p/ trekking, boné, mochila, toalha de banho, capa de chuva e água. Uma equipe especializada estará acompanhando o grupo em todo o percurso.

MANDE LOGO SEU CUPOM E MARQUE PRESENÇA NA MAIOR AVENTURA DO VERÃO.

PATROCÍNIO



COSTÃO DO SANTINHO

Recorta o cupom ao lado e entregue ou envie para:

**AVENTURAS DE VERÃO
TREKKING DAS ÁGUAS**

Centro Comercial Pórtico
Rua Felipe Schmidt, 515
Sala 306 - Fone: 222-2770

**AVENTURAS DE VERÃO
TREKKING ECOLÓGICO**

Nome: _____
Data Nasc.: _____ Fone: _____
Endereço: _____

Menores de idade somente acompanhados com os pais ou responsável.

A partir de então, começaria a percorrer caminhos que me levariam a mapear as agências, através da presença de cartazes espalhados pela cidade, coleta de folders, notas em jornais e revistas locais, além de coletar reportagens sobre o ecoturismo, principalmente no Brasil, mas também no restante do mundo. Este material foi de extrema importância para um contato mais direto com o fenômeno que me propunha pesquisar na cidade.

Quando decidi estudá-lo na ilha de Santa Catarina, já estava ciente do caráter extremamente intrincado de tal fenômeno, na medida em que ele envolve uma variedade de possíveis experiências, bem como, de uma série de fatores conflitantes e pontos de vista contraditórios acerca de seus impactos sócioambientais.

Ecoturismo: fusão de termos suscitando a complexidade, as possíveis interações entre ecologia e turismo; mera palavra a delinear contornos nem tão precisos: a expressão demonstra a sua dimensão relacional, ou seja, para concebê-lo como um fenômeno de importância na atualidade, torna-se necessário percebermos a sua natureza híbrida, o que presume uma dinâmica de interação.

Trata-se, sem sombra de dúvidas de uma problemática, que, dada a sua origem recente e a premência das questões ambientais na atualidade, faz do fenômeno um evento passível de ser entendido em função das contradições e dos impasses que são inerentes aqueles acontecimentos que surgem em uma época marcada pela idéia de crise, de escassez.

A crise ambiental aponta para novas formas de interação com a ambiência e, o ecoturismo, parece ser uma daquelas que surgem como uma tendência no cenário das práticas consideradas compatíveis com a manutenção e funcionamento dos ecossistemas. Sendo assim, tentei traçar um mapa do ecoturismo no panorama ilhéu,

no entanto, tenho consciência de que trata-se de algo parcial, na medida em que percebo que percorri parte desse universo extremamente significativo e, de que o meu olhar acerca do mesmo sofria um refinamento a medida em que interagia com as pessoas envolvidas e dialogava com elas: os atos e discursos acerca do ecoturismo que trago à tona em minha experiência intersubjetiva¹⁴⁶, revela um pouco de mim e do outro, mas sobretudo, a relação desse outro - e aí, também a minha - com o ambiente natural.

Esse outro, que num primeiro momento, me parecia difícil de dar algum contorno pelo fato de estar vinculado a um fenômeno que remete a idéia de complexidade, ou seja, há uma série de atores sociais interagindo de maneira a criarem situações muito particulares (as vezes inusitadas) e a emitirem, diferentes discursos acerca das questões relacionadas a idéia de ecoturismo dentro do que se entende por *sociedades complexas*¹⁴⁷. Tal aspecto, me parece, demonstra o caráter amplo do fenômeno, pois ele percorre os interstícios entre a sociedade e o ambiente, favorecendo uma gama de interações, onde estão em jogo determinados valores ligados a percepção da natureza e, deste modo, de relações com os ecossistemas.

Sendo assim, para entendê-lo em sua dinâmica precisaria percorrer esses discursos e ações de forma a interagir com os diferentes atores sociais, tentando identificar nas falas e práticas, aspectos significativos que seriam necessários para compor um quadro do ecoturismo na Ilha de Santa Catarina.

Ora, tal quadro cujas tintas culturais imprimem um colorido peculiar, mas cujos

¹⁴⁶ A fase pessoal ou existencial que DaMatta (1978) menciona, a qual ele considera “essencialmente globalizadora e integradora: ela deve sintetizar a biografia com a teoria, e a prática do mundo com a do ofício”. p.3

¹⁴⁷ Gilberto Velho (1994), refere-se a noção de sociedade complexa como “uma sociedade na qual a divisão social do trabalho e a distribuição de riquezas delineiam *categoria sociais distinguíveis com continuidade histórica*, sejam classes sociais, estratos, castas. Por outro lado, a noção de complexidade traz também a idéia de *heterogeneidade cultural* que deve ser entendida como a coexistência, harmoniosa ou não, de uma pluralidade de tradições cujas bases podem ser ocupacionais, étnicas, religiosas, etc. Obviamente existe uma relação entre estas duas dimensões - a divisão social do trabalho e a heterogeneidade cultural”. p.16

borrões evidenciam aquelas zonas de tensão, à medida que tomava forma e me possibilitava traçar contornos mais específicos - tentando delinear formas mais nítidas e sutis -, engendrava um processo que paulatinamente me colocava questões de caráter relacional.

Desta forma, para chegar ao ecoturista, àquele que investe um determinado valor pecuniário para viver a experiência ecoturística, precisaria contatar primeiramente com as agências de ecoturismo que atuam no município, buscando observar como agem de forma a atraí-los¹⁴⁸. E, ainda, minha intensão era dialogar e compartilhar, principalmente, aquelas experiências vividas em meio ao ambiente natural com tais personagens. Todavia, para percorrer as nuances do quadro que aos poucos se definia, optei por dar prioridade aos ecoturistas na pesquisa, mas dialoguei com os donos das agências e alguns ambientalistas para compor um panorama, ainda que limitado, da complexidade do fenômeno que, devido as peculiaridades do contexto em que está inserido: uma ilha situada na costa atlântica, numa posição mais austral e palco de um processo de colonização açoriana (além da influência dos viajantes, corsários e naturalistas europeus) lhe imprimiu características culturais muito próprias. Soma-se a isso o fato dela ser uma das regiões de extrema importância em termos de conservação da biodiversidade a nível mundial (por conter resquícios “preciosos” da Mata Atlântica).

O campo: entre o bucólico e o urbano

A antropologia brasileira no que se refere as pesquisas em *sociedades complexas*, tem se deparado com a questão de novas estratégias de inserção do

¹⁴⁸ Vejo os proprietários das agências, até certo ponto como ecoturistas, porém trata-se de uma transformação, de uma mudança nos papéis exercidos por eles; de experiente “mateiro” ou excursionista à guia e dono de uma empresa. Certas *motivações* levam-nos a abrir uma agência, pois a demanda por passeios junto à natureza existe, o mercado exige profissionais. Suas *motivações* “expressam ao nível individual” as “expressões coletivas”. (Velho, 1994; p. 42)

antropólogo no campo, de como cercar o “objeto” da pesquisa de forma a realizá-la. Os trabalhos de Caiafa (1985); Gaspar (1985); Perlongher (1987); Silva (1993); Bernardo (1994) são ilustrativos neste caso.

O trabalho de campo na pesquisa, envolveu dois momentos importantíssimos, ou seja, a observação participante, onde acompanhei os excursionistas em caminhadas ecológicas e as entrevistas com os ecoturistas (13 ao todo) e os donos das agências (5 entrevistados), bem como, de ambientalistas (2 entrevistados). A pesquisa ocorreu de forma difusa, na medida em que parte da observação participante se desenrolou ao longo do ano 95 (realizei caminhadas durante o inverno, a primavera e o verão) e, principalmente, no verão de 96¹⁴⁹.

Tal estratégia, me possibilitou lidar com a imponderabilidade do clima, com as artimanhas do acaso: não há como prever se uma atividade de campo, dada as circunstâncias climáticas, ocorrerá ou não, visto que, a presença de chuva pode simplesmente invalidar uma proposta de incursão ao ambiente natural. O fato de ter participado de caminhadas junto à natureza, durante o ano de 95, me ajudou bastante, mesmo porque, o verão de 96 iniciou com fortes enxurradas, a chuva semeou flagelados na ilha¹⁵⁰.

¹⁴⁹ Realizei seis caminhadas com diferentes agências ao Costão do Santinho (3), Naufragados (1), Lagoinha do Leste (1), Saco Grande à Costa da Lagoa (1); outra com Luísa, Gustavo e Suzana à Lagoinha do Leste; andei com dois informantes (Carlos e Lia) das dunas da Joaquina até o Campeche (caminharia noutra ocasião com Lia do Campeche ao Morro das Pedras); trilhei com os hóspedes do Hotel Caldas da Imperatriz; participei de uma excursão espeleológica; um passeio de Toyota até o Sertão do Peri; um rafting e passeios de escuna (3); realizei uma excursão pela Costa da Lagoa com um grupo de pessoas interessadas em coletar plantas medicinais (médico, farmacêuticos e estudantes, uma mestrandia em antropologia); fiz caminhadas com um colega biólogo para observarmos aves, inclusive gravamos suas vocalizações. Além disso participei de inúmeras caminhadas com colegas do mestrado (e por vezes seus parentes), com amigos, parentes que me visitavam. As únicas vezes que sai sozinho para andar foi para observar aves no Campeche (identifiquei cerca de 65 espécies). Participei de passeios de escuna até a Área de Preservação Ambiental do Anhatomirim, passando pelas fortalezas, visitando a baía dos golfinhos. Os passeios de barco, na ilha de Santa Catarina são bastante variados, podendo ser de quatro tipos: passeios em torno da ilha (Mystery Tour); passeios as muitas ilhas da costa, promovido pela Scuna Sul; passeios à Área de Preservação do Anhatomirim - visitação as fortalezas construídas pelos portugueses no século XVII e a baía dos golfinhos; passeios na Lagoa da Conceição.

¹⁵⁰ Ônibus do Campeche, 7:30 hs. Retorno à Florianópolis no dia 30/1. Outdoors anunciavam o Reveillon das Luzes

As caminhadas que não ocorrem em função das chuvas terminam deixando certo vazio, uma falta. E o mais terrível, quando depois da chuva, abre-se um sol revelando a possibilidade da excursão. É frustrante! Isso aconteceu uma vez no verão de 96, também não foram intensos os dias ensolarados nesse período.

Somando-se aos imperativos climáticos, aparecem aquelas situações também imprevisíveis, relacionadas à oferta de programas de ecoturismo pelas agências e da demanda deles por parte dos ecoturistas, pois nem sempre as excursões aconteciam, devido a pouca procura por parte dos interessados pelas caminhadas ou qualquer outro tipo de lazer junto ao ambiente natural¹⁵¹. Realizei uma das caminhadas apenas com o proprietário da agência, sem a prestação de serviços aos ecoturistas.

As agências de ecoturismo na ilha de Santa Catarina, eram em número de seis¹⁵² durante o período da pesquisa, na sua grande maioria, com exceção de uma delas, não apresentavam uma sede própria¹⁵³, funcionando na casa do proprietário ou de um dos

em meio à tempestade. Uma grande quantidade de água descendo das encostas do Maciço da Costeira atingiam as casas: chuvas, destruição, entulhos. Grupos de pessoas se mobilizavam para resolver os problemas mais urgentes. A avenida (Costeira) havia perdido um pedaço, desmoronara - uma árvore tombada, o mar revolto num cenário acinzentado. A sorte é que havia certo alargamento naquele ponto, pois se o desmoronamento tivesse ocorrido noutra parte dela, certamente, teria gerado um problema ainda maior no trânsito, dada a estreiteza da avenida. Eu mesmo, junto com Angela, fora um tipo de flagelado - a água quase entrou em nossa casa, no Campeche. O quintal e a travessa que dava acesso à casa ficaram submersos, restava a estagnação como prêmio. Que feitiço perverso fazia a ilha da Magia transformar quintais em lamaçais? Um rastro de devastação e descaso fez com que muitos sofressem, especialmente os que não possuem dinheiro.

¹⁵¹ Augusto, da Recrearte, me diria pelo telefone que *“só levo a partir de três pessoas”*.

¹⁵² As agências são as seguintes: Recrearte (1990), Trekking das Águas (1990), Vórtice (1994), Ilhapé (1995), Andarilha (1995) e POC Adventures (1995). Realizei caminhadas com as agências Recrearte, Trekking das Águas, Andarilha e Ilhapé.

¹⁵³ A agência Trekking das Águas, quando travei contato com ela, tinha sua sede num edifício da rua Deodoro, quando Kiko ainda era sócio de Ricardo: a agência ocupava a mesma sala da Livraria Esotérica. Com o fim da sociedade Kiko mudou-se com a agência para o edifício Pórtico que fica situado na rua Felipe Schmidt, no terceiro andar, passando a dividir a mesma sala que a loja de equipamentos para montanhismo a Annapurna que é propriedade de Marcos (ambas ficariam nesse local até fevereiro de 1996), a partir de então, o contatos para participar das atividades promovidas pela agência passaram a ser realizados por telefone celular.

A agência e loja servia como ponto de encontro para os praticantes de montanhismo, as pessoas reuniam-se ali de vez em quando, tratava-se, na verdade, muito mais de um local de trânsito. Pequenos grupos (a galera), geralmente masculinos, encontravam-se para animadas conversas sobre montanhas e equipamentos para a prática de montanhismo. As **Radicais Barbies**, um grupo de feminino de montanhistas, também circulavam, separadamente, pela agência.

Quanto à agência POC Adventures, cujo proprietário é Felipe, não tenho dados maiores acerca de como funciona, pois não contactei a mesma, me restringindo apenas a notificar a sua existência; tem a sua sede em Canasvieiras.

donos do empreendimento: os contatos com as agências são, geralmente, realizados por telefone¹⁵⁴.

A heterogeneidade é visível nas próprias agências, pois cada uma apresenta ênfase maior em determinados eventos, segmentarizando o mercado devido ao fato, de percorrerem nichos diferenciados de atuação.

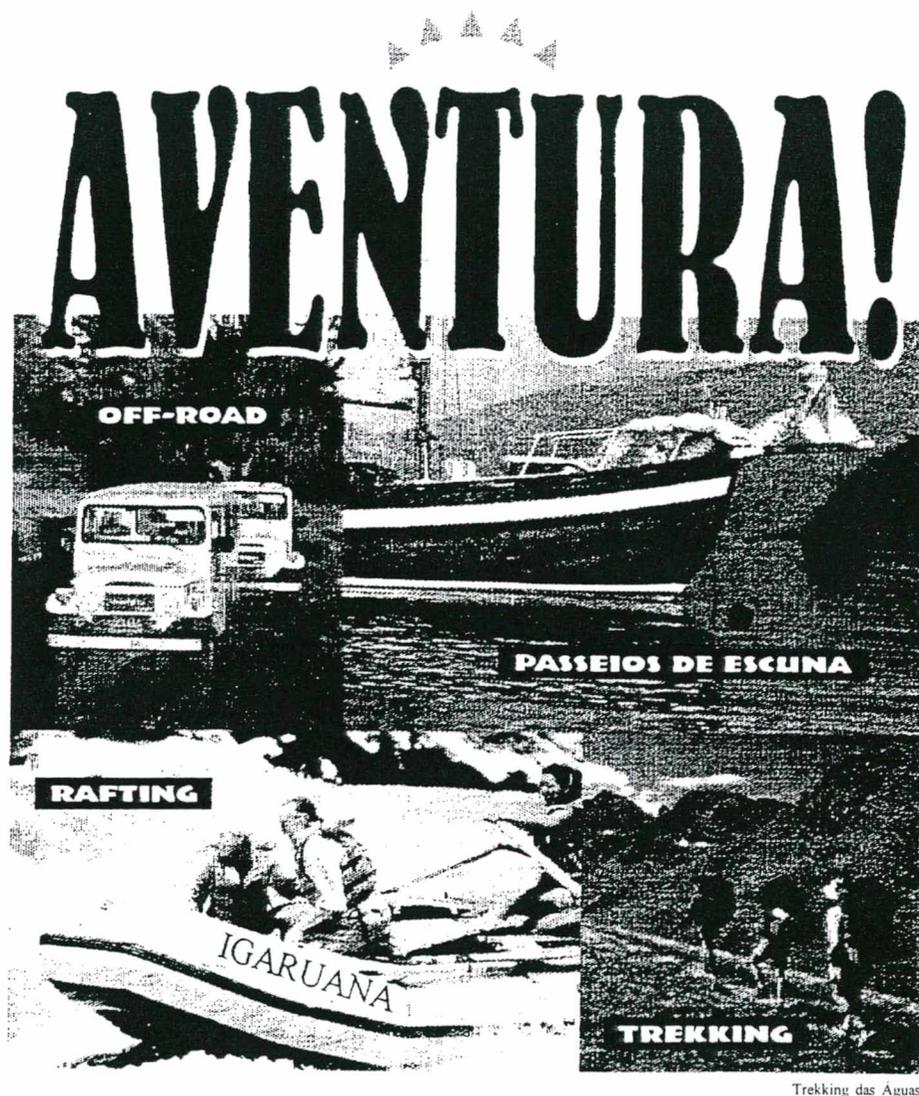
Sendo assim, a medida que contatei as agências pude perceber que haviam *estilos* diferentes entre elas, por isso, formas distintas de se colocarem no mercado; de estabelecerem relações com os possíveis clientes, ou seja, a oferta dos programas envolvem interações diferenciadas que não podem ser entendidas como homogêneas. Existem estilos de ser ecoturista que envolvem formas de experienciar certas emoções, de estar em grupo em meio ao ambiente natural, por vezes, muito diferenciadas.

Assim, se observarmos as cinco agências que tive mais contato, fica claro que elas procuram ocupar nichos mercadológicos, de certa forma, bastante nítidos, não significando que haja uma demarcação rígida sobre os tipos de práticas oferecidas¹⁵⁵, mas pelo contrário, há o surgimento de propostas diferenciadas que relacionam-se com o tipo de aposta que cada empreendedor tem em relação à sua empresa; além do

¹⁵⁴ Um dos meus dilemas no campo foi a falta de um telefone. Dependia dos telefones públicos para contactar com os informantes. Nem sempre bons, quase sempre ocupados: foram inúmeras as ligações que tive que esperar. A ilha tem uma peculiaridade telefônica, as conversas familiares interestaduais, sejam os turistas ou os moradores estrangeiros; por vezes, esperei o fim de longos diálogos.

¹⁵⁵ As agências possuem propostas diferenciadas, ficando nítido o grau de segmentação: a agência Recrearte desenvolve um trabalho mais relacionado a parte recreacional, envolvendo práticas que possuem uma preocupação maior com o corpo (técnicas de aquecimento e alongamento corporal são utilizadas), tendo ainda, uma ligação com a educação ambiental (existem pacotes direcionados para crianças em idade escolar que relacionam jogos e ecologia: “piqueniques ecológicos”), mas também promove caminhadas para adultos; a agência Trekking das Águas está mais voltada para o turismo de aventura e esportes radicais junto à natureza: trekking (caminhadas junto à natureza), montanhismo, excursões espeleológicas (incurões ao interior de cavernas), canyoning (descer cachoeiras usando técnicas de escalada) e rafting (descer as corredeiras de um rio a bordo de um bote inflável), mas também promove pacotes que envolvem passeios de escuna, além de realizar algumas experiências com estudantes (de forma mais tímida); a Vórtice, por sua vez, tem um caráter mais ligado à educação ambiental, atendendo um público específico, ou seja, alunos das escolas particulares da região da grande Florianópolis, realizando ainda, durante o verão quando cai a demanda das escolas alguns passeios com turistas; a Ilhapé promove basicamente caminhadas ecológicas, mas investe em práticas mais radicais como o rafting e a Andarilha que também realiza caminhadas ecológicas, porém tentando satisfazer a demanda das pousadas localizadas na parte sul da ilha, mas com interesse em promover passeios de barco.

público, mais ou menos definido, ao qual procuram oferecer os pacotes que promovem.



Trekking das Águas

Travei contato com a proposta de ecoturismo que foi lançada pelo Hotel Plaza Caldas da Imperatriz¹⁵⁶, situado junto ao Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, em Caldas da Imperatriz, chegando a acompanhar turistas numa caminhada pela área do hotel; também realizei passeios de escuna pela baía dos Golfinhos devido a importância

¹⁵⁶ Essa proposta de ecoturismo promovida pelo hotel existe há cerca de seis anos.

do local como ponto de grande atração (eco)turística, bem como, pelo significado da área em termos de conservação ambiental. Porém, as caminhadas parecem ser entre as práticas ecoturísticas, no meu entendimento, aquelas que representam melhor um tipo de experiência turística que cresce e assume certa evidência na ilha, pela presença de inúmeras trilhas que conduzem a praias isoladas, a paisagens incomuns: aliando deleite estético a exercício físico.

A observação participante implicou na prática de determinadas atividades junto aos ecoturistas como: trekking, excursão espeleológica¹⁵⁷, rafting¹⁵⁸, passeios de barco onde eu aparecia, por vezes, como mais um ecoturista; como alguém que estudava algo sobre ecoturismo¹⁵⁹ e mesmo como o biólogo do grupo¹⁶⁰.

¹⁵⁷ O trekking é uma atividade na qual os participantes realizam uma longa caminhada; uma expedição. O Longman English Dictionary acrescenta as cavalgadas. No caso de Florianópolis, refere-se a caminhadas em grupo por trilhas; sendas que adentram na mata ou que margeiam costões rochosos junto ao oceano. As excursões espeleológicas são atividades onde os praticantes (espeleístas), penetram em ambientes cavernícolas, munidos de equipamentos: lanterna, capacete, cordas. Em tais ambiências busca-se os elementos que compõem os interiores (espeleotemas). Ver Peres, 1985.

¹⁵⁸ O rafting é a prática na qual os tripulantes de um bote inflável descem as corredeiras de um rio. Exige esforço físico e forte espírito de grupo para suportar a dinâmica do rio: a força da água e os obstáculos do seu leito que surgem no percurso (rochas, galhos).

¹⁵⁹ Nas vezes em que me manifestei, afirmando que realizava um trabalho sobre ecoturismo na área de antropologia percebi que as pessoas, nem sempre se interessavam, ou, por vezes, ficavam inquietas, pois provavelmente, acreditavam que um antropólogo deveria estudar apenas grupos indígenas. Os argentinos que foram visitar a Caverna de Botuverá me olharam com um misto de espanto e curiosidade (um deles mencionaria alguma coisa acerca da psicologia cognitiva), me perguntariam depois qual era a tribo de índios que vivera na ilha e que fora extinta. Um deles que, como eu, era observador de pássaros; depois de saber que estudava antropologia, me disse enquanto caminhávamos na trilha, "*você é um observador*" e lançou um certo riso cínico. Completaria com uma observação inusitada, que eu tirava proveito do fato de ser um observador de pássaros para observar humanos, devido ao treino do olhar (atenção nos detalhes, no comportamento). Achei engraçado; são olhares com perspectivas muito diversas, mas que, certamente, não se excluem.

¹⁶⁰ Na caminhada que realizei, com os estagiários do setor de Educação Ambiental do Hotel Caldas da Imperatriz e os ecoturistas, fui apresentado pelos estagiários como biólogo e estudante de antropologia, mas o que eles levaram em consideração foi o fato de ser biólogo. Desta forma, passaram a me ver apenas como tal, este era o meu estatuto e assim caminhava junto com estagiários (estudantes de biologia) e os hóspedes do hotel. Naquele momento experimentei a sensação ambígua de ser um antropólogo em campo que era tratado como um biólogo em campo. Os hóspedes crivaram de perguntas a mim e aos dois estagiários; interessados e atentos, queriam obter informações acerca do ecossistema no qual se inseriam. Roberto, antes de sairmos para caminhar nas trilhas pela manhã, ainda me pediria que identificasse uns gaviões que viviam perto do lago. Um estranhamento meu em torno da confusão de certas atribuições, que me diziam respeito. Eu era um misto de biólogo e antropólogo (bioantropólogo?) em campo: me via como antropólogo em campo, enquanto os ecoturistas me percebiam como biólogo; para os guias eu era meio anfíbio. Eu seguia meio liminar entre os ecoturistas.

Noutra ocasião, apareci na Agência Trekking das Águas, pois soubera que haveria uma caminhada pelo costão da praia do Santinho, promovida pela agência junto com o Hotel do Costão do Santinho. Encontrei Kiko preocupado com o trekking, porque o biólogo que iria acompanhá-lo na excursão não poderia ir junto (eu sabia que ele estava

Durante as caminhadas tentei acompanhar, observar e ouvir tudo o que era possível, tentando perceber o *ethos*¹⁶¹ dos grupos; para que conseguisse compor, a

substituindo Roberto o biólogo do Hotel Plaza Caldas da Imperatriz que entrara de férias). Kiko, não demorou a sugerir que eu acompanhasse a caminhada como biólogo do grupo -, eu! fiquei sem o que dizer, mas eu, tão antropólogo naqueles tempos: e o pesquisador o que faço com ele? Não tinha saída, não poderia negar isso para o meu informante. Além do mais, era a oportunidade de resgatar algumas coisas, exercitar alguns conhecimentos e, mais importante, me permitiria ter outro olhar sobre o fenômeno porque os ecoturistas me veriam por outra perspectiva. E, ainda, ganharia uma mochila, que diga-se de passagem precisava. Posteriormente, durante a caminhada, seria tratado com certa reverência por alguns ecoturistas (havia um respeito na forma de falarem comigo, talvez pelo *prestígio* oriundo do meu título), mas nem todos foram receptivos. Me refiro a uma excursionista, em particular, que havia participado da mesma caminhada um ano antes. Vamos a ela então.

Aparecida é uma mulher morena, esguia e um longo nariz, cerca de trinta anos. Sempre em grupo, rodeada por inúmeras adolescentes. Viria a conhecê-la no verão de 95.

Após uma caminhada de cerca de 40 minutos, paramos para lanchar, ao meu lado vinha um argentino muito risonho (“*Fiz caminhadas pela Galheta, conhece? Á, sei... já andei por lá!*”). Ela pergunta a Diego, de onde ele era, ao saber que era argentino disse-lhe que voltasse para lá, seu bando riu empoleirado nas pedras. Fiquei sem graça. Virou para mim e fez a mesma pergunta, ao saber que era gaúcho, disse “*Urgh, detesto gaúcho!*” - Fiz de conta que não era comigo, para evitar estranhamentos. Quão grossa a moça! Depois quis tirar fotografia conosco, entenda! Mistó de desejo e de aversão. Ela ainda provocaria, “*vamos lá tchê, barbaridade!*”, ironizou.

O engraçado é que ela usou tchê, barbaridade, que são expressões que não uso, mas que relacionam-se a uma identidade regional e, ainda, imitava mal aquele sotaque do interior gaúcho, que não tem nada a ver com a forma de falar das pessoas da região da Grande Porto Alegre, como eu.

Um ano depois, o mesmo propósito, a caminhada pelo costão, só que agora eu era o biólogo do grupo. Acabamos nos atrasando, porque tínhamos que esperar um grupo de garotas que fora fazer algo e já voltaria, mas estavam atrasando a saída. Nem sequer, tinham se inscrito na caminhada, segundo Kiko, era uma “*mala duma guria que só queria fazer passeio de graça!*” Eis, que aparecem, entre elas identifico Aparecida, em meio a quatro adolescentes. Na praia, após termos feito uma parada para o lanche, Marcos decide ir com parte do grupo escalar no costão. Algumas garotas reclamam: “*E o grupo?*”; “*Se todo mundo veio junto tinha que voltar junto!*” Também não gostei, ainda mais porque estava metido naquilo até o pescoço. Se acontecesse algo com alguma daquelas pessoas teria responsabilidade sobre aquilo junto (sabia que Marcos era competente, mas era um grupo grande). Acabei me manifestando também (“*deixa quieto, deixa quieto*” disse Kiko, um pouco apreensivo com o impasse, pois também não tinha gostado do que havia acontecido). Aparecida, não tardaria a se manifestar, só que, para variar, voltaria-se contra mim. “*Ai, o dono da verdade! Deixa o pessoal fazer o que eles estão a fim!*” Não gostei nem um pouco do que disse. Várias pessoas tinham se manifestado, por que eu era o dono da verdade? Novamente fiz de conta que não era comigo.

Mais adiante, numa das paradas no costão; estava olhando o mar, de repente ouço: “*Biólogo, vem cá!*” (um tom arrogante). Não, era ela novamente. Levantei e me aproximei dela. Estava ao lado de uma mulher gorda e masculinizada (uns momentos antes ela mostrava seus músculos para Aparecida, fazendo pose de halterofilista).

“*Diz para ela não jogar lixo aí!*” - imperativa.

A mulher responde: “*Á, então tem que dizer isso para todo mundo!*”; diz olhando ao redor: vários tipos de lixo espalhados no lugar.

“*Explica para ela o mal que causa o plástico!*” (me mostra uma garrafa plástica de água mineral na sua mão). “*Tem que dissertar!*”, debocha.

Não posso negar que tive vontade de fazê-las engolir as suas respectivas garrafas plásticas. Disse-lhe, um tanto contrariado, mas calmo, que fizesse o favor de levar o seu próprio lixo embora, que tratava-se de uma questão de consciência (usei o chavão, mas pensei comigo mesmo, se ela tiver alguma); de que aquele lugar era belo e que deveria ficar limpo.

“*Eu vou levar embora!*”, respondeu irritada. Pensei, agora vou apanhar dessa moça corpulenta, pois me pareceu muito interessada em me acertar um soco. Ainda diria algumas coisas que não entendi, em voz baixa, enquanto me afastava.

¹⁶¹ *Ethos* conforme Geertz (1989), refere-se a determinados “aspectos morais (e estéticos) e valorativos de uma cultura determinada”. Velho (1994), afirma que *ethos*, “refere-se a estilo de vida, a sentimentos, afetos, estética e etiqueta predominantemente... A noção de *ethos* como código de emoções, padrões de afetividade, parte, portanto, da cultura, trazendo para dentro do campo da discussão antropológica fenômenos antes arbitrariamente excluídos”.

partir da convivência, um quadro das relações sociais que ocorriam num espaço outro que não o citadino, envolvendo ainda, uma atividade lúdica. Porém, é preciso ter claro que trata-se de uma interpretação, daí certa parcialidade, algumas idiosincrasias do pesquisador estão presentes na descrição de determinados fatos. A importância da intersubjetividade -, dos sentimentos e emoções partilhados no jogo das relações sociais. Experimentei com os grupos diversas situações que envolviam alegria, conflito, solidariedade e temor.

O espectro do ecoturismo na Ilha de Santa Catarina é bastante amplo, envolvendo, por isso, uma gama muito variada de ações e discursos acerca do que pode ser entendido como uma prática de ecoturismo (ou pelo menos de como ela deveria ser) - outra questão relaciona-se as implicações da mesma sobre os sujeitos em interação (entre si e, deles com a ambiência). A perspectiva relacional nos coloca uma dimensão sócioambiental, de fundo ecológico, mas de caráter iminente político.

É necessário perceber o ecoturismo integrado a um processo de transformação social, oriundo de críticas a um modelo de desenvolvimento, sendo assim, as práticas ecoturísticas podem estar associadas ou não, as Organizações Não Governamentais: o ecoturismo mostra-se como um fenômeno ambíguo -, passível de adesão e, mesmo, críticas por parte dos ambientalistas, bem como, de alguns grupos ligados ao contexto mais acadêmico.

Os Personagens

Os atores sociais que interagem na complexa teia de relações, em que ocorre o fenômeno do ecoturismo estão envolvidos de forma diferenciada com o mesmo. A maneira como tais sujeitos deslocam-se em tal teia é dinâmica. Há um variado número de atores sociais, cujas *visões de mundo*¹⁶² são diferenciadas; tais personagens em interação, apresentam por sua vez, trajetórias individuais¹⁶³ cujas diferenciações

imprimem no fenômeno elementos que o enriquecem. O ecoturismo na Ilha de Santa Catarina, está vinculado a uma série de atores que atuam em espaços diferenciados, seja na cidade ou no ambiente natural (vivendo um freqüente deslocamento entre ambos) e que estão envolvidos de alguma maneira a práticas ecoturísticas. Buscarei elucidar parcialmente tal complexidade, a partir das diferenciações a nível discursivo¹⁶⁴ e, conseqüentemente, das práticas relacionadas as experiências ecoturísticas por parte

¹⁶² Geertz relaciona a visão de mundo àqueles aspectos “cognitivos, existenciais”. Conforme Velho (1994, p.26), na visão de mundo (*eidós*) “a noção de biografia é central” e esta, relaciona-se “aos aspectos de padronização dos aspectos cognitivos da personalidade dos indivíduos (Bateson, 1958 e Geertz, 1978)”. p.58

Edgar Morin menciona o fato de “que nós apreendemos do mundo não é o objeto abstraído de nós, mas o objeto visto e observado, co-produzido por nós. O nosso mundo faz parte da nossa visão de mundo, a qual faz parte do nosso mundo”. (Do Caos a inteligência artificial...; p.89)

¹⁶³ “As trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de *projetos* com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com outros *projetos* individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do *campo de possibilidades*”. (Velho, 1994b, p.47)

¹⁶⁴ De acordo com Velho (1994), as “trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de *projeto* com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com outros *projetos* individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do *campo de possibilidades*”. p.47 E ainda, a possibilidade de construir e expressar *projetos* próprios é uma das maneiras de distinguir grupos sociais enquanto unidades com o mínimo de integração, pois o *projeto* é indispensável para a organização de indivíduos em torno de interesses comuns”. (Velho, 1994b; p. 109)

A idéia de *projeto* (Velho, 1994) implica num nível subjetivo, mas está “vinculado a contextos sócio-culturais específicos” (p.26). Ele relaciona-se necessariamente “a algum tipo de cálculo ou planejamento” (não significando que ele seja apenas racional), estando ligado ainda, “a uma tentativa consciente de dar um sentido ou coerência” à fragmentação dos papéis a que estão submetidos os sujeitos (p.31). A noção de *projeto* “ênfatisa a margem de manobra existente na sociedade para opções e alternativas. De alguma forma, um sujeito decide e escolhe um caminho específico”. p. 43

A idéia de *projeto* é útil para pensarmos a questão relacionada aos proprietários das agências, pois tais atores sociais, a partir de certas *motivações* (“determinadas experiências existenciais e sociológicas que os atores em *situação* e em um *campo de possibilidades* específico têm o *background* do *porquê* de suas ações”) que têm conexões com suas trajetórias individuais, pois são sujeitos que possuem larga experiência em termos de conhecimento de trilhas (profissionais da área de educação; “mateiros”, excursionistas, desportistas à anos); alguns com capital cultural (Bourdieu, 1994) em termos de cursos (Curso de Primeiros Socorros no Corpo de Bombeiros) ou mesmo de terceiro grau (biólogo, professor de educação física, formação em turismo). Velho (1994) menciona que “Uma questão interessante em antropologia é, justamente, a procura de localizar experiências suficientemente significativas para criar fronteiras simbólicas”, pois o “fato importante é que estamos lidando com conjuntos de símbolos que vão ser utilizados pelas pessoas nas suas interações e opções cotidianas, num processo criativo ininterrupto havendo alguns mais eficazes e duradouros do que outros. A relação entre o desempenho de papéis e esses conjuntos de símbolos constitui uma questão estratégica para a antropologia social”.(p.16-7) Desta forma, trata-se de uma série de profissionais de diversos setores que optam por abrir uma agência de ecoturismo, paralelamente as suas atividades profissionais: na Ilhapé, Eduardo trabalha no setor de computação da Caixa Econômica Federal e Gilson trabalha na COMCAP; na Recrearte, Augusto é professor educação física na rede estadual e particular de ensino; na Vórtice, Pedro é professor de biologia na rede particular de ensino, funcionário do setor Animais Peçonhentos do Hospital Universitário (antes dava aula de computação num cursinho da cidade). Kiko (Trekking das Águas) e Silvio (Andarilha) vivem de suas atividades no turismo, mas o último também vende produtos artesanais. Felipe (POC Adventures) fabrica equipamentos para esportes junto à natureza, principalmente mochilas.

A noção de *projeto*, por sua vez, está vinculada a idéia de *campo de possibilidades*, pois o primeiro precisa sempre ser pensado em termos de interação. Os *projetos* individuais estão relacionados com outros “dentro de um campo de possibilidades”. (Velho, 1994b; p.46)

dos donos das agências, dos ambientalistas e os ecoturistas, estabelecendo, num primeiro momento, algumas linhas possíveis de interação entre esses grupos e o

Este último está “circunscrito histórica e culturalmente” (Velho, 1994; p.28). Segundo o autor seria “a partir da delimitação desse campo que se podem perceber a gênese e a viabilidade de projetos específicos”. p.107

Os proprietários das agências, deixam claro os seus projetos individuais (no caso da Ilhapé o projeto é coletivo) que, por sua vez estão vinculados a uma dupla condição, ou seja, “do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura” (p. 28) e que referem-se a um *campo de possibilidades*. Vejamos:

Kiko, do Trekking das Águas, numa conversa me diria acerca dos empresários do setor turístico: “*Não querem fazer como propósito de vida, como um ideal*”, pois segundo ele só querem dinheiro. Complementa, afirmando -, “*o que me moveu não foi o dinheiro*” (a trabalhar com ecoturismo). A questão aqui está no plano das emoções, de sentimentos acerca da natureza.

Já, Pedro da Vórtice, com formação em biologia, afirma que “*a minha entrada no ramo do ecoturismo começou através dos passeios marítimos, que chamam mais atenção! A gente já vinha trabalhando a parte de ecossistemas costeiros na Baía Norte, especificamente na região da APA, que é a Área de Preservação Ambiental do Anhatomirim; nesse início de trabalho junto com um rapaz que trabalha como guia de turismo... sentia dificuldades de ter um biólogo na área trabalhando, para poder falar da diversidade que se encontra naquela área, da importância da preservação... Então, tinha a necessidade de fazer um projeto para trabalhar isso. A única maneira que eu encontrei foi registrando uma empresa oficialmente e entrando no mercado de trabalho*”.

Para Augusto, o ecoturismo aparece em torno de 1987, quando “*sem querer*” ele começa a “*enveredar para esse lado do ecoturismo. Sem saber eu comecei dentro da educação física, depois de formado; nas escolas: levar as crianças a conhecer como atividade física e repassando o meu conhecimento de mata, de mateiro, de interior para o pessoal do interior da ilha, nas escolas do município -, da prefeitura. Porque eu via, sai do campo, para vir para a cidade e hoje, nas comunidades do interior da ilha está acontecendo a mesma coisa: as crianças hoje estão estudando, indo para a escola e saindo também dos seus locais, das suas terras. Vendem praticamente de graça e vem se aventurar no centro para trabalhar, para pegar um empreguinho que não vai dar sustento para as famílias deles. Quer dizer, eu estava me vendendo nas crianças que eu dava aula.*”

Preocupado, comecei a realizar um trabalho, sozinho, dentro do espaço que eu tinha, que eram minhas aulas de educação física. Bem, vou incentivar essas crianças: a questão da natureza! Mas, ainda não consciente total do meu papel, de como fazer. Foi através de ensaios, de tentativas, de acertos e erros. A partir daí, surgiu a oportunidade de trabalhar no projeto **RECRIANÇA** da prefeitura. Fui coordenar um núcleo no campo do Avaiá..., aquela semente ficou encomodando, durante uns quatro anos, mais ou menos. Foi onde, a partir de 90 - resolvi abrir uma empresa, a **RECREARTE**”.

Eduardo, por sua vez afirma que os sócios da Ilhapé fazem trilhas à nove anos juntos, pois segundo ele “*tudo começou com a idéia de dar a volta a ilha a pé em 86 com meu irmão, isso se repetiu em 87, 88 e 89*”, pois queriam “*descobrir lugares que não conheciam*”.

Em suas caminhadas pela ilha, sempre levaram pessoas, “*no início de forma gratuita*”, porque antes era “*mais pelo prazer do que pelo retorno financeiro*”. A intenção era “*mostrar o que a ilha tem de bonito*”. Para ele, a “*caminhada está no sangue*”.

Gilson, o outro sócio da agência, também considera que a caminhada “*está no sangue*” e explica que, no caso dele, “*começou lá com 7 anos, com a subida à Floresta da Tijuca... aquela descoberta da natureza, aquele contato com a natureza que era uma coisa que me agradava muito mais, de repente, do que outra atividade esportiva. Depois reforçou mais com o contato com o Eduardo, que eu conheci em 83, 84 a gente trabalhou junto, fui estagiário da Caixa Econômica (Federal) e lá, cruzei com uma pessoa que tem uma afinidade que nem a minha com essas coisas. Ai, quer dizer, afirma bem mais as caminhadas ecológicas... a gente fechou um grupo, sem fins lucrativos, era mais hobbie, onde a gente programava caminhadas aqui em Santa Catarina, aqui em Florianópolis ou fora do estado... Então, eram cinco pessoas que se envolviam com a caminhada ecológica e nessa, a gente convidava os amigos próximos para participar com a gente e ia abrindo um leque de pessoas que participavam e, acabou saindo a volta na ilha... a tão sonhada volta na **ilha a pé!**... participei da terceira... já pegava no pé do grupo para que a gente fosse pioneiro nessa idéia de montar uma estrutura e unir o útil ao agradável. O no final do ano passado; a gente trabalhou melhor a idéia... na volta na ilha do ano passado, me lembro bem do trecho, foi em Ponta das Canas, a gente almoçando... a gente cogitou a idéia: pôxa eu acho que chegou o momento, a hora é essa. A gente vive momentos confusos nos nossos empregos. O poder aquisitivo caindo. A gente sentiu necessidade de ter uma atividade, de ter um negócio e porque não ser a caminhada ecológica, montar uma estrutura. Isso em fevereiro. De fevereiro para cá a gente começou a trabalhar melhor a idéia e acho que foi mais ou menos em outubro que a coisa... ó a coisa vai acontecer, tomou corpo!”. Conversamos eu, ele e sua namorada numa noite no Café Paulista, próximo à Praça XV.*

cruzamento das várias propostas existentes no contexto florianopolitano.

Em função do caráter heterogêneo dos atores sociais e, portanto, numa tentativa de entender o conjunto de relações existentes em torno do ecoturismo na ilha de Santa Catarina, reuni em *redes sociais*¹⁶⁵ (que contêm três grupos). Embora, eles não sejam totalmente excludentes entre si, todavia, partem de pressupostos éticos diferenciados, devido, em parte, à variabilidade das inserções dos grupos num contexto onde o turismo é uma das atividades sócio-econômicas em expansão e onde a conservação ambiental é uma questão chave. Tenho em mente a fragilidade de tal segmentação. Colocado nestes termos, isso me possibilita percorrer os meandros pelos quais penetram -, nos termos das relações desses grupos urbanos tanto com o mundo natural, quanto com os demais atores sociais: as experiências vividas em grupo junto à cenários diversos, bem como, as suas falas acerca das questões ligadas ao ecoturismo ou aquelas de cunho preservacionista e, por isso, de caráter mais político. A partir daí teríamos em Florianópolis três grupos significativos:

Grupo 1. Profissionais Educadores

Neste grupo incluo os profissionais ligados a área de educação física e biologia (aqui me refiro apenas aos grupos que contatei), os quais atuam no contexto florianopolitano (com exceção de Roberto, o biólogo do Hotel Plaza Caldas da Imperatriz). Esses profissionais estão envolvidos com práticas vinculadas a educação ambiental num sentido mais formal¹⁶⁶, ou seja, com preocupações a nível didático-

¹⁶⁵ Conforme Bott (1976) o conceito de network (rede) é útil para “descrever um conjunto de relacionamentos sociais para os quais não existe um fronteira comum”. Cita Barnes (1954): “Cada pessoa está, por assim dizer, em contato com um número de pessoas, algumas das quais estão diretamente em contato com cada uma das outras e algumas das quais não estão... Acho conveniente falar de um campo social deste tipo como uma ‘rede’ (network). A imagem que possui é a de um conjunto de pontos, alguns dos quais ligados por linhas. Os pontos da imagem são as pessoas, ou às vezes os grupos, e as linhas indicam que pessoas interagem com as outras”.

¹⁶⁶ “Em primeiro lugar, não existe uma, mas várias modalidades de “educação ambiental”. Essas modalidades podem pertencer aos contextos informal e formal, sendo que este último abrange ainda quatro níveis de ensino, ou seja, o 1º e o 2º graus, a graduação e a pós-graduação”. (Brügger, p.32)

pedagógicas: seja junto as escolas do município ou aos participantes de atividades ecoturísticas. As agências Recrearte (o dono da agência é graduado em educação física) e Vórtice Turismo Ecológico (o proprietário é graduado em biologia), além do Hotel Plaza Caldas da Imperatriz, através do biólogo da empresa, que desenvolve trabalhos na área de ecoturismo (mas também educação ambiental) e estimula pesquisas acadêmicas dentro dos limites do hotel.

Os donos das agências ressaltam a necessidade de trabalhos na área de educação ambiental¹⁶⁷, aliando experiência de lazer com o conhecimento da natureza, a partir de um contato maior com os ecossistemas da ilha, permitindo associar prazer (principalmente físico) e obtenção de informações corretas acerca do ambiente¹⁶⁸.

¹⁶⁷ Brügger (1994), afirma que a “compartimentalização do “ambiental” ou, a inserção de uma dimensão ambiental, levam o meio ambiente a uma perspectiva instrumental e o elenco de “problemas ambientais” se reduz à poluição, escassez de recursos, naturais, diminuição da biodiversidade etc. A educação ambiental vista dessa forma não faz jus portanto ao adjetivo a que se propõe”. p.78

Não acompanhei excursões à natureza com crianças de escolas locais realizadas pelas agências, pois procurei acompanhar, com mais frequência, o público adulto das agências (não significando que crianças e adolescentes não estivessem presentes em algumas caminhadas que realizei).

¹⁶⁸ Encontrei Augusto (Recrearte), num dia chuvoso e frio (21/9/95) e conversamos sobre o ecoturismo num bar da Rua Tiradentes, cheio de adolescentes que estudam num cursinho pré-vestibular nas proximidades. Eles falavam muito alto, fumavam avidamente seus cigarros e riam animados naquela manhã cinzenta. Augusto faz um sinal com a cabeça e me diz - “*nesse grupinho que faz cursinho, você vê que é o pessoal do cigarro, do refrigerante*” e argumenta que eles trocam um programa de ecoturismo (apesar de ficarem “*ouricados*” para ir) “*por uma saída na casa da amiguinha, ir para a boate, para o barzinho*”. Segundo ele, “*o nosso objetivo é chegar nessa faixa etária. Nós trabalhamos com os colégios durante o ano fazendo educação ambiental com crianças de primeira à quarta séries e até quintas e sextas séries do primeiro grau. E sugerimos a nível de segundo grau, a nível de juventude - de crianças e adultos. Todas as faixas etárias são importantes. Nosso objetivo maior é carregar no jovem. É a partir daí que você vai formar **consciência ecológica** - você vai formando através da educação ambiental, do trabalho, uma **consciência ecológica** desse pessoal para uma preservação futura*”.

Já Pedro, dono da empresa Vórtice Turismo Ecológico, me concedeu uma entrevista no laboratório do Colégio Catarinense em 6/12/95, onde é o professor de biologia encarregado das aulas práticas. Primeiro, atravessaria um enorme corredor, um certo ar monástico, asséptico. Fui recebido por Pedro, que estava de guarda-pó branco. Entrei numa sala repleta de livros, na qual esperaria uns instantes por ele. As salas me remeteram aos tempos de acadêmico de biologia: os viveiros (um com uma jararaca que irritada dava botes no vidro, outro com um lagarto teiú que babava, imóvel num canto do recinto e um terceiro, onde uma caranguejeira predava com avidez uma enorme mariposa); quadros com gravuras de órgãos humanos; o esqueleto discreto -, um ar patético, próximo do corredor. Tal universo me era bastante familiar, ainda que possuísse um certo quê de macabro; uma daquelas ambiências que eu conhecia de outros momentos: meu olhar mudara, mas tinha simpatia àquele ambiente. Talvez, entre aqueles equinodermos - estrelas e ouriços-do-mar fixados em álcool - que eu via e as peças de artesanato indígena que observara no Museu Antropológico existissem mais coisas em comum do que eu imaginava.

Pedro após percorrer o laboratório da escola comigo para que o conhecesse me diria: “*O nosso trabalho é extremamente educacional cara, do ponto de vista acadêmico: a gente trabalha mais em escolas, que é o nosso forte. No verão o nosso pool de serviço, ele é reduzido em função até de que a gente não trabalha muito com o*

Nota-se em ambas uma tendência a realizar trabalhos que envolvam profissionais ligados às áreas de biologia e educação física - sendo que, apenas a Recrearte integra (as vezes), além de biólogos, os recreacionistas (geralmente estudantes de educação física) em seus trabalhos. Há, por parte dos empresários, uma preocupação com a questão do campo de trabalho para profissionais das áreas de biologia e educação física¹⁶⁹. Por outro lado, existe o interesse na organização do ecoturismo no estado.

Bourdieu (1994) refere-se a determinados “sistemas de classificação e as técnicas de identificação dos símbolos de distinção”, entre eles inclui os títulos acadêmicos que seriam “garantias de qualidade”. Trata-se dessa forma, de um “capital cultural” que distingue as pessoas a partir de seu grau de escolaridade, do domínio de certas informações.

Roberto, o biólogo responsável pela Área de Educação Ambiental do Hotel Plaza Caldas da Imperatriz, também ressalta a importância deste tipo de enfoque educacional e a preocupação com o campo de trabalho para os profissionais de sua área de atuação -, inclusive há um convênio entre o hotel e a UFSC, mais especificamente, com o departamento de biologia, no sentido de promover estágios de alunos. Em contrapartida, realizam-se estudos de ecologia; levantamentos faunísticos e florísticos da região, como uma forma de aumentar o leque de informações sobre a área (região limítrofe ao Parque Estadual da Serra do Tabuleiro)

turismo, voltado para o turismo para grupos isolados. A gente trabalha, mais ou menos, para grupos bem definidos como grupos escolares. Nós trabalhamos com turmas desde o primeiro grau, as últimas turmas de primeiro grau (sétima e oitava séries), mas a maioria, o grande público é de segundo grau (primeiros, segundos e terceiros anos do segundo grau). Esse trabalho a gente começou levando na forma de passeios, explorando o conteúdo escolar, o conteúdo programático disciplinar de forma gostosa... o que a gente tenta fazer é estimular a observação e a investigação, que é o forte, porque o que a gente pretende com isso é que o aluno, através da observação e da investigação -, ele crie o estímulo à pesquisa, à descoberta das coisas e, com isso, a gente acredita que ele vá criar um certo respeito pela natureza - esse respeito só se dá através do conhecimento, não existe outra maneira”.

¹⁶⁹ Augusto usa “*todo o embasamento teórico da educação física, da recreação, do lazer... a gente tenta trazer essa parte também por que é o profissionalismo, talvez não tenha em outros grupos por não terem essa formação: nós casamos a preocupação com o corpo, de uma maneira saudável; que você tenha respeito ao corpo maior que é o nosso mundo, a nossa natureza. A coisa fecha dentro de um mesmo ambiente, de uma coisa só*”.

e, além disso, algumas delas podem ser repassadas aos hóspedes. Ele ainda tem interesse acerca de questões que envolvem uma maior integração entre aqueles que trabalham no setor ecoturístico: agências, hotéis, hotéis-fazenda e pesquisadores. Ou seja, há uma preocupação com o mapeamento e a organização das propostas ligadas ao ecoturismo no estado de Santa Catarina, visando um maior profissionalismo no setor, além de intercâmbios, trocas de experiências e, até mesmo, parcerias¹⁷⁰.

Lúcio, o estagiário do hotel foi muito camarada comigo, me passou alguns tickets para refeições, pois fez-se necessário que eu dormisse no alojamento do hotel em função do horário da caminhada na manhã seguinte. Ele e outra estagiária, me mostraram as dependências do hotel e algumas trilhas. Transitei pelo hotel com ambos e participei do seu cotidiano de estagiários; das atividades e obrigações em relação aos turistas. Os estagiários, pude perceber pelo acesso de risos entre duas estagiárias (uma da recreação e outra do setor de ecoturismo) dentro do refeitório, dão outra dinâmica ao dia a dia do hotel. O caso da “*bióloga tarada por morcegos*” é elucidativo. Assim, um dos três casais que conduzíamos pela estrada que nos levaria à trilha, fazia referência a ela. O casal tinha estado lá anteriormente, quando a estagiária desenvolvia a sua pesquisa sobre morcegos na área do hotel. Segundo os dois: “*ela passava a noite inteira acordada*” atrás “*de bichos feios e estranhos*”. Completariam rindo que eles chamavam-na **batgirl**.

Eles contaram, o que Lúcio confirmaria em seguida, que os funcionários associaram o fato dela estudar morcegos com propriedades bruxólicas. Hábitos muito

¹⁷⁰ Ele vê a necessidade de “*que os envolvidos mantenham contato, integrações, inclusive a gente estava discutindo agora, a associação... está ligada ao Instituto (de Ecoturismo) por um representante catarinense. Então a gente achou que no momento não era interessante formar uma associação. Mas que o grupo, esse pessoal envolvido no ecoturismo se mantenha de certa forma unido e em contato meio freqüente para saber o que está acontecendo; para estabelecer algumas metas. Para não ficar um trabalho isolado aqui, outro lá. Com certeza, se o pessoal trabalhar em conjunto vai funcionar melhor porque também, o sucesso de um depende do outro: fazer um serviço bem feito aqui e o meu colega fazer uma merreca que vai espantar o meu cliente, o cliente dele - porque vai virar uma porcaria, não pode funcionar assim -, acho que todo mundo tem que manter um padrão, um nível bom*”.

estranhos: passar a noite acordada e ainda atrás de morcegos, colocando redes para pegá-los; colocar morcegos no freezer junto com alimentos completava a esquisitice. Mas, como se não bastasse a bizzarria presenciada pelos funcionários temerosos, ainda existia a malfadada “*cara de morcego*” que lhe atribuíram. **Batgirl** de um lado; **bruxa** de outro.

Grupo 2. Profissionais Técnicos

Nesse grupo incluo aquelas agências de ecoturismo que desenvolvem determinadas práticas junto a natureza, sem ter uma preocupação de caráter mais formal em termos de um projeto pedagógico, ou seja, existem preocupações no que tange a preservação ambiental que são passadas aos ecoturistas, no entanto, tais empresas não têm atividades de educação ambiental com as escolas (Ilhapé e Andarilha). A agência Trekking das Águas possui algumas experiências com escolas¹⁷¹, mas não há uma



O hotel como um local de trânsito: os corredores, os jardins, as trilhas. A ponte sobre o riacho de águas límpidas.

O hotel tem um trabalho pioneiro em relação ao turismo ecológico.



¹⁷¹ Como foi o caso do Projeto “Viva Ilha - Eco-turismo na educação ambiental” que propunha “a adoção de um projeto prático, que alie a discussão com a prática (experiência vivencial)” e o Vivência Ambiental “Consciência Planetária, Ação Localizada” onde objetivavam “Colocar nossos jovens em contato direto com ambientes de alta qualidade ambiental, e através de um monitoramento iniciá-lo em múltiplas atividades” - desta forma, a agência realizou trabalhos junto à escolas particulares do município, ou ainda, junto ao Colégio Geração com excursões até o Parque Nacional dos Aparados da Serra na divisa entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Neste último o professor de geografia acompanhou seus alunos. Sobre o Vivência Ecológica, Kiko me diria que “*é para viver a ecologia, sem distanciamento da natureza*”.

continuidade nas atividades. Esse grupo se propõem apenas a proporcionar experiências ecoturísticas variadas que, a princípio, satisfaça os seus clientes sem com isso causar maior impacto sobre o ambiente¹⁷².

Com exceção de Silvio, dono da Andarilha, que é graduado em turismo¹⁷³, os demais não têm uma preocupação maior em termos de categorias profissionais, acredito ser devido ao fato de não possuírem terceiro grau ou de alguns não o terem concluído ainda (Eduardo um dos sócios da Ilhapé é estudante de direito); também não consegui perceber maiores preocupações em termos de organização do ecoturismo no sentido de integrar as agências entre si -, para uma certa dúvida no ar, uma aura de desconfiança¹⁷⁴. Quanto a educação ambiental, ouvi apenas relatos tímidos acerca da mesma ou então sequer foi mencionada, não havendo, com exceção do Trekking das Águas, que em algumas vezes contou com a participação de biólogos nas atividades promovidas pela agência - um interesse mais específico em profissionais dessas

¹⁷² Eduardo me diria várias vezes que é ecologista, mas que não suporta eco-xiitas: “*de gente que joga papel no chão e que bate no peito defendendo a baleia franca*”. Eco-xiita como um tipo extremo: entre a incoerência e o radicalismo.

Certa vez quando descíamos de automóvel o morro da Lagoa uma ecologista me diria:

“Fui chamada de xiita numa palestra sobre ecoturismo. Tu achas que é possível o ecoturismo? Eu acho que não! - Mas o capitalismo está se adaptando a essas práticas! A gente não está indo atrás das paisagens da Lagoa da Conceição e da Joaquina? Como evitar o lazer das pessoas?”

- ... (pairou um silêncio no ar)

As questões ficaram em aberto, pois compatibilizar preservação ambiental e turismo é um problema que se impõe, dado o novo repleto de nós que se revela. Conflitos sociais originam-se de perspectivas antagônicas: a conservação de um ambiente de alta biodiversidade pode excluir o homem de seu ecossistema. As comunidades locais sofrem com a transformação de suas terras em Parques Nacionais, por exemplo.

¹⁷³ Silvio, me disse na sua casa no Campeche em 29/11/95 que se formou em turismo “*em São Paulo, na faculdade do Morumbi - foi a primeira faculdade de turismo do Brasil, sou da segunda turma, me formei em 75... fui para a Europa -, passei três meses rodando, isso em 70 ou 71. Depois voltei, fiz a faculdade, só que infelizmente rapaz, como tudo aqui no Brasil - não é uma profissão reconhecida. Porra, então tu não tens um mercado de trabalho! Me formei em turismo e acabei caindo na publicidade... fiz um curso de marketing à 10 anos atrás em Curitiba, de especialização... fui o primeiro gerente de marketing do Boticário, lá em Curitiba... E estou aqui, vim para cá a três anos -, aqui é uma dificuldade porque a gente está tentando fazer esta casa e ficar aqui, mas você não tem trabalho, não tem mercado de trabalho, não tem o que fazer*”, desabafa.

¹⁷⁴ Kiko (Trekking das Águas), por exemplo, nas vezes que tentei conversar com ele sobre algo relacionado a uma associação de ecoturismo, não me pareceu ter muito interesse pelo assunto - algumas evasivas ficavam no ar e a coisa se dissipava; Eduardo me falou durante um trekking na Ilha das Cotias, em Apiúna, que a Ilhapé não iria se ligar a nenhum Instituto de Ecoturismo (ele questionou o próprio nome de Instituto -; as instituições tão paquidêrmicamente morosas em relação à dinâmica dos sujeitos, pensei eu) e Silvio, por sua vez, não me comentou qualquer coisa à respeito.

áreas¹⁷⁵. Talvez pelo fato de que tanto a Andarilha quanto a Ilhapé optaram por atender uma clientela adulta¹⁷⁶ e de estarem iniciando as suas atividades na área de ecoturismo¹⁷⁷.

Grupo 3. Os Ecoturistas

Procurei, a partir do contato com as agências de ecoturismo existentes na ilha de Santa Catarina, identificar e interagir com grupos de praticantes de algum tipo de atividade de ecoturismo, fosse em terra - principalmente trekkings, mas também as excursões espeleológicas e as escaladas -, bem como na água (seja em ambiente marinho ou não), como os passeios de escuna ou o rafting (ainda, que meu interesse estivesse centrado nas caminhadas).

É preciso que fique claro que havia certa dificuldade em estabelecer um contato maior com os ecoturistas, dada a mobilidade dos grupos. Aqui, a mobilidade é entendida em sua amplitude: primeiro, porque a formação de grupos pode ser aleatória,

¹⁷⁵ Tanto Eduardo quanto Gilson (ambos eram sócios de Sandro, na Ilhapé, que desligou-se da sociedade) me falariam do interesse deles de contratar biólogos para acompanhar as caminhadas, mas ainda não poderiam fazê-lo em função dos custos que isso implicaria.

¹⁷⁶ No dia 3/11/95 marquei com Eduardo uma entrevista no bar da Alfândega, pela facilidade de acesso tanto para mim quanto para ele, porém ambos esquecemos de pedir ou dar características que nos identificassem um para o outro. Foi uma situação inusitada, pois só me dei conta disso quase na hora do encontro - marcar uma conversa com alguém sem saber como essa pessoa é fisicamente. Patético! Um detalhe e tanto para esquecer, como iria identificá-lo? E se ele já estivesse ali, alguns homens sentados sozinhos, como saberia se um deles era ele? - aquilo era risível: - oi, tu que és o Eduardo? - ficaria ridículo! Peguei uma mesa na rua, até tentei posar (ou pousar) de intelectual, coloquei meus óculos (lembrei do Perlongher - o antropólogo como uma figura brechtiana), folheei desinteressado um livro de antropologia - quem sabe ele identificasse uma figura meio fora do contexto. Num calor terrível todos tomando chopp, alguns comiam bolinhos de camarão, jogavam conversa fora. Não tardou muito para passar um homem com uma camiseta verde com o logotipo da Ilhapé - estava ali quem eu procurava. A camiseta era o diacrítico que anunciava meu informante.

Depois desse detalhe significativo ele me diria que "*a gente tenta direcionar a clientela, o serviço*". Eles promovem pacotes fechados (para colégios, associações) e pacotes abertos, onde qualquer pessoa pode participar. Segundo ele, não gostam muito de levar crianças, pois "*o pessoal dos 25 aos 40 são os melhores clientes; têm vontade de aprender - o papo é outro!*" Ele ressaltaria ainda o entusiasmo das pessoas dessa faixa etária. Cita a vez em que levaram 30 bandeirantes para a Lagoinha do Leste, a garotada estava "*cantando Mamonas o tempo inteiro*", na hora da recreação "*estava tudo morto na praia, poucos foram os que brincaram*". Já, os de 25 à 40 na praia de Moçambique "*jogaram vôlei, frescoból*".

¹⁷⁷ Conforme Silvio, da Andarilha, os "*roteiros que a gente fez, até por comodidade... por estar próximo do Morro das Pedras, do Campeche - vou ficar restrito aqui ao sul da ilha; atender essa demanda que existe das pousadas para o lado de cá* (Silvio tem uma caminhonete Toyota). *Então, como te disse, estou começando agora, esse ano é que vai ser o primeiro ano*".

pontual (ainda, que em algumas vezes, as pessoas marquem para se encontrar em outra caminhada¹⁷⁸); segundo, que a mobilidade se dá literalmente, ou seja, há um deslocamento e nem sempre se dialoga durante a caminhada (até por questões de resistência física). Meu problema era cercar o objeto que era fugidio e, aliado a certa timidez de minha parte, tornava complicada a aproximação. Optei pela formação de pequenas redes sociais que, apesar de em alguns casos serem de caráter muito efêmero, me possibilitariam traçar um certo mapeamento (ainda que o mapa seja parcial e dinâmico na sua transformação), identificando certos microgrupos no interior dos grupos maiores, em interação nas práticas de lazer junto ao ambiente natural.

Desta forma, tais redes sociais (dividi em quatro subgrupos) estão relacionadas especialmente a prática do trekking (sendo assim, ligadas a atividades espeleológicas, ao rafting e as escaladas), por uma questão de recorte metodológico, pois estava mais interessado em tentar compreender os arranjos sociais que ocorriam em consequência de determinadas situações originadas no decorrer de uma prática de caráter lúdico como é o trekking, bem como, o que significavam tais experiências, pensando em termos do que representava a noção de aventura, para esses personagens que experimentavam em grupos um tipo de lazer que possui um vínculo estreito com o esporte e com as questões ambientais.

Para tanto, percorri quatro redes de ecoturistas, como segue:

a. Rede da Ilhapé: trata-se de um grupo de três pessoas que está ligado à agência Ilhapé: Janaína (secundarista - a única adolescente que consegui entrevistar); Mara (assistente de faturamento da TV Barriga Verde; possui o segundo grau) e Ana

¹⁷⁸ Como ocorreu no final da caminhada do Saco Grande à Costa da Lagoa, onde houve a troca de números telefônicos, porém o encontro marcado para caminhar na trilha do morro da Lagoa da Conceição não aconteceu, devido a forte chuva que caiu no dia combinado.

(funcionária do setor contábil da concessionária Hoepcke; caloura do curso de biblioteconomia). Todas elas começaram a praticar o trekking com a agência a menos de uma ano¹⁷⁹; neste grupo os laços de amizade com os donos tem um significado a mais, pois Janaína é filha de uma funcionária da Caixa Econômica Federal, onde Eduardo (um dos donos da empresa) trabalha¹⁸⁰, enquanto Mara e Ana são amigas a algum tempo de Eduardo, Gilson e Sandro (os sócios na agência na época da pesquisa). Acrescenta-se a tal fato a possibilidade de realizarem caminhadas em locais, que por desconhecê-los, necessitam ser levadas até eles. A princípio, não realizam caminhadas sem a prestação de serviços da agência. Ainda contatei com Gilberto e Marília, ela é colega de trabalho de Ana - realizamos uma caminhada a Naufragados juntos¹⁸¹;

b. Rede da Recrearte: grupo de três pessoas - Gustavo (farmacêutico e dono de uma farmácia no centro da cidade) e Suzana (possui o segundo grau e trabalha na farmácia de Gustavo, ambos são namorados); Júlia (é doutora e leciona na universidade). Conheci também Luísa (funcionária da Eletrosul) que é amiga de Gustavo e

¹⁷⁹ Ana diria que "... sempre fico em contato com o Gilson, sempre, contato direto com ele. Ele sempre me falou das caminhadas dele -, me falou daquela de Machu Pichu que ele fez, de um monte de caminhadas que ele fazia: foi para o Cambirela, para um monte lugares. Eu achava interessante, sempre achei interessante! Ai, foi quando eles montaram a empresa, a Ilhapé. Ai ele começou a levar os turistas, a levar o pessoal para conhecer essas praias com mais difícil acesso. Porque eu não conhecia essas praias, não tinha como chegar lá. Eu não conheço as trilhas; não conheço as praias daqui! Conhecia Ingleses, Ingleses, Ingleses... onde o ônibus me leva e pronto! Esse é um dos motivos que vou com ele, porque quero conhecer as praias, de difícil acesso; conhecer mais a natureza; ter mais contato, ãhm, tipo quando a gente foi à Naufragados, contaram um pouco a história do forte, porque o nome Naufragados! Então, vão contando um pouco a história - o grupo vai passando para gente também a história que a gente não conhecia, por que muitos não eram de Florianópolis".

Janaína, me disse empolgada, num bar na praia do Campeche que "esse ano eu venho fazendo direto, mas desde bastante tempo venho fazendo trekking com o pessoal da minha família, a gente ia muito para Lagoinha; Lagoinha do Leste; Naufragados, enfim a gente já anda a bastante tempo".

Mara, no entanto, havia contactado com o ecoturismo recentemente, "foi aqui acho que à um mês atrás. A primeira vez que fiz, foi naquela caminhada na Lagoa do Peri".

¹⁸⁰ A agência Ilhapé realizou um convênio com a Caixa Econômica Federal durante o verão de 95, promovendo pacotes fechados para a Associação do Funcionários: o convênio beneficiava também seus familiares, além de atender os funcionários da Caixa provenientes de outras regiões de Santa Catarina ou de outros estados do Brasil que vinham passar as férias na ilha.

¹⁸¹ Depois dessa caminhada tentei entrevistar ambos, realizei vários contatos telefônicos - inclusive marcamos um local de encontro para fazermos a entrevista, mas eles não compareceram. Desta forma, optei por desistir da entrevista, talvez tenha sido insistente demais e acabei espantando os meus possíveis informantes ou quem sabe tenham ficado constrangidos em me ceder uma entrevista.

Suzana, fizemos uma caminhada juntos, mas não consegui entrevistá-la¹⁸². Agrupei-os à Recrearte porque, com exceção de Luísa, participei com os demais de uma caminhada promovida por essa agência, mas não significa que essas pessoas deixem de procurar os programas oferecidos pelas outras agências. Ainda existe o fato de que, pelo menos Gustavo e Suzana realizam caminhadas com amigos sem solicitarem os serviços de nenhuma empresa. Tanto o casal¹⁸³ quanto Júlia iniciaram a praticar o trekking a partir do contato com agências no ano de 94;

c. Carlos e Lia: são casados (ele é cientista social e ela é enfermeira), sendo que, ambos são funcionários públicos (trabalham na UFSC). Nesse caso, apenas Carlos realizou uma caminhada com a agência Recrearte - subiu o morro do Cambirela em Palhoça; porém a dupla além de conhecer praticamente todas as trilhas da ilha¹⁸⁴ e de ter realizado os passeios de escuna várias vezes, possuem no seu currículo de viagens uma maratona pelos principais refúgios ecológicos e Parques Nacionais Brasileiros¹⁸⁵. Carlos coordenou as atividades de limpeza da Lagoinha do Leste, no

¹⁸² Após a caminhada à Lagoinha do Leste fomos tomar café em minha casa, Luísa não queria demorar-se, porém como estava de carona com Gustavo e Suzana, desceu do carro para nos acompanhar. Sugeri uma entrevista com ela noutro momento, alguém disse para que fizéssemos a entrevista naquele dia. Luísa se mostrou pouco disposta, nem eu gostaria naquela altura de realizá-la -, deixamos para outra hora. Tentei algumas vezes por telefone, marcar uma entrevista, mas ela tinha sempre algum compromisso que inviabilizava a mesma (também percebia uma falta de disponibilidade de sua parte). Acabei desistindo de fazer a entrevista -, não seria a única pessoa que não conseguiria entrevistar.

¹⁸³ Gustavo me diria que seu contato com o ecoturismo foi *“há pouco tempo, foi justamente na divulgação dessa empresa do Costão do Santinho; ali que tomei conhecimento. No ano passado. Eu já tinha vontade de fazer isso, mas nunca tinha dado aquele passo inicial. Aí, já que surgiu aquilo me inscrevi e tive sorte de ser chamado ; porque são poucas pessoas -, muita gente se inscreve. Então, fui chamado e comecei. Fiz a primeira vez, gostei e comecei a me interessar, a procurar já, eu mesmo, não só ver assim no jornal alguma coisa... aí comecei a descobrir, no caso o Augusto que tem a agência dele. E aí fomos indo... fiquei conhecendo pessoas também; cada vez que a gente faz uma caminhada se conhece pessoas diferentes. E aí, um já foi em tal lugar, começa a entrar no que o pessoal está fazendo!”*

Suzana, por sua vez diria que *“ a primeira caminhada que eu fiz com o Guto foi no Paulo Ramos, porque ele dava aula de vôlei lá; nós subimos com as crianças no morro da TV, pela Trindade. A primeira caminhada que eu fiz aqui. Quando eu era adolescente, a gente fazia em Laguna, íamos para praia e tinha aquelas outras praias e então a gente ia a pé; fazia caminhada com turma. Sempre gostei muito de mato; de cachoeira -, sou apaixonada por cachoeira, onde tem eu estou! Então, sempre gostei - e antigamente fazia isso, porque no verão a gente ia para Laguna. Aí vim para cá, surgiram esses problemas de trabalho; essas coisas”*

¹⁸⁴De acordo com Lia *“inicialmente a gente começou a fazer, eu e o Carlos, até para gente sair de casa, as vezes não tinha aonde ir, aí íamos caminhar para conhecer os lugares. E é onde a gente conheceu quase toda a ilha caminhando”*

¹⁸⁵ Tanto Lia quanto Carlos, me diriam algo sobre as suas experiências ecoturísticas, dando relatos de suas viagens

dia 4/6/95, onde um grupo de pessoas representou o Movimento Loucos Varridos do RJ;

d. As Radicais Barbies: são um grupo de cinco mulheres, com idades entre 17 e 32 anos na época em que realizaram a primeira volta a pé na ilha¹⁸⁶;-; até então, nenhum grupo feminino havia percorrido a ilha de ponta à ponta caminhando (e escalando). Elas se autodenominaram **Radicais Barbies** pelo fato de que, durante a volta à ilha a pé, além da caminhada e da escalada “*como era só de mulher, rolou um monte de coisas: espelhinho, batonzinho, isso que chama praticar o espelho*”. Todas

por lugares considerados de grande beleza cênica e de enorme importância na preservação da biodiversidade brasileira. Lia, me disse na sala em que trabalha na universidade que “*a gente já foi a Fernando de Noronha; para Bahia; para o Nordeste; levamos dois meses viajando. Fomos até Fortaleza, delá a gente foi a vários lugares, fez caminhadas*”. Por uma certa insistência minha diria os demais locais que visitaram, porém não todos (Carlos complementaria depois) - “*Chapada dos Veadeiros! Á, sim: fomos à Chapada dos Guimarães - a melhor de todas que a gente foi! Lençóis; Chapada Diamantina, lá a gente fez uma caminhada de três dias para conhecer a Cachoeira da Fumaça por baixo - três dias de caminhada, dormindo nas tocas, foi muito legal! Muito legal mesmo! Fora as caminhadas que a gente fez para ir nas grutas!*”

Carlos, por sua vez relatou no mesmo dia na universidade os locais visitados, com uma velocidade estonteante, se não tivesse levado o gravador para realizar a entrevista, jamais teria conseguido anotar todos os nomes das localidades, tais como o “*Parque Nacional dos Aparados da Serra - Itaimbezinho; em Santa Catarina: Serra do Rio do Rastro, Parque Nacional de São Joaquim; Vila Velha, Pico do Marumbi, Curitiba-Paranaguá; Reserva da Juréia, em São Paulo; Serra da Bocaina; Itatiáia; Penêdo; Serra da Mantiqueira; Ouro Preto; Caraça, em Minas - Parque Nacional do Caraça, depois de Ouro Preto: fomos nos separar, nos divorciar lá; Lençóis na Bahia; Pantanal do Mato Grosso; Sete Cidades no Piauí; Fernando de Noronha; Chapada dos Guimarães; Chapada Diamantina; Chapada dos Veadeiros - as três Chapadas do Brasil; ãhm, puta merda! (vasculha na memória) tem um lá no Ceará eu estava até vendo uma reportagem - á, já sei... enfim - eu sempre (tentando lembrar)...Foz do Iguaçu; Grutas de Maquiné; Caverna do Diabo em São Paulo; Parques ali na Serra Gaúcha - sem problemas, tudo ali já fiz: de moto, de carro, de ônibus*”.

Ele ainda continuaria falando do locais que conheceria: “*o litoral catarinense todinho de moto, conheço do Arroio do Silva; de Torres; de Araranguá até São Francisco do Sul e sempre a gente procura ir mais longe um pouco, por exemplo, fui pro Pantanal do Mato Grosso e incluía São Paulo; Cuiabá; o Pantanal pelo norte; Chapada dos Guimarães; depois fomos a Campo Grande; Corumbá - estava num hotel-fazenda - delá me disseram que tinha uma caverna em Bonito, em Miranda, no sul do Pantanal. Larguei a excursão que eu estava, o pacote fechado: fiquei dois dias sem ir nos caras lá e fui visitar isso aí, sempre fui motivado assim. Olha, tem um morro lá atrás, tem um pé de araquá, eu vou lá!*”

Carlos, contou certa vez em sua casa a viagem *easy rider*, como ele próprio denominou, que fizera - “*fui comprar cigarros de moto e parei em Teresina, no Piauí!*”. Mostrou-me, enquanto comíamos bergamotas trazidas do seu sítio em Biguaçu, o álbum de fotografias de sua viagem. O detalhe inusitado está no fato dele fotografar o marcador de quilometragem de sua motocicleta, para comprovar o número de quilômetros realizados por ele no seu percurso até Teresina - o eu estive lá dos antropólogos levado a sua exacerbação. O real e o hilário da situação: a experiência ficara registrada. A fotografia revelava sua veracidade: a moto, os quilômetros percorridos, as paisagens agrestes, um homem barbudo que lembrava Raul Seixas. Mais *easy rider* impossível! As lembranças percorrendo as imagens fotográficas, as emoções vividas outrora. Cenários revisitados; os fatos contados em sua intensidade, na sua singularidade.

O casal realizou no primeiro semestre de 1996, uma caminhada pela trilha mística de Santiago de Compostella na Espanha (foram 722 km. e 800 m. em 28 dias de caminhada). Carlos, na volta passou pelo Rio Grande do Norte para visitar a Praia do Pipa um dos santuários ecológicos do litoral nordestino.

¹⁸⁶ Elas levaram cinco dias, sete horas e trinta minutos para concluir a travessia e iniciaram a caminhada no dia 9 de julho de 1995, às 8h30min.

possuem nível universitário (três delas são acadêmicas de educação física - Susi, Bela e Gilda; Nina é formada em educação física (é professora a nível de primeiro grau) e Lú (é mestre em educação e professora universitária). As cinco reúnem juntas um currículo invejável a qualquer amante dos esportes radicais, sendo que, todas praticam além do trekking a escalada¹⁸⁷, além de algumas delas possuírem experiência na área de educação ambiental e recreacionismo. Esse grupo, devido a sua relação com os esportes e práticas recreativas junto à natureza, possui uma visão mais questionadora acerca do ecoturismo na ilha.

As redes sociais em questão foram aquelas com as quais trabalhei durante a minha pesquisa de campo. Se tomarmos as redes como um todo - temos que a procedência dos participantes das mesmas é bem variada: quatro pessoas nasceram em Florianópolis, sendo que, algumas delas são originárias de localidades do interior do estado (Chapecó, Lages) ou do litoral (Laguna e São Francisco do Sul); do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Santa Rosa e Caxias do Sul), e do Paraná (Curitiba e Londrina), totalizando 13 ecoturistas. Todos os atores sociais citados acima foram entrevistados por mim, sendo que, acompanhei a maioria deles em caminhadas por diversas localidades da ilha.

¹⁸⁷ No projeto ILHA 360 Graus - Caminhada Feminina em volta da Ilha de Santa Catarina, cujo objetivo era conseguir apoio financeiro para a equipe realizar a travessia. No currículo das Radicais Barbies podemos perceber o grau de envolvimento do grupo em termos de práticas esportivas junto à natureza: Lú possui vários cursos de fotografia e participa de um curso de escalada livre; Nina é formada no primeiro curso de reciclagem em técnicas de escalada em rocha 93 - Curitiba, educadora ambiental com alunos dos colégios Catarinense e Coração de Jesus e é monitora de piqueniques ecológicos; colônia de férias desde 1992; recreação em hotéis e trekking ecológico por toda a ilha de Santa Catarina desde 93; Susi tem no seu currículo os seguintes prêmios: primeiro lugar no Campeonato Gaúcho de escalada - 1995, quinto lugar no Campeonato Floripa Natural Sports Meeting - 1995, desenvolve atividades como monitora de passeios escolares e como guia de trekking pelas trilhas de Florianópolis; Bela é sócia fundadora e presidente da ACEM (Associação Catarinense de Escalada e Montanhismo), tem o curso de primeiros socorros do corpo de bombeiros de Florianópolis, é fiscal e juíza de campeonatos de escalada desde 1992, conquistou o terceiro lugar no campeonato brasileiro de escalada indoor em Taquara, RS, 1994, terceiro lugar no campeonato brasileiro Floripa Open de Alpinismo indoor 1994, primeiro lugar catarinense no mesmo campeonato e é monitora de: passeios escolares, expedições em cavernas e cursos de escalada; Gilda, por sua vez, ficou em primeiro lugar duplo misto da maior prova brasileira de montanhismo "Marumbi Truphy" - 1989, tem o curso de reciclagem em técnicas de escalada em rocha - Curitiba, 1993 e é monitora de acampamentos escolares; trekkings ecológicos nas trilhas do Paraná desde 86; piqueniques ecológicos na Lagoa do Peri; colônias de férias para crianças; recreação em hotéis (atuando também como guia de caminhadas) e trekkings ecológicos nas trilhas de Santa Catarina. Elas participaram, com exceção de Susi, do Primeiro Campeonato Igaruana de Rafting, entre 23 e 24 de setembro de 1995 e se classificaram em primeiro lugar na prova.

Entre os praticantes das diversas modalidades de ecoturismo podemos encontrar os mais aficionados e, por isso, preparados fisicamente, que realizam algum tipo de esporte de aventura. Os atores sociais em questão dominam determinadas técnicas e fazem uso de equipamentos para o melhor desempenho nas suas atividades de lazer. As **Radicais Barbies**, são praticantes de várias modalidades de esporte de aventura, tais como: trekkings, montanhismo, canyoning¹⁸⁸, rafting e espeleologia. Bela, uma das **Radicais**, ilustra a questão a partir do seu relato sobre a volta a ilha que realizaram:

*“A maioria já tinha feito todas as trilhas que a gente fez tá. A gente faz trilhas sempre. Seria impossível fazer isso, se não fosse a gente ir junto. A gente não iria com alguém que não faz trilhas fazer na velocidade que a gente fez! Nós já temos essa prática, entendeu. Era tudo organizado rápido, montar barraca, **agitar o rango**, tudo era rápido. Tudo dava de fazer legal, todo mundo tinha uma prática”.*

Gilda, outra componente das **Radicais Barbies**, completaria afirmando que:

“Não teve problema, discussão nenhuma, porque cada uma se cuidava, se ajudava, então houve um entrosamento bem legal. Tipo a parte dos costões, a gente passava rápido porque todo mundo escala, entendeu, sabia como pegar na pedra, tem uma técnica, não é uma coisa tão fácil. Tipo a Lú teve uma certa dificuldade, mas a gente tinha como dar palpite, ajudar a escalar!”.

Entre os ecoturistas que conversei, todos moradores de Florianópolis, existe um grupo de oito pessoas que são de outras regiões do estado (3) e do país (5) -; os cinco restantes são originários da Florianópolis. Os motivos que os trouxeram à ilha são

¹⁸⁸ Segundo a matéria da revista Brasil Fluvial é um esporte procurado geralmente por empresários e significa um grande desafio, onde “se leva para casa o prazer de ter desvendado um segredo natural”. Conforme a reportagem, o canyoning “é uma variação da espeleologia (exploração de cavernas) e do montanhismo. Segundo Carlos Zaith, fotógrafo e instrutor, o esporte nasceu na Europa, no começo da década de 80 e no Brasil há cerca de cinco anos”.

variados, dependendo das trajetórias individuais de cada um, envolvendo em muitos casos um projeto¹⁸⁹.

Gustavo, antes de me conceder a entrevista, pediria desculpas por ter que trabalhar enquanto dialogava comigo. Vestindo um guarda-pó cor de vinho, no ambiente asséptico de sua farmácia, calmamente, misturou substâncias as quais acrescentou um líquido, a partir de então, passaria a manipular com uma espátula a mistura que aos poucos tomava a forma de um creme, sobre o mármore escuro. Ágil, recolheu a pasta colocando-a no pote. Nunca tinha visto tal alquimia, ninguém jamais havia preparado cremes na minha frente. Não posso negar que a situação revestiu-se de certo exotismo. A ambiência com seus instrumentos, potes e líquidos; o domínio de técnicas e fórmulas -, via o preparo do produto; a dinâmica de trabalho de alguém que me falava sobre seu lazer. Diria a respeito de sua mudança para Florianópolis que:

“... sempre a minha idéia de morar aqui era primeiro fugir de Porto Alegre, porque é uma grande metrópole. Eu nunca me sinto muito à vontade em cidade muito grande. Aqui tinha essa coisa de praia; de campo; é um local mais tranquilo para viver. Então, certamente, isso influenciou totalmente a minha transferência; além do que, também a parte profissional -, eu teria que vir para cá tendo uma condição de trabalhar. Então já que deu essa condição a gente, como se diz, “uniu o útil ao agradável!”. Até agora estou conseguindo unir o útil ao agradável!”

Júlia me concedeu a entrevista na universidade. Estava estafada naquele dia, seu cansaço era visível - cheguei no horário marcado, porém em meio a atribulação da vida acadêmica: ela estava preenchendo documentos junto com a secretária. Fiquei

¹⁸⁹ Ver nota 164.

constrangido com a situação, esperei vinte minutos por ela. Disse, com um evidente cansaço que:

“Bom, o emprego era fundamental, mas havia a escolha de várias cidades e, como morei em 84, fiz mestrado aqui, já tinha uma certa ligação com Florianópolis. Então, vim para cá - entre as opções que eu tinha de fazer concurso... foi uma opção! Por causa da natureza mesmo, que é fantástica! Igual a essa ilha está para existir!”
(risos)

Entre duas integrantes do grupo **Radicais Barbies** (ainda que o *estilo* seja outro), quando a questão é a vinda para a ilha, não há grande diferença dos demais. Lú¹⁹⁰ afirma: *“É eu vim para cá em 80, pelo vestibular, mas permaneci em 90, por opção. Cheguei a morar um ano no Paraná, trabalhando -, eu trabalhei lá. Voltei, terminei o mestrado - estava na época de escrever a dissertação... e decidi que não saía mais daqui - estou aqui direto!”*

Para Susi, a cidade surge primeiro como lugar de passeio, dentro de um hábito familiar, mas num segundo momento ela viria para estudar educação física na universidade estadual (UDESC):

“... a primeira vez que eu vim para cá, com a minha família, a gente passou uma tarde aqui, foram menos de quatro horas; de carro mesmo, passeando pela cidade -, isso há uns cinco anos atrás. E todo mundo simplesmente se apaixonou.

¹⁹⁰ Conversei com Lú em sua casa no bairro Saco dos Limões em 9/2/96, que, como eu, era mais uma das pessoas atingidas pelos temporais, a água entrara em sua casa em função das fortes chuvas que assolaram a ilha. Depois da entrevista Lú ligaria para Susi na tentativa de me colocar em contato com ela. Pude perceber pela conversa entre ambas, que a relação de amizade existente entre as componentes do grupo, está marcada por laços afetivos muito fortes. Como fazia algum tempo que não se falavam, assisti o reencontro das amigas que conversaram animadamente pelo telefone; algo de nostálgico infiltrou-se na ambiência; daquelas situações vividas conjuntamente e que agora existem na memória.

Porque a minha família sempre foi muito ligada a esse lance de sítio; de natureza; de caminhar no mato; essas coisas. A gente é super ligado a isso! E, como lá não tem praia [Caxias do Sul] e o pessoal era apaixonado por praia, caminhar em costões; isso ajudou um monte; um monte mesmo!”

O fenômeno do estrangeiro alia-se as transformações no *ethos* dos grupos urbanos de camadas médias, principalmente, acerca do significado que a natureza passa a ter na atualidade e a sua relação com o mundo do lazer. O crescimento desordenado das cidades, o excesso de poluição e todos os problemas inerentes aos processos de conurbação que geram tensões e estresse. A vida nas grandes cidades tem seus encantos, mas comporta certos horrores que estimulam o seu abandono. Aqueles que acabam não suportando mais a dinâmica do meio urbano realizam um movimento que os afasta do cotidiano conturbado, daqueles ambientes urbanos populosos em direção a regiões menos habitadas e por isso sujeitas a problemas diferentes daqueles dos grandes centros.

A ruptura faz do citadino um migrante. Segue, aventureiro, para ambientes mais calmos, “explorar novas possibilidades”; torna-se estrangeiro sublinhando a sua particularidade (Velho, p.48), apostando no seu sonho¹⁹¹. Ao realizar o deslocamento, abandona o lugar de origem para lançar-se numa aventura rumo a outra ambiência. Ao chegar ao destino, o estrangeiro experimenta a sensação de viver numa cidade menor, cuja dinâmica é própria dos que ignoram a pressa da cidade grande¹⁹².

¹⁹¹ Um número significativo de pessoas decide morar longe da agitação das cidades de origem, indo assim, a procura de lugares considerados calmos, belos e como já ouvi algumas vezes, vêm atrás de “*um lugar legal para criar os filhos*”. Florianópolis e algumas cidades vizinhas são o alvo predileto de inúmeros migrantes -, que podem ser alternativos (o que alguns costumam chamar de “bichos-grilos”) ou de camadas médias em busca da tranquilidade das cidades menores. A ilha recebe migrantes movidos pelo desejo de uma vida onde seja possível um maior contato com a natureza, sem o barulho das metrópoles e a violência. Há a busca pelo bucólico, de uma pureza perdida, de um lugar ideal para os filhos crescerem. Eles são provenientes de vários centros urbanos: Buenos Aires, Montevidéu, Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro, etc.

¹⁹² Para citar apenas três exemplos de tal fenômeno no Brasil, que necessita ser investigado, pois parece assumir um

Mas, a questão é mais complexa, a Ilha de Santa Catarina conforme o Relatório do Seminário Uma Cidade numa Ilha, a partir da década de 70 conhece uma expansão urbana até então desconhecida. O fluxo de migrantes (população pobre; e funcionários de nível médio e familiares) acelera o processo de urbanização acarretando uma série de problemas no perímetro urbano, principalmente aqueles relacionados ao uso do solo. “Enquanto a implantação da Universidade Federal de Santa Catarina, da Eletrosul e de várias outras empresas estatais, impulsionaram o crescimento das camadas médias (ou classes médias) multiplicando as áreas loteadas, os bairros residenciais, os prédios de apartamentos, as empresas e o comércio; os processos de expropriação de campo e de expulsão de outras cidades, aliados às possibilidades de emprego que se abriram em Florianópolis, impulsionaram a vinda de uma população migrante pobre, multiplicando as áreas de periferia urbana e favelas”. (CECA, Uma cidade numa ilha, p.103)

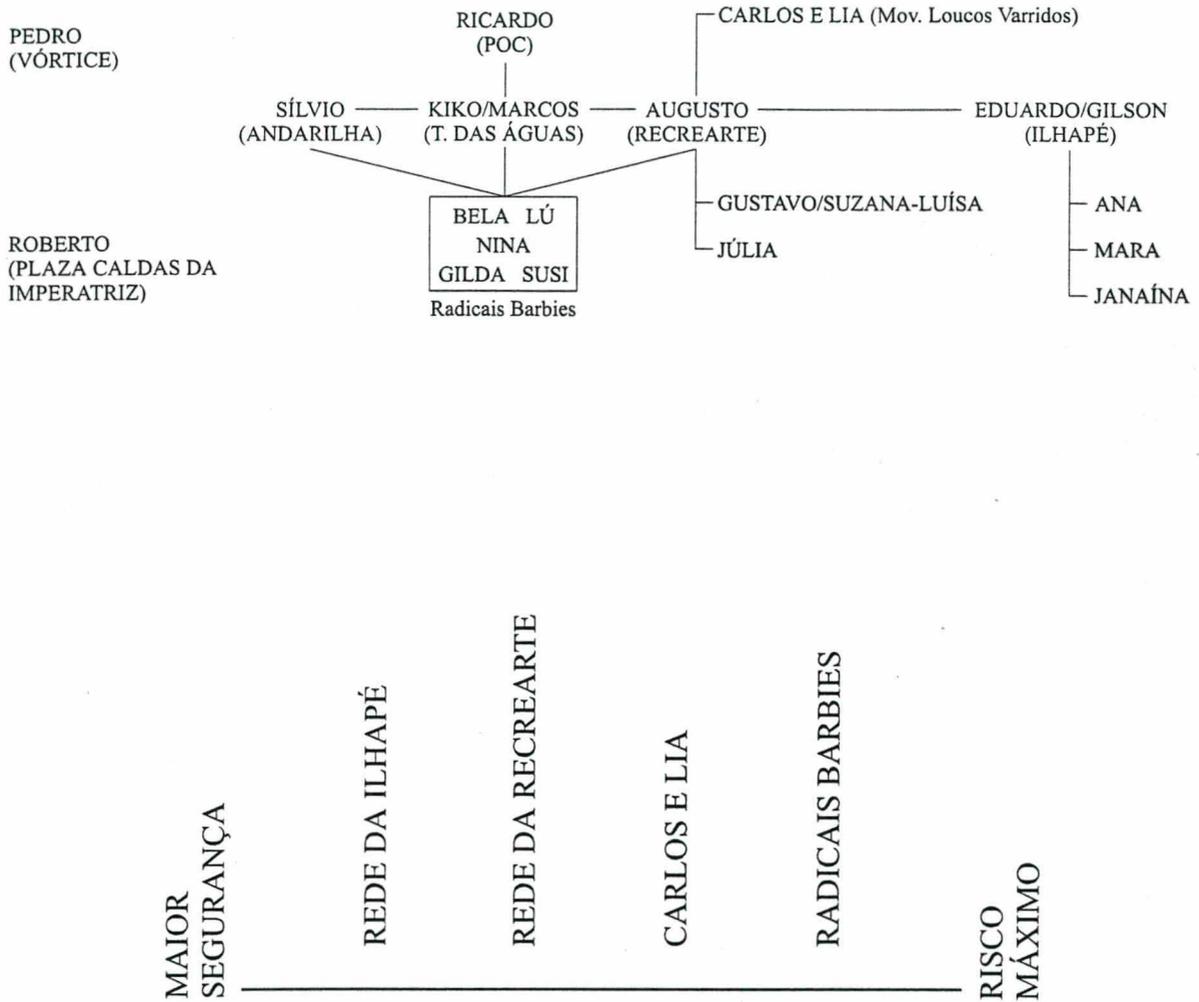
caráter bastante amplo:

1. A região de Visconde de Mauá (RJ) que “carrega a nostálgica atmosfera dos anos 70” (o que Florianópolis também parece conter), foi palco da efervescência hippie, como uma “espécie de Meca do movimento alternativo” (a cidade de Palhoça na Grande Florianópolis, de acordo com uma ex-moradora parece ter sido um desses pontos no sul do país; próximo dali, na Enseada do Brito, conheço uma comunidade que vive num morro próximo ao Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, que faz o estilo alternativo: são gaúchos, paulistas, argentinos, uruguaios, norte-americanos, etc). Um dos moradores de Mauá questionando o “desenvolvimento” desta região carioca afirma: “Antes, só tinha “bicho-grilo” em Mauá. Nos últimos três anos, a região começou a ser procurada por turistas convencionais”. (ISTOÉ, 13/7/94)

2. Os moradores de classe média alta do Rio de Janeiro (“o imigrante da zona sul” ou “o seletto grupo de privilegiados”), deslocam-se em direção a Petrópolis, nas proximidades do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, onde adquirem propriedades e desfrutam a tranquila paisagem, as trilhas; longe da metrópole. O humorista Agildo Ribeiro, um dos migrantes, disse debochado: “Vou fugir do assalto, perdão, do asfalto”.

3. O fato, muito significativo, de que vários estrangeiros (alemães, ingleses, italianos, portugueses, espanhóis, etc), ao visitarem o nordeste brasileiro optam, deslumbrados, pelo não retorno aos seus países de origem. Acabam montando pequenas pousadas e restaurantes em praias paradisíacas da Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte: uma fuga do intenso frio europeu, da agitação urbana e ainda, ascensão social para europeus sem muito dinheiro. (Veja, 8/3/95) Em Florianópolis, alguns argentinos abrem bares e restaurantes; europeus (portugueses, alemães e ingleses) também possuem alguns empreendimentos como restaurantes, pousadas e bares.

REDES SOCIAIS: AGÊNCIAS & ECOTURISTAS



Entre os grupos de ecoturistas consultados é possível encontrar um continuum que oscila entre a maior segurança e o risco máximo, sendo assim temos: a rede de Ilhapé, onde os participantes realizam trekkings apenas com a agência; a rede da Recrearte, onde os ecoturistas realizam caminhadas sem o acompanhamento da agência. Carlos e Lia realizam viagens a Parques Nacionais e outras regiões brasileiras. Já as **Radicais Barbies** são adeptas dos esportes de aventura como a escalada.

CAPÍTULO IV

A AVENTURA AO AR LIVRE OU O LIVRE AR DA AVENTURA

*Da Aventura*¹⁹³

Para entendermos a idéia de aventura vinculada a de ecoturismo, faz-se necessário estabelecer certas conexões entre os diferentes níveis de aventura que são possíveis na experiência ecoturística. Para tanto, é preciso vislumbrá-la como uma construção que percorre o imaginário social na Modernidade: suas relações com o arcaico e, ao mesmo tempo, a sua inserção na atualidade como um fenômeno contemporâneo¹⁹⁴.

Sendo assim, é necessário perceber o ecoturismo como um fenômeno oriundo dos centros urbanos que tem relação direta com o esporte¹⁹⁵; como deslocamento dos sujeitos em direção aos ambientes naturais: o rural visto em contraposição à cidade, mas também percebido como a possibilidade de convivência entre a urbano e o não urbano¹⁹⁶. Uma predileção pelo periférico instaura-se entre os cidadãos urbanos.

¹⁹³ Conforme o Dicionário Básico de Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Hollanda, aventura significaria: “1. Empresa ou experiência arriscada, perigosa, incomum, cujo fim ou decorrência são incertas. 2. Acontecimento imprevisto, surpreendente; peripécia... 3. Acaso, sorte, fortuna. 4. Proeza de cavaleiro andante de cavalaria. 5. Ligação amorosa, em geral passageira e inconseqüente”. Cardoso (1987) refere-se à origem da palavra, que segundo ele é latina - *adventura* - “coisas que estão por vir”. p.8

¹⁹⁴ Poderíamos chamá-lo de um fenômeno moderno, aqui no sentido que Baudrillard aponta, como sinônimo de novo.

¹⁹⁵ A “esportização das atividades turísticas” (Pociello, 1992) ou o “romantismo esportivo” (Le Breton, 1992).

¹⁹⁶ A problemática acerca da delimitação entre o rural e o urbano (Queiroz, 1978) já estava presente nos escritos de Euclides da Cunha, onde ele refere-se a “especificidade arcaica da vida rural brasileira, em oposição à vida moderna do litoral, perspectiva que marcou nossas populações rústicas com o selo do conservantismo e da recusa das inovações, frutos de seu isolamento”. p.47

A aventura é uma manifestação humana e como tal, fruto do seu gênio imaginativo. Lançar-se ao desconhecido é apostar no imprevisível, ou melhor, naquilo que existe como possibilidade, como potência.

Algo de virtual existe na aventura: é necessário vê-la como a possibilidade da descoberta de espaços ignorados; de viagens ligadas à idéia de conquista¹⁹⁷. Trata-se de um fenômeno extremamente atual nas sociedades contemporâneas ocidentais, estando relacionado a um abandono temporário do local de moradia em busca de paisagens notáveis. Sua relação com o ecoturismo, desta forma, é evidente.

Talvez a característica mais instigante da aventura seja o fato de que ela traz em si, a possibilidade do inesperado, pois as verdades e certezas de quem aposta nela movem-se no terreno nebuloso do acaso, dos possíveis significados que esta pode conter ou mesmo engendrar -, os inúmeros caminhos e destinos que uma aventura pode conduzir. Há uma amplitude nela¹⁹⁸, uma abertura ao incerto.

Para a autora, as “relações campo-cidade atualmente no Brasil são muito mais complexas e ricas do que no passado”. p.63

O caso de Florianópolis é significativo, pois a ilha de Santa Catarina sedia a capital do estado, e toda uma série de inovações fruto dos avanços da sociedade moderna, mas ao mesmo tempo, convive com comunidades pesqueiras, onde ainda é possível perceber uma forte relação com o mundo natural e uma influência do imaginário medievo, a partir da presença da figura da bruxa (MALUF, 1992), associada a sua transmutação num inseto voador como a borboleta ou numa ave; as figueiras como “territórios de bruxas” e a relação com ambientes variados e o comportamento diferenciado de acordo com a ambiência em que se encontra: “Na mata e na roça durante a noite, ou na praia, no espaço masculino, elas se comportam como homens, usando seus instrumentos de trabalho em seus encontros e assumindo uma atitude de domínio. Dentro de casa, território das mulheres, as bruxas agem de maneira oposta, escondendo-se ou metamorfoseando-se em borboletas, fachos de luz, etc”. p.199

Em comunidades como a do Pântano do Sul, as bruxas ainda povoam o imaginário local.

¹⁹⁷ A idéia de conquista apareceu de forma mais direta apenas no relato dos montanhistas onde, de acordo com Marcos, “a conquista é um prazer bastante único na escalada, porque ela é diferente -, é aquela história, tu estás num lugar que tu não conheces. Conquistar, o que é? É abrir uma via que nunca ninguém abriu, tu sabes que estás passando por aquele lugar a primeira vez... tu usas muito a sensibilidade, muita intuição para ver para onde seguir. Vamos dizer que tu estejas num ponto, tu vês a oportunidade de continuar a escalada aqui para a direita ou para a esquerda, ou vários caminhos, só que o que importa é saber qual caminho desses vai ter um seguimento. Na conquista não pode chegar no meio da parede e acabar as agarras... então, tem que ter muita intuição e ir para algum lugar viável, por isso, o nome via, um lugar que dê para passar!” (risos)

Lú, mais singela, me diria que a escalada, para ela “é uma coisa de cada passo ser uma conquista!”

¹⁹⁸ Hollanda (1995), estabelece diferenças entre o trabalhador e o aventureiro. O trabalhador “enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar”, desta forma o “seu campo visual é naturalmente restrito. A parte maior que o todo”. O aventureiro “ignora fronteiras”, pois “tudo se apresenta a ele em generosa amplitude...” Enquanto o primeiro a busca do comedimento; o segundo ambiciona as vastidões. E ainda: “Existe uma ética do

Existem formas diferenciadas de experimentá-la, de interagir com o sério e o tédio¹⁹⁹ - as duas dimensões do vivido pelas quais ela se contrapõe; todavia, de tal relação surge a abertura a sociabilidade; ao envolvimento com o universo lúdico; com a experiência profunda do jogo²⁰⁰. Porém, o que é aventura, lazer para uns, torna-se o sério, trabalho para outros.

Eduardo, um dos donos da Ilhapé, disse que *“a expedição tem um objetivo: início, meio e fim. Para nós é uma expedição, para o pessoal é uma aventura; a gente tem tudo cronometrado; organizado: sabe a hora de parar, beber água, descansar, fazer lanche!”*. Cita um antigo viajante: *“a expedição é uma aventura organizada”*. Eduardo contrapõe a expedição à aventura, sendo assim, na sua lógica a aventura está para o ecoturista, enquanto a expedição está para o guia, ou ainda, a aventura está para o lazer, enquanto a expedição para o trabalho. Segundo ele, para que as expedições ocorram a contento é necessário *“ter controle, coordenação”*, pois *“se deixar frouxo complica”*, e segue dizendo que, *“a gente está sempre preocupado se o cara vai cair, se machucar, se está na água e vai se afogar”*. Ressalta ainda, que para determinadas pessoas existem problemas de senso de direção, pois *“têm pessoas que nem notam as bifurcações das trilhas”*. A presença do guia implica em certo ordenamento; um controle acerca das situações e comportamentos.

Augusto, da Recrearte, afirma que *“próximo da data do trekking, da programação - nós refazemos o levantamento da trilha para não termos surpresas realmente*

trabalho, como existe uma ética da aventura”. Para o autor entre ambos “não há, em verdade, tanto uma oposição absoluta como uma incompreensão radical. Ambos participam, em maior ou menor grau, de múltiplas combinações e é claro que, em estado puro, nem o aventureiro, nem o trabalhador possuem existência real fora do mundo das idéias”. p.44

¹⁹⁹ Conforme Wladimir Jankélévitch. La aventura, el aburrimiento e lo sério. Madris, 1989.

²⁰⁰ Segundo Huizinga (1990), o jogo é mais que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico. O jogo, para o autor, abarcaria uma função significativa e não seria restrito à dimensão humana. Huizinga vê o jogo “como forma específica de atividade, como “forma significativa”, como função social”. p.6

inesperadas. Então, é claro quando a pessoa vai; ela pode ter toda a segurança de que a coisa vai acontecer conforme o previsto, ou seja, é uma aventura responsável, uma aventura prevista. É uma aventura para a pessoa, mas não para nós. Nunca pode ser uma aventura para nós; o guia que se preze não pode ter aventura; ele vai proporcionar aventura, que é diferente: vai proporcionar aventura para os aventureiros que você está guiando, mas você não pode ter aventuras. Você está responsável por um grupo de pessoas que estão te pagando uma taxa e esse é o teu trabalho, por isso que eu cobro, porque esse é o meu trabalho”.

Para os guias a seriedade e a disciplina da expedição (um dos informantes chamaria Augusto de “sargento”); para o ecoturista o lúdico da experiência e o descomprometimento. O guia é aquele que revela os cenários desconhecidos (ou o que a fotografia já revelou!) aos que se deleitam com a paisagem. São olhares distintos. O ecoturista observa a paisagem e se extasia; o guia observa o cenário, mas está atento aos perigos que espreitam seus clientes.

A viagem como forma de experimentar a aventura -; ela que percorre a história da humanidade: suas possíveis motivações, seus diversos sentidos ao longo do tempo. A questão é tentar entender qual a inserção da aventura no imaginário de cidadãos urbanos de camadas médias, no contexto ecoturístico florianopolitano.

Desta forma, a partir de tal perspectiva, procura-se identificar determinados elementos que percorrem a idéia de aventura na atualidade e que possuem relações com outros períodos históricos, mais especificamente, entre os viajantes do período moderno, especialmente os naturalistas que estiveram na ilha no século XIX e o ecoturista.

A aventura como uma busca apaixonada pelo diferente (ou pelo outro) -, aqui não entendida apenas no sentido amoroso, pois o seu caráter romântico, por certo, não

se esgota na dimensão afetivo-sexual, pelo contrário, uma espécie de transbordamento de imagens românticas faz com que ela (a aventura) a ultrapasse (a dimensão afetivo-sexual) para deslocar-se (ou irradiar-se) em direção à paisagem, aos cenários bucólicos, à cultura do outro. Ainda que, os amantes se lancem na mais ensandecida aventura amorosa e que tal jogo de emoções presentes nesse enlace percorra o social através de revistas, questionários amorosos, filmes e telenovelas; a questão assume um caráter mais amplo: a aventura como uma espécie de abertura ao incerto -, indicando proezas, acasos e possibilidades de sorte ou azar junto a outro lugar; àquelas experiências que potencializam situações novas em termos de interação com a ambiência, especialmente com o mundo natural²⁰¹ e que, por isso, envolvem risco.

A aventura é um fenômeno perturbador, traduzindo determinados anseios que povoam a mente daquele que se indaga acerca do seu entorno ou sobre o que há além dele. Sendo assim, ela é íntima da viagem -, aqui entendida nos possíveis sentidos que a palavra contém. O tipo de aventura que se quer correr irá determinar a viagem que se quer viver; o descolamento e o conseqüente distanciamento do mundo do tédio.

As agruras do tédio que amarram os que vivem à sombra do futuro, esse futuro demasiado distante, mas que a aventura²⁰² nega na medida que ela é vivida no

²⁰¹Relacionando-se as sensibilidades e formas de gerir o aleatório (Theiller, 1992) por parte dos praticantes da atividade em questão. A aventura abre-se a um “futuro indeterminado”, pois a “ausência de estabilidade e regularidade situa os novos lazeres em oposição a um projeto definido...” p.379

Um dos montanhistas mais importantes do mundo é brasileiro, Luiz Makoto Ishibe que é especialista em escaladas rápidas. Ele diria a *Veja* (14/2/96) que na “montanha tudo é vital. Uma escalada requer ao mesmo tempo muito planejamento e grande adaptabilidade. Escalar é um projeto que se desenvolve para ambientes que o terreno e a meteorologia cercam de imprevistos. O montanhismo, portanto, não deixa de ser uma técnica de gestão. E acho que as empresas vêem nisso uma analogia com o ambiente dos negócios”. p.7

Ele, é mais um dos tantos “aventureiros” que realizam determinadas proezas, que atraem os empresários interessados na administração de riscos” e que acabam solicitando tais pessoas para ministrarem palestras sobre o assunto. A Família Schürman; Amyr Klink e Waldemar Niclevicz realizam tais atividades. Na Folha de São Paulo de 29/10/95, aparecem os valores cobrados pelos palestrantes: os Schürman cobravam na época R\$ 4.000,00; Klink R\$ 4.700,00 e Niclevicz R\$ 3.000,00, por palestra.

²⁰² idem a nota 199, p.9.

instante²⁰³.

A aventura é uma forma presenteísta de viver o tempo. Viver tudo que o momento pode fornecer durante a experiência de ruptura com o aborrecimento. A aventura como “antídoto” e antítese do tédio²⁰⁴, do aborrecimento. Trata-se de uma maneira de burlar o tédio.

Ora, se há ruptura com o tédio e, sendo este uma forma de estar descontente com o tempo no qual vivemos, de se impacientar com um futuro que não chega, o espírito aventureiro exige a boa nova, aquilo que é realmente novo para ser vivido no presente, não contentando-se com a espera.

Jankélévitch distingue temporalidade aventureira de temporalidade aventureira, ou seja, para a primeira existe o homem aventureiro. Aqui, o autor refere-se a um “profissional das aventuras”; a questão, neste caso, não é tanto correr aventura, mas sim ganhar dinheiro com ela. Inescrupuloso, circula à margem das leis²⁰⁵; para a segunda há um homem aventureiro que ele entende como portador de um “estilo de vida”, nele há a aposta na “aventura inocente e desinteressada”. p.10

²⁰³ De acordo com Theiller, há a busca do “prazer imediato”, naqueles fortes momentos e emoções vividas em grupo. Tal questão está ligada a “intensidade da experiência” dos que “aderem” a uma prática. p.379

²⁰⁴ Seidler, um suíço-alemão que esteve na ilha em 1825, maravilhava-se com “o romântico dos passeios” naquela que era considerada “o jardim do Brasil”; ressaltava seu aspecto “mágico” e sua beleza. Seidler referiu-se à ociosidade e ao tédio da seguinte forma: “A ociosidade é a mãe de todos os vícios, a ama de todos os crimes, a sonolenta deusa do dia envolta na capa de ladra da noite, a comodidade, essa poderosa rainha da terra, como, princesa cativa, triste, a bocejar no castelo encantado do gigante, que geralmente se chama tédio; tédio tem a mesma significação em português que em alemão e aqui como lá tem assento na cadeira reservada de um moderno Olimpo fingido. Para lhe escapar, fugira eu muitas centenas de léguas para longe de minha terra, onde a bem dizer eu a deixara como tenra mocinha, bem comportada, garrida, e tornei a encontrá-la no Brasil, como bem nutrida, atrevida madama. Em toda parte nos perseguira o tédio premente, que mata a alma... Se estas minhas memórias vierem a entediar a um de meus leitores, considere que eu na realidade vivi isso que ele só em pensamentos sente e que no nosso sonolento preguiçoso decênio não se lhe escapa, nem de navio, ou de carro-posta, nem de balão ou de escafandro”. p.295

²⁰⁵ A descrição do aventureiro que Jankélévitch realiza confere muito bem com a do comandante inglês, Shelvocke, que passou pela ilha de Santa Catarina em 1719. Foi descrito por Betagh, um oficial de seu navio, como “insubordinado, bebado e pirata”, bem como, “uma completa decepção para o seu país”. A passagem de Shelvocke pela ilha foi conturbada, a tripulação rebelou-se reivindicando seus direitos na pilhagem (no documento entregue ao comandante haviam sete cláusulas contendo uma série de exigências quanto à divisão da “presa”).

Talvez, fosse o caso de pensarmos tal desinteresse que coloca Jankélévitch, como um outro tipo de interesse onde estão em jogo motivações diversas daquelas do aventureiro. Ao contrário da sordidez do aventureiro, ávido por divisas, o homem aventureiro busca em sua aventura uma relação que não é unicamente de ordem econômica, mas envolve um tipo de deleite estético, de curiosidade acerca das coisas que constituem o mundo que deseja conhecer.

Neste caso, os cientistas (botânicos, zoólogos, geólogos) que visitaram a ilha, principalmente, no século XVIII podem ser um exemplo de homens aventureiros. Eram cidadãos europeus cultos que vinham movidos pela vontade de conhecer as riquezas naturais que existiam na América -, certamente haviam interesses de seus países de origem em suas viagens, mas o legado que esses personagens deixaram para a ciência é inegável. Suas viagens foram importantíssimas para as ciências naturais.

A diferença entre a aventura dos naturalistas e dos demais tripulantes do navio em que navegavam fica evidente no relato de Chamisso: “Mesmo não sendo época de chuvas, que nesta parte do Brasil é em setembro, chovia constantemente, e, entre a população relacionava-se a chegada dos russos com o mau tempo. Todo o meu estoque de papel tinha sido consumido com as plantas colecionadas e que secavam com grande dificuldade. O pessoal de bordo, pintores, marinheiros e o timoneiro, que dormiam na barraca de lona, serviam-se dos meus pacotes de plantas como travesseiros e encostos. Não fui perguntado, mas teria negado tal uso. E durante uma noite tempestuosa, a barraca foi derrubada, ficando minhas plantas ao desabrigo, com o pessoal cuidando só de si. Desta maneira não perdi somente grande parte de plantas selecionadas, como também o papel - perda irreparável -, uma vez que minha provisão já era escassa e teria que contar com a companhia de Erschscholz no consumo, pois ele já estava sem nenhum”. p. 234

Nas caminhadas, a busca do conhecimento poderia significar certos problemas: o imprevisível da aventura vivido em sua crueza. O relato de Avé-Lallemant quando caminhava pela ilha em 1858, retornando da Praia de Fora é elucidativo: “Tive que suportar um pequeno padecimento. Para dar uma olhadela à casa das formigas que moram nas cecrópias, cortei uma jovem cecrópia. Em cada lugar, onde uma cicatriz assinala o lugar de uma antiga folha, tem a jovem planta, que é oca como as gramíneas, uma parede divisória. Logo que as formigas penetram no tronco, abrem um buraco de comunicação na parede divisória e têm, assim, um palácio vegetal de vinte a trinta andares. Nele se encontra a grande rainha e uma multidão de larvas muito pequenas. Mas as formigas levaram muito a mal a minha pesquisa e, antes que percebesse, fui atacado por elas e rudemente mordido, tormento que durou bem uma hora. Quem de novo quiser espiar em sua fortaleza da Cecrops os mirmidões metamorfoseados em formigas, que tenha cuidado!” p.22

Alguns naturalistas, percorreram as trilhas da então Desterro, em busca do reconhecimento da região, na tentativa de catalogar os elementos que compunham os ecossistemas ilhéus: sua rica fauna, sua exuberante flora e seu potencial em termos de minérios. Um tipo de exploração que visava um mapeamento dos recursos, mas também a identificação em termos taxonômicos de tal riqueza biogeográfica e mineralógica²⁰⁶.

²⁰⁶ O naturalista Lesson, que em 1822 passou por Desterro diria “Sem querer tornar mais belos os quadros imponentes que diversos viajantes têm feito do Brasil, o naturalista que visita este litoral com os olhos exclusivamente habituados à criação das zonas temperadas da Europa, não se pode furtar, à vista da produção brasileira, de uma emoção tanto mais forte, que ela sobrepuja ainda à que sua imaginação lhe prometia, após as relações de viagem que ele tivesse lido”. Lesson afirmaria ainda, acerca dos pássaros e flores que “sua extrema abundância faz desdenhar os colecionadores europeus, que não têm mais que leve idéja da criação própria desta parte do mundo”. p.271 -2

A trilha como uma manifestação social

Caminhar por uma trilha²⁰⁷, em meio a uma floresta ou junto a um costão rochoso, obviamente, não é a mesma coisa que caminhar na Beira Mar Norte²⁰⁸, trata-se outrossim, de percursos envolvendo ambientes contrastantes e, até certo ponto, antagônicos. Sendo assim, tais ambiências suscitam interações sociais diferenciadas porque relacionam-se a *estilos* distintos de realizar uma caminhada. Numa, a relação com o meio natural é direta, implicando no fato de que os praticantes têm interações de outra ordem com a ambiência, envolvendo questões como risco e limite; noutra a inserção no meio urbano faz dos praticantes da caminhada aqueles personagens que deslocam-se em espaços determinados para isso, ou seja, as calçadas e junto a ciclovias. Um local de deriva, de “caça” em termos afetivo-sexuais (uma amiga me diria que vai para Beira Mar caminhar, mas também para “paquerar”: o exercício e o flerte; o corpo

²⁰⁷ Na Ilha de Santa Catarina, sua gênese está relacionada aos deslocamentos das pessoas que transitavam por diferentes comunidades (em função de festividades, permutas de materiais, pesca, etc) ou que necessitavam ir até o centro de Desterro. As trilhas, na sua grande maioria permitiam no máximo a passagem de um carro de boi. Algumas delas são utilizadas para as práticas ecoturísticas. Muitas, no entanto, são oriundas do deslocamento dos pescadores até as suas áreas de pesca, de vigias da pesca da tainha. A trilha da Costa da Lagoa é considerada um Patrimônio Histórico, pois alguns afirmam que os carijós por ali passavam e, ainda hoje continua sendo uma das formas de se chegar à comunidade da Costa da Lagoa. Há uma série de construções em situação irregular ao longo da trilha, descaracterizando a paisagem, sua riqueza ambiental e cultural.

Uma amiga que é moradora da ilha desde a infância, disse que as pessoas transitavam basicamente por trilhas quando era necessário visitar parentes em outras localidades; ir a alguma festa e assim por diante. Segundo ela, sua avó deslocava-se caminhando do Ribeirão da Ilha até o bairro Trindade, para acompanhar as festividades de Divino Espírito Santo.

Num dos passeios que fiz com Kiko e Luís (nos encontramos no bar da Alfândega enquanto entrevistava Eduardo, no dia 3/11/95), de Toyota até o Sertão do Peri. Quando retornávamos, demos carona a duas senhoras (ambas deviam ter mais de sessenta anos): pequeníssimas, quase desdentadas e muito enrugadas; traziam nas mãos ramos e folhas que coletaram para fazer chás (pareciam bruxas pensei eu, “contaminado” pelo imaginário popular ilhéu). Falavam muito rápido e como quase não tivessem dentes, não entendia praticamente nada do que diziam (“*A gente fala com o moço e ele não responde!*”, entenderia para o meu desconforto). Passei por mal-educado, pois realmente quase não consegui me comunicar com elas. Elas haviam caminhado da Armação até o Sertão do Peri para visitar uma conhecida. Ambas conheciam Keko que morava próximo da Lagoa do Peri. Tratava-se de uma caminhada e tanto para duas senhoras, mas, provavelmente, esta sempre fora a forma de visitarem parentes e amigos.

Os viajantes que passaram pela ilha muitas vezes mencionavam as trilhas e caminhos existentes em Desterro. Anson (1740), menciona a vegetação densa que “forma um conjunto impossível de atravessar, a menos que se tome algum caminho que os habitantes fizeram para sua comodidade. Estes caminhos, e algumas terras situadas ao longo da margem continental, que nós desbravamos para se fazer plantações são os únicos lugares da ilha que não estão cobertos de árvores”.

²⁰⁸ “Caminhar - em trilha como na cidade - é arte que exige *ritmo*, uma *passada* regular e *equilíbrio*, para conservar energia e poder ir longe”.

Silvio me falaria acerca da importância do ritmo no andar, da necessidade de pisar com firmeza e a relevância da respiração correta para a oxigenação pulmonar.

e a mente). Os terrenos em que os sujeitos pisam são diferentes também: na primeira o chão batido, a terra (ou areia), com suas raízes expostas, desníveis, reentrâncias e pedras, exigindo, portanto, calçados adequados e atenção; no segundo, o asfalto e o calçamento: a tranqüilidade de caminhar junto a praia (a senhora vestida à moda jogging caminha com seu cãozinho cocker), nas calçadas bem cuidadas da avenida, sem o perigo de tropeçar em qualquer desses “detalhes” do caminho que aparecem na primeira.

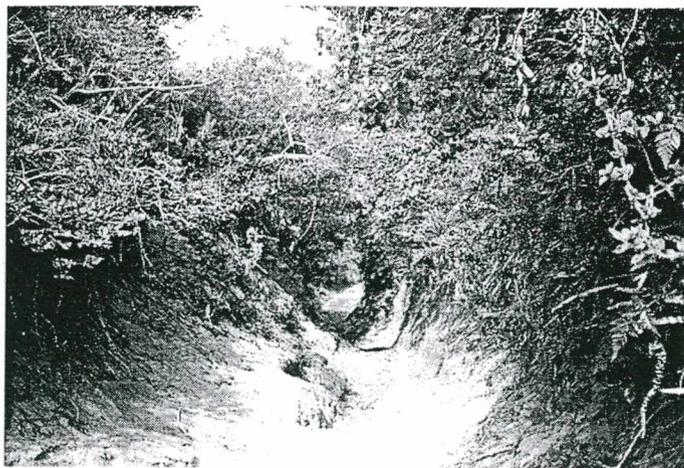
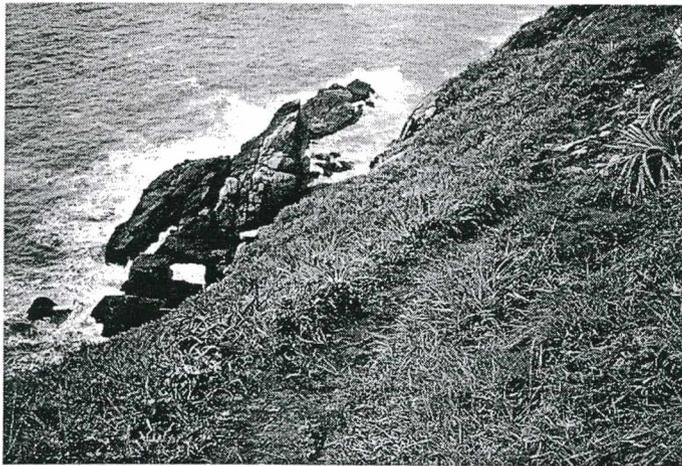
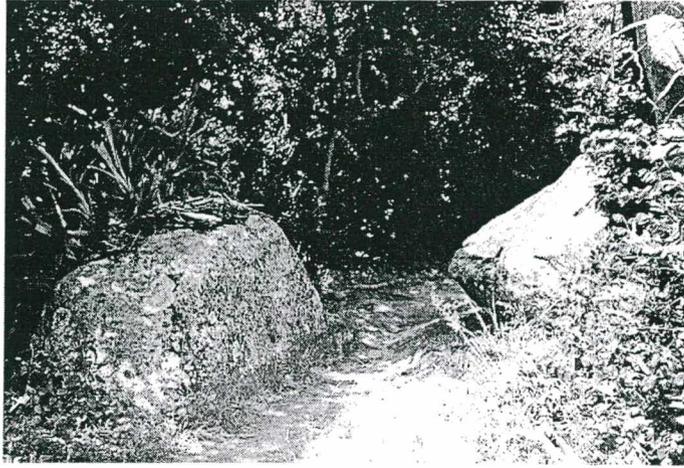
「A trilha enquanto um lugar²⁰⁹ de trânsito, de passagem. A trilha que é caminho e caminhada²¹⁰. O deslocamento, ao configurar um percurso, permite que o lugar seja vivido como “ato ou efeito”²¹¹. Trilhar implica deslocar-se no lugar através do caminho, e por isso a necessidade de percebê-lo como o “nicho espacial” de manifestação humana: a trilha é a maneira que o homem encontra de ordenar o lugar, de forma que seja possível percorrê-lo a revelia da “desordem” que reina em torno dele. Ali, o ser da cultura desbrava o mundo natural, imprimindo nele as marcas da sua trajetória, de sua deriva.」

A questão aqui, está relacionada com a dimensão significativa do lugar, de como ele pode ser apropriado culturalmente pelo homem e o que isso implica em termos de apreensão simbólica da ambiência para os que por ele trafegam. O lugar possibilita o percurso, mas é a base da existência dos territórios -, de determinados limites imaginários entre o “lugar antropológico” e o mundo natural. Se há lugar, há espaço que é a forma abstrata de perceber o primeiro, na sua extensibilidade: os possíveis

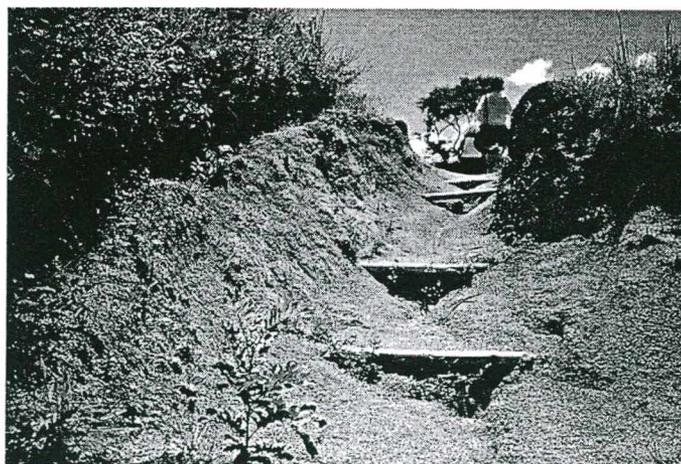
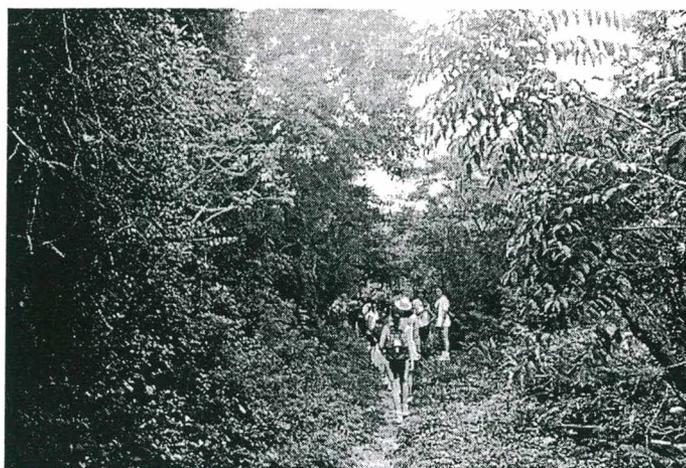
²⁰⁹ Refiro-me ao “lugar” no sentido que Augé (1994) aponta para a palavra, ou seja, “o lugar do sentido inscrito e simbolizado, o lugar antropológico”. Onde, “a noção de lugar antropológico” inclui “a possibilidade dos percursos que nele se efetuam, dos discursos que nele se pronunciam e da linguagem que o caracteriza”. p.76

²¹⁰ Maffesoli (1984), menciona a caminhada como “sentimento da vida como aventura - o que nos permite falar em deambulação existencial - pode ser vivido em múltiplas maneiras. Na verdade, esse sentido é encontrado sob a forma do vagabundo, do peregrino, do nômade ou mesmo do caroneiro contemporâneo”. p.94

²¹¹ No Dicionário de Aurélio Buarque de Hollanda a definição de trilha aparece como “ato ou efeito de trilhar; trilhada... Pista, vestígio, rasto. Vereda, senda, trilho”.



A trilha passo a passo revela suas imagens



Os grupos integrando as paisagens das trilhas.

percursos no lugar, a sua espacialidade e as sutilezas da ambiência são fatores essenciais para experienciá-lo na sua dimensão simbólica, afetiva e socializada.

Um número significativo de cidadãos urbanos, de classe média, têm experimentado emoções novas, através de determinadas práticas que colocam tais grupos em contato com o ambiente natural, gerando momentos excitantes na companhia de outras pessoas. É nesse contexto que se insere o ecoturismo.

Uma análise preconceituosa num primeiro momento, poderia lançar um fenômeno complexo como este no rol dos acontecimentos insignificantes, na ordem dos eventos considerados triviais por relacionarem-se a práticas que estão ligadas ao lazer, ao lúdico e, sendo assim, passíveis de serem relegados a segundo plano, estigmatizados sob a roupagem de supérfluos. Atividades relacionadas ao que Urry²¹² denomina de “prazeres desnecessários”.

A sociologia, por um determinado período ignorou o lazer, pois julgava tratar-se de algo menor, vinculando-o a idéia da não seriedade ou de uma ociosidade burguesa; enquanto que o trabalho representava a dimensão necessária para o ordenamento do mundo; de transformação da natureza (cuja base estava a dominação da natureza pelo homem), por isso, relacionado a produção de bens materiais necessários à sobrevivência. Tal perspectiva prioriza a seriedade e o ordinário da experiência humana; o lazer passaria a ser visto como a antítese do trabalho: o *homo faber* subjugando o *ludens*.

Ecoturismo e esporte

A idéia de simulação, presente tanto no turismo quanto no esporte permite pensarmos na complexidade existente em cada um deles, mas é no cruzamento de

²¹² The Tourist Gaze - Leisure and Travel in Contemporary Societies, 1990.

ambos que torna-se possível pensar o grau de complexidade do ecoturismo, bem como, na emergência de determinados sentimentos relacionados ao lazer na atualidade.

Norbert Elias²¹³ insere o esporte numa perspectiva teórica que denomina de processo de civilização, onde “o confronto simulado do desporto” permitiria uma pacificação daquelas tendências mais violentas inerentes ao social: a vida em sociedade, sob influência das leis que regem a mesma geraria estresse nos indivíduos, que poderia ser revertido contra o próprio social.

A questão interessante acerca do esporte, é que ele a partir de uma simulação de combate, de uma *excitação mimética*²¹⁴, possibilita que os grupos em interação experienciem emoções que associam-se a idéia de aventura. Sendo assim, o esporte é uma prática geradora de tensões que, por sua vez, visam aguçar as tensões que são de outra ordem, pois estas últimas têm a sua origem no ordinário, na vida cotidiana envolvendo a rotina do trabalho, as regras e formas de se portar em sociedade.

A questão, desta forma, não é pensar o lazer (e aí, o ecoturismo; os esportes de aventura) como um apêndice do trabalho, do tipo: liberação de tensões para o retorno feliz a labuta. As experiências miméticas ligadas ao lazer buscam gerar tensões de nível diferenciado²¹⁵. Experimenta-se o medo, a tristeza e outras emoções que evitaríamos na vida cotidiana (Elias, p.128).

²¹³ A Busca da Excitação, 1992.

²¹⁴ “Se perguntarmos de que modo é que se animam os sentimentos, como é que a excitação é favorecida pela atividades de lazer, descobre-se que isso é dinamizado, habitualmente, por meio da criação de tensões. Perigo imaginário, medo ou prazer mimético, tristeza e alegria são produzidos e possivelmente resolvidos no quadro dos divertimentos. Diferentes estados de espíritos são evocados e talvez colocados em contraste, como a angústia e a exaltação, a agitação e paz de espírito”. p.71

²¹⁵ Conforme Elias (1992), a função das atividades de lazer “é a renovação dessa mesma tensão, que é um ingrediente essencial para a saúde mental”; pelo seu efeito catártico ela é responsável pela “restauração do tônus mental normal através de uma perturbação temporária e passageira da excitação agradável”.p. 138

O ecoturismo, por sua vez, enquanto uma prática turística está relacionado a uma “duplicação simulada do modelo original”; devido a suas relações com os aspectos lúdicos da existência, com o jogo²¹⁶, sua interação com o mundo vivido está em oposição àquelas experiências ligadas a seriedade do mundo ordinário. No entanto, é necessário perceber o ecoturista não como aquele personagem caricato, como um “idiota”, um anti-herói²¹⁷, mas como aquele sujeito cujas motivações de diferentes níveis (orgânico, psicológico ou social) fazem-no interagir e criar possibilidades de novas sociabilidades²¹⁸. Considere-se o sentido efêmero da reunião, da caminhada: sua dinâmica é a da integração fugaz, os corpos em trânsito compartilham a provisoriedade da situação vivida, do cenário, a conseqüente dispersão, uma capacidade de desligamento surpreendente: não é possível vislumbrar passividade onde há uma dinamismo em termos de variabilidade de experiências com o meio e de interações sociais²¹⁹, ou

²¹⁶ Huizinga (1990), ressalta o aspecto não sério do jogo, sua relação com o “*ludus*”, que por sua vez relaciona-se à idéia de ilusão, de simulação.

²¹⁷ Ver Urbain (1991), acerca das questões ligadas as formas que os turistas são percebidos pelas populações receptoras. Para o autor o “turista é um herói complexo”.

²¹⁸ Para Simmel, a sociabilidade seria uma “forma lúdica de sociação”, sendo que, ela não apresenta “propósitos objetivos, nem conteúdos, nem resultados exteriores, ela depende inteiramente das personalidades entre as quais ocorre”. págs. 169-70.

²¹⁹ Numa caminhada que realizei com Silvio, do Matadeiro à Lagoinha do Leste, caminharíamos pelo costão: sua beleza e magnitude me surpreenderam. Vinha logo atrás dele, em silêncio contemplativo, pensando em questões íntimas, mas muito envolvido com a paisagem. De repente, ele pára e vira-se para mim e diz: “*Você é tão quietinho, não ouço a tua voz. Eu pelo menos faço alguns sons, dou uns gritos! Dá um grito aí para liberar!*”

A sua fala, súbita, cortou minha introspecção. Além do mais, sugeria que eu desse um grito! Senti que enrubesci, afinal de contas sou bastante tímido. Hesitei, por alguns segundos (grito ou não grito? isso é profundo, vai sair das minhas entranhas!). Gritei - alto e forte -; um gavião carrapateiro voou assustado. Misto de alívio e de constrangimento. Silvio riu da situação. Eu, de alguma forma sentia que aquele lugar e aquele grito tinham mexido comigo.

Ele fazia meditações seguindo técnicas do Osho, lembro de ter visto em Enseada do Brito (em Palhoça), numa cachoeira próxima ao Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, um grupo inteiro de pessoas gritando.

Mara me diria sobre o assunto, enquanto tomávamos chopp no Bar da Alfândega, que as caminhadas junto à natureza lhe transmitem uma “*sensação de leveza, tranquilidade, uma satisfação enorme de estar ali, ... é que eu estou jogando a tensão fora* (risos). *Hoje em dia é difícil de você controlá-la! É a única coisa que estou conseguindo fazer para controlar o stress, senão! Hoje eu ainda estava falando para uma amiga minha que se eu não estivesse fazendo isso -, acho que eu estaria lá no manicômio, internada à muito tempo!* (risos)”

Júlia, por sua vez contou-me (com extrema satisfação) que “*outra coisa que eu acho fantástica é se sujar -; sujar bastante!* (risos)... *É que quando eu chego em casa eu não pareço a professora; eu não pareço nada disso. É como se eu me liberasse totalmente. Sabe, um bichinho ali qualquer; que se identifica com a natureza -, levo os meus filhos, eles também com mochilinha, acho super legal!*”

Depois, só em frente ao computador, durante a árdua transcrição da fita, comoveria-me com as imagens do relato e sua franqueza. Seu cansaço evidente enquanto me falava tais coisas.

um engodo oriundo da imagem, um falseamento. São sujeitos relacionados entre si, no qual o “faz de conta” não representa uma mentira, antes disso, refere-se ao fluxo de interações sociais numa espécie de jogo com o real, mas que refere-se as possibilidades de desejar, de experimentar o momento vivido (um feixe de práticas e imagens banalizadas, midiáticas, atravessam a figura do (eco)turista), dando outra tonalidade as situações vividas.

O ecoturismo, é um tipo de experiência diversa daquelas experimentadas por turistas de massa, pois não se trata de experienciar emoções no mesmo plano que estes, devido ao fato de que, para os ecoturistas, estar em meio à natureza adquire um sentido diferenciado das experiências de turistas em cidades ou em balneários densamente habitados durante o verão. O ecoturismo não inviabiliza tais experiências, pelo contrário, pode complementá-las dando um caráter diferenciado à experiência turística, ou ainda, pode simplesmente não ter maior relação com as mesmas. O ecoturista buscaria uma forma *sui generis* de lazer que o singularizaria.

Ainda que, para ambas experiências, a turística e a ecoturística, haja um grau de aventura, estas assumem sentidos diversos, ou seja, os ecoturistas buscam a evasão a partir de atividades que podem ser consideradas mais ousadas, ou mesmo, radicais. O fato de inserirem-se num ambiente, com características muito diferenciadas daqueles que estão acostumados no espaço urbano, afasta-os dos turistas tradicionais, pois estes posicionam-se em oposição ao “alternativo” da experiência ecoturística. Os turistas vivem a aventura inseridos no perímetro urbano (ainda que, próximos da orla marítima ou de espaços verdes) e, desta forma, com uma relação menos intensa (em

Ou ainda, como Gilda me falaria: “*Eu sou de Curitiba, então eu conheço todas as montanhas de lá, as trilhas, a mais de dez anos que eu venho sempre fazendo as caminhadas, indo para as montanhas. Então assim ó, eu gosto daquela frase: “o único ar que tu respiras a plenos pulmões é o ar das alturas”; é lá de cima! Eu já acampeei no cume de montanhas; já fiz trekking sozinha, totalmente sozinha -, só a trilha, aquele mato, o céu. É gostoso essa sensação, é ótimo! Tu voltas, nossa! Com toda a corda!*” .

termos de esforço físico ou enfrentamento de obstáculos) com o ambiente natural, pois mesmo tratando-se de uma ambiência diversa, ainda estão no âmbito da cidade.

As práticas ecoturísticas, envolvem uma série de emoções cujas manifestações caracterizam uma experiência catártica -, uma espécie de purgação daqueles sentimentos contidos pelas regras e que estão relacionados as formas de vida em sociedade, onde o “tempo do trabalho é de Prometeu, da obrigação. E o tempo de lazer é o tempo de Narciso”²²⁰.

Ecoturismo: aventura e esporte

A busca do novo²²¹ é o elemento central para a aventura²²², o novo entendido aqui como a possibilidade de interação grupal em meio ao ambiente natural, na tentativa de vivenciar junto uma relação muito particular com o entorno, mas que visa ampliar a rede social, na tentativa de encontrar relacionamentos novos de caráter afetivo (amizades, companheiros para caminhadas²²³, brincadeiras, etc).

²²⁰ Entrevista com Luiz Octávio de Lima Camargo - nas folhas amarelas da revista Veja, 30/6/1993.

²²¹ Conforme Mara me disse: “Aventura para mim é descobrir coisas novas, lugares novos, conhecer pessoas novas!”

Ou ainda, de acordo com Nina, uma das **Radicais Barbies** (Gilda, disse que quando conheceu Nina “ela era toda bonequinha”, mas depois “ela se encarnou em fazer trilhas!”):

“A aventura é a busca do novo, do inusitado -, tu chegas numa coisa que tu nunca fez antes e tu vais experimentar. Tipo caminhada eu já não acho mais tanto aventura; escalada - porque é uma coisa que já faz parte da minha vida, já pratico sempre. Para outra pessoa, de repente, que nunca praticou passa a ser uma aventura, para mim não! Para mim, talvez, aventura seja pular de parapente ou paraglider; ioiô humano! Fazer uma coisa diferente!” (risos)

Para Marcos, a conquista “é uma aventura muito maior. Tanto, que não é uma coisa que a gente faça toda hora; tem que se preparar; tem que ter muito mais equipamento para fazer a conquista! Aventura é a própria escalada, caminhar, sei lá: ir dar um rolê na montanha é uma aventura. Existem vários níveis de aventura e, a conquista é um nível bastante elevado!”

²²² A aventura, como coloca Jankélévitch (1989) é movida por um “decreto autocrático de nossa liberdade e como todo o ato arbitrário e gratuito, de natureza estética”. p.17

Refere-se ao fato de que um montanhista, que resolve ir ao Himaláia escalar o Everest, “não tem obrigação de realizar tal esforço”, pois “existem coisas mais sérias” do que isso. Trata-se, outrossim, do prazer que a aventura suscita e que não está no nível dos eventos cotidianos, mas sim na esfera da relação evidente entre vida e morte; do trágico que percorre a mesma e que o risco aguçaria.

²²³ Lú, professora universitária, antes de integrar o grupo **Radicais Barbies**, procurou os serviços de uma agência de ecoturismo por que, primeiramente, não encontrou companhias para realizar caminhadas pelas trilhas existentes na ilha. Depois de realizar algumas sozinha, decidiria procurar a agência (a indicação foi do seu professor do curso de fotografia).

A experiência ecoturística, é necessariamente de nível relacional. Ela apresenta um caráter aberto, pois a maneira como as interações sociais ocorrerão dependerá basicamente do grau de envolvimento²²⁴ dos participantes do evento entre si, ainda que pese uma dinâmica interna do grupo relacionada ao tempo destinado ao percurso, envolvendo sempre, num determinado nível, a mobilidade, o deslocamento.

Uma certa errância torna-se necessária, para que seja possível experimentar a aventura²²⁵, lançando-se ao porvir, ao inesperado, ao risco, que pode trazer consigo a experiência do belo, a iminência do perigo ou até mesmo da morte.

As práticas ecoturísticas vêm mostrar a inexorabilidade do limite, a sensação de que somos vulneráveis (“sensibilidade aos limites”)²²⁶, porque somos seres culturais imersos numa paisagem natural adversa e tósca, ainda que bela. Há também, a realidade biofísica, orgânica: somos seres despreparados para enfrentar determinados obstáculos naturais, porém, para alguns ecoturistas, certas situações permitem uma espécie de negociação com a noção de limite, ou seja, fazem do obstáculo (“uma atmosfera dramática”²²⁷) colocado pelo ambiente a possibilidade palpável da superação²²⁸. Esta,

²²⁴ Para Ana, funcionária do setor contábil de uma concessionária em Florianópolis, a relação com pessoas que ela “nunca tinha visto antes” pode envolver a solidariedade, pois nesse caso, “são pessoas que vem e estendem a mão, te ajudam, tipo na descida, acaba sendo interessante, legal: um contato gostoso, com pessoas bacanas, que gostam das mesmas coisas que você gosta, ou que muitas vezes, que nem eu já fui em algumas que não tinham nada a ver comigo! E, mesmo, a gente acabou naquilo ali, a gente gostou, foi um negócio interessante!” O episódio envolvendo Aparecida, no entanto, demonstra que nem sempre as relações são amigáveis, certas intolerâncias podem vir à tona durante a interação.

²²⁵ Para Griffet (1992), a aventura é uma forma de sentir a vida com intensidade, relacionada àquelas experiências vividas fora das instituições. Os relatos, segundo o autor, são formas de apresentar a realidade concebida, a partir do material, sob a forma de histórias, imagens e idéias. p.359

²²⁶ Júlia referindo-se a sua filha, afirma que “Não faz nenhum vexame, é ótimo assim! (risos) Mas ela quer competir, que ela é melhor, que ela não escorrega, que eu sou muito escandalosa! Quem vê assim, parece que eu sou... (hesita um pouco) eu sou super escandalosa, tenho medo um montão (confessa)! Tem que estar me... mas eu vou! Eu acho que eu sou habilidosa; avalio muito antes de botar meu pé lá-, sou doida? Então, tocou de gritar estou gritando! Eu grito com uma certa frequência, então fica vexatório! (risos), mas além de vexatório, na verdade, digo que é motivo de alegria. Então não me incomoda muito com isso!”

²²⁷ idem nota 225, p.362.

²²⁸ Gustavo referiu-se a um dia em que foi “subir o morro do Cambirela -, eu nunca tinha feito uma coisa dessas, subir um lugar alto, apesar de que a gente foi com um guia. Porque, acho que se o cara fosse sozinho poderia se

sem sombra de dúvidas, é uma das facetas da aventura no ecoturismo; na sua relação com a natureza.

Na caminhada pelo Costão do Santinho, num determinado momento vínhamos caminhando na trilha, em fila indiana, quando uma moça que me pedira um dorflex, minutos antes devido a sua dor de cabeça, subitamente cai num buraco. A queda fez com que ela ficasse com suas pernas e parte da cintura dentro do buraco. Todos se assustaram, momentos de tensão. Alguém disse “*calma!*”. Ela riu envergonhada, era o sinal de que estava tudo bem. As pessoas puxaram-na, estava ilesa. Provavelmente tratava-se de um enorme buraco, algo como uma fenda onde ela poderia ter caído feio. O desfecho poderia ser outro, muito pior; felizmente, nada de grave aconteceu.

A aventura, nesse caso relaciona-se com o momento vivido, “ela está no nível do instante” (Jankélévitch) - e para isso é preciso estar lá, experienciando um tipo de sensação que só pode ocorrer em práticas onde os atores sociais buscam “uma mescla de desejo e horror”²²⁹.

A noção de limite é fundamental no ecoturismo. Os grupos que circulam pelas trilhas, enfrentam determinados obstáculos que surgem a medida que percorrem o trajeto, que avançam em direção aos santuários ecológicos que são, junto com a

perder lá -, porque é complicado lá sabe! Chegou um determinado momento que tinha um local para o cara transpor, daí eu achei que não ia conseguir fazer aquilo ali, mas eu já tinha subido tudo -, digo pô né, se eu não vou passar aqui? Eu acho que é esse o espírito de aventura. Ali, naquele momento não há maior aventura para mim... se eu passar aquilo ali estou fazendo a coisa completa -, eu passei e achei que ia ter uma dificuldade dez, de repente, tive uma dificuldade dois: aí tu vê assim como tu te supera, assim com as idéias que a gente tem, as vezes a gente se supera! Aquilo ali, foi uma aventura -, a grande aventura é isso aí - tu superas uma coisa que tu achas que é um negócio super-perigoso, que tu não vais conseguir fazer. E, fiz, com a maior facilidade!”

²²⁹ Júlia, comparando as caminhadas que fez com agências diferentes, diz que “... ele peca por não ter determinados equipamentos, que eu vi nesse grupo. Por exemplo, se você vai subir um morro: fiquei tão estressada em Águas Mornas, quando tive que pegar aquela corda pela primeira vez. Eu parei e dizia, que não ia -, mas não ia ficar ali empacada, sozinha! Enfrentei meu medo! Como diz o chefe ali, “que venceu o medo!” Mas, acho que tem uma maneira melhor de vencer o medo que é com segurança. E esse grupo eu senti isso, ele tinha equipamento que permitia minha filha pequena fazer o que eu teria feito com muito menos stress! Então, eu acho que até é interessante que a gente faça com outros grupos também!”

socialidade e exercício físico, a tríade que parece fundamentar a caminhada enquanto uma atividade de lazer em meio a natureza.

Conforme a matéria na revista Istoé de 26/7/95, os donos da agência de ecoturismo Araweté (RJ) afirmam que a caminhada contém “um significado que transcende a atividade esportiva: é um percurso de aprendizagem, onde se ganha conhecimento e se desenvolvem habilidades. Além disso, aventuras por trilhas geram autoconfiança, auto-estima, tolerância e liderança. ‘As caminhadas são um jogo. A natureza cria obstáculos e desafios e o grupo cria soluções. Isso leva o sujeito a uma reorganização interna’”.

O limite é algo que está na ordem das emoções, dos sentimentos que envolvem distinções entre o que pode ser bom ou ruim; do que pode trazer segurança ou insegurança, por isso envolve escolhas.

A experiência de entrar na Caverna de Botuverá foi impactante. Havia ficado um pouco para trás com algumas pessoas, quando chegamos na entrada da mesma, uma das senhoras argentinas, em pânico, chorava abraçada ao marido, que conversava carinhosamente com ela. O medo, a impedira de entrar na caverna.

Mais tarde, conversando com um biólogo gaúcho que participara da excursão à caverna, percebi que a senhora que não quisera entrar em função do seu temor estava próxima de mim. Comecei a falar, entusiasticamente, sobre a experiência para ver se me dizia algo. Ela me olhou, riu e disse num espanhol pausado algo como: “*Yo sei que perdi un belo paseo. No consegui entrar, creo que nunca conseguirei entrar!*”

Não posso negar que ao ver aquele buraco na rocha: uma espécie de boca a engolir as pessoas, que sumiam no breu, pensei no que poderia me esperar ao entrar nela, uma incerteza percorreu meus pensamentos, ainda mais depois da cena que

presenciara. Como seria lá dentro? E se me machucasse? Não poderia me afastar do grupo! Coloquei o capacete (alguém me disse que não precisava colocá-lo, o que julguei muito imprudente). Segui, deixando para trás as luzes bruxuleantes da entrada. Por não ter a noção correta da altura da entrada da caverna, bati inúmeras vezes com a cabeça na rocha. Se não fosse o capacete teria me machucado. Me senti um peixe fora d'água, mas era emocionante poder estar lá com aquelas pessoas.

A caverna, repleta de formas surreais, como figuras dalineanas, gotejantes. Falos e seios por todos os lados: duros, retesados, imensos. A natureza tem sua dimensão erótica! Uma experiência lamacenta (algo de fase anal existe no lugar), ou ainda, *in utero*. Lugubridades góticas; santas estilizadas; silêncio morno e escuridão: só os pingos no mistério de eras. Estalactites como facas, pendiam sobre a minha cabeça.

Noutra situação não menos traumática, mas agora no interior da caverna:

Um argentino, muito obeso, teve problemas para subir uma rocha imensa que se fazia necessário vencer, para chegarmos aos outros salões da caverna. A rocha, com um grande declive foi um dilema para ele: patinava e arfava, desesperado. Seu Abílio, o guia responsável pelos passeios, puxava-o fazendo muita força, por pouco ele não consegue subir (“*Patinou, hein, quase não sobe! Precisa fazer um regime!*”). O guia, quase caiu junto com ele. Pensei em ajudar, mas estava logo atrás, fiquei com receio que caísse em cima de mim, desisti!

Durante a incursão à caverna, percebi o quanto a experiência ecoturística tem algo das pessoas irem até os seus limites, até onde o organismo e a mente permitem. Aqui, de forma diversa a dos desportistas que enfrentam a natureza tentando superá-la, trata-se de grupos de curiosos, interessados num contato com a natureza (famílias,

amigos, namorados, etc). Coloca-se uma diferenciação evidente entre os *estilos* (basta ver as **Radicais Barbies**), na relação com o risco e com o corpo (em termos de preparo físico). Uma questão psicossomática: a concepção de natureza de cada um; o temor da escuridão; a relação com o medo da morte, bem como, as limitações orgânicas (excesso de peso, fraqueza, idade avançada, etc) são determinantes neste tipo de prática.

O limite define a tênue linha que separa a vida da morte²³⁰. Sentir-se ameaçado está em paralelo ao sentir-se limitado, pois o que ameaça só pode ser aquilo que está em relação direta ao limite. Não há uma linearidade, mas sim o aleatório: o jogo com os limites abarca inúmeras possibilidades. A incerteza, permite o jogo com o sério, fazendo disso a “única forma lúdica verdadeira”.

Até onde vão os limites dos corpos que percorrem as trilhas como formigas que seguem no carreiro, ou que enxameiam feito abelhas quando param em torno de algo que lhes agrada? Em que nível, tais corpos estão isolados do corpo da natureza (ou da terra, ou do planeta): os limites entre cultura e natureza marcados “a ferro e fogo” parecem sofrer impactos neste final de século. A evidência disso são as situações minúsculas, mas intensas que os cidadãos urbanos estão experimentando como forma de lazer e que desponta nessa década.

Os limites, como membranas celulares preservam certa permeabilidade, há uma flexibilidade que permite trocas (ajudas) e o contínuo avanço. Eles nunca podem ser precisos; há sempre uma possibilidade de permuta, de extravasamento e de superação.

²³⁰ Para Maffesoli (1984), “o limite é esse “ponto de interseção da morte e da vida”, e o que une limite e trágico é que a morte é essa realidade vivida e gerida todos os dias, imanente ao dado individual ou social e parte recebedora de todas as situações. Num outro registro, pode-se ainda, dizer que, pelo limite, a vida trágica não funciona a partir do “dever-ser”, a partir do “pro-jeto” (os amanhãs que cantam ou outras formas de paraíso), ela se encontra totalmente ancorada no presente e nele se esgota como tal”. p.88

No entanto, os limites podem ser palpáveis, concretos e fatais.

Se a aventura, de acordo com Jankélévitch, “implica na oscilação infinita da consciência entre o jogo e o sério”; percorrer tal interação de forma que seja possível perceber a relação entre lúdico e sério na experiência ecoturística, é algo que pode trazer à tona questões ligadas a socialidade do grupo.

A solidariedade é essencial na experiência ecoturística, em determinados momentos diria que vital (nos esportes de aventura isso é levado ao extremo) - é o corpo social em movimento pela trilha. As interações de nível proxêmico²³¹, ou seja, as relações com o espaço em termos de uma proximidade física intensa entre os praticantes da caminhada que deslocam-se no ambiente natural. As interações ocorrem no nível da exacerbação dos sentidos: a mobilidade do grupo na trilha envolve a percepção visual do mesmo (rápidas olhadelas²³²; determinadas cuidados como o corpo que anda pela ambiência); os odores na interação dos corpos (o leve perfume do princípio e o acre suor do final da caminhada); o sabor do alimento nos instantes em que o grupo, geralmente em círculo, nutre o corpo biológico que é o sustentáculo do corpo coletivo e compartilha a refeição; o tato que liga a comunidade emocional a partir do toque (para Maffesoli o estar-junto o pressupõe), a solidariedade, o contato

²³¹ Hall (1977), cunhou o termo proxemia para referir-se “à observações e teorias inter-relacionadas, relativas ao uso que o homem faz do espaço, como elaboração espacializada da cultura”. p. 13

Maffesoli (1987), menciona que “o termo “proxemia”, proposto pela Escola de Palo Alto, parece dar conta, perfeitamente, dos dois elementos, o natural e o cultural, dessa combinação”. p.36

²³² Na Caverna de Botuverá pude perceber que existem situações incômodas, pois notei que há uma relação de vergonha e ridículo em determinadas situações. As quedas são constantes. O motorista que nos levou até o local escorregou, sujando sua roupa. Levanta todo errado, limpa-se e não diz nada. Paira um silêncio cúmplice. O caso do argentino, que patinou para subir na rocha, não foi muito diferente.

Noutra situação de campo:

Estávamos praticamente chegando ao fim do costão, quase na praia de Moçambique, já tínhamos caminhado cerca de uma hora (com parada para o descanso), por uma trilha relativamente acidentada e, em certos momentos lodosa, de repente, vejo Janaina escorregar e cair, algumas pedrinhas rolam despenhadeiro abaixo. Ela levanta, rapidamente, continuando a caminhar como se nada tivesse acontecido.

Uma situação limite -, o tombo como uma interação grupal; olhares apressados e a constatação de que está tudo bem, reina o silêncio reservando uma certa privacidade, permitindo, inclusive, que o grupo siga em movimento: o deslocamento pela trilha tem a sua dinâmica, sua fluência.

físico que se instaura, a medida que ocorre a interação durante o percurso; a audição que é essencial para a comunicação do grupo, pois juntamente com a visão parece ter uma importância central para detectar possíveis perigos na trilha pelos ecoturistas.

Tal problemática aponta para a questão do medo dos animais, que por sua vez é uma constante nas caminhadas: na Lagoinha do Leste encontramos uma serpente na trilha - Luísa que ia na frente voltou-se em minha direção (literalmente chocou-se a mim), com os olhos arregalados e me disse em tom baixo "*uma cobra!*" - ficaríamos uns instantes observando o animal que parecia nos observar também. Até que embrenhou-se entre as bromélias e arbustos próximos da trilha e sumiu.

No Costão do Santinho -, o silêncio da contemplação do mar foi cortado por uma exclamação: "*Á, Léa vai para o mato é!*" -, foi inevitável olhar para trás e ver Léa se dirigindo para os matinho afim de fazer suas necessidades fisiológicas; aquilo que era para ser íntimo, dada a discrição da moça (ela saíra sorrateiramente) tornou-se público. Seguiram-se: "*Cuidado com as cobras!*"; "*Vai descarregar!*". Ela ri tímida, mas subitamente ouve um barulho nas moitas (provavelmente um lagarto) e sai correndo apavorada. O grupo ri do acontecimento; uma delas ainda diria para a sua amiga que "*é ruim andar apertada!*".

Noutra situação de campo:

Do alto de um morro, caminhávamos lentamente pela trilha que nos levaria à Costa da Lagoa; seguíamos em fila indiana ladeados por uma vegetação arbustiva, porém densa. De repente o guia pára, vira-se para mim e diz com o ar de dúvida: "*tem uma teia de aranha no caminho, o bicho está comendo uma abelha, o que fazemos - passamos por baixo ou arrebatamos a teia?*" A mulher que vinha atrás (ela usava luvas de goleiro para se proteger), não hesita e responde num tom assustado: "*mata*

ela!". Frente a tal situação de pavor decidimos por arrebentar a teia. O guia não o faz antes de pedir "*desculpas*" ao ínfimo aracnídeo, colocando a teia, onde o "ameaçador" animal se deliciava com o seu repasto, sobre uma arvoreta na qual a tecelagem elaborada por ele se apoiava.

O episódio pitoresco explicita um impasse que traz à tona pelo menos três possibilidades de interação entre os seres humanos e o pequeno invertebrado: 1. deixá-lo como estava, evitando-o (passar por baixo da teia); 2. intervir no processo de alimentação do animal (arrebentando a teia); 3. assassiná-lo em função do temor da moça.

Todas essas possibilidades de interação com a aranha, referem-se a formas diferenciadas que os atores sociais encontram para, a partir do plano da cultura, intervir na dimensão da natureza. Há a tentativa de solucionar parcialmente a dicotomia que permeia a relação entre a sociedade e o ambiente, mas aponta para formas diferenciadas de relacionamento com o mundo natural; para questões ético-morais: as relações entre o bem e o mal; o correto ou não, na relação entre o grupo e a aranha; como proceder diante do fato que se configura e quais as suas repercussões sócioambientais; as possíveis intersecções entre o corpo social e o corpo planetário? O problema precisava ser negociado ali, na dinâmica que o trajeto impunha. Certos juízos de valor permeiam o ocorrido e são possibilidades que percorrem o instante em que a decisão precisa ser tomada: a natureza é bela e precisa ser preservada, permanecendo "intacta"; a natureza é bela, mas é necessário trabalhá-la (a natureza pode e deve ser manipulada) ou, a natureza é bela, mas se for preciso eliminá-la não haverá problemas: a vida pode ser abatida em benefício humano, sem problemas.

Se, como coloca Maturana (1990), a medida que especifica-se uma unidade, também especifica-se o cenário; é preciso conceber a aranha como integrante do

mesmo, da paisagem, ainda que isso seja impactante para quem precisa interagir com ela. Afinal, o que é a paisagem senão uma “invenção do real” e, neste caso, o real da paisagem (no seu delírio, na sua maravilha) é concebido como ausência da aranha pelo menos no seu esplendor cênico, na sua magnitude: temos uma paisagem mental que não comporta o real na sua concretude evidente. A crueza da situação, a capacidade de perturbar o que sonha (a simulação, naquele instante, termina por destituir-se de sua delícia e paixão). A aranha, ao atravessar a trilha com sua teia desorganiza o espaço, confunde territórios e acaba atormentando com seus perigos potenciais o momento de prazer do caminhante. Na mesma caminhada, Augusto encostou sua perna nos tufo de pêlos de uma lagarta e sofreu com as ardências provocadas pela substância urticante que fora liberada por eles.

Durante a caminhada pelo Costão do Santinho, uma das adolescentes ao entrar na trilha gritava constantemente, suas amigas tocavam no seu corpo para que gritasse, sendo dessa forma, motivo de risos. Mais adiante, próximo do costão as garotas tinham medo de passar pelo meio do mato (na realidade arbustos que contornavam a trilha), pois temiam aranhas, cobras, os bichos.

Giacomazzi (1995), afirma que alguns animais “são concebidos como ameaça e perigo à saúde, como é o caso de cobras, morcegos, aranhas e larvas de insetos... Em si, encerram a ambivalência das relações com a natureza, potencialidades do bem e do mal, de amor e vida, ou doença e morte”. p.448

Através da aventura é possível vivenciar a ambigüidade que lhe é inerente -, o misto de “horror e atração ao mesmo tempo”. Lançar-se ao incerto do percurso buscando na insegurança o prazer do porvir; a necessidade do uso dos sentidos (principalmente o tato, a visão e a audição) como algo imprescindível frente a uma possível ameaça; o mistério; o perigo e o destino: a *aventura* -, nesse caso como a

possibilidade “homeopática” de experimentar o jogo com a morte. Para correr uma *aventura* a dimensão da tragédia precisa estar presente, pois a “fragilidade essencial e a natureza fatalmente precária de nossa existência psicossomática funda a possibilidade da aventura” (Jankélévitch, p.19) ²³³.

O jogo, conforme Huizinga, também pode ser sério, ainda que o ultrapasse, ou seja, se o jogador lançar-se em sua prática “de corpo e alma” e vivenciar mais do que o simples jogo para experimentar a dimensão tensional engendrada por ele, evidenciam-se determinados valores éticos ligados as qualidades do jogador (habilidade, lealdade, coragem, etc). Desta forma, o “jogo é uma entidade autônoma. O conceito de jogo enquanto tal é da ordem mais elevada que o de seriedade. Porque a seriedade pode excluir o jogo, ao passo que o jogo pode muito bem incluir a seriedade”²³⁴.

Assim, temos que determinadas práticas de ecoturismo, incluídas na categoria de aventura, podem ser entendidas como uma relação tensional entre o jogo e o sério, abarcando uma dimensão lúdica, desta maneira ela tem um caráter de simulação, algo que estaria no nível do ilusório. Não no sentido de um falseamento de imagens, mas pelo contrário, na experiência de compartilhamento de imagens que encerra uma “função poética” e que possibilita estar “separadamente junto”.

Quanto ao rafting, pude perceber que tanto mulheres quanto homens possuem um grande receio em praticá-lo em função de um temor relacionado ao fato de não

²³³ Refiro-me também aos “grandes aventureiros brasileiros” que a partir de suas viagens alimentam o imaginário (no sentido de um desejo compartilhado) popular, através de seus relatos em livros, entrevistas em revistas e jornais: Amyr Klink enfrentando a imensidão das geleiras e o frio da Antártida (ou as baleias batendo no casco de seu barco); Waldemar Niclevicz e Mozart Catão, os primeiros brasileiros a escalar o Everest (o primeiro quebrou uma costela e o segundo perdeu a ponta de dois dedos que congelaram); a família Schürmann que passou dez anos no mar em um veleiro; o casal Gerard e Margi que sobrevoaram 50 países num monomotor passando por territórios onde haviam guerras (correndo o risco de serem confundidos com o inimigo) e Camille Kachani que foi a inóspita Groenlândia viver entre os inuits por um curto período de tempo, se alimentando de focas e seguindo ursos polares.

²³⁴ Homo ludens, p.51.

saberem nadar, como segue:

“Essa coisa do rafting, já me convidaram para fazer -, acho legal, mas é uma coisa que tenho certo medo! Primeiro, porque a minha ligação com a água -, eu respeito a água! Sou um cara que nem sei nadar! Então já tenho certo receio de entrar na água, mas ao mesmo tempo é uma coisa que me impele, parece que eu quero fazer isso, de qualquer jeito, mas vai ter aquela primeira etapa de medo... pá, pode virar, pode não sei o quê, pode dar com uma pedra; de repente tu vais fazer e vais ver que não vai acontecer nada daquilo, que é uma coisa bem mais segura do que tu imaginas - aí tu consegues...” (Gustavo)

Como Gustavo, Ana também tinha receios porém, a partir da intensidade da experiência vivida relata que:

“Eu não fui para descer hein, na hora, Eduardo e Pedro (guias da agência Ilhapé) me convenceram a descer, porque eu não fui...gente eu não sei nadar! Eu tenho medo de água! Esse rio com corredeira ali...estava cheio. Aquele medo... não vou, não vou! Aí, conseguiram me convencer que era seguro...”, porém, justamente o bote que eu estava virou (risos)... Foi maravilhoso! Foi ótimo! Ótimo!”

Já, as **Radicais Barbies**, participaram entre 23 e 24 de setembro de 95, do Primeiro Campeonato Igaruana de Rafting e trouxeram o troféu de campeãs da prova, onde, segundo Lú - ela, *“a lanterninha fez sucesso”*, mesmo sem saber nadar.

Particpei de um rafting, que segundo Eduardo *“é uma aventura legal, sem muito risco -, dá para brincar!”*

Haviam dois grupos: o nosso que iria no barco inflável maior e outro de Curitiba, que iria no menor. Ali, naquele momento, comecei a sentir um temor, um desconforto.

Nossa, e se essa coisa virar: sei nadar, mas não quero engolir água, pensei. Eu estava ali, tinha vindo para aquilo e era seguro, me condicionei. Sempre que possível me saí bem nas minhas experiências junto à natureza, seria mais uma delas! Pus isso na cabeça e tratei de me enfiar numa daquelas roupas estranhas de neoprene (de um azul e amarelo gritantes!). Num primeiro momento, vesti-la foi sofrível, mas consegui. Lúcia, a única mulher do nosso grupo, ajudou-me a arrumar a roupa. Após eu ter calçado meu tênis -, a combinação foi tragicômica, pediria-lhe ainda, que tirasse uma fotografia minha com Gilson e o outro companheiro de grupo abraçados para uma recordação.

No caminho, vestido com a minha armadura emborrachada me sentia um extraterrestre com tons azuis e amarelos. O riso nervoso percorria a minha boca, ao meu lado, a garota do outro grupo, que era uma jornalista que acompanhava a excursão, dava os últimos retoques no seu modelito - ela ficara muito bem com aquela roupa colante.

Na chegada ao local, as pessoas riam e diziam piadinhas sobre o receio de enfrentar a aventura: um casal de Itajaí juntara-se aos grupos que agora, misturados, ouviam as instruções de um dos guias. Havia um risinho sarcástico ao final de cada colocação sua: quantas inúmeras vezes ele vira rostos contendo aquele tipo de tensão disfarçada, que só os que temem possuem. Ele falava das técnicas para descer as corredeiras do rio: como remar, a maneira correta de manter-se seguro no bote, de como cair na água e da importância do grupo para o êxito da descida em termos de força e sincronismo com os remos. Éramos um grupo que precisava ser coeso. Portanto, seria necessário um espírito de equipe .

Formaram-se dois grupos novamente, o nosso que iria na **Vivi** (o bote maior) e o de Curitiba que iria no bote menor, a **Petra**. Carregamos os botes até a margem do rio e colocamos ambos na água; fiquei um pouco nervoso, afinal sabia mais ou menos

o que me esperava, mas não tinha idéia da intensidade das corredeiras, nem do nível dos sentimentos envolvidos nas situações que viveria, muito menos de como eles viriam à baila.

Começamos a remar, já não tinha mais volta, agora o curso do rio nos levava em direção às corredeiras, tínhamos apenas que ter estratégias para atravessá-las. Errei nas manobras com os remos, Lúcia me chamou a atenção, tratei de acertar o compasso. Seguimos.

A sensação de deslizar no rio sobre um bote inflável é deliciosa. O grupo é que imprime velocidade e ritmo ao deslocamento do bote: músculos funcionando num remar sincrônico, onde o esforço dos corpos permite viver uma experiência diferente. Ali, não é possível ser egoísta, naquele momento, todos precisam cooperar - com a força física e com a execução das ordens do guia -, é aí que as técnicas ensinadas por ele precisam ser colocadas em prática para garantir a segurança da aventura.

As primeiras corredeiras que enfrentamos foram sensacionais, as águas, indômitas e furiosas, nos empurravam com sua força turbulenta. O bote dançava descompassado sobre um caos de bolhas, as ordens gritadas pelo guia ecoavam nos ouvidos, respingos gélidos no meu rosto, rochas próximas demais me punham em pânico. Preciso ficar firme no bote, seguro -, remar certo e em sincronia. Ahhhh! Passamos pelas corredeiras sem problemas, boiamos solenes sobre o rio, uma sensação de um bem-estar nervoso, risos tensos. Como numa cena de um filme de aventuras vimos o outro grupo descer as corredeiras: um deles caíra na água. O bote girava em torno de si mesmo -, um nado desesperado, tentativas de ajuda. Ele sobe e finalmente, o grupo passa as corredeiras. Lá vamos nós de novo!

O casal de Itajaí era bastante simpático: ela um tanto assustadiça e delicada ria

nervosa enquanto ele, um tipo bonachão, dava gargalhadas altas e realizava gracejos que nos faziam rir.

Mais adiante o guia nos daria instruções para descermos a queda que eles denominam de caldeirão -, se o nome já assustava -, imagina ao vivo! Tratava-se de uma queda onde teríamos que cuidar com os rochedos, pois passaríamos por entre alguns deles, além do que, a queda tinha uma certa altura e, como se não bastasse um certo refluxo que fazia a água ser bastante violenta.

Entramos numa zona turbulenta, desviando enlouquecidos das rochas, de repente, a queda - uma sensação de vazio, estávamos descendo - todos gritaram com o choque, o bote se dobrou um pouco, nos chocamos um nos outros. Falta alguém, quem caiu? - gritaram -, era Eduardo; onde está? Imerso naquela torrente contínua de água ele emergiria num salto, cara assustada, olhos arregalados - que susto! Puxamos ele para cima (diria depois que ficara embaixo do bote e que, por isso, não conseguia vir à tona). Logo depois chegaria o outro grupo, um salto espetacular. Após a experiência de tensão, o grupo seguiu com calma o curso do rio.

Os dois grupos brincavam de jogar água um contra o outro com os remos, num determinado momento, encostamos os botes e começamos a empurrar uns aos outros na água: o grupo de Curitiba pegou o rapaz de Itajaí e começou a puxá-lo, enquanto isso, nós o puxávamos para o nosso bote ficando ele entre os dois -, debochado, ele gritaria para a companheira "*Helena eu te amo! O testamento tá na gaveta da escrivaninha!*", rimos e ele se estatelou na água. Brincadeiras como essa se repetiriam mais algumas vezes durante o percurso: numa delas derrubamos todos os tripulantes do outro grupo e tentamos virar o bote deles, mas não conseguimos. Era uma constante competição.

Em alguns momentos, cansávamos e perdíamos as forças: remar não é nada fácil

quando não se tem a prática, por isso o cansaço fazia com que parássemos para descansar: ocorriam brincadeiras; piadas; o guia dava instruções sobre as corredeiras à frente; ou simplesmente apreciava-se a paisagem que nem sempre era bela, demonstrando a ação humana sobre aquelas matas de galeria -, o desmatamento deixara barrancos expostos e a paisagem alterada. Por outro lado, também haviam paisagens exuberantes: vários morros, alguns com paredões rochosos altíssimos e de rara beleza, florestas com tons variados de verde, árvores ressequidas servindo de suporte para lindas orquídeas e o rio caudaloso (ainda que estivesse com o seu nível baixo devido à falta de chuva) lambendo as rochas -, um martim-pescador solitário sobrevoou o rio e perdeu-se no interior da mata.

Enfrentamos mais um conjunto de corredeiras muito fortes, fiquei temeroso, quase cai. A força da água era surpreendente e nos empurrou contra uma rocha. Gritei apavorado achando que ia dar de cara com ela -; o bote embolou contra a rocha, fomos uns ao encontro dos outros, remos batendo entre si, gritos. Descemos outra corredeira, era maior. Seguimos remando. Fizemos manobras para surfar, ou seja, algo como ficar deslizando com o bote sobre as corredeiras: o bote fez um forte movimento contra elas. Subiu um pouco, pensei que viraríamos, mais gritos e risos, tomei um golão de água que saltou no meu rosto. Surfamos mais duas vezes, foi estressantemente maravilhoso!

Paramos para ver a cascata, que devido à seca, estava muito rala. Uma poça gélida na sua base; o frio apesar do neoprene incomodava.

Seguimos descendo o rio até que chegamos ao final da percurso, foram duas horas e meia de emoção, onde tensão e alegria misturavam-se num clima de companheirismo. Descemos do bote e o colocamos sobre a caminhonete.

É interessante como o grupo fica unido um tempo, parecendo ser um corpo único, formando-se redes de solidariedade e cooperação, porém ao final não nos

despedimos de quase ninguém, o grupo diluiu-se com a rapidez que se formou: não vi mais o casal de Itajaí, nem o pessoal de Curitiba. Subimos um morro e fomos trocar de roupas e lanchar.

Há uma dinâmica, na qual os atores sociais integram-se (mesmo que em caráter provisório, efêmero) de forma a gerar uma série de situações que particularizam tal experiência, fazendo dele um dos fenômenos interessantes oriundos do meio urbano. A fugacidade de relações sociais convive com a intensidade das “emoções coletivas”.

O estar-junto como forma de interação com a ambiência

“Quando acabou a volta na ilha, eu não sei (faz uma cara de dúvida); senti meio que um vazio!” (risos no grupo) - *“E agora, o que eu vou fazer hoje! Começou a bater aquela **nóia**. Aí, eu me levantei e fui fazer um monte de coisas, mas sabe faltava, faltava... ir lá e caminhar e estar com a **galera** junto, (“O mulherio... tudo comunitário!” - Lú entrevistou, alegremente), armar barracas; caminhar”*.

Susi, diria isso com tanta emoção para nós todos, de forma tão sincera, que não pude deixar de sentir certa nostalgia da aventura pela qual não participei. A **paranóia** como sinônimo de ausência do grupo; das imagens compartilhadas. A **galera** como metáfora do grupo (o grupo flui no fluxo de imagens, a **galera** segue livre a viagem). O prazer de caminhar na ilha (suas imagens, suas trilhas) e a forte afetividade proveniente da união, o deslocamento em comunhão.

“A gente fez a caminhada e foi como nos tornamos cúmplices; que vimos que gente se deu bem fora da volta a ilha - passou a se gostar!”. Lú, referindo-se a caminhada junto com as **Radicais Barbies**.

O grupo experimenta no seu deslocamento a possibilidade sentir em comum

(estética) as imagens que ambiência oferta aos sentidos e, desta forma, acabam por criar laços coletivos (ética), de fundo emocional²³⁵. A estética tem como pano de fundo uma ética: experimentar em comum suscita um valor que, por sua vez é um vetor de criação²³⁶.

Deslocar-se em grupo pelas trilhas é uma forma de experienciar sentimentos, tomar decisões perante situações incomuns -, nelas os papéis são vividos diferentemente, pois nesse caso, não se trata de desempenhar os papéis que se executa no meio urbano. Experimenta-se aqui a multiplicidade do eu estando imerso numa ambiência comunitária, pois trata-se de algo da ordem de um “paradigma estético”. Desempenha-se outro tipo de interação social, que tem como elemento fundamental uma dimensão afetiva, implicando numa solidariedade orgânica²³⁷. Há o deslocamento “de uma ordem social essencialmente mecanista para uma estrutura complexa a dominante orgânica”²³⁸.

²³⁵ “... o espaço, por sua vez, vai favorecer uma estética e produzir uma ética”. p.22 in Michel Maffesoli, O Tempo das Tribos, 1987.

²³⁶ Michel Maffesoli, Au creux des apparences, 1990; p.27.

²³⁷ A solidariedade orgânica (Maffesoli, 1987), é um dos traços da socialidade emergente, onde estão em jogo emoções e sentimentos (que são para o autor um misto entre objetividade e subjetividade), pautada por uma “estética do sentimento” que, por sua vez relaciona-se a uma “abertura para o outro”. Há uma “sensibilidade comum” que “favorece um *ethos* centrado na proximidade”. p. 20-8

“Na verdade, a ajuda-mútua, tal como aqui a entendemos, se inscreve numa perspectiva orgânica em que todos os elementos, por sua sinergia, fortificam o conjunto da vida”. p.37

Nas entrevistas, as pessoas me falariam acerca da ajuda, da relação de solidariedade da seguinte forma:

“Esse coleguismo que tem, o pessoal ali; eu já conheci bastante gente que eu nunca tinha visto antes: são pessoas que já vem e estendem a mão, te ajudam, tu já conhece as pessoas, depois disso, na rua já perguntam -, “á, vai participar da próxima, vai ser em tal e tal lugar!” (Ana)

“Eu acho, que o entrosamento está sendo bem descontraído, cada um ajuda na medida que pode, porque às vezes os caminhos são muito estreitos, então não dá para duas pessoas, três pessoas estarem no lugar, mas é interessante cada um ajudando o outro! Dando a mão para o outro, ajudando a pular aqui (rindo), a saltar ali! É um sentimento que tu colocas ali -, dar a mão! Está colocando sentimentos, sentimento de carinho; de ajuda!” (Mara)

Gilda diria acerca da volta à ilha com as **Radicais Barbies**:

“Não teve problema, discussão nenhuma, porque cada uma se cuidava, se ajudava. Então, houve um entrosamento bem legal. Tipo a parte dos costões, a gente passava rápido porque todo mundo escala, entendeu. Sabia como pegar na pedra, tem técnica, não é uma dar palpite, era ajudar - ajudava a escalar!”

²³⁸ idem a nota 235, p. 4.

Compartilhar as imagens e seus detalhes -, as trilhas que recortam a Ilha de Santa Catarina como a ambiência afetual, como o espaço onde é possível experimentar uma “emoção estética que pode servir de cimento”: o conjunto que origina-se a partir da ambiência e a comunidade emocional é único, porque vivido nas particularidades de tal interação. Isso propicia viver a socialidade que é onde a ética se liga a estética”²³⁹.

Susi, a partir de seu relato ilustra tal questão, quando refere-se acerca das caminhadas e práticas de montanhismo que são vividas em grupo:

“É porque é um interesse comum das pessoas que estão indo têm, então, por exemplo, tu vais atravessar um costão; têm pessoas que têm mais facilidade ou menos, como em qualquer coisa; uma simples caminhada ou escalada; qualquer coisa. Tu estás ali num grupo, numa pequena sociedadezinha se formando; então tu tens que crescer junto; tu tens que evoluir junto. Então, se eu ficar para trás tu vais ter que ir ali, cooperar, quer dizer, tem o lance da sociedade, mesmo ali no meio do mato, por exemplo, entre certos iguais, a gente se protege muito. São interesses comuns; acho que é por aí -, rola com todo mundo esse lance de ajudar e ser ajudado, de contar com a ajuda do outro. Sei lá tu ficas muito mais humano parece!”

A metáfora orgânica levada ao extremo -, “evoluir junto”. A coevolução, a coexistência, a coderiva. Aqui, a lei do mais forte é relativizada: a comunidade emocional está fundada na solidariedade orgânica: eu sigo na medida que o outro segue junto, o que me une à ambiência me une ao outro. Há, uma recursividade que faz com que os sujeitos em interação compartilhem a caminhada como um organismo em movimento: o que me move necessariamente move o outro, a medida que uma parte desse corpo pára a outra não pode continuar, sob pena de perder a unicidade, suas

²³⁹ idem a nota 236, p 28-30.

peculiaridades enquanto grupo. O cimento que as une é afetual; estão ligadas de tal forma que não podem separar-se. É o corpo social na sua organicidade evidente.

O estar-junto²⁴⁰ relaciona-se a formação de redes, de caráter efêmero, na qual a sensação coletiva permite que os microgrupos experimentem a relação de proximidade de forma intensa²⁴¹, o surgimento de uma solidariedade (auxílio ao próximo, proteção, comensalismo, caminhar junto: o “ombro a ombro”). Tais questões estão ligadas aos sentimentos vividos em comum que, ao mesmo tempo que integram, evidenciam o sentido lúdico da socialidade e a fluidez da tribo como elementos de extrema importância nas caminhadas junto à natureza.

Caminhar por uma trilha, escalar uma parede rochosa ou navegar em águas calmas representam formas²⁴² diversas de relacionamento com a ambiência, que por sua vez, implicam em percepções estéticas, em estilos e interações grupais diferentes. O fenômeno do ecoturismo, é farto em possibilidades, repleto de formas de experienciar o contato com o mundo natural. Ele é polissêmico, porque plural. É aberto, porque fruto da criatividade humana no que tange as formas de relacionamento com o mundo, com as paisagens.

Em cada situação, as maneiras como o grupo compartilha as experiências vividas em conjunto, os impulsos e propósitos envolvidos nas mesmas, imprimem uma dinâmica própria para cada evento em particular. Todas as formas de interação

²⁴⁰ idem a nota 235, p.108-115.

²⁴¹ Susi me diria que “*é um lance, uma integração total, é uma corrente entre as pessoas que estão indo. Então, de repente só indo junto para entender... as palavras te traem!*”

A partilha de alimentos é algo muito comum nas excursões. Na caminhada no Costão do Santinho ganhei sanduíches de uma garota, água de um senhor; dividi meus biscoitos com um menino. Os guias não haviam levado nenhum alimento, ambos passaram o tempo inteiro ganhando lanches e frutas das pessoas que participavam do trekking. Noutra caminhada ganhei pêssegos e nectarinas.

²⁴² Simmel (1983) concebe forma como “a mútua determinação e interação dos elementos da associação. É através da forma que constituem uma unidade”. p.169

intragrupal têm relação com a ambiência e estão marcadas por sentimentos comuns acerca da paisagem (românticos, de raridade, de amaravilhamento, de perigo, etc). A maneira como as pessoas irão interagir com a ambiência poderá variar muito, dependendo de questões individuais e mesmo do grupo no qual elas se inserem.

Estamos falando de interações sociais extremamente complexas, geradoras de situações minúsculas; intrincadas e as vezes insólitas -, onde a idéia de comunhão pode expressar uma emoção comum.

Gustavo acredita que *“a maioria das pessoas”* que faz caminhadas *“são pessoas com mente aberta, são legais de te aproximar, criar uma amizade. É uma outra distinção que eu faço com relação à cidade também -, na cidade tu conheces as pessoas e também é só bom dia; boa tarde... eu acho que a personalidade da pessoa nesses locais que todo mundo vai para descansar, para passar tempo - as pessoas se abrem mais, isso é uma coisa certa!...acho que é isso: além de tu estares fazendo um esporte, fazer uma coisa saudável que não estás te matando demais, no sentido de que tem esporte que o cara tem que fazer muita força física -, uma coisa rápida, uma corrida. A caminhada é uma coisa que tu tá olhando, conhecendo muitas áreas e fazendo uma ginástica, para ti. Então, une as coisas importantes para mente e para o corpo. Acho que é por aí, por isso que comecei a gostar, era uma coisa que precisava fazer!”*

Gustavo, refere-se (romanticamente) a pessoas que circulam pelas trilhas com ele, que por sua vez tem um tipo de relação com a natureza que não é generalizada. Na caminhada pelo Costão do Santinho, com o Trekking das Águas, alguns adolescentes brigaram de socos e pontapés: um deles havia jogado água fria de uma fonte no outro. Antes de digladiarem-se, sujariam a água que as pessoas enchiam seus cantis e garrafas térmicas, sem o menor respeito pelos demais integrantes do grupo.

Um deles gritaria palavrões para o outro. As pessoas vaiaram os dois, mas reinou um certo desconforto no ar. Questões culturais são definidoras do tipo de interação que se tem com a natureza e com o grupo.

*Esporte, natureza & gênero*²⁴³

Durante a pesquisa de campo, mais especificamente, a partir da observação participante, onde acompanhei alguns grupos em caminhadas pela natureza pude perceber que a grande maioria dos participantes eram mulheres. Tal fato, seria confirmado por dois proprietários de agências contatadas por mim. Ambos, diriam que as mulheres participam mais dos programas oferecidos pelas empresas. Além deste fato, a presença das **Radicais Barbies** no cenário ilhéu mostraria, definitivamente, a força da presença feminina nas práticas ecoturísticas.

Essa característica do ecoturismo na ilha, suscita questões interessantes acerca da inserção da mulher dentro de uma problemática vinculada ao lazer e ao esporte, nas sociedades contemporâneas.

O esporte foi, por um longo período, o espaço de manifestação da virilidade²⁴⁴, marcando as diferenças entre os sexos em termos de força, agressão e conduta competitiva²⁴⁵. O sexo feminino ficou excluído das práticas esportivas e, conseqüentemente, do lazer como forma de manifestação social envolvendo o domínio público. Às mulheres o direito de apreciar os homens praticarem atividades esportivas.

²⁴³ Flax (1992) afirma que o “estudo das relações de gênero acarreta pelo menos dois níveis de análise: o do gênero como uma construção ou categoria de pensamento que nos ajuda a entender histórias e mundos sociais particulares; e o do gênero como uma relação social que entra em todas as outras atividades e relações sociais e parcialmente as constitui”. p.229-30

²⁴⁴ Dunning (1992), aponta o desporto como sendo “tradicionalmente uma das mais importantes áreas reservadas masculinas, e por esse motivo de potencial importância para o funcionamento das estruturas patriarcais”. p.390

²⁴⁵ Como fica claro em Cratty - Psicologia do Esporte, 1983.

O Brasil tem uma história do desporto que evidencia a sua colocação em segundo plano, além de estar marcada pela idéia de segregação²⁴⁶: na escola, os meninos e meninas, foram separados tendo como base “funções biológicas diferentes”, tal questão surge a partir de um contexto social que percebia a mulher numa perspectiva inferiorizante, dentro de determinados valores normativos que influem nas relações entre os domínios público e privado.

Mas, acima de tudo a anatomia e a fisiologia, para legitimar a segregação; trata-se de uma perspectiva que fragiliza a mulher, que a coloca como vulnerável e presa a uma biologia, onde as flutuações de humor provenientes da menstruação²⁴⁷ afetariam o seu desempenho no esporte para pior: na mulher o ciclo menstrual, a partir da idéia de perda de sangue e alteração do humor, permitiriam pensar na sua pouca força e agressividade no esporte.

No caso masculino, o seu carácter espermático²⁴⁸ e agressivo, eram fatores que faziam-no perfeitamente apto ao esporte. Essa perspectiva indicava que a maior força e coragem para competir estava com o sexo masculino.

Esta situação, que tem por base, um reducionismo biológico, impossibilitou que as mulheres pudessem participar de modalidades esportivas de forma mais efetiva, porém os “valores” e “tendências *macho*” como coloca Dunning²⁴⁹ começam

²⁴⁶ Freire (1992), demonstra a separação de meninos e meninas na escola, a partir do Decreto Federal n. 69.450 de 1/11/71, que definia a composição das turmas como sendo de “cinquenta alunos do mesmo sexo, preferencialmente selecionados por nível de aptidão física”.

²⁴⁷ *idem* à nota 245, p. 135.

²⁴⁸ Foucault faz referência ao fato do macho ser considerado um “animal espermático por natureza” e ao fato da retenção do esperma ser um fator para a robustez e coragem masculina. Refere-se ainda, ao procedimento estóico de Galeno acerca do papel masculino. p.125

²⁴⁹ Na Inglaterra, a partir do século XIX, os jogos passam a ter dentro de uma “linha de modernização”, um desenvolvimento maior nas escolas públicas. Existe, no entanto, um aspecto virilizante que subjacente a tal desenvolvimento, onde a mulher segundo uma perspectiva masculina (da classe média de nível superior) é vista como tímida, frágil e dependente. Ainda, nessa perspectiva os “efeminados”, os “dandies” seriam sinônimo de fragilidade e afetação. (in Elias) p 397-8.

paulatinamente a perder espaço e as mulheres passam a ter maior participação nas atividades de desporto.

Assim, as questões de gênero ligadas ao papel do sexo feminino no esporte têm um fundo biologizante, o qual permitiu segmentar ainda mais os sexos, pois apoiava-se em diferenças morfo-fisiológicas, que serviam como base para legitimar uma relação de poder dentro de uma sociedade marcada pela preponderância do *macho*.

Ora, sendo assim, no momento em que as mulheres deixam de ser apenas acompanhantes dos homens, participantes secundárias de uma sociabilidade onde eles são os atores principais, no sentido do jogo de equipe, da competição; passando a partir de então também a competir, o processo de civilização assume um outro rumo, onde as mulheres iniciam uma trajetória singular e de extrema importância dentro da história do desporto moderno e, conseqüentemente, do lazer.

A partir desta perspectiva e, através do trabalho de campo, pude perceber que as mulheres têm uma participação bastante significativa em práticas ecoturísticas, algumas consideradas como “esportes radicais” ou “esportes de aventura”, tais como trekking, canyoning, rafting e montanhismo.

Na caminhada ao Costão do Santinho em 23/3/95, ao reiniciarmos a andar, agora não mais pela trilha de areia, pois pegaríamos a partir daquele ponto da praia o costão que surgia a nossa frente. Seguimos caminhando junto aos penhascos, a paisagem marinha na sua amplitude, o grupo paulatinamente retomava o ritmo e seguia em fila pela trilha, de repente, uma das participantes (uma adolescente) fala num tom queixoso e bastante alto - *“Trilha sem grau de dificuldade? Preciso de um homem para me ajudar!”*

Nesse caso, não tratava-se de uma trilha muito difícil, ainda que isso seja uma

avaliação um tanto subjetiva, mas ficava bastante visível uma situação de fragilidade a que determinadas mulheres ainda estão sujeitas. E, se realmente, fosse o caso de ajuda porque a necessidade de ajuda masculina e não feminina?

Eu mesmo me vi numa situação inusitada, pois devido as várias solicitações de ajuda que uma das adolescentes me fez, passei a fazê-lo sem que ela me pedisse, acabei me condicionando aquela situação pela minha disponibilidade de auxiliá-la (talvez por um comportamento cavalheiresco introjetado): qualquer subidinha ou vão eu virava para trás e estendia-lhe a mão em sinal de ajuda, num dos momentos em que me vóltei para que subisse uma rocha ela riu e disse - "*Ele já sabe!*". Aquele acontecimento era contraditório para mim, por que ao mesmo tempo que me perturbava o fato dela me solicitar à todo o instante, como se não tivesse autonomia própria; a partir de um determinado momento senti a necessidade de ajudá-la (e aí também residia uma espécie de ranço machista de minha parte, que legitimava, inconscientemente, uma idéia de fragilidade feminina), no fundo, me sentia na obrigação de ajudá-la, evidenciando meu estatuto de homem. Porém, não posso explicar o que me moveu a ajudá-la apenas por esse motivo, mas sim porque creio não ter agido de forma meramente racional -, simplesmente senti necessidade de fazê-lo e fiz. Me senti bem depois daquele acontecimento.

Uma das situações comuns nas caminhadas é o fato dos homens ajudarem as mulheres em sinal de cavalheirismo, mas as coisas nem sempre são assim, um dos guias da Agência Trekking das Águas me diria que, por vezes, os casais que realizam trekkings acabam se isolando, pois os homens "*abandonam*" as mulheres, deixando para trás as suas companheiras, desta forma, elas são auxiliadas pelos guias em momentos de perigo o que acaba gerando ciúmes nos homens: "*os caras deixam as mulheres para trás, aí a gente ajuda e rola ciúmes. É bem freqüente!*" (Ricardo, guia de ecoturismo)

Expericiei uma situação similar em outra caminhada ao Costão do Santinho em 13/1/96, onde uma senhora sofreu bastante com a caminhada, depois da primeira parada (*“Parei para trocar o filme e já aproveito para dar uma descansadinha!”*), ela pararia muitas vezes em função do seu cansaço, em alguns momentos prestei-lhe auxílio, mas na maioria das vezes ela era socorrida por um homem negro, mais jovem que ela e, pelo tipo de relação existente entre ambos, em termos de contato físico, julguei ser seu companheiro. Numa das subidas, percebi que ela estava em apuros, ofereci-me para ajudá-la, nesse meio tempo o homem se aproximou do ponto em que estávamos, ela olhou para ele e logo em seguida me agradeceu dizendo *“Ele me ajuda!”* -, percebi que estava sendo inconveniente, pois havia um homem para ajudá-la e este necessariamente não era eu.

Mas, no entanto, nas práticas ligadas ao ecoturismo é possível obviamente, encontrar comportamentos diferenciados por parte do público feminino²⁵⁰, acerca das situações que se criam em meio ao ambiente natural e de suas relações com os esportes radicais, envolvendo desta forma determinadas “técnicas corporais” e equipamentos²⁵¹.

Um exemplo bastante significativo é o das **Radicais Barbies** que realizaram a primeira volta a ilha a pé, feita por um grupo exclusivamente feminino, em cinco dias, sete horas e trinta minutos²⁵², ou seja, trata-se do primeiro grupo²⁵³ de mulheres a

²⁵⁰ Até porque, numa caminhada gratuita como essa promovida pelo Hotel Costão do Santinho, existem mulheres de diferentes idades, visões de mundo e níveis sócio-econômicos. Antes de iniciar a caminhada fazia-se um círculo para a apresentação. Entre elas haviam funcionárias públicas (professoras, uma policial civil, funcionárias da CASAN, da COMCAP), uma farmacêutica, estudantes e aquelas que ao se apresentarem viravam para o marido ao seu lado e diziam *“eu cuido dele!”*

²⁵¹ Tubino (1994), afirma que os esportes de relação com a natureza são práticas “sempre vinculadas a um equipamento”, por isso relacionados a uma classe média. p.40

²⁵² Lú disse que antes de iniciarem a caminhada *“conversei com um amigo nosso que é engenheiro, falei dos meus planos de fazer a volta a ilha e ele botou no papel e começou a calcular...tã, tã, tã... fez os cálculos, aí ele disse: “não, vai dar doze dias e meio!”*.

²⁵³ Os proprietários da Ilhapé realizaram três vezes a volta a ilha a pé.

percorrer, os 360 graus da ilha e, ainda, num tempo bem inferior ao que se propunham realizar. Segundo Susi, uma das integrantes do grupo *“muita gente duvidou assim à beça, até davam apoio, mas meio por trás: “não vai sair!”*

A proposta de realizarem a volta a ilha surgiu quando elas se conheceram no rafting em Ibirama, a partir daí formariam um grupo que se mantém até hoje e que realizam, principalmente, trekkings e escaladas técnicas, montanhismo²⁵⁴.

As mulheres, que praticam determinados esportes de aventura ou simples caminhadas junto à natureza, acabam derrubando velhos dogmas e descobrindo determinadas potencialidades, que foram por longo tempo deixadas em segundo plano. Agora, pelo menos para algumas delas, tal perspectiva se reverte. Como as “bruxas” no imaginário ilhéu, elas invadem o espaço, outrora, masculino e experimentam situações novas.

²⁵⁴ Quanto ao montanhismo, Susi me diria que *“são poucas mulheres que conseguem levar, porque é uma questão de criação, cultura. São poucas as que tu consegues levar para o mato e elas se sentem bem e conseguem fazer as mesmas coisas que os homens estão fazendo. No caso, não tem diferença -, é um esporte que não discrimina ninguém: todo mundo é capaz e tem a mesma potencialidade de fazer, praticar... se alguém começar a diminuir demais é porque tu és mulher, tu não vais conseguir fazer isso, não sei o quê, não vais ter força! Pô, não tenho força, mas tenho jeito, mais delicadeza, tenho mais equilíbrio, tenho mais... (risos), não sei!”*. Lú diria que há muito tempo tinha vontade de praticar montanhismo mas *“sempre via homens, homens, homens e nunca mulheres fazendo esse tipo de coisa. É muito recente você ouvir falar de mulheres nesse tipo de coisa!”*

CAPÍTULO V

ECOTURISMO E SEUS DILEMAS SÓCIOAMBIENTAIS

Trilhas e lixos: a transformação da paisagem

Se estamos ligados a uma rede de significados²⁵⁵ é porque no substrato; naquilo que nos fundamenta, estamos vinculados a uma rede de caráter ecológico; ecossistêmico. Aqui, a relação é íntima e a separação impossível, porque ela é definidora de uma dinâmica que implica em estar no mundo em profunda interação.

A nossa auto-suficiência como uma mera ilusão que reinou soberana, mas que agora, sobre escombros já não se sustenta como outrora. Esfacela-se e dispersa por todos os lados fragmentos de descrédito na possibilidade de dominação do mundo natural pelo homem (cuja outra face é a exploração do homem pelo homem).

A natureza vista como a nutris; a provedora dadivosa de recursos, passível de ser entendida através de uma ciência mecanicista. Eis uma das forças que movem o ideário moderno: tudo o que possa ser extraído para benefício humano; para as satisfações daquelas necessidades mais essenciais e mesquinhas. O processo de industrialização, a partir do século XVIII decretou definitivamente a natureza como sinônimo de matéria-prima; substrato passível de transformação e produção de bens de consumo: quando se pensa em produção é preciso pensar nos resíduos provenientes dela.

²⁵⁵ Geertz (1978) define a cultura como tal.

Para Rabinow, o “ponto de partida da ciência humana é a distinção de que a natureza está, de alguma maneira dada, lá fora, e que a cultura é o feito distintivo do *Homo sapiens*, que cresce da natureza, se separa dela e, dela se distingue”²⁵⁶.

A ação humana sobre o ambiente é um fato inevitável. É preciso entender os seres humanos em relação -, entre si e com o meio biofísico; a dimensão biosocial nos prende a uma rede, a um fluxo comunicacional que está no nível da cultura, mas que em sua base diz respeito ao mundo natural²⁵⁷. Esta, a grosso modo, é a esfera de relações que o homem está imerso. A cisão fez querer percorrer esses mundos separados a força pela razão instrumental, mas que jamais, separaram-se de fato, no plano das interações ecológicas (ecossistêmicas), num nível cósmico, sensível.

O intercruzamento entre cultura e natureza que se delineia na atualidade, pode indicar novos rumos sociais em relação à natureza, ou ainda, apontar para a perda daquela visão de mundo natural que o percebe como algo a ser subjugado. A questão pode estar na identificação de certas injunções de caráter eco-antropológico²⁵⁸ colocadas pela problemática oriunda da ação da sociedade de consumo sobre o ambiente (local ou global)²⁵⁹. A crise ecológica na qual estamos inseridos é uma das evidências disso, de que determinadas formas de relacionamento com o mundo natural estão fadadas a desaparecer, enquanto vivemos o florescimento de outras.

☞ O ecoturismo é um fenômeno típico do final do século XX, surgindo da P

²⁵⁶ RABINOW, P. p.69, 1991.

²⁵⁷ “A natureza se comunica em muitas linguagens”. (Noronha, 1993; p.6)

²⁵⁸ O Trabalho de Campo em Eco-antropologia... Noronha (1993).

A respeito da relação entre ecologia e antropologia Viveiros de Castro (1992) afirma que “esta é a paisagem de nossa época: o ecúmeno foi saturado pelo humano, a cultura se tornou coextensiva à natureza, e ecologia e antropologia são hoje coincidentes”. p.15

²⁵⁹ As questões relacionadas a qualidade de vida, crescimento desordenado das cidades, destino dos resíduos urbano-industriais, poluição dos ambientes hídricos, buraco na camada de ozônio, a fome no mundo, etc.

interessante relação entre ecologia e turismo, mas parece estar relacionado a uma releitura de antigas formas de interação com a paisagem, de relação com a aventura.]

Uma intensa transformação no olhar em relação a paisagem percorre a Modernidade: da monstruosidade medieva as maravilhas edênicas do conquistador; o paraíso como riqueza e inferno para o europeu; a natureza a ser controlada, repleta de deformidades ao mesmo tempo que passa a ser objeto de curiosidade, de pesquisas científicas. Mais tarde, a natureza como lugar de lazer, do belo em contraposição à poluição urbana; a natureza na atualidade como beleza ameaçada.

┌ O ecoturismo surge para demonstrar o esgotamento de um tipo de perspectiva na qual a natureza é vista, acima de tudo, como material bruto a ser transformado em produtos, inferiorizada ou valorizada apenas pelo que pode render de lucros. A natureza agora, pelo menos entre certos grupos das camadas médias urbanas, parece estar hiper-valorizada nos termos de sua dimensão imagética; ela vale mais enquanto paisagem, do que sobre a forma de substrato para a produção de bens materiais para consumo.]

Na realidade ela passa a ser consumida pelo que representa de valor estético, imaterial (ou seria sua materialidade imaterial), no sentido de que ela agrega os grupos urbanos, servindo como a ambiência afetual. A partir daí, surgem laços de caráter emocional, que unem o grupo no compartilhamento da paisagem, permitindo que certos sentimentos sejam vividos conjuntamente. A natureza é vivida através da emoção entre afins, apesar das possíveis diferenças de *ethos*.

A experiência ecoturística poderá ser melhor entendida a partir de uma perspectiva que contemple as interações sociais ocorrendo numa dinâmica de deslocamento, nas impressões do lugar que são comentadas no grupo, na sua

abrangência e na sua fugacidade, ou ainda, na exaltação daquilo que é percebido na minúcia, daqueles detalhes inusitados²⁶⁰; as paradas para descansar são momentos importantíssimos de relacionamento social - diferentes níveis de envolvimento pessoais aparecem em tais experiências. Há a abertura, ainda que tímida em certos casos, para o outro que aqui é entendido na sua amplitude, numa duplicidade: o outro que está no âmbito da cultura, por isso da sociedade e aquele que está nos termos da natureza -, essa vista como capaz de despertar sentimentos contidos, de sinalizar possíveis relações, novas rotas e ações para os cidadãos urbanos em busca de novidades, de emoções que envolvam outras formas de interação com a ambiência e com o próximo.

Maffesoli (1987), vislumbra um vitalismo (“força coletiva que anima”), relacionando-o a entrada num período “táctil” que coloca a questão proxêmica como central²⁶¹. A noção de *potência* que move diferentes grupos²⁶² também é importante. Segundo o autor (1990), o vitalismo pode se manifestar de formas distintas, trata-se da ultrapassagem de uma separação entre natureza e cultura, que estaria relacionada a uma *épistémê* moderna.

Entendo que, a partir da perspectiva de Maffesoli, o ecoturismo e sua enorme variedade de manifestações é uma forma de percebermos o movimento de redescoberta

²⁶⁰ Lú me diria de forma poética sobre as suas descobertas nas caminhadas, as imagens : “... *se deslocando, você conhece as coisas. Observar que existem muito mais coisas que você conhece! Aqueles bichinhos completamente bizarros que você encontra pelo caminho; aquelas coisas surpreendentes. É, formas diversas; cores; flores diferentes que você desconhece, que você não vê no dia a dia. Nem na floricultura; nem nas revistas... muitas surpresas! E a noção de vastidão das coisas; as vidas dali. Vidas em termos de biologia: vai muito além do que você vê ou sabe. Muda a perspectiva da tua vida!*”

²⁶¹ “... o deslocamento do global para o local, a passagem do proletariado, enquanto sujeito histórico ativo, para o povo...”. p.46

²⁶² “... *potência* que move, no fundo, a multiplicidade das comunidades esparsas, fracionadas e, no entanto, ligadas umas às outras numa arquitetônica diferenciada”, ela se expressa naquilo que o autor denomina de “harmonia conflitual”. p.46

da natureza, que parece estar se configurando, especialmente, entre as “camadas médias urbanas”. A interpenetração de dois universos: o da cultura e o da natureza. Tratar-se-ia de um processo onde se manifestaria a conhecida fórmula: “culturalização da natureza, naturalização da cultura. Em outras palavras, a referência ao entorno social está inextricavelmente ligada ao que remete ao entorno natural”. (1990; p.28)

Assim, teríamos um processo no qual o autor denomina de “ecologização do mundo”. Tal fenômeno manifesta-se de diferentes formas: modas, vestimentas, hábitos alimentares, questões relacionadas a qualidade de vida, “outras formas de produzir, a natureza já não é só um objeto a explorar, convertendo-se numa companheira imprescindível. E é fácil prever que um vitalismo como este está destinado a desenvolver-se”. p. 28

Maffesoli²⁶³ afirma que a “criação, em suas distintas formas, surgirá de uma dinâmica sempre renovada e sempre plural. As distintas situações sociais, os distintos modos de vida as diversas experiências, poderão ser consideradas como outras tantas expressões de um vitalismo poderoso. Uma maneira distinta de explicar o politeísmo de valores”.

O ecoturismo assume um caráter de extrema relevância dentro da sociedade de consumo, especialmente, pelo fato de estar relacionado as formas de experimentar o lazer e de burlar o tédio. Aqui, a natureza é o atrativo e representa um deslocamento do campo meramente material para um nível onde o caráter relacional é preponderante²⁶⁴; sua importância enquanto imagem. Assim, a natureza substrato estaria para o

²⁶³ La socialidad en la posmodernidad, p. 105-6.

²⁶⁴ A natureza como lugar sem fundo de uma promessa de vida, de energia, de riqueza e opulência deve conviver com uma cultura de sintético, do plástico, e, representar dentro desta cultura cosmopolita o lugar mesmo do gozo e da violação (é necessário estudar os modos como a sociedade de consumo constituiu o seu produto natural, a

trabalho, enquanto a natureza imagética estaria para o lazer: numa a labuta, noutra o prazer.

Do substrato material ao paraíso virtual, as imagens repletas de sentidos, apontando para emoções novas, para manifestações culturais, mentais até então nunca vistas. O olhar que agora se lança à natureza está permeado pelas imagens midiaticizadas, oriundas da sociedade de consumo. O ecoturismo, é uma das formas de experimentar o lazer na atualidade que está em oposição à natureza vista como elemento a ser dominado²⁶⁵.

O lixo

Praia do Campeche. O urubu sobrevoa o amontoado de resíduos que jazem exalando odores putrescentes, numa mescla de desperdício e descaso. Os turistas, por sua vez passam indiferentes, parecem ter olhos apenas para o que é belo. O lixo socializado e fétido que os restaurantes expõem aos moradores e turistas, está ali, mesclando ignorância e desprezo à beleza do lugar. Aliás, o lixo enquanto domínio público está por toda a parte. A cena, dos animais circundando os restos ensacados ou não; “o mestre do vento” tão injustiçado é visto como animalia suja e hedionda, devoradora de restos, apreciadora de lixo. O urubu (assim como os ratos e baratas) tem apenas uma associação comensalista com o homem; seguindo os rastros deixados por ele

aproveitando-se do que lhe serve.

Mais adiante, a dona de um dos bares próximos da praia (uma gaúcha que tivera sérios problemas de relacionamento com os moradores locais) fala das belezas da ilha do Campeche logo a frente e de como chegar lá a dois turistas. A beleza reverenciada ao mesmo tempo que serve de depósito de lixo: tanto os “fundos”²⁶⁶ dos restaurantes na praia do Campeche ostentam o lixo, como a ilha está tendo que ser constantemente limpa. A ilha, como me diria o presidente do Clube Couto de Magalhães que tem a sua sede nela, se mantém relativamente isenta de resíduos porque o clube possui funcionários que coletam os resíduos. Uma amiga que esteve lá disse que vira muito lixo nas trilhas.

hiper-natureza - em camisetas, revistas, vida alternativa, turismo ecológico, etc).

Mas o conceito cultural de uma natureza inferiorizada/mas/fundo energético e como polaridade negativa da cultura tem sido quebrado nas práticas de diversos grupos sociais”. Noronha (1993), p.5.

²⁶⁵ “Cabe-nos reinventar uma relação com a natureza (que se é mãe, é também filha da invenção), o que exigirá uma reinvenção da sociedade”. (Viveiros de Castro, 1992; p.16)

²⁶⁶ Trata-se de um terreno onde fica bastante visível o acúmulo de lixo de cerca de uma dezena de bares. Se antes os dejetos eram lançados direto no oceano, agora ficam expostos próximos a praia, à vista de todos. Um impacto visual, o choque entre percepções estéticas: o monte de lixos destaca-se, não tanto pelo seu excesso (ainda que, por vezes isso ocorra), mas por destoar da paisagem bucólica no qual figura.

Eis um paradoxo interessante, ao mesmo tempo que a natureza atrai pelo bem-estar que permite, juntamente com a socialidade oriunda da ambiência afetual que se cria, do deleite estético; também traz consigo o descaso pela manutenção do lugar com suas qualidades estéticas originais. Não se trata aqui, de querer insinuar que o local tenha que ficar intocado, intacto, mas sim de apontar a transformação da paisagem por aqueles que a apreciam. A construção de outra paisagem, cujos resíduos, o lixo, são indícios de que o homem a medida que deseja a natureza também a nega, no sentido que a transforma de forma a agredi-la²⁶⁷.

A forma que as pessoas relacionam-se com o lixo que produzem é muito diversa, como é diverso o tipo de lixo que produzem. Os resíduos implicam numa produção e num destino²⁶⁸. O sujeito que age e discrimina lança mão de resíduos. Sendo assim, é necessário consumir certos produtos que após seu uso têm como subproduto a embalagem, o invólucro que a medida que é eliminado -, conforme a sua natureza, poderá gerar mais ou menos impacto sobre o ambiente. A questão implica pensarmos se há uma coerência entre o que se faz enquanto prática e o discurso ecológico dos ecoturistas.

O lixo surge na medida que é necessário descartar algo como inútil, certas obsolescências, aquilo que não tem mais serventia para o seu proprietário. A necessidade de desfazer-se pressupõe a posse. Possuir algo que não se quer mais implica em determinadas distinções entre o que é bom ou ruim, belo ou feio, útil ou inútil, num sentido mais abrangente envolve determinadas escolhas que tem na sua base na estética, mas que implicam numa ética.

²⁶⁷ De acordo com Krippendorf (1986) há “uma interdependência fatal e absurda: o homem ama e deseja gozar as belezas da natureza e, assim agindo, a devasta”. *O turismo deve destruir os lugares que o fazem viver?* p.8.

²⁶⁸ Dos ecoturistas que entrevistei individualmente (com duas das **Radicais** não consegui realizar a entrevista separadamente), portanto os onze restantes; seis deles fazem separação de lixo em seus domicílios; cinco não o fazem. Marcos e a namorada também têm por hábito separar o lixo orgânico do inorgânico.

No ônibus, quando nos dirigíamos ao Costão do Santinho para realizarmos o trekking, um dos tripulantes, um negro cuja namorada muito branca e sua amiga haviam sentado no fundo, como eu estava próximo pude perceber quando ele jogou uma latinha de cerveja pela janela. Sua namorada reclamou e ele respondeu: *“Hoje eu estou ecológico, larga do meu pé jacaré! Jogar o lixo lá perturba a cadeia ecológica, mas aqui no asfalto não tem problema!”*

Gilda diria a respeito disso: *“na época que eu trabalhava com ecologia no trem, naquele trajeto Curitiba-Paranaguá, em cada vagão a gente conversava, depois quando a gente retornava para o vagão víamos as pessoas jogando -, bebiam uma cerveja e jogavam para fora. Ai, a latinha ia rolando pelas cachoeiras, nas pedras..., lá é difícil trabalhar com adulto. O adulto critica, ele tem outras idéias; é muito difícil. Então, o negócio*

é trabalhar com as crianças... é ir na pré-escola já. Desde lá até o primeiro grau”.

Eduardo, também referiu-se a um dia em que levaram um grupo de bandeirantes à Lagoinha do Leste, no caminho algumas meninas jogaram, pela janela do ônibus, pacotes vazios de salgadinhos.

É muito comum ver pessoas abrirem a janela do ônibus e jogar o lixo na rua ou então, simplesmente terminarem de comer uma bala e jogar o papel que a envolve no chão. Se há o problema de poucas lixeiras, há também a falta de informação acerca do destino do próprio lixo que se produz.

Inúmeras vezes vi pessoas jogarem lixo pela janela do ônibus no trajeto entre o centro e o Campeche. É automático, parece estar naturalizado o fato de que lixo é para ser atirado no chão, na rua.

A sociedade de consumo, a partir de seus produtos e seus excessos de embalagens, gera uma série de subprodutos que são denominados genericamente de lixo, mas que necessariamente precisam ter um destino, demonstrando seu caráter contraproducente quando não é reaproveitado.

O lixo nas trilhas é uma constante e quanto mais conhecida é a mesma, mais problemática torna-se a situação, pois o fluxo de pessoas em ambientes naturais coloca a questão do lixo como central. A Lagoinha do Leste é um exemplo interessante, para ilustrar a questão²⁶⁹.

A partir das caminhadas que realizei com duas amigas, Cláudia e Marina (mãe

²⁶⁹Nos dois verões que circulei pela Lagoinha do Leste, pude perceber que há uma invasão de turistas de todos os estilos possíveis no lugar. Famílias, casais, grupos de amigos, bichos-grilos, surfistas, ecoturistas, etc. Vi um homem carregando uma caixa de isopôr cheia de latinhas de cerveja; inúmeros turistas que iam acampar com mochilas repletas de mantimentos, sendo que boa parte dos resíduos ficam no local. Num dia calculamos que havia cerca de duzentas pessoas no lugar.

e filha, respectivamente), nos deparamos com uma imensa quantidade de lixos espalhados pelas trilhas e pela praia, nas dunas e entre a vegetação. “*Coisa de porcos!*”, diria Cláudia. A partir daí, nos engajáramos junto com Hélio, Carlos e Lia (acabáramos representando o movimento carioca Loucos Varridos na ilha) e a ONG Pau Campeche num Mutirão de Limpeza da Lagoinha. Apesar de questões tragicômicas surgidas no decorrer dos preparativos, de romantismos exacerbados e de certos radicalismos, os dois grupos conseguiriam entender-se e promover um dia de limpeza, que teve como resultado o recolhimento de inúmeros sacos de lixo (cerca de 50) deixados pelos excursionistas no local. No início da trilha, deixamos uma placa contendo informações sobre o Parque da Lagoinha do Leste. Participei ativamente do Mutirão de Limpeza, na medida que me interessei em acompanhar os preparativos para a atividade e a participar efetivamente da mesma.

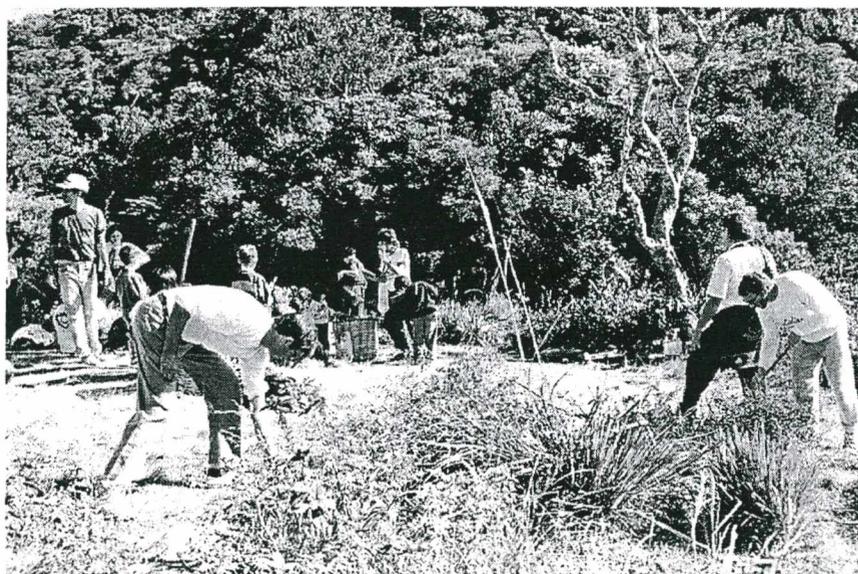
Em locais como a Lagoinha do Leste a invasão de grupos que buscam contato com a natureza, acabam tornando-a infelizmente, um exemplo de como a ação humana sobre determinados ambientes pode ser problemática. O excesso de lixo é visível, o descaso evidente. O lixo como subproduto do “consumo” da natureza enquanto paisagem desejada: o objeto de desejo violado.

No dia 4/6/95, ocorreu o mutirão de limpeza na Lagoinha do Leste, cerca de 30 pessoas participaram do evento: universitários, professores, pequenas famílias (pai e filhos, casal e filho), vários conhecidos de Carlos compareceram; além daqueles que ficaram sabendo do Mutirão e apareceram no dia, espontaneamente.

Pode ter sido um paliativo, mas uma boa quantidade de lixo foi trazida de volta. Um surfista, carregando a sua respectiva prancha ao passar por nós, que juntávamos o lixo, diria ao seu amigo: “*ainda bem que têm ecologistas para limpar o que os outros sujam*” e riu com nítido deboche. Apesar do cinismo, o saldo foi um grande monte

de sacos de lixos recolhidos por nós.

O gesto foi singelo, mas cooperou para diminuir em parte o lixo deixado na região, certamente a Lagoinha deve estar “entulhada” de resíduos novamente, mas práticas como essa acontecem em várias partes do estado e do Brasil. Apesar de ser um paliativo, trata-se de uma forma que os próprios grupos encontram de solucionar em parte os problemas ambientais que encontram pela frente.



A limpeza teve a participação de várias pessoas.



O retorno foi árduo, pois havia uma quantidade significativa de resíduos a trazer. (Fotos: Catarina Rüdiger)

Numa conversa com Marcos, ficaria evidente a sua posição a respeito da questão ecológica e do problema do lixo:

“... eu tenho os meus princípios ecológicos, que eu sigo, que é tipo: sou radical na questão da ecologia. A questão de, por exemplo, não devastar, não arrancar planta; não matar nem um tipo de inseto, de bicho... Lixo nem se fala! A gente vê pessoas que não estão acostumadas até a andar nesse ambiente que já tem essa consciência. Só uma pessoa muito ignorante mesmo, para hoje em dia ir no mato e largar lixo. Mesmo assim, tu ainda vê muito! Acho que é falta de cultura, de informação total!... pessoas com o mínimo de sensibilidade, já sabem que não é legal jogar lixo lá no mato, tem que ir e trazer de volta! E isso daí, sem dúvida a gente faz, traz todo o lixo, na montanha, em qualquer lugar!”

O andarilho que vai passar o dia junto à natureza ou vai acampar precisa trazer de volta os seus resíduos, essa parece ser uma das regras existentes entre os praticantes de esportes de aventura. Há, sem dúvida, certas exceções, como coloca Susi:

*“... é fácil levar a tua comida, o teu **ranguinho** dentro de um saquinho, direitinho, dentro da mochilinha. Agora quando se trata de botar na mochila o lixo que sobrou, que já está sujo; trazer de volta - não tem! Isso acaba criando um problema muito grande para gente; para os alpinistas, por exemplo, ali na Pedra Branca, tem um caminho - é bem mais fácil o acesso pela estrada para chegar no cume da montanha do que escalando. Então o pessoal vai lá em cima leva um monte de garrafas de bebidas e joga para baixo, para quê, acaba quebrando - tu estás escalando pode perder um dedo, se cortar; um lance bem... pô, tenho muita raiva disso!”*

Trata-se de uma forma de relação com a natureza que é presenteísta ao extremo.

Vive-se as maravilhas que a paisagem oferta e no entanto, a partir de um descaso deixa-se os resíduos no local. Aqui, não importa se a natureza será prejudicada ou se a paisagem será alterada. Importa é o prazer imediato que a ambiência possibilitou. Os restos que fiquem.

Júlia me contou um episódio que ocorreu com ela, ao mesmo tempo que refletia sobre o acontecimento:

“Eu sinto em muitas caminhadas as pessoas muito radicais. Não sou desse tipo! Jogo minha casca de laranja lá e não acho que estou estragando nada, até levei uma bronca uma vez, para ti ver: era para catar as cascas de laranja e eu me recusei -; vou jogar no mato e não quero saber! A bióloga que estava junto, “imagina se todo mundo fizer isso!” (risos). Bom, estou no direito e não estraga é nada! Estou jogando lá no meio do mato! Não vai estragar... mas eu achei radical da parte dela... Eu tive tentando me defender, mas talvez ela tenha até razão mesmo, mas - ecologia para mim é natureza, essa harmonia que é a natureza”

O episódio que ocorreu envolvendo Aparecida, durante a caminhada no Costão do Santinho também ilustra os rumos que toma a questão. Um outro acontecimento durante essa caminhada é elucidativo.

Após o impasse retornei ao meu lugar, um dos adolescentes que havia brigado com o outro aproxima-se de uma mulher, ela lhe diz para pegar a garrafa plástica. Ele responde: *“Claro, ainda tem água!”* Aquele episódio chamou-me a atenção. Não era apenas porque tinha água ainda que ele deveria levar a garrafa embora, mas sim porque era lixo produzido por ele. Observei. O garoto simplesmente passa a água da garrafa para um cantil e a abandona no lugar. Ele fica por ali um pouco e logo desaparece. Ao constatar a situação, disse a mulher que estava com ele que a garrafa deveria ser levada

embora (nessas alturas ele já ia longe). Ela responde num misto de indignação (por eu considerar que ele não a levaria consigo, certamente) e, talvez por vergonha que “*Ele vai levar embora!*” Duvido muito que ele o tenha feito, quem sabe ela a tenha levado embora por ele, mas é certo que aquelas pessoas deixaram algum lixo para trás, pois não é fácil ter um “controle” sobre o lixo produzido e o retorno do mesmo.

Simplemente, a partir do momento que não há mais serventia para o objeto ele é abandonado como algo inútil; o descartável parece gerar nas pessoas um sentimento de desprezimento tal que a ambiência passa a ser o depósito de tais subprodutos, parecendo não ter maiores conseqüências. Não há preocupação em manter o local limpo, isento de resíduos; há apenas a necessidade de eliminar o excesso de bagagem²⁷⁰.

Nas caminhadas que realizei pelo Costão do Santinho, onde existem algumas oficinas líticas muito interessantes do Homem do Sambaqui, fiquei realmente impressionado com o descaso com o Patrimônio Arqueológico catarinense. A rocha onde localiza-se a oficina está sempre repleta de lixo ao seu redor -, latas de cerveja, sacos plásticos. Nenhuma placa de indicando a

importância do local ou dando qualquer informação acerca do valor daquele patrimônio: misturava-se parte da pré-história sul-americana com os refugos, com a marca do efêmero; do caráter consumista de nossa sociedade. Provavelmente, por desconhecimento: o lixo e o patrimônio arqueológico confundiam-se naquela tarde de verão.

Numa das caminhadas que realizei até lá, com a Ilhapé, havia um grupo de cerca de 20 pessoas acampadas: amarraram toldos as rochas e estacionaram os automóveis na praia, ocupando parte do costão. Estavam próximos da oficina lítica, que ao redor tinha inúmeros sacos de lixo, latas e garrafas (o que não significa que tenham sido eles que deixaram o lixo ali). Seriam os chamados ecofarofeiros. Faziam churrasco. As placas dos automóveis eram de Florianópolis.

²⁷⁰ Sergio Beck em seu *Aventura de Caminhar*, pede ao leitor que leve o seu lixo consigo: “E leve seu lixo embora significa mesmo LEVE TUDO EMBORA COM VOCÊ!” Sugere “por curiosidade, ao chegar pese o seu lixo. Você vai se espantar de ver que quase nunca ultrapassa meio quilo, ou em caminhadas mais longas nunca chega a um quilo por pessoa. A hesitação em trazê-lo de volta é mais bloqueio mental do que pelo esforço físico”. p.45

Fomos jogar. O pessoal vôlei, enquanto eu e Janaína jogamos frescobol. De repente nosso campo foi invadido por uma “legião” de excretas humanas, começamos a driblá-las, a água deslocava-as. Ficou difícil, tivemos que mudar o campo. Nas interações humanas com a natureza, os resíduos são de vários níveis.

O Ecoturismo entre a destruição e o conservacionismo

Na Ilha de Santa Catarina, o ecoturismo aparece como alternativa em alguns guias turísticos locais²⁷¹ que, pelo fato de apresentarem certa urgência em transmitir determinadas informações e dicas aos turistas, terminam mencionando apenas as trilhas que conduzem à “deslumbrantes paisagens” da ilha - remetendo à idéia romântica de contato com a natureza ou mesmo, de consumo de imagens -, deixando de ressaltar a sua potencialidade educativa e lúdica²⁷². Alguns autores ressaltam a importância em termos educativos das trilhas (Belart, 1978) e do ecoturismo (Quintão, 1990; Mittermeier & Bowles, 1994).

Os excursionistas querem desfrutar da paisagem, querem uma inserção nela, consumi-la. No seu afã de conhecer ou de simplesmente relaxar junto à natureza, o lixo pode ser a sua consequência; restando no lugar como subproduto da excursão. Mas, ele não é o único problema no ecoturismo.

Com relação às trilhas há a problemática ligada ao pisoteio exagerado, o alargamento das trilhas, as queimadas²⁷³. Surgem polêmicas acerca do melhor uso dos ecossistemas para lazer. Susi aponta a problemática, a partir de sua experiência em ambientes naturais:

²⁷¹ Como é o caso do guia Minha Maravilhosa Florianópolis - Turismo na ilha de Sta. Catarina.

²⁷² Ana me diria: “... até você mesmo dando umas dicas naquele dia que a gente foi para Naufragados... você dizia das plantas... a importância: o que faz uma, o que faz outra... Então, também vem o lado que se aprende com isso! Aprende também a conhecer, a lidar com as pessoas. É legal isso! Gostoso!”

²⁷³ Acerca dos problemas ambientais relacionados ao turismo ver Budowski (1977); Cohen (1978); Krippendorf (1986); Molina (1991).

“Por mim seria um negócio fechado e controlado o acesso das pessoas: o que entra e o que sai, porque chega um ponto que tem que radicalizar! Em determinados locais tem que ser feito isso -, o pior é que não tem como controlar! Não, e queimadas! Tem gente que vai fazer fogueirinha e queima a encosta inteira do morro; aí dá uma chuvarada dessas como está tendo agora; simplesmente as trilhas desaparecem, vira tudo barro - sabe é uma coisa que um ato tão simples -, uma simples fogueirinha provoca um baita de um problema! Eu não sei eu sou muito radical quanto a isso. Cuido muito com as pessoas que eu convido para fazer esses grupos de caminhada, cuido muito! São pessoas que eu conheço antes; já levo algum papo para ver como é que é a cabeça. Não adianta, tem gente que nasceu nesse meio urbano e não sabe se comportar fora dele; não tem a mínima noção de contato com natureza, com mata!” (risos)

Susi falaria noutro momento acerca da divulgação boca a boca dos lugares visitados. O caráter proxêmico da questão:

“Isso é real! A divulgação é muito grande. Se você leva um grupo pequeno, esse grupo vai divulgar, espalhar, trazer outras pessoas: cada um leva os amigos, outras pessoas e vai alargando; eles não têm consciência de ir um atrás do outro na trilha, vão tudo em grupo e então vai alargando, destruindo mesmo!”

Este parece ser um dos paradoxos do ecoturismo, onde amor e destruição se confundem e geram problemas das mais variadas ordens: dejetos lançados no ambiente, poluição dos recursos hídricos, coleta de plantas²⁷⁴, pisoteio excessivo, impacto sobre as populações de animais e vegetais silvestres, introdução de espécies

²⁷⁴ Na caminhada pelo Costão do Santinho, onde fui o biólogo do grupo, Aparecida queria levar para casa uma orquídea terrestre que eu mostrara para o grupo. Pedi para que não o fizesse, pois a planta deveria ficar no seu ambiente, o que ela entendeu. E eu me livreí de mais um possível impasse.

exóticas, etc. Há também as questões que dizem respeito ao choque cultural que afetam as comunidades receptoras, bem como, os problemas ligados as comunidades que habitam áreas de proteção ambiental.

“O chamado turismo ecológico tem se revelado, na prática, com raríssimas exceções, altamente predatório dos ecossistemas naturais seja no mar, na terra firme, vales, rios, lagos ou montanhas. Em função portanto, de infra-estruturas pesadas, fruto de projeções e projetos impróprios, ou de programas insuficientemente planejados...”²⁷⁵.

O ecoturismo porém, pode ser encarado como uma prática relacionada ao desenvolvimento sustentável²⁷⁶, ressaltando-se três aspectos bastante significativos a seu favor: o seu alto poder educativo, possibilitando o vínculo entre lazer e educação ambiental; a sua importância na economia anfitriã (podendo evitar o êxodo rural, por exemplo) e o seu auxílio na conservação da biodiversidade.

As atividades do ecoturismo, enquanto práticas sócio-culturais difundidas globalmente, visam um maior contato com ambientes não degradados. Autores como Mittermeier e Bowles²⁷⁷ ressaltam a importância do ecoturismo como atividade que possibilita a preservação da biodiversidade.

O ecoturismo pode ser importante no sentido de manter as comunidades locais integradas na conservação e manutenção da área, envolvendo-as de forma direta seja na qualidade de guias como é realizado em alguns Parques Nacionais norte-americanos

²⁷⁵ QUINTÃO, A.S.F. *Ecoturismo: uma alternativa do novo modelo de desenvolvimento*, p. 35-6.

²⁷⁶ A questão do desenvolvimento sustentável ou sustentado é ampla e complexa. Ver Ribeiro (1991). Acerca do turismo sustentável Lins (1994) afirma que “deveria envolver a administração pública, o setor privado e o que se chamaria de “público não estatal”, quer dizer, instituições civis preocupadas com as condições de vida locais. As relações entre estes diversos níveis deveriam ser pautadas pelo debate constante sobre a problemática ambiental da região, talvez no âmbito de um fórum específico, e, no marco da parceria, pela definição e implementação de ações efetivas visando coibir a utilização predatória dos recursos da base natural”. p.2

²⁷⁷ A Vida na Terra: uma reconsideração das Prioridades de Conservação. In: *Eco-Rio*, n.15, 1994, p.31-2.

e africanos (aproveitando o conhecimento já existente sobre os ecossistemas que a região contém pelos habitantes do local e adicionando elementos importantes para a informação do público), como fiscais da área junto aos órgãos de preservação²⁷⁸, ONGs e Fundações²⁷⁹, mantendo pequenas pousadas ou mesmo recebendo os turistas em suas casas (como é feito no Nepal) e pequenos restaurantes, bem como a venda de artesanato local e presença dos ecoturistas em festividades. Existem muitas formas de integrar a comunidade, exigindo criatividade, pois depende de como a situação apresenta-se aos atores sociais envolvidos com a problemática do ecoturismo. É uma questão local, sua dimensão é micro, bastante particular.

Entre as Organizações Não Governamentais da ilha destaco a Coalização da Vida Silvestre (IWC)²⁸⁰ e o Centro de Estudos da Cidadania -, CECA/SC, pois trata-se de grupos interessados em pensar formas mais brandas para o desenvolvimento do (eco)turismo na ilha de Santa Catarina (no caso da IWC a nível estadual, mas também internacional) ou seja, buscam alternativas de caráter mais suave para o turismo na cidade e maneiras de pensar a sua organização.

As duas ONGs realizam críticas contundentes ao turismo na ilha, porém enfocam a questão por prismas diferenciados: a IWC através do Projeto Baleia Franca preocupa-se com o monitoramento dos remanescentes populacionais de tal espécie no

²⁷⁸ Como é o caso dos Boinas Verdes em Florianópolis, ou seja, pessoas das comunidades que são treinadas pelos técnicos da prefeitura, passando a exercer a função de fiscais na área ambiental (de forma voluntária) junto as comunidades. Tenho dois conhecidos que participam do Movimento Pró-Qualidade de Vida do Distrito do Pântano do Sul (do qual participei de algumas reuniões e atividades junto à comunidade), que são Boinas Verdes.

²⁷⁹ O concurso de fotografias Revela Brasil, promovido pela Fundação SOS Mata Atlântica e o Yázi International, é um exemplo de como ampliar o acervo fotográfico da Fundação e mapear os problemas ambientais da região que engloba a Mata Atlântica. Um dos Boinas Verdes mencionados anteriormente é fotógrafo amador e quer participar do concurso.

²⁸⁰ Truda Palazzo Jr da IWC afirma o seguinte sobre o ecoturismo na ilha: "... precisa de interpretação, tem que chamar esse povo do trekking e lembrar eles que não é só levar a gurizada para ir morro abaixo, morro acima. Tem que mostrar essa Mata Atlântica... Porque estão acabando com a ilha e ninguém está fazendo nada. Estão acabando, estão favelizando, especulando, liquidando de tudo que é jeito!... pois é, o problema é esse, tem que fazer esforço de conservação, porque senão daqui a pouco tu vais trazer os caras e não tem mais o que mostrar, vais mostrar queimada!"

litoral sul-brasileiro, visando a conservação da mesma. Possuem propostas para o desenvolvimento de um “turismo ecológico não-intrusivo para as áreas de concentração da espécie no Brasil”²⁸¹.

O CECA/SC vincula-se às questões de caráter sócioambiental, buscando um fortalecimento da sociedade civil²⁸², estando ligado às problemáticas inerentes ao espaço urbano, a questões relacionadas à cidadania e políticas públicas, ação jurídica, educação, relações de gênero e ecumenismo. Sendo assim, a primeira delas possui preocupações acerca do disciplinamento das atividades ecoturísticas (especialmente o whale watching e o dolphin watching) no município e no estado (e até mesmo noutros estados), não deixando inclusive, de questionar determinadas atividades consideradas ecoturísticas; a segunda, no entanto, está ligada a uma perspectiva crítica sobre o turismo visto como a “vocação natural” da ilha, apontando assim, aquelas problemáticas próprias da *monocultura turística*²⁸³.

A biodiversidade & o turismo, um antagonismo?

No que se refere a preservação da biodiversidade e o ecoturismo ou turismo ecológico, de acordo com Mittermeier e Bowles²⁸⁴ a “biodiversidade tem também um enorme emprego recreativo, e isto se relaciona com o bem-estar espiritual e

²⁸¹ Baleia Franca - Um visitante muito especial do nosso litoral - folheto educativo lançado pela IWC/Brasil juntamente com a Companhia de Polícia de Proteção Ambiental e a Whale & Dolphin Conservation Society.

²⁸² Entendida “como pólo impulsionador de um novo modelo de desenvolvimento que respeite o meio ambiente e integre justiça social com participação popular”. Folheto lançado pelo CECA/SC.

²⁸³ Segundo o pessoal do CECA, a sua postura em relação ao turismo segue a abordagem que os trabalhos do professor Hoy do Lins. Com relação à monocultura turística o autor menciona que esta é “a transformação do turismo em “ nica” atividade econômica local”. (1994)

Segundo o autor, o “exclusivismo turístico deve ser evitado porque fragiliza a economia local, tornando-a dependente de processos sobre os quais não se pode ter nenhum controle, e porque tende a legitimar, ou pelo menos a justificar perante a opinião pública, quaisquer tipos de iniciativas voltadas ao turismo, mesmo as de conseq ncias nefastas. A preocupa o de evitar a armadilha da “monocultura” do turismo deveria, assim, estar presente na agenda dos responsáveis pelo planejamento e pela implementa o de políticas de desenvolvimento local. Como fazer para evitar tal armadilha?” p.2

²⁸⁴ idem a nota 277.

psicológico...especialmente nas nações industriais. Isto se transforma também em boa economia, como demonstra a popularização... do ecoturismo e outras formas de lazer baseadas na natureza”.

No entanto, é necessário ressaltar problemas que envolvem as comunidades que vivem em áreas de preservação permanente, pois a biodiversidade deve ser pensada enquanto fenômeno que engloba o homem, sua ação sobre o meio. O homem constitui o ambiente na medida que este é constituído por ele também.

Em relação a permanência das comunidades em áreas protegidas por lei, há uma grande polêmica entre antropólogos, biólogos e ambientalistas, dividindo opiniões acerca da permanência ou não desses grupos junto as áreas de preservação. A questão está relacionada ao tipo de conservacionismo que exclui o homem do ambiente. Diegues²⁸⁵ afirma que o mito da natureza intocada surge a partir dos Estados Unidos, como uma concepção de áreas protegidas que visava preservar pedaços do “mundo natural” em seu estado primitivo. Tal naturalismo serve principalmente para manter as populações urbano-industriais em contato com os ambientes selvagens, ou seja, as famílias urbanas poderiam se retirar das cidades em busca de paisagens naturais, enquanto as populações locais são retiradas de suas áreas de moradia.

“O conceito de “wilderness” (mundo selvagem) que orientou a criação dos parques nacionais americanos em meados do séc. XIX, onde o mundo natural poderia ser apreciado e mesmo reverenciado pelas populações urbanas e onde não poderia haver morador tem as características de uma visão paradisíaca, reportando-se ao mito do paraíso perdido”²⁸⁶.

²⁸⁵ DIEGUES, A.C. *As Áreas Naturais Protegidas: o mito do paraíso desabitado*, ANPOCS, 1994.

²⁸⁶ *idem* a nota 285, p.5.

Um caso elucidativo é o da Baía dos Golfinhos (ou Área de Preservação Permanente do Anhatomirim) em Governador Celso Ramos²⁸⁷, onde há uma polêmica quanto ao uso da área para turismo e lazer, pois os golfinhos tucuxis (*Sotalia fluviatilis*) que habitam aquela área são perturbados pelas escunas²⁸⁸ (foram contadas 42 em um dia!²⁸⁹). A questão é complexa por que envolve interesses de preservação (inclusive internacionais, demonstrando a importância do local em termos globais) e financeiros pelo fato de que os turistas movimentam a economia local através de acordos entre as escunas e os restaurantes²⁹⁰.

A baleia franca (*Eubalaena australis*), é um outro filão que desponta no turismo catarinense. Há interesses em jogo, posições divergentes. O ecologista Truda Palazzo Jr, presidente da IWC brasileira, que defende o turismo de observação de terra ao invés do embarcado, afirma que:

“Na Argentina a Península Valdés, onde tem a maior concentração de turismo com baleias francas no mundo já está acontecendo uma série de problemas de turismo em embarcações. Porque tem uma quantidade muito grande de barcos, os caras passam por cima das baleias, já machucaram baleias. É um inferno! O turismo de terra tem duas vantagens, entre outras, sócio-econômicas que eu acho relevantes:

²⁸⁷ Ver meu trabalho para a disciplina de Globalização Cultural - Natureza, biodiversidade & conservação: o turismo de observação de cetáceos marinhos no litoral catarinense. Mimeo, 1995.

²⁸⁸ Um caso semelhante é o da Baía dos Golfinhos na ilha de Fernando de Noronha com os golfinhos-rotadores (*Stenella longirostris*), onde os biólogos denunciam o problema do turismo devido ao excesso de embarcações no local, podendo prejudicar os animais devido ao forte impacto acústico sobre os mesmos.

²⁸⁹ Conforme o biólogo Paulo Flores que realiza pesquisas sobre a bioecologia dos tucuxis na APA do Anhatomirim. (Diário de Campo, 27/7/95)

²⁹⁰ Como afirmou um dos pesquisadores do Laboratório de Mamíferos Aquáticos (LAMAQ) da UFSC: *“Tem gente que é favorável a fechar a baía dos golfinhos, acabar com o turismo, pesca, gente lá dentro. Eu sou contra porque o quê está acontecendo? - os pescadores são contra quem? O IBAMA? Não! O IBAMA eles nunca gostaram. Os pesquisadores, pouco importa. Eles acabam se revoltando contra os golfinhos, por que antes as escunas paravam e almoçavam lá... Eu não sou favorável a fechar por essa razão. O bode expiatório vai ser justamente quem a gente gostaria de preservar. Mas há quem sustente com outras razões e argumentos diferentes o fechamento”.*

Primeiro, por que estimula a economia local, com a preservação do bicho... Nós já temos praias como a do Rosa, que tem pousadas anunciando e fechando pacotes para a baixa temporada deles, justamente o inverno quando as baleias estão por aqui. É dinheiro que fica na comunidade, já tem pessoal fazendo artesanato de baleias, tem fotógrafos trabalhando com o bicho. Vai ter campeonato esportivo de baleia franca, taça de surf baleia franca, um monte de coisas. Começa a criar espaços para a preservação do bicho junto da própria comunidade, que é quem se beneficia diretamente. E tu crias, juntamente com isso, oportunidade de interpretação no lugar... para o pessoal chegar e conhecer, saber que bicho é aquele, da onde é que vem, conhecer alguma coisa sobre a biologia das baleias, por que elas estão ameaçadas, o histórico de caça e essa coisa toda... O turismo embarcado aqui com a baleia franca não teria essa característica porque a maior parte dessa região onde a baleia franca se concentra, que é o litoral centro-sul não tem capacidade de ancoradouro para embarcações turísticas de médio porte, para escuna, por exemplo. Tu terias que estar criando infra-estrutura para isso que é uma coisa que nós também não queremos fazer justamente na área onde as fêmeas com filhotes se concentram”.

Desta forma, o ecoturismo pode dinamizar a economia interna das comunidades mantendo as populações em seus locais de origem, aproveitando a sua participação na proteção da paisagem. Para tanto, é necessário um planejamento bastante detalhado das condições de implantação de projetos que preservem as características sócioambientais da biodiversidade, onde paisagem é composta pelo homem e pelo mundo natural em interação. Há a necessidade de parcerias onde as comunidades, os órgãos governamentais, os não governamentais e os empresários precisam atuar conjuntamente no sentido de conservar e evitar danos aos ecossistemas regionais²⁹¹.

²⁹¹ Nesse sentido a IWC parece buscar as parcerias como no caso do Projeto Gaia que ocorreu em 1993, que visava promover caminhadas ecológicas com os turistas, bem como a produção de material sobre a Estação Ecológica dos Carijós, para a Reserva Biológica do Arvoredo e a Área de Preservação Ambiental do Anhatomirim, onde associaram-

“O discurso da biodiversidade promete libertar a natureza da ação das práticas destrutivas e estabelecer uma estável cultura conservacionista. Constitui um novo caminho para falar acerca da natureza profundamente mediada pela tecnociência, e uma nova interface entre natureza, capital e ciência”²⁹².

A Ilha de Santa Catarina precisa ser percebida nas suas peculiaridades culturais e biológicas, do respeito a primeira a conservação da segunda, pois é a partir daí que será possível realizar um planejamento turístico que permita a convivência de ambas com o turista de forma menos traumática e impactante.

Conforme Lins (1994) “cabe dizer que o irresistível avanço do turismo nas diversas comunidades da Ilha de Santa Catarina deveria ter como contrapartida, pelo menos, um melhor atendimento das necessidades básicas nestes locais. É verdade que o turismo pode auxiliar no fortalecimento das finanças de um município, porém é preciso que a administração pública aproveite o potencial. Só assim, e pelo correto exercício das funções de planejamento, alocação de recursos e realização de obras do estado, poderiam os ganhos proporcionados pelo turismo realmente beneficiar a sociedade como um todo”.

A questão relacionada ao ecoturismo implica levar em consideração a sua dimensão local, ligada as suas peculiaridades regionais onde o pequeno, o micro se contrapõe ao grande, ao macro dos grandes projetos que não levam em consideração aspectos culturais e ambientais, pois os benefícios econômicos provenientes das atividades ecoturísticas devem estar voltados aos interesses das comunidades locais, a preservação dos ecossistemas ilhéus. Utopia ou bom senso? Somente a partir de um

se o Ibama, a Coalizção Internacional da Vida Silvestre e o Grupo Habitasul/Jurerê Internacional. A IWC também realiza uma parceria com a empresa Portobello.

²⁹² Ver Escobar (1995).

amplo debate entre sociedade civil organizada, grupos privados e administração pública será possível encontrar uma forma de gestão para o turismo na ilha, onde as parcerias devem ser encontradas para um desenvolvimento que contemple justiça social e preservação do patrimônio ambiental e cultural. O ecoturismo pode ser um dos caminhos, uma das trilhas a percorrer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ecoturismo é um fenômeno em franco crescimento, revelando-se como uma das atividades de lazer promissoras no final do século, mobilizando o *trade* turístico e a economia turística em termos globais. Trata-se de um conjunto de práticas originárias dos centros urbanos europeus, mas que disseminaram-se pelos demais continentes.

As práticas ecoturísticas estão associadas ao ambiente natural, bem como as pequenas cidades (ou vilarejos, aldeias) próximas a determinadas regiões de grande beleza cênica, relacionando-se ainda aos aspectos culturais considerados exóticos, ao patrimônio histórico ou arqueológico cuja singularidade é um atrativo para os cidadãos urbanos curiosos em busca de imagens e informação.

O ecoturismo, desta forma envolve um deslocamento dos cidadãos para junto dos ambientes naturais, onde as pessoas experimentam emoções vividas em grupo; a aventura e a sua intensidade; experimentam o prazer de estar em contato com uma ambiência na qual as relações afetivas estão intimamente relacionadas com o compartilhamento de imagens da natureza. As harmonias e conflitos sociais em tais interações tomam parte da experiência, a medida que certas emoções vividas são, até certo ponto, compartilhadas entre os seus integrantes. Em certos momentos as relações sociais acentuam as diferenças e conflitos; o corpo social na medida que demonstra a integração do grupo (a solidariedade, o comensalismo), também evidencia sua

desintegração, ou ainda, a fragilidade desta integração (discussões, intolerâncias, brigas) que ocorre durante o deslocamento.

A dinâmica de interações sociais (a sociabilidade; a concepção de natureza; a relação com o exótico; com o perigo) está em profunda relação com os locais em que penetram os grupos, seja pela importância deles em termos de sua dimensão ecológica (Parques Nacionais, Áreas de Preservação Ambiental) ou cultural (festividades, presença de Patrimônio Histórico, de Sítios Arqueológicos), ou mesmo, pelo intercruzamento de ambas (a dimensão eco-cultural de uma região).

O ecoturismo implica numa evasão e, por isso no distanciamento de um ambiente urbanizado. O deslocamento, portanto, permite experimentar as diferentes modalidades de práticas ecoturísticas em meio a natureza, as pequenas comunidades. É preciso desprender-se de certa ambiência, para inserir-se noutra. Tal escolha implica em evadir-se da cidade, sem com isso negá-la enquanto palco da vida cotidiana.

De acordo com Krippendorf (1986), o turista desloca-se do seu lugar de origem “na busca de paisagens bonitas”. O que está em jogo nesse caso é um tipo de juízo estético, de relação com o belo ligada àqueles ambientes capazes de atrair os cidadãos urbanos para além de seus territórios. Todavia, se pensarmos a estética nos termos que coloca Maffesoli, no seu sentido ampliado (englobando o belo, mas transcendendo, no entanto, as belas-artes), estendendo-se assim “ao conjunto da vida social”²⁹³, podemos perceber o ecoturismo como uma manifestação social onde a ambiência afetual permite que o grupo experimente emoções comuns em meio ao ambiente natural. Desta forma, o ecoturismo é uma maneira de buscar (e até mesmo de perseguir) a experiência do belo ligado a paisagem natural, de compartilhar determinados

²⁹³ Maffesoli (1995), p.53.

sentimentos relacionados a natureza, a sua percepção estética.

As modalidades ecoturísticas relacionam-se aos diferentes *estilos*, ou seja, as práticas de lazer que constituem o ecoturismo devem ser entendidas em sua amplitude no que se refere ao envolvimento dos atores sociais e suas formas de aderir a determinadas práticas. Os diferentes estilos de vida, as concepções de natureza, a relação com o esporte e a aventura são algumas das variáveis que imprimem ao fenômeno uma complexidade tal que o torna um evento típico das *sociedades complexas, da heterogeneidade cultural*.

As experiências ecoturísticas precisam ser pensadas nos termos da abrangência das relações entre os sujeitos, daquela teatralidade que é peculiar na interação desses atores sociais e que evidencia-se nas vestimentas, na relação com o cenário, na atuação dos personagens compondo um roteiro que se escreve (e inscreve) no momento em que é vivido (e que é passível de diferentes leituras). Ele adentra nos meandros da “memória do grupo”, naquelas lembranças que transformam-se em relatos.

A relação entre ecoturismo e esporte está presente nas diferentes modalidades, ou seja, os grupos experimentam várias maneiras de interagir com o ambiente natural onde o esforço e o preparo físico são de extrema importância (em alguns casos fundamentais), bem como, o domínio de determinadas técnicas que possibilitam um melhor desfrute da experiência: caminhar, remar, nadar, escalar, saltar são algumas das práticas corporais que possibilitam ao ecoturista viver a intensidade dessas atividades de lazer em meio ao mundo natural.

A aventura aparece como uma questão central, onde os integrantes do grupo buscam a partir do deslocamento rumo a outras ambiências a possibilidade de experimentar a abertura ao aleatório, ao incerto da atividade que implica em certa

relação com a idéia de periculosidade, de ameaça aquela segurança que os ambientes urbanos proporcionam, pois os participantes estão familiarizados a ele. O meio natural, no entanto, contém obstáculos e surpresas que colocam a noção de perigo, insegurança e medo em evidência. A tensão vivida durante a prática escolhida, possibilita que as emoções originadas durante a sua atividade resultem num tipo de relaxamento que elimina as tensões oriundas do meio urbano, do ordinário, daquilo que é da ordem da labuta.

A participação significativa do público feminino nas práticas ecoturísticas confere ao fenômeno maior singularidade, no que se refere as problemáticas ligadas as questões de gênero, mais especificamente, demonstra relevância da inserção das mulheres nas atividades consideradas masculinas e, conseqüentemente sua relação com o esporte. As mulheres, portanto, aparecem como praticantes de várias modalidades ecoturísticas, estando desta forma, relacionadas a diferentes *estilos* e, por isso, a diversos níveis de aventura.

O ecoturismo está presente na ilha não apenas em função do turista de verão, pelo contrário, há uma demanda interna emergente, onde os habitantes de Florianópolis e arredores, principalmente os *de fora* que decidem morar na região, parecem ser os praticantes mais comuns. As atividades ecoturísticas ocorrem durante o ano inteiro, apesar dos imperativos climáticos. O fenômeno parece estar em franca expansão no contexto ilhéu e no estado.

A Ilha de Santa Catarina apresenta várias agências (seis ao todo) que tentam dar conta da demanda existente, fruto das solicitações de um público bastante heterogêneo. As práticas ecoturísticas presentes no contexto ilhéu, demonstram que há espaço para o florescimento de diversos *estilos* e possibilidades de interação grupal, numa prática de lazer que tende a se expandir. Há possibilidade de surgirem novas modalidades de

ecoturismo e novas agências, caso seja dada a devida atenção a essa modalidade de turismo que parece ser a mais adequada para a conservação dos ecossistemas ilhéus. A questão está na esfera do micro. Para pensar o ecoturismo no contexto ilhéu, é preciso levar em consideração o caráter regional, a paisagem local: suas características sócioambientais, históricas, ecossistêmicas.

Sendo assim, as formas de tratar as questões sócioambientais ligadas ao ecoturismo não podem ser meramente racionalistas ou economicistas. A questão suscita o bom senso, a visão destituída de ganância, pois o respeito as diferenças é um sentimento que precisa percorrer aquelas decisões em que estão em jogo os sentimentos alheios, a preservação da vida. O ecoturismo pode ser uma daquelas atividades econômicas no contexto ilhéu, que possibilitará o desenvolvimento de certas práticas, em que as comunidades locais estejam intimamente envolvidas na tomada de decisões acerca da utilização dos recursos naturais.

Portanto, a ênfase em práticas que contemplem pequenos projetos de desenvolvimento, que beneficiem a economia local e preserve os ambientes regionais são importantíssimos: tecnologias brandas, conservação do patrimônio, respeito à legislação ambiental. O ecoturismo e a maricultura (criação de moluscos, crustáceos, peixes) são exemplos das possibilidades.

Um planejamento eficiente e uma fiscalização séria sobre as atividades junto à natureza podem auxiliar na orientação desta atividade que tem a sua importância em termos de conservação dos ecossistemas ameaçados, aliando a possibilidade de manter as comunidades locais nas suas regiões de origem.

A Ilha de Santa Catarina pode transformar-se numa das estrelas do ecoturismo nacional e internacional, basta que haja bom senso para pensar o processo que se

delineia. Ou então, poderá tornar-se outra versão daqueles balneários poluídos e devastados. O micro e suas sutilezas, ou o macro e suas conseqüências nefastas sobre o ambiente e os habitantes da ilha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ACOT, P. **A natureza da humanidade**. Ciência & Ambiente,n.5, Unijuí/UFSM,1992.
- 2 ALEXANDRE, F. **Dicionário da Ilha, Falar & Falares da Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis, Cobra Coralina, 1994.
- 3 AMADO, R. **Onda Verde - festa na mídia**. Revista Corpo a corpo, Globo, n.11,1989.
- 4 ARRILLAGA, J.I. **Introdução ao Estudo do Turismo**. RJ, Ed. Rio,1976.
- 5 AFONSO,F. **Ecoturismo: uma faca de dois gumes**. Planeta Ecologia. Ed Três,n.1,SP,1990,p.40-46.
- 6 AUGÉ,M. **Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade**. Página Aberta, SP,1994.
- 7 AVÉ-LALLEMANT, R. **Viagens pelas Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)**. Ed.Itatiaia/Edusp, São Paulo, 1980.
- 8 BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. Nova Cultural (Os Pensadores), SP, 1988.
- 9 BARRETO,M. **Planejamento e Organização em Turismo**. Papirus, SP, 1991.
- 10 _____ **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. Papirus, SP,1995.
- 11 BARTHES,R. **Mitologias**. Difusão Européia do Livro,SP,1972.
- 12 BATESON,G. **Mente e Natureza**. Ed. Francisco Alves,RJ,1986.
- 13 _____ **Os homens são como a planta: A metáfora e o universo do processo mental** In: THOMPSON,W.I. Gaia: uma teoria do Conhecimento. Gaia, SP 1990.
- 14 BAUDRILLARD,J. **Modernité**. Encyclopedia Universalis. v. 12.Paris,p.424-26.

- 15 BECK, S. **A Aventura de Caminhar - um guia para caminhadas e excursões.** Agora, SP, 1989.
- 16 BELART, J. L. **Trilhas para o Brasil.** Boletim da FBCN, 13 (1): 49-51, RJ, 1978.
- 17 BERMAN, M. **Tudo que é sólido se desmancha no ar.** Companhia das Letras, SP, 1986.
- 18 BERNARDO, A. **Um novo tipo de "impulso" na cidade: um estudo do Serviço Telefônico Disque Amizade de Florianópolis.** Dissertação de Mestrado, PPGAS/UFSC, Florianópolis, 1994.
- 19 BOO, E. **Ecoturismo Potenciales y Escollos.** World Wildlife Fund, Washington D.C, 1990.
- 20 BOURDIEU, P. **Sociologia.** Org. Renato Ortiz. Ed. Ática, SP, 1994.
- 21 BRÜGGER, P. **Educação ou adestramento ambiental?** Letras Contemporâneas, Florianópolis, 1994.
- 22 BUDOWSKI, G. **Turismo y Conservación Ambiental: conflicto, coexistencia o simbiosis?** FBCN, 12 (12): 36-44, RJ, 1977.
- 23 CAIAFA, J. **Movimento Punk na Cidade: invasão dos bandos sub.** Jorge Zahar, RJ, 1985.
- 24 CAILLOIS, R. **Les jeux et les hommes.** Gallimard, 1992.
- 25 CALDEIRA, T. P. do R. **A presença do autor e a pós-modernidade na Antropologia.** in Novos Estudos CEBRAP, SP, 21, 1988.
- 26 CAMARGO, L. O. L. **O que é Lazer.** Brasiliense, SP, 1986.
- 27 _____ . **O Lazer é um perigo.** Veja, 30/6/93.
- 28 _____ . **Educação ambiental: o que é, o que pode ser, perspectivas de pesquisa.** Estudos de Turismo e Hotelaria. Administração Regional do Senac, SP, 1995.
- 29 CAPRA, F. **Sabedoria Incomum.** Cultrix, SP, 1988.
- 30 CARDOSO de OLIVEIRA, R. **A Categoria de (Des) Ordem e a Pós-Modernidade na Antropologia** in Anuário Antropológico 86: 57-73.
- 31 CARVALHO, M. de. **O que é natureza.** Ed. Brasiliense, SP, 1991.
- 32 CARUSO, M. M. L. **O Desmatamento da Ilha de Santa Catarina de 1500 aos dias atuais.** UFSC, Florianópolis, 1990.
- 33 CASTRO, E. V. Prefácio in **Um Artificio Orgânico - Transição na Amazônia**

e **Ambientalismo** (1985-1990), Rocco, RJ, 1992.

- 34 CERRUTTI, L.M. et all. **Problemas de conservacion de la ballena franca austral** (*Eubalaena australis*) en la Península Valdés. Boletín Técnico n.13, Fundación Vida Silvestre Argentina, 1993.
- 35 COHEN, E. **The impact of tourism on the physical environment**. Annals of Tourism Research, 1978, p. 215-37.
- 36 COLLINGWOOD, R.G. **Ciência e Filosofia: A Idéia de Natureza**, Ed. Presença, Lisboa, 1986.
- 37 CORBIN, A. **O Segredo do Indivíduo in História da Vida Privada**. Companhia das Letras, SP, 1991, p. 420-501.
- 38 _____, A. **O Território do Vazio. A praia e o imaginário ocidental**. Companhia das Letras, SP, 1989.
- 39 CORNELOUP, J. **Escalades et post-modernité**. Sociétés, n. 34, 1991. p.385-394.
- 40 CRAPANZANO, V. **Diálogo** in Anuário Antropológico, 88: 59-80.
- 41 CRATTY, B.J. **Psicologia do esporte**. RJ, 1993.
- 42 DAJOZ, R. **Ecologia Geral**, Vozes, RJ, 1983.
- 43 DIEGUES, A.C. **As áreas naturais protegidas: o mito do paraíso desabitado**. ANPOCS, Caxambú, 1994.
- 44 DUARTE, P. **Fontes de Pesquisa Pré-histórica**. Separata de Estudos de Pré-história Geral e Brasiliense, SP, 1970.
- 45 DUBOS, R. **Namorando a Terra**. Melhoramentos/EDUSP, SP, 1981.
- 46 DUMAZEDIER, J. **Sociologia Empírica do lazer**. Perspectiva e Senac/Nacional, 1979.
- 47 _____. **Valores e Conteúdos Culturais do Lazer**. SESC, SP, 1980.
- 48 ECO, U. **Como se faz uma tese**. Perspectiva, SP, 1994.
- 49 **Ecoturismo na Bahia - estudo analítico**. Edição SEBRAE, Salvador, 1995.
- 50 ELIAS, N. **A Busca da Excitação**. DIFEL, Lisboa, 1992.
- 51 ESCOBAR, A. **Cultural politics and biological diversity: state, capital and social movements in the Pacific Coast of Colombia**, Mimeo, 1995.
- 52 EUGENE, P. **Le tourisme - destructeur ou protecteur de l'environnement?** Espaces(48), Paris, 1980.

- 53 FEATHERSTONE, M. (org.) **Cultura Global: nacionalismo, globalização e modernidade**. Vozes, Petrópolis, 1994.
- 54 FERNANDES, R.C. **Polônia, a pé: mística de uma romaria católica**. Ciências Sociais Hoje, São Paulo, Vértice/Ed, Revista dos Tribunais, ANPOCS, 1988, p. 185-95.
- 55 FERREIRA, A.B. H. de. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Folha de São Paulo/Ed. Nova Fronteira, 1994-95.
- 56 FERREIRA, S. L. **O Banho de Mar na Ilha de Santa Catarina (1900-1970)**. Dissertação de Mestrado, PPGH/UFSC, Florianópolis, 1994.
- 57 FERRY, L. **A Nova Ordem Ecológica: A Árvore, O Animal, O Homem**. Ed. Ensaio, SP, 1994.
- 58 FLAX, J. Pós-Modernismo e Relações de Gênero na Teoria Feminista in Hollanda, H.B. de. **Pós-Modernismo e Política**. Rocco, RJ, 1992.
- 59 FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 3 - o cuidado de si**. Graal, RJ, 1985.
- 60 FREIRE, J.B. **Educação de Corpo Inteiro - Teoria e Prática da Educação Física**. Scipione, SP, 1992
- 61 GALVÃO, A.G. **Jericoacoara Sonhada**. AnnaBlume, SP, 1995.
- 62 GASPAR, M.D. **Garotas de Programa: prostituição em Copacabana**. Jorge Zahar, RJ, 1985.
- 63 GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Ed. Guanabara, RJ, 1978.
- 64 GIACOMAZZI, M.C.G. **Natureza, Corpo e Saúde** in *Corpo e Significado - Ensaio de Antropologia Social*. Org. Ondina Fachel Leal. Ed. da Universidade/ UFRGS, Porto Alegre, 1995, p. 443-51.
- 65 GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade**. UNESP, SP, 1991.
- 66 GIUCCI, G. **A visão inaugural do Brasil: a terra de Vera Cruz**. Rev. Bras. de Hist., v. 11, n.21, 1991. p. 45-64.
- 67 _____. **Viajantes do Maravilhoso: o Novo Mundo**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- 68 GONÇALVES, C.W.P. **Os (Des)Caminhos do Meio Ambiente**. Contexto, SP, 1990.
- 69 GRIFFET, J. **La responsabilité aux limites**. Sociétés, n. 34, 1991. p.359-366.
- 70 GROSSI, M.P. **Na busca do "outro" encontra-se a "si mesmo"** in *Trabalho de Campo & Subjetividade*, PPGAS, Florianópolis, 1992.

- 71 HALL, E. T. **A Dimensão Oculta**. Francisco Alves, RJ, 1977.
- 72 HARVEY, D. **A Condição Pós-Moderna**, Loyola, São Paulo, 1989.
- 73 HOLANDA, S.B. de. **Raízes do Brasil**. Companhia das Letras, SP, 1995.
- 74 HOYT, E. **Discover whale & dolphin watching in the Caribbean**, WDCS, 1994.
- 75 _____ **The Potential of whale watching in Latin America & the Caribbean**, WDCS, 1994.
- 76 _____ **The Worldwide Value and Extent of Whale Watching 1995**, WDCS.
- 77 HUIZINGA, J. **Homo ludens**. Ed. Perspectiva, SP, 1990.
- 78 **ILHA 360 GRAUS - Caminhada feminina em volta da Ilha de Santa Catarina**. 1995.
- 79 **Ilha de Santa Catarina. Relato de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX**. Ed. Lunardelli/UFSC, Florianópolis, 1990.
- 80 JANKÉLEVITCH, V, **La aventura, el aburrimiento, lo serio**. Taurus, Madrid, 1989. p. 9-40.
- 81 KESSELRING, T. **O conceito de Natureza na História do Pensamento Ocidental**. Unijuí/UFSM, n.5, 1992.
- 82 KONDER, R.W. **Longman English Dictionary for portuguese speakers**. Ed. ao Livro Técnico, RJ, 1994.
- 83 KRIPPENDORF, J. **O Turismo deve destruir os lugares que o fazem viver?** Mimeo, Porto Alegre, 1986.
- 84 _____. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Civilização Brasileira, RJ, 1989.
- 85 LANCIANI, G. **O Maravilhoso como critério de diferenciação entre sistemas culturais**. Rev. Bras. de História, v. 11, n. 21, SP, 1991, p. 21-26.
- 86 LINS, H. N. **Turismo na Ilha de Santa Catarina: desenvolvimento e sustentabilidade**. Primeira Oficina de Desenho Urbano de Florianópolis, IPUF/UFSC, 1994.
- 87 _____. **Herança açoriana e turismo na Ilha de Santa Catarina**. Revista de Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 1994.
- 88 _____. **Economia política do turismo: apontamentos sobre Santa Catarina**. Congresso Internacional de Geografia e Planejamento do Turismo, USP, 1995.

- 89 LE BRETON, D. **Vertige et affrontement à soi dans les figures actuelles de l'aventure.** Société, n. 34, 1991. p.395-402.
- 90 LEITÃO, P. & CRESPO, S. **O que o Brasileiro Pensa da Ecologia.** CNPQ/ISER/MAST/CETEM, RJ, 1993.
- 91 LEITE, I.B. **As Fronteiras do Exótico: O Antropólogo e o Viajante.** in Identidade & Representação. Org. Raúl Antelo, UFSC, Florianópolis, 1994.
- 92 LIPOVETSKY, G. **O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas.** Companhia das Letras, SP, 1989.
- 93 LODI, L. **Os Golfinhos e o Turismo - Atividades Humanas precisam ser controladas em Fernando de Noronha** In Ciência Hoje, v. 18, n. 105, p. 62-5.
- 94 MAFFESOLI, M. **A Conquista do Presente.** RJ, Rocco, 1984.
- 95 _____ . **A Sombra de Dionísio - Contribuição a uma Sociologia da Orgia.** RJ, Graal, 1985.
- 96 _____ . **O Tempo das Tribos - O Declínio do individualismo nas Sociedades de Massa.** Forense-Universitária, RJ, 1987.
- 97 _____ . **Au creaux des apparences.** Paris, 1990.
- 98 _____ . **O poder dos espaços de representação.** RJ, n. 116, Tempo Brasileiro, 1994.
- 99 _____ . **A Contemplação do Mundo.** Artes e Ofícios, Porto Alegre, 1995.
- 100 _____ . **La socialidad en la postmodernidad** in VATTIMO, G y otros. Anthropos - Editorial del Hombre, p. 103-110.
- 101 MALUF, S. W. **Gênero, poder feminino e narrativas de bruxaria** in COSTA, A. de O. e BRUSCHINI, C. **Entre a virtude e o pecado.** Ed. Rosa dos tempos/Fundação Carlos Chagas, SP, 1992.
- 102 MANUAL DEL MONITOR. **Tiempo Libre y Naturaleza.** Penthalon ediciones, Madrid, 1989.
- 103 MARCELLINO, N.C. **Lazer e Humanização.** Papirus, SP, 1983.
- 104 MATURANA, H. **O que se observa depende do observador** In: THOMPSON, W.I. **Gaia: uma teoria do Conhecimento,** Gaia, SP, 1990.
- 105 MAUSS, M. **As Técnicas Corporais** in Sociologia e Antropologia. EPU/EDUSP, SP, v. II, 1974.

- 106 McCORMICK, J. **Rumo ao Paraíso: A História do Movimento Ambientalista.** Relume Dumará, RJ, 1992.
- 107 MARCONDES, P. **Ecologia: a moda que move o marketing e a comunicação de muitas empresas nos EUA.** Meio e Mensagem, SP, 1990.
- 108 MATTA, R da. **Conta de Mentiroso.** Rocco, RJ, 1993.
- 109 _____ **O ofício de Etnólogo, ou como ter Anthropological Blues.** Boletim do Museu Nacional, n.27, RJ, 1978.
- 110 MITTERMEIER, R.A.; BOWLES, I.A. **A vida na Terra: uma reconsideração das prioridades de conservação.** Eco-Rio, n. 15, 1994, p. 29-33.
- 111 MOLINA, S.E. **Turismo y Ecología.** Editorial Trillas, México, 1991.
- 112 MORIN, E. **Contrabandista de Saberes.** in Do Caos à Inteligência Artificial - entrevistas de Guitta Pessis-Pasternak. Unesp, SP, 1993, p.83-94.
- 113 _____ **Estamos em uma crise de futuro,** Entrevista a SILVA, J.M., Zero Hora, 1992.
- 114 NEEDEL, J. **A Ascensão do fetichismo Consumista.** Revista da ANPOCS, 8(3), 1988.
- 115 NORONHA, M.P. **O trabalho de campo em eco-antropologia: uma experiência realizada no Vale dos Sinos com alunos da pós-graduação em Ecologia Humana.** Mimeo, 1993.
- 116 OLIVEN, R.G. **A Antropologia dos Grupos Urbanos.** Vozes, Petrópolis, 1987.
- 117 ODUM, E. **Ecologia,** Guanabara, RJ, 1988.
- 118 PÁDUA, J.A.(org.). **Ecologia e Política no Brasil.** Espaço e Tempo: IUPERJ, 1987.
- 119 PAIVA, M. da G. de M.V. **Sociologia do Turismo.** Papirus, SP, 1995.
- 120 PALLAZO Jr., J.T.; BOTH, M. do C. **Guia de Mamíferos marinhos do Brasil,** SAGRA, Porto Alegre, 1988.
- 121 PARKER, S. **A Sociologia do Lazer.** RJ, Zahar, 1978.
- 122 PELLEGRINI FILHO, A. **Ecologia, Cultura e Turismo.** SP, Papirus, 1983.
- 123 PEREIRA, S.L. **Ecoturismo.** Ícaro, 8 (74), Varig, SP, 1990.
- 124 PERES, R. C. **Para que serve uma caverna?** Sociedade Ornitológica Mineira, n.32, 1985, p.9.

- 125 PERLONGHER, N. **Trottoir: A Territorialidade Itinerante**. Desvios, 5, Paz e Terra, RJ, 1986.
- 126 _____ . **Territórios Marginais**. Primeira Versão, IFCH/UNICAMP, n. 27, 1991.
- 127 _____ . **Antropologia das Sociedades Complexas: identidade e territorialidade, ou como estava vestida Margaret Mead**. Rev. Bras. de Ciências Sociais, n. 22, SP, 1993, p. 137-44.
- 128 PERRONE-MOISÉS, L. **Vinte Luas: viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil: 1503-1505**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- 129 PIRES, P.S. **Turismo e Ecologia. Primeira parte: Base Ecológica para o Ecoturismo**. UNIVALI, 1995. Apostila da Disciplina de Ecoturismo.
- 130 PLEUMAROM, A. **The Political Economy of Tourism**, The Ecologist, 1994.
- 131 POCIELLO, C. **Sur quelques fonctions sociales de l'aventure: Initiation, conjuration et ordalie juvéniles**. Société, n. 34, 1991. p.367-378.
- 132 PRATT, M.L. **Humboldt e a Reinvenção da América**. Estudos Históricos, v. 4, n. 8, RJ, 1991, p. 151-165.
- 133 QUEIROZ, M. I. P. de. **Cultura, Sociedade Rural, Sociedade Urbana no Brasil**. LTC/EDUSP, RJ/SP, 1978.
- 134 QUINTÃO, A.S.F. **Ecoturismo: uma alternativa do novo modelo de desenvolvimento**. Brasil Florestal, n. 69, 1990.
- 135 RABINOW, P. **E a natureza finalmente se tornará artificial**. Ciência e Ambiente, n. 3, Unijuí/UFSM, 1991.
- 136 REQUIÃO, C. **Manual do Excursionista**. Nobel, SP, 1990.
- 137 RIAL, C.S. **Mar de Dentro; a transformação do espaço na Lagoa da Conceição**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PGAS/UFRGS, 1988.
- 138 _____ . **Viajantes e turistas na Ilha de Santa Catarina: estudo antropológico do imaginário da viagem e das representações dos viajantes a partir de relatos do séc. XVIII, XIX e XX**. Projeto de Pesquisa, 1992.
- 139 _____ . **Contatos Fotográficos: reflexões iniciais sobre diferentes gramáticas fotográficas: a do turista, jornalista, antropólogo e nativa**. IVABA/Norte, Mimeo, 1995.
- 140 RIBEIRO, G.L. **Ambientalismo e Desenvolvimento Sustentado. Nova Ideologia/Utopia do Desenvolvimento**, Revista de Antropologia, USP, n. 34, SP, 1991 p. 59-101.

- 141 _____ . Ser e não ser. Explorando fragmentos e paradoxos das fronteiras da cultura in FONSECA, C. **Fronteiras da Cultura: horizontes e territórios da Antropologia na América Latina**. UFRGS, Porto Alegre, 1993.
- 142 RIBEIRO, G.L.; BARROS, F.L.A **Corrida por paisagens autênticas: turismo, meio ambiente e subjetividade na contemporaneidade**. UnB, 1994.
- 143 ROSALDO, R. **Cultura y Verdad; Nueva propuesta de análisis social**. Grijalbo, México, 1991.
- 144 ROUANET, S.P. **A Razão Nômade - Walter Benjamin e outros viajantes**. UFRJ, 1993.
- 145 RUSCHEL, R. **Síndrome do Ecoturismo Desperdiçado**. Eco - Rio, n.18, RJ, 1994.
- 146 _____ . **Afinal, quem é o ecoturista?** Estudos de Turismo e Hotelaria. Senac, São Paulo, 1995, p. 71-5.
- 147 RUSCHMANN, D. **Marketing Turístico: um enfoque promocional**. Papirus, SP, 1991.
- 148 SANTIAGO, S. **A Quarta-feira de Cinzas do Homem in O Ambiente Inteiro. A contribuição crítica da universidade à questão ambiental**. UFRJ, RJ, 1991.
- 149 SANTOS, S.C. **Nova História de Santa Catarina**. Ed. Terceiro Milênio, Ilha de Santa Catarina, 1995.
- 150 SCHMEIL, L. **“Alquila-se una isla”: turistas argentinos em Florianópolis**. Dissertação de Mestrado, UFSC, 1994.
- 151 SILVA, H.R.S. **Travesti: a invenção do feminino**. Relume Dumará/ISER, RJ, 1993.
- 152 SILVEIRA, F.L.A da. **Natureza, cultura & conservação: a observação de cetáceos marinhos no litoral catarinense**. Mimeo, 1995.
- 153 SILVER, I. **Truth and Travel. Alternative tourism isn't always responsible tourism Cultural Survival Quarterly**. p. 54-9, 1992.
- 154 SIMMEL, G. **Sociologia**. Org. Evaristo de Moraes Filho, Ed. Ática, São Paulo, 1983.
- 155 SOUZA, L. de M. e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade no Brasil colonial**. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.
- 156 STADEN, H. **Duas Viagens ao Brasil**. Ed. Itatiaia, BH. p.5-20, 76-90.

- 157 TAUSSIG, M. **Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem - Um estudo sobre o terror e a cura.** Paz e Terra, RJ, 1993.
- 158 THEILLER, D. **Jouissance immédiate et expériences de la nature.** Société, n.34, 1991. p. 379-384.
- 159 THEODORO da SILVA, J. **Colombo: entre a experiência e a imaginação.** Rev. Bras. de História, v. 11, n. 21, SP, 1991. p. 27-44.
- 160 THOMAS, K. **O Homem e o Mundo Natural.** Companhia das Letras, SP, 1989.
- 161 TRIGO, L.G.G. **Turismo e Qualidade: tendências contemporâneas.** Papirus, SP, 1993.
- 162 **Turismo Ecológico. Conhecer para Respeitar.** Folheto Educativo. Embratur.
- 163 **Uma cidade numa ilha. Relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina.** CECA/FNMA. Insular, Florianópolis, 1996.
- 164 URBAIN, J-D. **L'idiote du voyage: Histories de touristes.** Plon, Paris, 1989.
- 165 URRY, J. **The Tourist Gaze - leisure and travel in contemporary societies,** Sage, London, 1990.
- 166 _____. **The Tourist Gaze and the "Environment".** Theory, Culture & Society (Sage, London, Newbury Park and New Delhi), v.9, 1992, p. 1-26.
- 167 VIEIRA, L. **Fragments de um discurso Ecológico.** Ed. Gaia, SP, 1990.
- 168 VIEIRA, P.F. & MAIMON, D.(org.). **As Ciências Sociais e a Questão Ambiental: Rumo à Interdisciplinaridade.** APED e UFPa, 1993.
- 169 VELHO, G. **O Desafio da Cidade.** Campus, RJ, 1980.
- 170 _____. **Individualismo e Cultura.** Jorge Zahar Editor, RJ, 1994.
- 171 _____. **Projeto e Metamorfose.** Jorge Zahar Editor, RJ, 1994.
- 172 _____. **O Antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia** in **Desafio da Cidade: novas perspectivas da Antropologia Brasileira.** Ed.Campus, RJ, 1980.
- 173 WILLIAMS, R. **O Campo e a Cidade: na história e na literatura.** Companhia das Letras, SP, 1990.

Revistas, Guias Turísticos e Jornais:

Bye, bye Rio. IstoÉ, n. 1306, 12/10/94. p.40-42.

Em alto-relevo. IstoÉ, n.1293, 13/7/94, p. 59-63.

Escolas terão programa de trilhas. Jurerê News, n.3, Florianópolis, abril/94.

Estudo da Demanda Turística Município de Florianópolis. Sinopse comparativa de 1993, 1994 e 1995. Santur.

Guia Brasil de Turismo Ecológico, Ed. Libris, 1992.

Planeta Teen. Veja, n.16, 19/4/95, p. 106-113.

Projeto Gaia: compromisso com a Natureza. Jurerê News, n.1, Florianópolis, novembro/93.

O que vale é o desafio. Entrevista com Luiz Makoto Ishibe, Veja, 14/2/96.

Minha maravilhosa Florianópolis - Turismo na Ilha de Sta. Catarina. 1991-1992.

Sombra e água fresca. Veja, 8/3/95, p. 58-59.

Trekking - A Turma da Trilha, Caderno Xis, Diário Catarinense, 16/9/95, p.6-7

ILHAPÉ Turismo de Trilhas

Você que gosta de caminhar, transforme a sua caminhada numa grande **AVENTURA.**

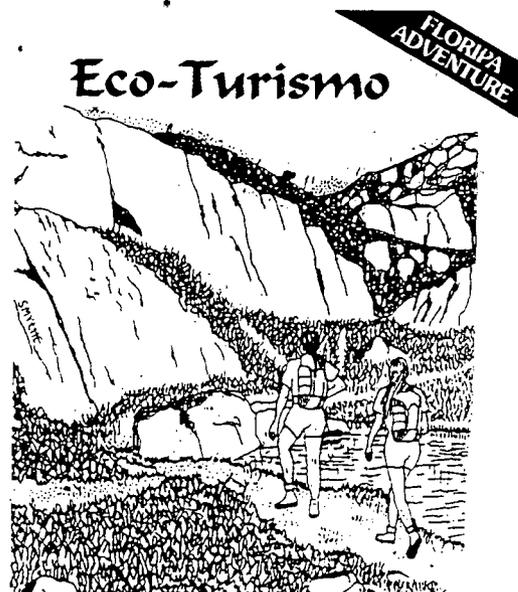
Faça algo diferente. Conheça com os guias da **ILHAPÉ** os lugares mais incríveis de Santa Catarina.

Participe conosco, caminhando por trilhas, realizando Raftings, vivenciando novas experiências, conhecendo a natureza, ampliando de forma saudável e econômica as suas opções de lazer.



ANDARILHA

TREKKING



VÓRTICE TURISMO ECOLÓGICO

"Uma corrente pela vida".